

A portrait of Caio Fernando Abreu, a man with glasses and a thoughtful expression, resting his chin on his hand. The image is overlaid with a blue tint.

CAIO FERNANDO ABREU

A esperança, os
anseios e a força
expressiva do escritor
revelados em crônicas,
poemas, contos,
correspondências
e depoimentos

1990

O essencial da década

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O essencial da década de 1990

O essencial
da década
de 1990

CAIO
FERNANDO
ABREU

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 2104-2235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8312/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A145c

2. ed.

Abreu, Caio Fernando, 1948-1996

Caio Fernando Abreu : o essencial da década de 1990 / Caio Fernando Abreu. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2014.

ISBN 978.85.209.4054-9

1. 1. Abreu, Caio Fernando, 1948-1996 – Coletânea. I. Título.

14-15991

CDD.: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Sumário

QUEM TEM MEDO DE CAIO F., *por Marcelo Pen*

Estranhos estrangeiros

Ao simulacro da imagerie
Bem longe de Marienbad
London, London ou Ajax, brush and rubbish
Pela noite

Crônicas

Samba-enredo para um carnaval de horror
Adivinhem quem vem para roubar
Levantando a cortina de papel vegetal
De laços, de seios, sábados e tormentas
Afinal, quem era mesmo Lolita Torres?
Sim, que seja este o porto
As quatro irmãs (psicoantropologia fake)

Poemas

Sous l'escorpion
Pour la route

Contos

Introdução ao Passo da Guanxuma
Onírico
Depois de agosto

Correspondência (1990-1996)

A Gerd Hilger

A Maria Lídia Magliani

A Maria Lídia Magliani

A Luciano Alabarse

A José Márcio Penido

A Fanny Abramovich

A Guilherme de Almeida Prado

A Maria Adelaide Amaral

A Nair e Zaél Abreu

A Maria Clara Cacaia Jorge

A Adriana Calcanhotto

A Cláudia Abreu

A Maria Adelaide Amaral

A Maria Clara Cacaia Jorge

A Nair e Zaél Abreu

A Adriana Calcanhotto

A Gerd Hilger

A Luiz Arthur Nunes

A Gerd Hilger

A Nair Abreu

A Maria Lídia Magliani

A Guilherme de Almeida Prado

A Betty Milan

A Luciano Alabarse

A Maria Lídia Magliani

A Maria Lídia Magliani

A Cida Moreira

A Gerd Hilger

A Lucienne Samôr

A Mário Prata

A Gerd Hilger

Depoimento

Caio Fernando Abreu só pensa em escrever

Cronologia (1948-1996)

As fontes de Caio Fernando Abreu: o essencial da década de 1990

Notas

Quem tem medo de Caio F.?

A vida é apenas uma ponte entre dois nadas e tenho pressa.

“Pela noite”, Caio F.

Este ano completa-se um decênio da morte de Caio Fernando Abreu. A ocasião permite que cheguemos a uma constatação, mas também suscita algumas perguntas, além de demandar uma espécie de compromisso. A constatação é que, ao invés de vermos diminuído o apelo pelas obras deste escritor gaúcho — que já não era reduzido, conforme ilustra o êxito de *Morangos mofados* —, sua repercussão, enfim, auxiliada por adaptações de seus textos ao cinema e ao teatro, só cresceu no decorrer desses anos.

A questão principal, claro, é se esse crescimento prognostica o caso de uma obra que veio para ficar. Embutido no problema, há outro ponto, muito mais profundo, que diz respeito ao significado que esse considerável conjunto de ficções curtas e mais alongadas, sem mencionar as peças de teatro e poesia, tem para a literatura brasileira. Sobre este último aspecto, a crítica não costuma ir muito longe. E a falha deve-se não apenas a uma cegueira interpretativa, senão também a características do próprio objeto de estudo.

Pelo que depreendemos das cartas e dos depoimentos presentes nos três volumes desta coleção, Caio F., como ele assinava algumas de suas missivas, foi um escritor obsessivo — fixado na absorção de uma tradição literária, na lufa-lufa da criação ficcional e no estabelecimento de uma *persona* artística. Essa persistência em conquistar um lócus pessoal fê-lo desde cedo estabelecer uma rede afetiva/espiritual com diversos intelectuais e artistas, sobretudo com representantes das letras paulistas, e cujo exemplo mais rematado é o de Hilda Hilst. Mas essa estratégia, por assim dizer, para a fundação de uma carreira não explica, por si só, nem as glórias passadas nem o interesse atual. Muitos de seus novos admiradores, bastante jovens ainda, nem chegaram a conhecê-lo quando era vivo.

A verdade é que a vida de Caio não se deu tão somente em torno de sua obra, mas dentro dela também. As pinceladas de vida que se percebem em sua literatura não se limitam à necessidade que ele sentia de explicar quase todos os seus textos, cercando-os como que de uma moldura autoral; tampouco se restringem ao fato de haver um entrelaçamento entre trajetória artística e biográfica, imbricação que reflete a coragem do escritor de divulgar sua doença em suas crônicas, transformando-o numa espécie de Cazusa das letras. É outra coisa. Mais ainda do que o que ocorre com Clarice Lispector, sua maior influência, ou com Hilda

Hilst, a suposta personalidade de Caio imiscui-se em suas criaturas, a ponto de podermos dizer que o único personagem que ele jamais criou foi ele mesmo.

Suas dores são descritas, suas angústias desvendadas, suas neuroses esquadrihadas, seus desejos entregues ao crivo público — ou, ao menos, expõem-se aqueles que, cremos, são seus. O baralhamento se dá por meio de procedimentos técnicos: há pouquíssima variação no arcabouço psicológico desses personagens, no seu modo de agir e de sentir, em seus planos e anseios. São traços que o leitor pode associar ao próprio Caio, conforme o retrato que extrai de crônicas, entrevistas e da correspondência. E esse dado é reforçado pela presença do universo gay em sua obra. A grande maioria de seus personagens ou é gay ou age conforme fosse. Mesmo diante desses elementos, porém, a chave está na palavra “cremos” acima. Ninguém pode realmente dizer que se trata de mera autobiografia ficcional. Na verdade, o fato de haver ou não um esteio na realidade nem interessa — do ponto de vista estritamente artístico. O que impele o crítico a investigar a especificidade estética da obra e o leitor a empreender o mergulho na narrativa é essa espécie de pacto com a ficção, que faz com que os personagens enredados nos fiapos de história constituam figuras metamorfoseadas que ganham corpo em nossa imaginação e que faz, outrossim, que o autor porventura surpreendido nessas páginas de invenção constitua um autor igualmente ficcional — que pode guardar semelhanças com o Caio Fernando Abreu biográfico, mas que, em termos narrativos, é portador duma independência abonadora de sua eficácia no plano da fabulação.

Em outras palavras, o compromisso da crítica — não só evidentemente no caso de Caio — é investigar a obra a partir do texto, do objeto artístico em si. Pouco importa, em princípio, a trajetória, as inquietações, a matéria viva do autor biográfico. Só tomando o texto como base para a investigação é que a importância e o lugar de Caio na contemporaneidade brasileira podem ser medidos com toda precisão. Estes volumes oferecem uma curiosa oportunidade de comprovar a tese. Por conterem material literário, biográfico (as cartas e depoimentos) e semibiográfico (as crônicas), permitem que confrontemos, *a posteriori*, as conclusões extraídas do exame formal com os percalços da vida — ainda que satisfaça o biógrafo, o percurso contrário apenas frustra o crítico.

*

Uma das características mais marcantes dos textos de ficção reunidos neste volume, a qual sem dúvida pode ser encontrada em produções de anos anteriores, é o fato de os personagens estarem quase sempre em deslocamento. Esse movimento pode efetuar-se de modo lento ou

rápido, curto ou longo, calmo ou frenético, embora, no mais das vezes, corresponda à segunda de todas essas alternativas. Em “Bem longe de Marienbad”, o narrador desloca-se pela *ville sinistrée* de Saint-Nazaire; em “London, London”, o trajeto é de um faxineiro horista que se move de casa em casa; em “Pela noite”, são dois os personagens metidos num périplo étlico e sexual por São Paulo; em “Depois de agosto”, o narrador desloca-se da capital paulista para uma pequena urbe gaúcha; então, segue novamente para o norte em direção a uma praia, de onde volta, ao sul. Como dissemos, o roteiro pode ser muito mais curto, como o que empreendem os personagens de “Pela noite” — antes de saírem, seguem da sala ao quarto, do quarto ao banheiro, do banheiro à sala —; ou o da mulher de “Ao simulacro da imagerie”, que percorre um supermercado.

Todos esses deslocamentos podem denotar simplesmente a vida, a dura jornada, segundo sugere a epígrafe de “Depois de agosto”: “Porque o Eterno, teu Deus, te há abençoado em toda a obra das tuas mãos; soube da tua *longa caminhada* por este deserto...” [Deuteronômio, II, 7 — grifo meu.] A metáfora cabe, mas não é suficiente. O caminhar, que indica percurso, sugere também um método (método, em grego, é “caminho para chegar a um fim”). Vamos deixar o fim de lado por uns instantes, e pensar nos meios: as trilhas apontam vias de circulação, ou seja, vias por onde se dá o comércio humano. Palavras e vias de acesso determinaram o desenvolvimento do homem, tanto da perspectiva comercial e econômica (não é à toa que a doença do protagonista de “Pela noite” é associada a Cartago e Nova Delhi, conhecidos entrepostos de comércio), quanto do âmbito do contato e da riqueza da experiência interpessoal. Uma via é uma ponte de acesso ao outro, uma senda aberta para o desconhecido, um convite ao encontro (e ao desencontro), uma forma de saber.

Expostos pelos intercâmbios do centro urbano, os personagens são como que impelidos a andar, forçados à busca, mesmo quando esta se dá à sua revelia, mesmo quando se mostram inconscientes de sua sina. A correspondência que aqui aflora se estabelece com a fábula “Sapatinhos vermelhos”, que narra a história da donzela condenada a dançar sem descanso por esses sapatinhos fatídicos, até uma boa alma lhe cortar os pés. Essa trágica alegoria, cujo principal objetivo parece ser o de refrear o ímpeto sexual das moçoilas de outrora, é retomada, como menção, em “Pela noite”. Nesse conto, lemos que a dança só acaba: “Quando você perde um pedaço. Quando você se anula”. Parar, portanto, equivale ao risco de ficar amputado, ou pior, de perder a identidade. Cedendo ao impulso vital, ao ímpeto do sexo simbolizado por esses calçados virtualmente endiabrados, as criaturas de Caio escolhem a dança sem fim.

No *Memorial de Aires*, o conselheiro rebate o amigo desembargador, que defende as viagens em trem de ferro. Aires prefere o tempo em que a jornada era feita em caleças puxadas a burro; não pelo veículo em si, adverte, “mas porque ia vendo ao longe, cá embaixo, aparecer a pouco e pouco o mar e a cidade com tantos aspectos pinturescos” (já o trem “leva a gente de corrida, de afogadilho, desesperado”)¹. Corria o ano de 1881 e, em cento e dez anos, muita coisa mudou, no sentido da aceleração. Os trens andam muito mais rapidamente, os carros lhe fazem concorrência, o avião abole todas as distâncias. A velha expedição a burro hoje só pode ser realizada sob o signo do reacionarismo, da vontade de voltar a um suposto paraíso perdido. Como previu o conselheiro, junto com a aceleração dos meios locomotores, a perspectiva tende a estilhar-se num jorro incessante de imagens e coisas, que passam pela gente de enfiada, despontando e desaparecendo como num passe de mágica, sem que possamos apreendê-las por completo, sem que possamos apreendê-las de forma nenhuma.

Do ponto de vista formal, essa perspectiva alucinatória corresponde, em Caio, às longas sentenças nas quais frases e termos se enlaçam em complexa relação de subordinação e de coordenação e nas quais o recurso da enumeração não apenas amplia a mixórdia contemplativa, mas ainda aproxima elementos díspares, que, de outra forma, poderiam continuar estanques.

“*I’ve got something else*. Mas onde os castelos, os príncipes, as suaves vegetações, os grandes encontros — onde as montanhas cobertas de neve, os teatros, balés, cultura, História — onde? Dura paisagem, *hard landscape*. Tunisianos, japoneses, persas, indianos, congolezes, panamenhos, marroquinos. Babylon City ferve. *Blobs in strangers’ hands*, virando na privada o balde cheio de sifilização, enquanto puxo a descarga para que Mrs. Burnes (ou Lascelley ou Hill ou Simpson) não escute meu grito.” (“London, London”)

“Ou de novo como se seus olhos, os olhos escuros de Santiago, um pouco pesados nos cantos, cílios densos, fossem câmeras cinematográficas com lentes capazes de aproximar ou afastar as imagens em zoom tornando às vezes mais definido o primeiro plano, agora a brasa que tornava a subir para empastar em cores foscas, misturadas, indefinidas, as formas do fundo cortadas por alguma súbita cintilação, lâmina, externa, ou liquefazer então os dedos esmaecendo o formato, a brasa que descia, mão suspensa encontrando mão pousada, vagos, obscuros, ressaltando vibrantes, dinâmicos, mastigava adjetivos como quindins, algum reflexo do semáforo no meio-fio da sarjeta transbordante da água suja dos bueiros, esgotos.” (“Pela noite”)

Mas, como já afirmamos, ao método atrela-se uma finalidade, e os personagens destas ficções também associam um sentido à sua busca, conforme explica o protagonista de “Pela noite”, quando diz que procura “a pedra de toque, o aleph, sephiroth”. Na verdade, a pedra de toque pode ter um sentido mais (ou menos) mundano quando se percebe que os caminhantes estão, na verdade, em busca do amor. Cada um deles procura esse outro ser que possa completá-lo, ao modo das duas metades da laranja. A despeito de toda energia vital capaz de ser igualmente empregada e desperdiçada, em inúmeros encontros lúbricos, ou na possibilidade destes, o amor sempre se evade. A moça de “Ao simulacro da imagerie” (re)encontra o amor entre prateleiras de bolachas-d’água-e-sal, arroz e geleias de pêssego dum supermercado. O encontro é fugaz, improvável, como se, naquele que é o mais prosaico de todos os lugares do capitalismo moderno, o amor não seja mesmo possível.

A realidade suja e alucinatória em que se deslocam esses personagens parece não ser o espaço ideal para o nascimento do amor. “Caras escaveiradas das crianças negras da Somália” juntam-se aos “bombardeios em Sarajevo; um mapa com as estatísticas da aids na África marcadas em tarjas negras; uma foto de Jeremy Irons e Juliette Binoche fazendo amor vestidos e em pé” (“Bem longe de Marienbad”). O faxineiro de “London, London” sonha com sua namorada Magrinha num idílio distante, no litoral baiano, enquanto a *Babylon City*, onde ora reside “estertora, afogada no lixo ocidental”. São representações do deserto da epígrafe deuteronomica. O maior libelo, porém, lançado contra o amor parte de Pérsio, em “Pela noite”, que o associa aos excrementos (ele refere-se ao amor entre dois homens). Firme na ideia de que o amor não existe (por ser “uma invenção capitalista”), faz ouvidos moucos quando o amigo retorque: “E se tudo isso que você acha nojento for exatamente o que chamam de amor?”.

Niilistas, os personagens costumam colocar o amor acima e além da esfera cotidiana: ele representa o universo do inatingível, o sephiroth, que, na tradição cabalística, constitui a árvore metafísica da vida ou os dez atributos de Deus. Descrente, Pérsio não nega que o encontro que lhe daria a iluminação não possa chegar, mas “se chegasse, chegaria tarde demais porque o verde novo começaria a ceder à decomposição”. Não se concebe, portanto, um amor aliado à corporeidade (e aos excrementos), mas a algo que se busca, freneticamente, alucinatoriamente, sem nunca encontrar — a não ser quando é tarde demais. No meio de “tanta miséria remota” que se lê nos jornais, o amor é esperado como que vindo de fora, mas, como não se engendra por dentro, a espera é sempre frustrada.

A única possibilidade é conquistá-lo nos sonhos. No famoso poema “A une passante”, de Baudelaire, intensamente analisado por Walter Benjamin e Dolf Oehler, a visão fugaz de uma transeunte desperta a paixão no poeta. Em *Um lírico no auge do capitalismo*,² Benjamin explica como esse tipo de situação só ocorre na cidade moderna, e como, embora não sejam especificadas, tanto a multidão quanto a azáfama urbana são os motores que suscitam o encontro, a paixão fugaz e a desilusão.

Nos anos em que Caio produziu seus textos, a sociedade moderna já havia evoluído a tal ponto que nem mesmo o encontro é necessário. A jovem de “Onírico” topa com seu amado em sonhos, e passa, evidentemente sem sucesso, a procurá-lo nas ruas. Os enamorados só são felizes no reino do oblívio, no terreno alagadiço da imaginação sonhadora: “Do outro lado, onde com os olhos abertos ela vê com os olhos fechados e inteiramente nua, encostada ao ombro dele, que dorme inteiramente também, mas a vê-la dentro do sono”. O tempo real pode passar (de par com a realidade), afastando-a dele, mas o amado “continua eterno naquele segundo em que o viu” (em sonho).

“Eterno”, não vivo. Em meio a notícias de desastres internacionais, em meio ao burburinho prosaico e incessante da massa humana, em meio às fezes e à doença associadas ao comércio (de corpos, mas também das relações sociais), em meio à miséria do país, em meio, enfim, ao vasto deserto existencial, o amor é um fim não apenas inacessível, como ainda, em sua ilusão de acessibilidade, um convite ao escape. Os seres de Caio F. são duais, maniqueistamente duais, e essa é sua tragédia: não são capazes de prescindir dos tais sapatinhos vermelhos, pois isso significaria a necessária amputação e anulação da personalidade; não são capazes de conceber, como sugere o personagem de Santiago, que amor e merda possam andar juntos, como início e fim de uma mesma humanidade.

Santiago é o nome dado por Pérsio (alcunha igualmente fictícia), mas não é seu nome “real”. Segundo o outro há inúmeros motivos para a escolha do nome: Santiago, capital do Chile; Santiago de Compostela; Santiago Nasar, personagem de *Crônica de uma morte anunciada*. Uma localidade que ele não poderia nomear, porém, é a cidade de Santiago do Boqueirão, onde Caio nasceu, no Rio Grande do Sul.

Não espanta que o único personagem lúcido deste volume, o único a fazer a sugestão salvadora, o único a ter vivido uma relação madura e duradoura, remeta-nos ao berço do autor, ao instante, este sim, em que todos os frutos estavam ao alcance dos dedos, pois tudo se amalgamava no mesmo caldeirão de possibilidades, onde a vida brotava junto com o amor e os dejetos, indiferentemente, o alto e o baixo, o paraíso e o inferno juntos.

Na epígrafe a este volume, emprestada a Miguel Torga, lê-se: “Pareço uma dessas árvores que se transplantam,/ que têm má saúde no país novo,/ mas que morrem se voltam à terra natal”. Os personagens de Caio conservam esse desvio original, esse perder-se “no país novo”, essa eterna condição de *gauche*, de estranho e de estrangeiro, daquele que não pode adaptar-se nem ceder nem vicejar por completo. Sem se deixar aviltar pela miséria observada (mas sem evoluir também, por meio dela), mantêm-se fiéis à sua exiguidade existencial, aspirando ao impossível como que à cata da face do anjo esquivo. Até a volta inevitável, e a morte.

*

O leitor há de ter percebido um dado da vida do autor (o local de nascimento) presente na análise formal. Na verdade, há muitos outros fatos que poderiam corroborar a tese aqui proposta: a angústia provocada pelo mundo, que leva à fuga (“No meio da aflição objetiva de sobreviver nesta cidade, neste país, neste planeta, neste tempo... Procuo sair o mínimo possível, mas esse mínimo já está se tornando um martírio. Muita feiura...” — em carta a Maria Lídia Magliani), a necessidade das paixões efêmeras (“Perdi aquela necessidade juvenil de me apaixonar toda semana”, em carta posterior a Maria Lídia Magliani), o constante ir-e-vir (“Não desarrumava a minha mala: seis meses na Europa, seis meses no Brasil” — entrevista ao *Jornal da Tarde*, 1994), e assim por diante.

Deixo ao leitor a tarefa de buscar as outras possíveis correlações. Trata-se de uma empresa proveitosa, propiciada, como disse, pelo material coligido neste volume. Mesmo assim, desconfio que, independentemente de quaisquer compromissos críticos, é a leitura da obra em si que aponta o norte: para o estabelecimento das balizas interpretativas, para a fruição estética e para a detecção dos inúmeros mistérios que, com toda a certeza, ainda rondam estes textos.

Marcelo Pen

São Paulo, 27 de janeiro de 2006

ESTRANHOS ESTRANGEIROS

*Pareço uma dessas árvores que se transplantam,
que têm má saúde no país novo,
mas que morrem se voltam à terra natal.*

Miguel Torga, *Diário 1*,
5 de março de 1934

Ao simulacro da imagerie

Lo que importa es la no-ilusión. La mañana nace.

Frida Kahlo: Diários

O céu tão azul lá fora, e aquele mal-estar aqui dentro.

Fora: quase novembro, a ventania de primavera levando para longe os últimos maus espíritos do inverno, cheiro de flores em jardins remotos, perfume das primeiras mangas maduras, morangos perdidos entre o monóxido de carbono dos automóveis entupindo as avenidas. Dentro: a fila que não andava, ar-condicionado estragado, senhoras gordas atropelando os outros pelos corredores estreitos sem pedir desculpas, seus carrinhos abarrotados, mortíferos feito tanques, criancinhas cibernéticas berrando pelos bonecos intergalácticos, caixas lentas, mal-educadas, mal-encaradas. E o suor e a náusea e a aflição de todos os supermercados do mundo nas manhãs de sábado.

Ela olhou as próprias compras; bolachas-d'água-e-sal, água com gás, arroz integral e, num surto de extravagância, um pote de geleia de pêssegos argentinos. “Durazos”, repetiu encantada. Gostava de sonoridades. E não tinha mãos livres para se abanar. E a mulher de pele repuxada amontoara no balcão seus víveres, dois carrinhos transbordantes de colesterol e *sugar blues*. Ela suspirou. E olhou para cima, de onde a espiava uma câmara de TV, como se fosse uma ladra em potencial, e olhou também as prateleiras dos lados do corredor polonês onde estava encurralada e viu montanhas de pacotes plásticos com jujubas verdes, rosa e amarelas, biscoitos com sabor de bacon, cebola, presunto, queijo. E latas, pilhas de latas.

Suspirou outra vez, suspirava muito, e voltou a olhar para fora, para além das cabeças. Continuava o céu azul tão claro e raro naquela cidade odiosa. Mas aqui dentro ela só conseguia tirar um pé da sandália havaiana — era sábado, “danem-se”, ela era assim mesmo — para apoiar os dedos de unhas muito curtas, sem pintura, sobre o outro pé. Feito uma garça, ela, pousada no meio do charco açucarado. A saia larga indiana estampada de muitas cores até os tornozelos, a blusa solta de seda branca sem mangas, o dinheiro contado escondido no bolso sobre o seio esquerdo. O pé inchado, balançou-o no ar para ativar a circulação. E se alguém olhasse para ela assim, sem ver o pé inchado escondido pela saia larga, diria ser

perneta, pobre moça, toda desgrenhada, essas roupas meio hippies amassadas e ainda por cima perneta. Perneta, equilibrista, não se apoiava em nada nem ninguém, sem muletas ou bengala. “Danem-se”, repetiu olhando enfrentativa em volta. Mas “danem-se” não era suficiente para aquela gentalha. Então rosnou: “Fodam-se!” em voz baixa, mas com ódio suficiente, exclamação, maiúscula e tudo. Ficou mais serena depois, embora exausta, desafortada e sem toxinas, a moça-garça.

Foi então que o viu na fila ao lado, já passando pela caixa. Não estava mais gordo, não no rosto pelo menos, nem mais calvo. Mas havia no corpo magro uma estranha barriga que parecia artificial. E rodas de suor nas axilas, manchando o tecido sintético da camisa branca social de manga comprida. Sem jeito, sem vê-la, ele tentava enfiar as compras nas sacolas de plástico, e enviesando a cabeça ela investigou curiosa: vodca, uísque, campári, pilhas de salgadinhos plásticos, maionese, margarina, pacotes de jornal com cruas linguças sangrentas, outro carrinho cheio até as bordas de latas de cerveja, queijo, patê — seria uma festa? —, mais latas, muitas latas, seleta de legumes, massa de tomate, atum. As sacolas furavam, latas despencavam pelo chão, ele curvava-se para apanhá-las tentando assinar o cheque, e ninguém o ajudava. Ele era um homem que conhecera havia muito tempo, quando ainda não era esse urbanoide naquele supermercado mas apenas um quase jovem recém-chegado de anos de exílio político no Chile, Argélia, depois a pós-graduação em Paris, em algum assunto que ela não lembrava direito. Só sabia que ele o tempo todo falava num certo simulacro de uma tal *imagerie*, as pernas cruzadas no sofá forrado de algodãozinho estampado de lilás e malva da sala do apartamento dela, as pernas apertadas com força protegendo as bolas, como se ela estivesse sempre a ponto de violentá-lo no segundo seguinte, falando e falando sem parar em Lacan e Althusser e Derrida e Baudrillard, principalmente Jean Baudrillard, enquanto ela se ocupava em servir mais vinho branco seco gelado com pistache, contemplar as rosas amarelas no centro da mesa e comover-se a admirá-lo, assim jovem, assim estrangeiro no próprio país, assim aterrorizado com qualquer possibilidade do toque de outro humano em sua branca pele triste sem amor vinda do exílio.

“Você sabe viver”, dizia ele. Ela sorria modesta, mais sarcástica do que lisonjeada. Mal sabia ele do quanto, entre as traduções do alemão, ela mourejava feito negra passando panos com álcool nas paredes, aspiradores nos tapetes, recolhendo cortinas para a lavanderia, trocando lençóis todo santo dia, lavando louça com as próprias mãos avermelhadas que olhava melancólica quando ele dizia essas coisas, ensaboando no tanque roupa quase sempre branca, quase sempre seda, que não tinha nem teria jamais máquina, picando cenouras, rabanetes e beterrabas para saladas cruas, remexendo em panelas de barro com colher de pau,

odiava micro-ondas, para sempre e sempre exausta de tudo aquilo. Seu único consolo era a fita com Astrud Gilberto e Chet Baker sempre cantando búdicos ao fundo.

Limpa, ordenada, trabalhadeira, aquela mulher, todo dia. E morta de cansaço e amor sem esperanças por aquele homem que não a via nem veria jamais como realmente era, nem a tocaria nunca. Admirava-a para não precisar tocá-la. Conferia-lhe uma superioridade que ela não possuía para não ter que beijá-la. Dissimulado, songamonga, recolhia nomes, telefones, endereços de pessoas e lugares provavelmente úteis algum dia para a Árdua Tarefa de Subir na Vida, vampirizava cada um dos amigos dela, sobretudo os que detinham alguma espécie de poder, editores, políticos, jornalistas, donos de galerias de arte, cineastas, fiadores, produtores. Sedutor, insidioso, irresistível — “Vamos jantar uma hora dessas”, insinuava ambíguo para todo mundo. Durante três anos. Nunca lhe dera um orgasmo. Nunca deitara nu ao lado dela na cama, nua também. No máximo sussurrava doçuras tipo: “Fica agora assim por favor parada contra essa janela de vidro que a luz do entardecer está batendo nos seus cabelos e eu quero guardar para sempre na memória esta imagem de você assim tão linda.”

Não, ela não era tola. Mas como quem não desiste de anjos, fadas, cegonhas com bebês, ilhas gregas e happy ends cinderelescos, ela queria acreditar. Até a noite súbita em que não conseguiu mais. E jogou copos de uísque na cara dele, ligou bêbada de madrugada durante dias, deixou recados terríveis na secretária eletrônica ameaçando suicídio, assassinato, processo, chamando-o de ladrão, “Quero porque quero minhas fitas de Astrud e Chet de volta, sua bicha broxa”, bem bruta e irracional repetindo o que seu analista, também exausto de tudo aquilo, dissera não especificamente sobre ele, mas sobre todos os homens do mundo: homossexual enrustido que não deu o cu até os 35 anos vira mau-caráter, minha filha. Ele tinha 37 quando se conheceram. Agora quantos mesmo? Uns 43 ou 44, era de Libra, daquele tipo que não sabe a hora de nascimento. E aquela barriga nojenta, aquele Ar de Quem Venceu na Vida, aquela camisa sintética, as rodas de suor, as calças Zoomp com pregas, as bolsas de plástico barato do super, três ou quatro em cada mão, saindo torto e quase gordo do supermercado.

Atrás dela, na fila, alguém empurrou-a com o carrinho. A caixa esperava com ar entediado e sotaque paraíba: “É cheque, cartão ou dinheiro, quéééérida?”. “Dinheiro”, ela disse. E jogou sobre o balcão a nota retorcida, como se fosse uma serpente viva. Depois pegou as poucas compras e caiu fora. *Ausgang!*

Lá fora o vento bateu em sua saia longa, fazendo-a voar. “Estou sem calcinha”, ela lembrou. E pensou em Carmen Miranda. Mas deixou que voasse e voasse. Respirou fundo. Morangos, mangas maduras, monóxido de carbono, pólen, jasmims nas varandas dos

subúrbios. O vento jogou seus cabelos ruivos sobre a cara. Sacudiu a cabeça para afastá-los e saiu andando lenta em busca de uma rua sem carros, de uma rua com árvores, uma rua em silêncio onde pudesse caminhar devagar e sozinha até em casa. Sem pensar em nada, sem nenhuma amargura, nenhuma vaga saudade, rejeição, rancor ou melancolia. Nada por dentro e por fora além daquele quase-novembro, daquele sábado, daquele vento, daquele céu azul — daquela não dor, afinal.

Bem longe de Marienbad

*Para Claire Cayron
e Alain Keruzoré*

Il y a toujours quelque chose d'absent qui me tourmente.

Camille Claudel: carta a Rodin, 1886

1

São oito horas da noite, não há ninguém na estação. Não, não é exato. Para ser preciso o TGV chega pontualmente às 8h07 — e não há nada mais pontual que um TGV, exceto talvez aquele ônibus sueco de Kungshambra, faz tanto tempo, continuará assim? —, portanto não são bem oito horas da noite, mas um pouco mais, embora não muito. Se é que importa a hora em que tudo isto começa.

Suponhamos que eu tivesse levado três, no máximo cinco minutos para apanhar a mochila, essa bagagem típica e mínima de quem não se importa de andar de lá para cá o tempo todo sem paradeiro, saltar do trem e subir as escadas da plataforma até o corredor de saída, naquele passo meio desconfiado dos recém-chegados a algum lugar onde nunca estiveram antes. Suponhamos também que tenha olhado em volta à procura de K ou de qualquer outra pessoa inteiramente desconhecida e parada na estação deserta, segurando um cartaz com meu nome escrito, e talvez então tivesse me detido um momento a pensar vago que sempre foi um dos meus sonhos — esse: desembarcar numa estação deserta e desconhecida para encontrar alguém igualmente desconhecido segurando meu nome num cartaz erguido bem alto, sobre todas as outras cabeças dos que partem ou chegam, pois essa é a estação que imagino, cheia de gente que sobe e desce escadas, carregada de malas, vindo ou indo para lugares, para outras gentes, e sobre as suas anônimas cabeças em trânsito meu nome seria o único escrito em grandes letras visíveis, talvez vermelhas, erguidas bem alto, as letras do meu nome. Mas suponhamos ainda que tivesse me distraído alguns segundos nas esquinas desse pensamento

(vadio, reconhecido, autorreferente, narcisista), de qualquer forma não mais que segundos que não chegaram sequer a minuto, porque não há ninguém lá, nem cartaz, nem gente viajante nem nada e paciência, querido, ainda não será desta vez que. Conformado, começo a subir as escadas ou vou saindo das escadas para o corredor que leva até a rua, e nisso tudo, que não levaria mais que cinco, talvez sete ou nove minutos, embora possa parecer muito mais dito assim dessa maneira aqui, para ser preciso, para começar, ou quase, digamos finalmente que:

Não deve passar de oito horas e 15 minutos de uma noite de novembro quando, sozinho, na estação com minha mochila, olho em volta e não há ninguém à minha espera.

Lá embaixo, ainda na plataforma onde param os trens que chegam de Paris, um homem manco e velho, um tanto cansado e metido num sobretudo xadrez preto e branco, dirige-se lento às escadas para subir até onde estou. Não usa bengala ou muletas, o que me faz imaginar, talvez desejar, que tenha apenas um pé machucado ou algo assim, e portanto mancar seja uma coisa passageira, não um destino irremediável. Ele desaparece por instantes nessa espécie de túnel das escadas que ligam a plataforma de chegada do trem ao corredor onde estou, só com minha mochila e meu olhar. Olho disfarçado mas muito atentamente para seus pés quando ele emerge do túnel e vem vindo pelo corredor em minha direção. Trôpego, acostumado aos trancos, traz as mãos nos bolsos, o homem manco, e nenhuma bagagem. Então sorri ao passar por mim, esse homem velho, e leva dois dedos ao boné como se fosse retirá-lo num cumprimento, como se fazia antigamente, embora eu não seja uma senhora ou senhorita nem pareça, sejamos francos, digno desse tipo de respeito. Mas é só um gesto, um resto de gesto, quem sabe a nobreza que sobra a um velho manco. Não retira o boné, o homem cansado de faces vermelhas e olhos azuis, vejo melhor tão perto, e se vai em direção à cidade, arrastando a perna manca que bate no cimento da passarela, e me deixa só, e desta vez sim, é exato dizer desta maneira para continuar:

São pouco mais de oito horas da noite. Estou completamente só entre os guichês fechados desta estação numa cidade do Norte.

Espero o velho manco cansado ultrapassar com dificuldade a lama, os ferros, as telas cor de laranja das obras em frente à estação, depois desaparecer na primeira esquina. Então espero mais. Cuido os táxis que passam, como se K pudesse estar dentro de um deles e poderia sim, poderá quem sabe abrir a porta rápido para que eu entre, sem descer, apenas recuando um pouco para dentro, para me dar espaço a seu lado, nesse ninho morno do banco de trás, e diga o endereço ao motorista caprichando na pronúncia francesa para que eu o

admire, embora isso não me importe agora, quero apenas encontrá-lo, e meio ao acaso, pouco depois, quando o carro recomeçasse a andar, tomar entre as suas uma das minhas mãos avermelhadas pelo frio e pelo peso da mochila, e afinal comece a falar sem parar naquela língua que ambos conhecemos bem e não ouvimos faz tempo, contando coisas engraçadas, estranhas ou até mesmo um tanto estúpidas, não importa. Não importará nada do que diga ou faça, desde que venha e tudo aconteça desta ou de outra maneira inteiramente diversa da que invento, parado na frente da estação desta cidade do Norte onde, dizem, existe também o mar.

Nenhum carro para. K não vem e o tempo passa. Olho a cidade enlameada, varrida por ventos vindos quem sabe desse mar que por enquanto nem vejo. No meio do olhar, uma palavra me vem à mente: *sinistrée*. Não sei de onde vem, nem lembro, mas fico a mastigá-la em voz alta muitas vezes, feito um mantra demasiado longo, parado na frente da estação deserta: *sinistrée, sinistrée, c'est une ville sinistrée*.

São muito mais de oito horas da noite, talvez nove, meu relógio foi roubado numa aldeia africana ou numa metrópole da América do Sul. Não lembro, não sei. K não veio, não veio ninguém e ninguém mais poderia vir além dele. Fico tentado a dar a volta agora, em direção a Amsterdã, Katmandu ou Santiago de Compostela, mas sei que K está aqui, nesta cidade do Norte, e eu preciso encontrá-lo. Há um hotel na minha frente. Jogo a mochila nas costas e penso: sempre haverá um hotel ao alcance do olho e das pernas de alguém perdido, aqui ou em qualquer outro lugar do planeta, e isso sempre deve ser também uma espécie de solução, mesmo provisória. Como os próprios hotéis estão aí afinal para isso mesmo: o provisório.

Puxo o zíper da jaqueta de couro até o pescoço, enfio as mãos nos bolsos, os pés na lama, e atravesso a rua.

2

Não quero ficar justamente em frente a elas, mas todas as outras mesas no restaurante do hotel estão ocupadas. A menos que eu sentasse de costas para elas, portanto de frente para a cozinha, o que seria esquisito, suponho, no mínimo inconveniente. Nem tanto talvez, mas como ainda desconheço o limite de tolerância para com as esquisitices alheias neste lugar onde nunca estive antes, por delicadeza acabo sentando exatamente onde não suportaria ficar. Em frente ao aquário em que elas estão.

Esguias, sinuosas.

Claro que posso, em princípio, desviar meu olhar através da parte superior do vidro do aquário, e depois desse primeiro vidro, pelo segundo vidro da outra parede do aquário, e depois desses dois vidros entre os quais ainda não há água, ultrapassar um terceiro — o da janela voltada para a rua, a lama, os ferros em frente à estação. Posso também olhar para a direita, onde três escandinavos de gravatas coloridas falam uma língua cheia de consoantes, mas como continuo a desconhecer o limite de tolerância & etc. compreendo que não devo olhá-los tempo demais. E por delicadeza, outra vez, mudo meus olhos. Mas por mais que possa sempre olhar para a esquerda, em direção à portaria com a loura cinquentona que me providenciou o quarto mais barato, para o teto ou a toalha da mesa, e até mesmo para a esquina lá fora, em que parece estar parado um homem velho, metido num sobretudo xadrez preto e branco, há um momento em que, como se nada mais houvesse no mundo para ser olhado, e por absoluta delicadeza, sou obrigado a encará-las de frente.

Negras, lisas.

Há duas enguias no aquário em minha frente. Há outros peixes menores também, nadando indiferentes em torno delas. Estão imóveis, duas serpentes viscosas preparando um bote sem pressa. Devem medir pelo menos quatro palmos, quase toda a extensão do aquário. Remotas, aceitam a exiguidade, amoldando o quieto horror de seus corpos pelas esquinas de vidro, apoiadas sobre as pedras do fundo, entre peixes menores tão distraídos que chegam a roçar nelas suas caudas, suas barbatanas. Mas não dão choque? — quero perguntar feito criança — e não devoram os outros peixes? — morro de curiosidade mórbida — e é verdade que são capazes de rastejar na lama feito cobras anfíbias? — mas não pergunto nada. Não demonstro sequer que sua presença me estremece. Entre paredes de vidro: expostas, obscenas. Sorrio para o garçom. Peço mais vinho, tão negro quanto a pele das enguias. E por monstruosa delicadeza, bebo sem espanto algum.

(...e bom, poderei comentar daqui a algum tempo, muito natural, dando outro gole no uísque ou acendendo mais um cigarro: “Então de repente uma noite lá estava eu naquela cidade desconhecida, bebendo vinho tinto cara a cara com aquelas duas enguias num aquário pequeno demais para elas”...)

Esse pensamento quase me salva. Digo *quase* porque, embora me jogue para a frente, para o tempo em que já não estarei aqui e agora olhando *ad infinitum* as enguias sem mais nada no mundo, não é exatamente esse, mas um outro que chega junto, talvez dentro dele, o realmente salvador. Se é que salva — pensamento, memória, fantasia — qualquer coisa que venha de dentro, não de fora. De dentro, isso que vem, ainda vago no começo, limita-se àquela palavra

trágica que repito olhando fixo para as enguias, porque de alguma forma ajusta-se com perfeição aos seus lisos corpos negros esguios sinuosos: *sinistrée*.

A primeira vez que encontrei alguém que conhecia Saint-Nazaire e perguntei sobre a cidade, foi com essa palavra que me respondeu. “Sinistrée”, disse. “C’est une ville sinistrée.” Chamava-se Alain, Jean-Paul, talvez François, em todo caso um desses nomes masculinos tipicamente franceses. Mas não estávamos na França. Era Ribeirão Preto, Presidente Prudente, talvez Piracicaba, em todo caso uma dessas cidades ricas do interior de São Paulo por onde eu andava, já naquele tempo, à procura de K. Enquanto Alain ou Jean-Paul, mais provavelmente François, e Deus sabe o que faria lá, num português difícil tentava contar uma longa história antiga de guerra, bunkers, bombardeios, nazistas, sem ouvi-lo direito eu mastigava a palavra — *si-nis-tré-e* —, rolando entre os dentes sua sonoridade dramática que me fazia pensar em sombras, gemidos. Escombros, ruínas. Fria chuva ácida e vento radioativo soprando sobre o sangue nas calçadas.

Quase peço mais vinho então, enquanto os escandinavos levantam da mesa ao lado e o salão vai ficando pouco a pouco completamente vazio. Seria mais fácil permanecer aqui, me embebedando nesta pausa difícil, a mastigar palavras trevosas e a contemplar enguias até que alguém me mande embora, as portas se fechem e todos vão dormir. Mas não — penso de repente, um segundo antes de, por pura delicadeza, pedir outro vinho, porque são os atos e não as palavras que podem salvar — quanto a mim: não.

Não há de ser por delicadeza que perderei minha vida — vou repetindo no mesmo ritmo em que afasto o vinho, levanto da mesa e decido, ainda esta noite e de qualquer maneira, sair à procura de K.

3

É fácil descobrir o endereço — *dix-sept, rue du Port* —, que me soa romântico com seus erros rascantes ditos pela loura cinquentona da portaria. Mais difícil, e ela insiste, seria explicar por que me vou sem sequer passar uma noite aqui. Não pelo quarto, madame, pela comida ou qualquer outro desses detalhes dos hotéis, *s’il vous plaît*, mas pelo horror imóvel das enguias em sua jaula de vidro associado ao outro horror também imóvel daquela palavra. Pelo risco da imobilidade eterna, madame, pelo perigo de eu mesmo permanecer para sempre aqui, igualmente imóvel, congelado em inúteis delicadezas enquanto tudo ou nada ou apenas

qualquer coisa, mesmo insignificante, se agita e move e se perde em outro lugar, com certeza madame não compreenderia tanta ânsia tropical, *bien sûr*.

Finjo que meu francês é pior do que na realidade é. Pago a conta, ela me estende um pequeno mapa da cidade. Aponta o caminho com a unha vermelha: “No *building*”, diz. E repete, batendo com a ponta da unha na ponta do papel até que eu compreenda a palavra inglesa com estranho acento francês: “No *building*”.

Avenue de la République, sempre em frente, e me perco um pouco quando a rua se divide em duas para contornar um prédio redondo onde as vitrines exibem sapatos, toca-fitas, vestidos e cristais, como todas as vitrines do mundo. Só depois de uma volta completa, cuidando sempre as placas, consigo chegar ao Hôtel de Ville. Não passa muito da meia-noite, imagino, mas as ruas estão desertas como se a cidade tivesse sido evacuada.

Sirenes, não sei se lembro ou penso ou vejo, clarões no ar, depois a explosão e cacos, estilhaços na carne macia das crianças. A mochila pesa, o vento corta a cara: Sarajevo, gemo, como se estivesse lá e fosse eu. Às vezes me detenho e olho para trás, como se ouvisse passos mancos batendo e batendo contra o cimento das calçadas. Nunca há ninguém quando olho. Deve ser o eco de meus próprios passos, fantasmas desta ou de outra guerra emboscados nas esquinas, alguma lata soprada pelo vento.

Em frente ao Hôtel de Ville hesito um pouco mais, indeciso entre virar à esquerda ou à direita. Desdobro no ar o mapa que o vento tenta arrancar-me das mãos, e para que não o faça sou obrigado a voltar-me de costas para ele — para o vento, para o lugar de onde sopra, talvez o mar que não vejo — e nesse movimento rápido, no segundo em que protejo a folha de papel com minhas costas arqueadas, ao mesmo tempo em que abaixo o rosto para procurar a direção correta, por acaso meus olhos esbarram no edifício dos correios, pouco abaixo na mesma rua. E tenho certeza de que alguém acabou de esconder-se entre as sombras das escadas.

Loucura, ilusão, delírio.

A chuva é tão fina que nem chega a molhar, apenas gela. Tenho que ir em frente ao encontro de K, nesta ou em qualquer outra cidade do Norte ou do Sul, da Europa ou da América. Histórias como esta costumam acabar bem e, mesmo que não se viva feliz para sempre — afinal, não se pode ter tudo —, deve haver pelo menos algum lugar quente e seco para abrigar o final da noite.

À esquerda, decido — sempre *à gauche* —, em direção ao cais, pela rue Général De Gaulle, depois da igreja de tijolos expostos, cercada pelas folhas amarelas caídas desses plátanos que me fazem lembrar outras folhas, outros outonos, outras cidades. Tudo e cada coisa em qualquer lugar lembrará sempre e de alguma maneira outra coisa num lugar diverso, portanto é inútil me deter e sigo em frente. Cuido sempre as placas, prossigo até a altura em que a rua muda de nome para boulevard René Coty, falta pouco agora, posso sentir nos meus passos. No ritmo da caminhada, na minha respiração.

Quando vejo os barcos atracados à esquerda e, mais à frente, onde a rua termina, a ponte iluminada verde, cinza e branca que começa a levantar-se à medida que me aproximo — como num sinal, como se me desse boas-vindas —, começo a andar mais depressa sem olhar para trás, apesar dos passos mancos que continuam batendo às minhas costas. Estou certo de que é lá, onde esta rua se detém para que a ponte se eleve e os barcos entrem no cais, na curva exata onde o vento sopra mais forte.

Um navio começa a entrar no porto. Não presto atenção. Em vez de olhar para ele, antes de atravessar os arcos do edifício em direção à porta, prefiro olhar para cima em busca das janelas iluminadas atrás das quais K possa estar sentado, escrevendo ao lado de um cálice de calvados ou rémy-martin, assistindo a qualquer programa exótico na televisão sobre as serpentes domésticas do Daomé ou as rumbas catalãs entrecortadas por *ay! ay! ay!* pungentes, e ouvindo então o movimento embaixo, abra uma fresta para espiar o navio que chega e de repente me veja parado aqui embaixo, à sua procura, e sorria um sorriso que não verei, porque está muito alto e a luz que chega por trás não ilumina seu rosto, apenas seus contornos, mas de qualquer forma acene para mim, largamente, braço erguido contra o céu, para que eu suba sem demora ao encontro dele.

As janelas não abrem. Um vulto passa mancando atrás de mim.

Aperto várias vezes o botão com o número de seu apartamento. Espero, e enquanto espero tento me distrair acompanhando a chegada do navio. Mas ele não me interessa. Nada me interessa além do botão desse painel eletrônico que aperto e aperto outra e outra vez, até a ponta do meu dedo começar a doer. Ninguém responde. Lá dentro, lá em cima, lá longe. Experimento a porta de entrada, não chego a compreender por que ainda continua aberta a estas horas, o que seria impensável e arriscado nas cidades de onde venho. Empurro a porta, entro, chamo o elevador e até que chegue calculo o andar onde certamente K deve estar, nem escrevendo nem assistindo à televisão, mas apenas talvez dormindo esquecido de tudo, inclusive de mim, da minha chegada, e abrirá a porta um tanto mal-humorado, sem saber ao

certo se faço parte de um sonho que não estava sonhando ou de uma realidade que ele mesmo inventou, tão distraído que depois esqueceu ou teve preguiça de esperar que acontecesse.

Deposito a mochila no chão do corredor, investigo os números das três portas deste andar. Em frente a uma delas há um estranho arranjo: uma mesa de madeira dessas das escolas de antigamente com pedras redondas polidas, a maioria cinzentas, em arranjos sinuosos sobre o tampo e pelo chão, como um código celta esotérico, talvez lógico para quem o armou, mas perfeitamente incompreensível para mim, que não entendo nada. Dirijo-me à outra porta, ao lado daquela, toco a campainha. Outra vez, várias vezes. E outra vez ninguém atende, e outra vez experimento a porta, e outra vez continuo a não compreender como possa estar aberta, à disposição de qualquer um e não apenas de mim.

Meu coração bate louco, tenho as palmas das mãos molhadas quando abro devagar a porta desse apartamento onde K com certeza estará. Puxo a mochila para dentro, sem ruído, antes que o vizinho celta possa entreabrir uma fresta para perguntar qualquer coisa difícil de responder. Fecho a porta atrás de mim, as luzes estão todas apagadas. Mas fluando inconfundível na penumbra varada somente pelas luzes do porto além das janelas fechadas — como se eu fosse um animal, e ele outro — posso sentir perfeitamente nesse espaço o cheiro do corpo vivo de K.

4

De fora chega apenas o ruído do vento estremecendo as vidraças. Nem um grito no porto. Tiro as botas, prevenindo ruídos, tiro a jaqueta, coloco-as no chão ao lado da mochila e permaneço parado no pequeno corredor de entrada até que meus olhos se acostumem ao escuro. Não sei quanto tempo se passa assim, enquanto minhas pupilas se dilatam aos poucos para começar a perceber formas como as de um armário aberto e vazio à minha esquerda, e um pouco mais adiante a televisão desligada, com um botão vermelho que brilha sozinho na penumbra. Depois, começo a avançar pela sala.

As cortinas estão abertas sobre as vidraças altas, que tomam quase toda a extensão da parede que dá para fora. Através delas posso ver as calçadas e tetos molhados pela chuva nesse bairro do outro lado da rua, que me disseram chamar-se Petit Maroc. Um pequeno Marrocos, duvido, pois visto de cima não há nada nele que lembre arcos mouriscos, vielas tortuosas, punhais afiados, meninos descalços meio mendigos, meio prostitutas, e o vento que sopra por lá certamente não é o siroco nem vem do deserto. A massa escura de algo que só

depois de algum tempo percebo que deve ser água, talvez o mar, abraça as casas desse pequeno Marrocos abandonado no outro lado da ponte.

Há alguém parado na esquina. Parece um homem velho, metido num sobretudo xadrez preto e branco. Olha para cima, para onde estou, mas não tenho tempo de me deter nele. Preciso encontrar K.

Avanço mais, avanço sempre.

Em frente à televisão há um sofá e uma mesa baixa, retangular, alguns livros sobre o tampo de vidro. Tenho vontade de curvar-me, ver suas capas — Pessoa talvez, sempre Pessoa, alguma biografia maldita falando de fracassos, como ele gostava, e qualquer coisa inesperada feito um novo romancista búlgaro ou poeta letão de nome impronunciável —, mas tenho medo de esbarrar em algo e despertar K, que certamente dorme lá dentro. Eu continuo a avançar. Antes de chegar ao lado oposto da sala, onde há outra mesa redonda com apenas um grande vaso branco sem flores, passo pela porta aberta da cozinha.

E é então que, na área coberta que dá para o interior do prédio, esse que chamam *building*, acontece de súbito um ruído de asas.

Um grande pássaro branco, talvez uma gaivota, pousa na janela da cozinha e olha para dentro, para o interior escuro do apartamento onde estou parado e respiro lento, quieto, abafado, tentando não despertar nada vivo aqui dentro. Desvio-me da pequena mesa de madeira no centro da cozinha, nada sobre os balcões, a geladeira, vou vendo em câmara lenta, como se estivesse dentro de uma cápsula espacial e qualquer movimento mais brusco pudesse romper a força da gravidade e lançar-me suavemente para cima, pelos ares. Curvo-me em frente à janela e fico olhando, do outro lado da vidraça, para os olhos do grande pássaro quase totalmente branco, vejo melhor agora e assim de perto certas penas cinza-claras no seu dorso. Seus olhos cor de laranja vivo, fulvos, com pequenas pupilas negras encravadas no centro, olham sem medo algum para minhas pupilas dilatadas.

Curvo-me mais, ajoelho-me no chão, apoio o braço direito no metal gelado da pia, aproximo o rosto, comprimo a testa contra a vidraça. O pássaro vira o pescoço, me examina de perfil, o bico afiado. Mas antes que eu espalme a mão sobre o vidro e sequer comece a pensar que poderia talvez abrir a janela para deixá-lo entrar ou para que eu mesmo pudesse sair, quem sabe, acontece outra vez aquele ruído de asas — e de repente o pássaro se foi.

Sou um homem de joelhos no chão de uma cozinha vazia, num apartamento com todas as luzes apagadas nesta cidade do Norte onde nunca estive antes. Tudo isso, que é nada, subitamente parece tão absurdo e patético e insano e monótono e falso e sobretudo tristíssimo, que levanto de um salto, dou a volta, saio da cozinha e vou entrando decidido pelo corredor

que parte da sala para o interior do apartamento. As portas estão todas abertas. A privada, o banheiro, o escritório onde aparentemente não há nada além de uma mesa em frente à janela que dá para o porto e outra estante de livros. Ah, as inúteis delicadezas, digo em voz alta, sem me importar de fazer barulho, de despertar qualquer outra pessoa que possa não ser K e porventura durma atrás de uma dessas duas portas no final do corredor.

Estendo a mão e abro a porta à minha esquerda. É um quarto. Com as luzes de fora atravessando a janela, consigo ver uma mesa vazia e duas camas de solteiro dispostas em forma de L. Forço os olhos tentando divisar algum volume, alguma forma sobre qualquer uma delas. Estão perfeitas, intocadas. Frias, esticadas, desertas. Não há ninguém dormindo nelas.

Não quero pensar em nada, nem mesmo em voltar atrás, ao corredor de entrada, apanhar minhas botas, minha mochila, minha jaqueta, sem nunca mais olhar para trás, e partir enfim para Amsterdã, Katmandu, Santiago de Compostela. Ações, repito, ações são o que salva. Quero apenas estender minha mão no escuro, abrir a porta e entrar no quarto, mas não consigo deixar de ver a mim mesmo, ainda em silêncio, ainda agitado, sentando à beira da cama onde K deve dormir, e sem acender a luz de cabeceira, sentindo dentro do sono minha presença e meu cheiro, abriria os olhos antes que eu pudesse distender os dedos do braço que acabei de alongar em direção a seu rosto adormecido — então segura meus dedos abertos no ar, um segundo antes do gesto. Estou agitado e desfeito e confuso e não quero pensar absolutamente nada antes de abrir essa porta.

Para compor meu rosto, então, subo as mãos pelo espaço. Quero ajeitar os cabelos antes de vê-lo. E antes ainda, antes, porém, que elas alcancem a testa, sem saber por quê, uma canção antiga, dessas de roda, de jogo, uma cantiga de infância que ninguém lembra mais, muito menos eu, por isso me espanta tanto lembrá-la, me sobe estridente na memória. Detenho as mãos. Sem levá-las à testa, os dedos cobrindo por completo o rosto, pouco antes de abrir a porta canto no escuro em voz mais baixa que o vento lá fora:

*Senhora dona Cândida,
coberta de ouro e prata,
descubra o seu rosto,
quero ver a sua graça.*

Eu paro de cantar.

Eu abro a porta.

Eu estou sorrindo quando abro a porta do último quarto.

A cama de casal está feita. Mais além, as luzes amarelas do pequeno Marrocos varam o escuro. K não está no quarto, nem ninguém mais. Mergulho a cabeça nos lençóis à procura de seu cheiro, que também não está lá. Entranhado nos panos, guardado nas dobras. Lençóis limpos, cheiram apenas a limpeza. Água, sabão, detergente. Estou tão cansado, minha cabeça estala com passos mancos, estações desertas, enguias sinuosas, ruas vazias, chuva miúda, vento gelado, códigos celtas, gaivotas brancas, canções antigas. Sem pensar em nada mais, fecho os olhos para esquecer. Dorme, menino, repito no escuro, o sono também salva. Ou adia.

Pouco antes de dormir, percebo que ainda estou sorrindo. E que não sinto alegria. Afrouxo um por um os músculos do rosto, do corpo, da mente. Depois afundo.

5

Há um céu resplandecente lá fora.

Logo que abro os olhos, essa é a primeira coisa que vejo além da janela: o céu resplandecente lá fora. Mesmo antes de saber ao certo se estarei no sótão de alguma *squatterhouse* em Brixton, naquele porão do cortiço turco em Kreuzberg ou num hotel barato perto da Puerta del Sol — sei do sol. Quando olho para dentro, as paredes brancas do quarto, o metal cor de vinho da armação da cama, uma reprodução azul de Salvador Dalí na cabeceira, e quando olho para fora, a ponte que leva ao pequeno Marrocos, a outra ponte maior ao longe, que lembra a cauda de um dinossauro, e sobretudo a luz do estuário — tudo isso confirma: continuo em Saint-Nazaire.

Continuo nesta cidade estranha, e a ausência de K também continua dentro do apartamento, confirmo, e vou confirmando mais enquanto saio da cama e volto, um por um, sobre meus próprios passos da noite passada. Tudo permanece como quando cheguei: vazio. Apenas o grande pássaro quase todo branco não está mais atrás da janela da cozinha — só as manchas escuras de fezes endurecidas no chão de cimento, algumas penas brancas entre elas, testemunham a sua visita. Não há vestígio algum da passagem de K ou de qualquer outra pessoa por aqui. Abro todos os armários do apartamento, abro os armários dos quartos, toalhas, lençóis, cabides, abro os armários da cozinha, louças, panelas, talheres, copos e um vidro com restos de café solúvel, único indício de que alguém mais, além do pássaro e de mim, andou também por aqui.

Sinais, procuro. Rastros, manchas, pistas. Não encontro nada.

Misturo devagar os grãos envelhecidos do café à água fervente da torneira. Tem gosto de terra, de lã, de cinza e de não sei que mais, áspero e grosso. Bebo assim mesmo. Abro a porta de vidro, saio na sacada que dá para o porto. O vento despenteia meus cabelos, acendo um cigarro e fico a olhar o sol oblíquo, entre a chaminé de tijolos e o molhe de cimento com alguns barcos atracados. Há verdes e brancos do outro lado do estuário, talvez dessa cidade que me disseram chamar-se Saint-Brévin-les-Pins. O céu é tão azul e sem nuvens que poderia ser abril, mas o vento gelado na minha cara e os galhos nus das árvores à beira d'água afirmam: é quase dezembro nesta cidade do Norte. Uma cidade tão luminosa agora pela manhã que não parece a mesma da noite anterior.

Talvez pela luz, essa luz limpa e leve dos estuários onde os Oxuns encontram as Iemanjás, talvez pelo vento, pelo gosto mofado do café na minha boca, pela vaga vertigem que um primeiro cigarro sempre deixa na cabeça — por tudo isso, quem sabe, ou porque não há outro jeito, se tudo foi tentado, de repente fico perfeitamente sereno.

Jogo o cigarro no espaço. Como de costume, repito e repito: bem, paciência, querido, ainda não será desta vez que. E com a mesma nitidez de todas essas coisas que vejo e faço neste momento, enquanto contemplo o sol sobre o estuário, parado na sacada como numa fotografia, na sequência imediata deste momento que se move, decido ir embora de Saint-Nazaire.

Antes de entrar, percebo: o homem de sobretudo xadrez continua parado na esquina do Petit Maroc. Ao me ver, dá um passo à frente, e nesse movimento uma de suas pernas vacila um pouco, como se mancasse. Ele ergue o braço, parece que vai retirar o boné num cumprimento. Mas não espero que conclua o gesto. Preciso pegar minhas coisas e partir. Viajar, esquecer, talvez amar.

Estou quase feliz enquanto procuro as botas, a jaqueta e a mochila no corredor de entrada. Na estação certamente há trens para toda parte e a qualquer hora. Calço minhas botas com estrelas de metal cromado pensando vagamente que preciso de um banho e poderia quem sabe, mas não tenho vontade sequer de espiar os livros na mesa da sala nem de ficar mais um segundo neste lugar onde não há marcas da passagem de K. Exceto aquele vago cheiro, na noite passada, que logo se dissipou.

Tenho a mão estendida para abrir a porta, chamar o elevador. Descer, partir, viver.

Então, feito um soco no peito, lembro do escritório.

E vou voltando atrás, rastros, eu atravesso a sala, pistas, eu vejo o tampo negro da mesa sob a janela, manchas, eu entro no escritório, sinais, eu me aproximo da mesa, indícios, eu

vejo, a pasta roxa sobre a mesa, vestígios: eu sei que todas essas coisas estão dentro dela. O mapa, dentro da pasta roxa.

Eu a prendo forte entre as mãos, como se pudesse escapar.

6

“Journal d’une ville sinistrée”, está escrito na capa, como se fosse um título. Letras negras, finas, quase anônimas de tão minuciosas, desenhadas cuidadosamente feito ideogramas chineses, como se alguém tivesse levado horas nesse trabalho que parece feito a bico de pena. Mesmo assim nessa escritura frágil, tombada para a direita como se pudesse cair da página, sou capaz de reconhecer a letra de K. Logo abaixo desse título, feito uma epígrafe colada na parte inferior da capa e provavelmente recortada de algum livro, há este trecho:

Aún no sé si este es el sitio donde yo pueda vivir. Talvez para un desterrado — como la palabra lo indica — no haya sitio en la tierra. Solo quisiera pedirle a este cielo resplandeciente y a este mar, que por unos dias aún podré contemplar, que acojan mi terror.

No final dessas palavras, com a letra muito miúda de K, está escrito o que suponho seja o nome de seu autor — Reinaldo Arenas —, que não conheço. Não paro para pensar, nem me detenho no sentido do que acabei de ler. Mesmo que a palavra *resplandeciente* me surpreenda, apesar de o céu começar a fechar-se lá fora. Ainda não é suficiente, eu preciso de mais. Abro a pasta com tanto estabamento que algumas folhas de papel caem ao chão. Há também cartões-postais, folhas secas, recortes. Começo a apanhá-los, não parece haver lógica entre essas folhas soltas. Num suplemento de jornal há fotos, entrevistas, cronologia e bibliografia de Jorge Luis Borges. Algo dito por ele, em francês, foi sublinhado com tinta vermelha:

[...] *arc-en-ciel, c’est très beau, n’est-ce pas? C’est une architecture: on construit un arc dans le ciel, c’est très beau; tandis que dans les autres langues, c’est plat: voyez arco-iris en espagnol; arcobaleno en italien; rainbow en anglais; cela n’a rien de particulier, tandis que arc-en-ciel, c’est de toute beauté. Qui a trouvé ça?*

Procuro mais. Lá fora o céu acabou de fechar-se. Não há nenhum arco-íris e uma bruma lenta começa a atravessar as águas, vinda dos lados de Saint-Brévin. Há vários postais sem nada escrito atrás: um dólmen, uma dessas ruínas druídicas no centro de uma praça banhada pelo sol; o portal sul da catedral de Chartres, do século XIII; Chet Baker tocando sua clarineta no festival de jazz de Newport, em 1955; um violinista sentado numa janela, o violino e o arco nas mãos, olhando para fora, numa pintura chamada *Der Geiger en Fenster*, de Otto Scholderer, em 1861; uma cidade medieval cercada de muralhas, chamada Guérande; uma gárgula na fachada da igreja de Notre-Dame; uma foto de Corinne Marchand em *Cleo das 5 às 7* recortada de algum jornal, escrito embaixo “Je suis une maison vide sans toi... sans toi...”. Quando começo a me desesperar, algo que parece uma oração impressa em papel azul barato cai do meio dos papéis:

*Notre-Dame des Flots,
les flots montants de la tendresse.
Notre-Dame des flots tranquilles,
l'abondance coulant à flots
et le cœur remis à flot.
Le flot débordant de la joie,
le soleil entrant à flots
et la paix à grands flots...*

A bruma cobre por completo o cais. Cais das brumas, repito, sem lembrar quando nem onde li ou ouvi essa expressão: cais das brumas. Se há ondas na água além do farol em frente, a bruma ficou tão impenetrável que já não posso vê-las. Sento na cadeira e, disciplinadamente, coloco a pasta à minha esquerda enquanto vou empilhando à minha direita as coisas que já vi. E continuo a ver, coisas aparentemente sem nenhum nexos, nenhuma ligação: um mapa da cidade de Praga com os nomes Daniela e Johana ao lado da palavra *laska*,³ que não sei o que significa, escritos sobre ele com a mesma letra de K, em tinta fina e negra; o catálogo de um programa de leituras e palestras de escritores da Estônia, Lituânia e Letônia, com fotos de cada um dos escritores, mas apenas uma das fotos, a de uma mulher de olhos penetrantes e cabelos lisos, chamada Vizma Belsevica, cercada por uma moldura tão cuidadosamente desenhada quanto aquelas letras do título; um grosso catálogo de um festival de cinema em Nantes, sem nada assinalado; recortes de entrevistas com uma cantora do Cabo

Verde, mulata e gorda, chamada Cesária Évora, sem nada assinalado; e de repente, outra vez copiado na letra de K, algo que parece um fragmento da *Ode marítima* de Fernando Pessoa:

*Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do crime!
Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!
Amantes casuais da obliquidade das minhas sensações!
Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos,
A vós, odiados amados do seu sangue de pirata nos sonhos!*

No pequeno Marrocos, o restaurante acendeu seu neon azul. É a única coisa visível através da bruma que cobre o cais. Procuo algum navio atracado no porto, mas a bruma é tão branca e espessa que não consigo ver nada. E continuo a procurar, e procuro pelo menos a letra de K numa frase, numa palavra perdida no meio dos papéis que incluem recortes sobre o julgamento dos estupradores e assassinos da pequena Céline: caras escaveiradas das crianças negras da Somália; uma entrevista de Leonard Cohen, sem nada assinalado; bombardeios em Sarajevo; um mapa com as estatísticas da aids na África marcadas em tarjas negras; uma foto de Jeremy Irons e Juliette Binoche fazendo amor vestidos e em pé, apoiados no que parece a porta de uma igreja, em algum filme que não vi; a capa rasgada de um livro de bolso chamado *Les nuits fauves*, de Cyril Collard, que também não li, nem vi, nem sei — e de repente uma página inteira quase completamente coberta pela letra de K cai no meu colo. Na parte superior, há uma foto de Brad Davis vestido de marinheiro, recortada e colada, e logo abaixo um texto sem crédito de ninguém e que, embora lembre Genet ou Fassbinder, parece ter sido escrito pelo próprio K:

A aposta está perdida. Querelle curva-se sobre a mesa. Desabotoa o cinto, as calças, mas não chega a abaixá-las. Apenas abre as pernas e debruça-se mais sobre a mesa. O negro vem por trás. Primeiro, com a mão direita, abaixa as calças do marinheiro até os pés. Com a esquerda, desabotoa as próprias calças. O negro lambe o dedo indicador e começa a introduzi-lo entre as nádegas de Querelle. Seu dedo desaparece na carne branca. Não há nenhuma resistência. O negro retira o dedo e, com um único movimento firme, introduz seu membro dentro de Querelle. Querelle não se move. Com as duas mãos, o negro escancara as nádegas do outro para entrar mais, e melhor. Quando entrou completamente, sobe as mãos pelo peito de Querelle até alcançar os

mamilos duros perdidos entre os pelos. É quando o negro tem a primeira suspeita. Move-se mais, entrando dentro de Querelle. Morde sua nuca, enfia a língua em seus ouvidos. Querelle continua imóvel. O negro desce as mãos dos mamilos do outro pelos pelos da barriga, até seu sexo. Quando a palma de sua mão segura o sexo rijo de Querelle, ele tem certeza absoluta. O marinheiro não perdeu a aposta. Ao contrário, é o único vencedor. É tarde demais para o negro recuar dessa derrota enviesada. Ao longe uma voz rouca de mulher cantarola sempre: “Each man kills the things he loves”. O negro entra mais fundo, ao mesmo tempo em que sente a umidade do prazer de Querelle começando a molhar a palma de sua mão. Lá-rá-rá-lá-rá-rá-rá: o negro geme e goza dentro de Querelle. Querelle não geme nem se move. Apenas goza também, ao mesmo tempo, abundantemente, na palma branca da mão do negro. A aposta está ganha.

Brest: digo esse nome cortante feito faca. E recomponho na memória o mapa desse pequeno pedaço da França, qualquer coisa entre o que chamam Pays de la Loire e a Bretagne. À esquerda, pouco mais acima, pouco mais ao norte, naquela ponta do mapa que lembra uma cabeça de cão projetada sobre o Atlântico, fica a cidade de Brest. Procuro com os olhos além da ponte que lembra a cauda de um dinossauro — porque tudo, repito, sempre lembrará outra coisa. A bruma começou a dissipar-se, mas não o suficiente para que se possa ver a ponte maior, e muito menos o que existe além dela. Reviso as coisas que já examinei várias vezes. Nada mais há entre elas que ainda não tenha visto. Sacudo a pasta roxa no ar, parece vazia. Mas de repente uma pequena folha arrancada de um bloco de anotações cai de dentro dela. Apanho-a enquanto ainda flutua no ar. Nessa folha, com a letra frágil e tombada, clara e precisa de K, está escrito:

Este é o trigésimo dia. O ciclo está completo e não encontrei o Leopardo dos Mares. Já não sei ao certo se alguém me contou, se leram nas cartas, nas runas, mas estava certo de que ele estaria aqui e só por isso vim. Procurei-o no porto, nos cafés, na praia, pelas esquinas e barcos. Olhei tudo e todos muito atentamente. Sei que o identificaria por aquela tatuagem no braço esquerdo — um leopardo dourado saltando sobre sete ondas verdes espumantes. E mesmo que fizesse frio e eu não pudesse ver seus braços, reconheceria de longe seus olhos de jade. E, se usasse óculos escuros, eu assobiaria aquela canção até que

me escutasse. Sem ele, não vejo sentido em continuar nesta cidade. Que todos me perdoem, mas escrever agora é recolher vestígios do impossível. Para encontrá-lo, e isso é tudo o que me importa, eu parto.

Embaixo, a data de ontem. Arrumo cuidadoso a folha de papel sobre as outras, à minha direita, bato-as juntas sobre a mesa para tentar certa ordem, certa harmonia. Depois pego a pasta, coloco tudo dentro e deixo exatamente como encontrei. Tudo isso é um tanto inútil porque, de toda maneira, ninguém saberá que estive aqui. Então, quando já quase parti, de dentro das dobras da contracapa cai um pequeno envelope fechado. Há um desenho sobre ele. Mas é tarde demais. A bruma dissipou-se, o céu começa a ficar outra vez lentamente azul, e eu preciso partir.

Fecho a pasta, deixo-a no centro do grande tampo negro da mesa em frente à janela. Da porta, olho-a pela última vez: é como se ninguém tivesse jamais tocado nela. Atravesso a sala, o corredor de entrada, pego minhas coisas, olho os desenhos celtas do vizinho também pela última vez. Apontam para o Norte. Alcanço a rua, tudo é pela última vez agora e aqui, e só depois de dobrar a esquina é que, no bolso da jaqueta, aperto contra o coração o pequeno envelope que trouxe comigo.

Há um arco-íris desenhado atrás da ponte. *Arc-en-ciel, arcobaleno, rainbow*: preciso mesmo partir.

7

Não sei que horas são. A estação está completamente deserta. Mas não, não é exato. Sem saber se vejo realmente, porque o trem é veloz demais e uns restos de bruma ainda persistem no ar, tenho quase certeza de ver parado na estação vazia um homem um tanto velho, metido num sobretudo xadrez preto e branco, um boné, faces vermelhas e olhos azuis. Ele acena, ele tira o boné e acena como num cumprimento, não sei se para mim ou para qualquer outro dentro ou fora do trem. Mas isso não importa: estou certo de que, se pudesse voltar atrás e vê-lo melhor enquanto anda, poderia também ouvir o som de seus passos mancados batendo contra o cimento.

Estico as pernas, apoio os pés no banco da frente. Gosto de olhar minhas botas com estrelas cromadas de metal. Passo a mão pelas faces, a barba de três dias raspa a palma. Faz calor aqui dentro, neste vagão onde viajo quase sozinho, acompanhado apenas por três

escandinavos com gravatas coloridas, falando uma língua cheia de consoantes. Tiro a jaqueta, depois a blusa de lã, fico apenas de camiseta. Não me importam mais aqueles limites de tolerância & etc. que desconheço nas terras estranhas.

Depois que o trem dobra a primeira curva e me sinto completamente à vontade, abro o envelope que trouxe comigo. Dentro, numa folha de papel arrancada de um bloco, igual àquela outra, K copiou algumas linhas que parecem versos de uma canção francesa que conheço muito bem. Tão bem e há tanto tempo que, enquanto leio, todo o resto me volta à memória, e cantarolo com facilidade:

*Je me souviens de vous
Et de vos yeux de jade,
Là-bas, à Marienbad,
Là-bas, à Marienbad.
Mais, où donc êtes-vous?
Avec vos yeux de jade,
Si loin de Marienbad,
Si loin de Marienbad.*⁴

Quero procurar entre as cassetes que guardo na mochila aquela que traz essa canção, que anda sempre comigo. Mas me detenho. Logo abaixo, na mesma folha de papel, K escreveu assim: “Aos caminhos, eu entrego o nosso encontro”.

Aos caminhos, repito, erguendo o envelope no ar. Como num brinde. Coloco a cassete no walkman, ajusto os fones nos ouvidos, vou cantando junto e sorrio. Arregaço as mangas da camiseta até os ombros. No meu braço esquerdo, acaricio a tatuagem de um leopardo dourado saltando sobre sete ondas verdes. Na face do pequeno envelope que aperto entre as mãos, como num sobrescrito para um único destinatário possível em seu endereço improvável, acaricio ao mesmo tempo o desenho de um leopardo igual, saltando sobre sete idênticas ondas verdes. Às minhas, às dele, às ondas espumantes dos sete mares. Como champanhe.

Afasto o rosto do vidro da janela do trem que corre pelo meio dos campos até conseguir ver minha imagem refletida. Embora as formas sejam vagas, trêmulas, mais diluídas ainda pela luz do crepúsculo que tomba, posso ver meus dois olhos flutuando no espaço. E apesar das sombras sinuosas que se dobram dentro deles, feito enguias num aquário pequeno demais, confirmo que são muito verdes. Como se fossem de jade.

Lá fora, o voo de um grande pássaro quase totalmente branco, talvez uma gaivota, corta minha imagem refletida na vidraça.

Desvio o rosto, não devo me deter tempo demais em meus próprios olhos. Aumento o som da canção, olho para fora enquanto o trem dispara sobre os trilhos. Preciso ficar sempre atento. Ainda não anoiteceu, e alguns dizem que há castelos pelo caminho.

Saint-Nazaire, dezembro de 92

London, London ou Ajax, brush and rubbish

Para Carlos Temple Troya

Meu coração está perdido, mas tenho um mapa de Babylon City entre as mãos. Primeiro dia de *fog* autêntico. Há um fantasma em cada esquina de Hammersmith, W14. Vou navegando nas *waves* de meu próprio assobio até a porta escura da casa vitoriana.

— *Good morning, Mrs. Dixon! I'm the cleaner!*

— *What? The killer?*

— *Not yet, Lady, not yet. Only the cleaner...*

Chamo Mrs. Dixon de Mrs. Nixon. É um pouco surda, não entende bem. Preciso gritar bem junto à pérola (jamaicana) de sua orelha direita. Mrs. D(N)ixon usa um colete de peles (siberianas) muito elegante sobre uma malha negra, um colar de jade (chinês) no pescoço. Os olhos azuis são duros e, quando se contraem, fazem oscilar de leve a rede salpicada de vidrilhos (belgas) que lhe prende o cabelo. Concede-me algum interesse enquanto acaricia o gato (persa):

— *Where are you from?*

— *I'm brazilian, Mrs. Nixon.*

— *Ooooooooooooouuuuuuuu, Persian? Like my pussycat! It's a lovely country! Do you like carpets?*

— *Of course, Mrs. Nixon. I love carpets!*

Para auxiliar na ênfase, acendo imediatamente um cigarro. Mas Mrs. Nixon se eriça toda, junto com o gato:

— *Take care, stupid! Take care of my carpets! They are very-very expensive!*

Traz um cinzeiro de prata (tailandês) e eu apago meu cigarro (americano). *But, sometimes, yo hablo también un poquito de español e, if il faut, aussi un peu de français*: navego, navego nas *waves* poluídas de Babylon City, depois sento no Hyde Park, W2, e assisto ao encontro de Carmenmiranda com uma Rumbeira-from-Kiúba. *Perhaps* pelas origens tropicais e respectivos *backgrounds*, comunicam-se por meio de requebros brejeiros e *quizá* pelo tom dourado das folhas de outono (*like "Le Bonheur", remember "Le Bonheur"?*), talvez, *maybe*: amam-se imediatamente. Mas Carmen foge da briga, fiel às suas já citadas origens e repete

enl(r)ouquecida, em português castiço, que aquele amor ledó e cego acabaria por matá-la. A Rumbeira-from-Kiúba, cujo nome até hoje não foi devidamente esclarecido (*something between Remedios and Esperanza*), decide tomar providências no sentido de abandonar a *oldfashion* e matricula-se no *beginner* de dança moderna do The Place, Euston, NW1. Para consolar-se de seu frustrado *affair*, todos os sábados vai a Portobello Rd, W11, onde dedica-se à pesquisa e eventual aquisição de porcelana chinesa. *Su pequeña habitación* em Earl's Court Rd, W8, está quase toda tomada. Ainda ontem substituiu o travesseiro por uma caríssima peça da dinastia Ming. Entrementes, Carmen ganha £20 por semana cantando “I-I-I-I-I-I like very much” nos intervalos das sessões do Classic, Nothing Hill Gate, W11. Aos sábados compra velhos tamancos de altíssimas plataformas, panos rendados e frutas nas barracas de Portobello — para preencher *el hueco de su (c)hambre*. Muito tarde da noite, cada uma *en sus pequeñas habitaciones*, leem respectivamente Cabrera Infante e a lírica de Camões. Secretamente ambas esperam encontrar-se qualquer *Saturday* desses, entre lustres art nouveau, roupas de pajem renascentista, couves-de-bruxelas e pastéis da Jamaica, bem em frente ao Ceres, Portobello Rd, W14, onde tudo acontece. Ou quase. Mas secretamente, apenas. Nenhuma falará primeiro. Nenhuma deixará transparecer qualquer emoção por detrás do make-up. *It's so dangerous, money*, e, de mais a mais, na Europa é assim, meu filho, trata de ir te acostumando. *Pero siempre puede ser que sus ojos digan todo*. Como nessas melosas e absurdas histórias de Rumbeiras-from-Kiúba *meeting* Carmenmirandas pelas veredas outonais do Hyde Park — onde as folhas, a quem interessar (f)possa, continuam caindo.

— *I think all Latin-American writers should write in English. Spanish is very difficult. But don't worry, dear: Joseph Conrad learned to write only at nineteen...*

Bolhas nas mãos. Calos nos pés. Dor nas costas. Músculos cansados. *Ajax, brush and rubbish*. Cabelos duros de poeira. Narinas cheias de poeira. *Stairs, stairs, stairs. Bathrooms, bathrooms. Blobs*. Dor nas pernas. Subir, descer, chamar, ouvir. *Up, down. Up, down. Many times got lost in undergrounds, corners, places, gardens, squares, terraces, streets, roads*. Dor, *pain. Blobs*, bolhas.

— *You're not just beautiful. I think you've got something else.*

I've got something else. Mas onde os castelos, os príncipes, as suaves vegetações, os grandes encontros — onde as montanhas cobertas de neve, os teatros, balés, cultura, História — onde? Dura paisagem, *hard landscape*. Tunisianos, japoneses, persas, indianos, congoleses, panamenhos, marroquinos. Babylon City ferve. *Blobs in strangers' hands*, virando na privada o balde cheio de sifilização, enquanto puxo a descarga para que Mrs. Burnes (ou Lascelley ou Hill ou Simpson) não escute meu grito.

— *What 'you think about the Women's Lib?*

— *Nothing. I prefer boys.*

— *Chauvinist!*

Ela está descalça, embora faça frio. Tem uma saia de retalhos coloridos até quase o chão cheio de lixo. Os cabelos vermelhos de hena, algumas mechas verdes. Nos olhos, um pincel *stone* traçou enormes asas de *purple butterfly*. Como se seu rosto fosse um jardim. Empurra um carrinho de bebê vazio e canta. Qualquer coisa assim: “I’m so happy/ I’m so happy/ ’cause today is The Day/ ’cause today is a Sunny Day”. É muito jovem, mas a heroína levou embora a rosa de suas faces. O boá azul esvoaça com o vento dos ônibus. Ela sorri ao passar e se detém e faz meia-volta e retira de dentro do carrinho de bebê uma bolsa de vidrilhos e cordões dourados e apanha um vidrinho escuro e salpica algumas gotas de óleo na ponta dos dedos e passa — *slowly, slowly* — na minha testa, na minha face, no meu peito, nas cicatrizes suicidas de meus pulsos de índio:

— *You know and I know that you know: today is just The Day.*

Cheira a sândalo, a Oriente. Eu não quero dizer nada, em língua nenhuma, eu não quero dizer absolutamente nada. Eu só sorrio e deixo ela ir embora com seus pés descalços e muito sujos dançando embaixo dos trapos coloridos da saia. Ela canta, ainda. Eu aproximo os pulsos das narinas e aspiro, até o ônibus chegar, eu aspiro. Sândalo, Oriente.

— *Won't you finish your bloody cigarette?*

— *Fuck off!*

— *Very eccentric!*

Mrs. Austin aponta as pombas no quintal e diz que não pode morrer, *you know?*, que tem oitenta anos mas não pode morrer. O que seria das pombas se Mrs. Austin morresse agora? Fico parado na esquina, as mãos cheias de pombas, os pés no jardim dourado de Mrs. Austin, que me deu cinquenta pence a mais. Elas passam, eles passam. Alguns olham, quase param. Outros voltam-se. Outros, depois de concluir que não morde, apesar de meu cabelo preto e olho escuro, aproximam-se solícitos e, como nesta ilha não se pode marcar impunemente pelas esquinas, com uma breve curvatura agridem-me com sua *British hospitality*:

— *May I help you? May I help you?*

— *No, thanks. Nobody can help me.*

Something else. Toco o pequeno cacto com os dedos cheios de bolhas rosadas. É um frágil falo verde, coberto de espinhos brancos. Comprimo os espinhos brancos contra a pele rosada das bolhas de meus dedos. Mas nada acontece. *Something else.* Eu queria tocar “Pour Élise” ao piano, sabia? É meio kitsch, eu sei, mas eu queria, e *en el Brazil, cariño, en el otro lado*

del mar, hay una tierra encantada que se llama Arembepe, y un poco más al sur hay otra, que se llama Garopaba. En estos sitios, todos los días son sunny-days, todos. Mon cher, apanhe suas maracas, sua malha de balé, seus pratos chineses — apanhe todos os pedaços que você perdeu nessas andanças e venha para o meu tapete mágico. *Te quieres volar conmigo hasta los sitios encantados? Something else. Coño.* Aperto minhas bolhas contra o pequeno falo verde. E nada continua acontecendo. Como César Vallejo: “Tenemos en uno de los ojos mucha pena, y también en el otro, mucha pena, y en los dos, cuando miran, mucha pena”. Carmen hesita, o telefone nas mãos. Flash-back: Carmen-menina hesita com o pintinho do vizinho entre as mãos de unhas verde-menta, esmalte *from* Biba, High Street Kensington, W8. *Quizá Remedios, Soledad o Esperanza.* Zoom no olho de cílios de visom. A boca escarlate repete enr(l)ouquecida:

— *Pero si no te gusta esa de que te hablo, hay otra más al sur, o más al centro, donde lo quieras, cielo, donde lo quieras, locura. Sometimes,* penso que *mio cuore es una basura, but “your body hurts me as the world hurts God”.* *I can't forget it.*

— *Look deep on my eyes. Can you see? They're lost. They're completely lost. And I can do nothing.*

Caminho, caminho. Rimbaud foi para a África, Virginia Woolf jogou-se num rio, Oscar Wilde foi para a prisão, Mick Jagger injetou silicone na boca e Arthur Miller casou com Norma Jean Baker, que acabou entrando na Hi\$ória, Norman Mailer que o diga. Mrs. Burnes não vem, não vem. *Wait her and after call me.* Espero, espero. Mrs. Burnes não vem. Amsterdã até que é legal, mas nunca vi tanta merda de cachorro na rua. Na Nicarágua um terço da população fala *ahuara*, que é uma língua hindu. No muro perto de casa alguém escreveu com sangue: “Flower-power is dead”. É fácil, magro, tu desdobra numa boa: primeiro procura apartamento, depois trabalho, depois escola, depois, se sobrar tempo, amor. Depois, se preciso for, e sempre é, motivos para rir e/ou chorar — ou qualquer coisa mais drástica, como viciar-se definitivamente em heroína, fazer *auto-stop* até o Katmandu, traficar armas para o Marrocos ou — sempre existe a *old-fashion* — morrer de amores por alguém que tenha nojo de sua pele latina. *Why not?*

— *Please, can you clean the other side of that door?*

Primeiro, a surpresa de não encontrar. Surpresa branca, longa, boca aberta. £10. O aluguel da semana mais um ou dois maços de Players Number Six. Alguns sanduíches e ônibus, porque metrô a gente descola, *five* na entrada e *five, please*, na saída. Reviro a bolsa: passaporte brasileiro, patchuli hindu, moedas suecas, selos franceses, fósforos belgas, César Vallejo e Sylvia Plath. Olho no chão. Afasto as pernas das pessoas, as latas de lixo, levanto jornais,

empurro bancos. Tenho duas opções: sentar na escada suja e chorar ou sair correndo e jogar-me no Tâmis. Prefiro tomar o próximo trem para a próxima casa, navegar nas *waves* de meu próprio assobio e esperar por Mrs. Burnes, que não vem, que não vem.

— *WHY?*

— *I beg your pardon?*

Sempre anoitece cedo e na sala discutem as virtudes da princesa Anne, alguém diz que o marido sim, é uma tesão, e ouvem rock que fala numa ilha-do-Norte-onde-não-sei-se-por-sorte-ou-por-castigo-dei-de-parar-por-algum-tempo-que-afinal-passou-depressa-como-tudo-tem-de-passar-hoje-eu-me-sinto-como se agora fosse também ontem, amanhã e depois de amanhã, como se a primavera não sucedesse ao inverno, como se não devesse nunca ter ousado quebrar a casca do ovo, como se fosse necessário acender todas as velas e todo o incenso que há pela casa para afastar o frio, o medo e a vontade de voltar. Mas o carrinho de bebê está vazio. A pedra de Brighton parece um coração partido. O tarô esconde a Torre Fulminada. As flores amarelas sobre a mesa branca ainda não morreram. O telefone existe, mas não chama. Na parede tem um mapa-múndi do século não sei quantos. O cacto. A agulha faz a bolha na ponta do dedo de Saturno libertar um líquido grosso e adocicado. Sinto dor: estou vivo. Meu último olhar do dia repousa, como num poema antigo, sobre o uniforme da Terceira Grande Guerra jogado ao chão para a ofensiva da manhã seguinte: tênis francês (trinta francos), blue jeans sueco (noventa coroas), suéter inglês (quatro libras), casaco marroquino (novecentas pesetas). Agora custo um pouco mais caro e meu preço está sujeito às oscilações da bolsa internacional. Quando você voltar, vai ver só, as pessoas falam, apontam: “Olha, ele acaba de chegar da Europa”, fazem caras e olhinhos, dá um status incrível e nesse embalo você pode comer quem quiser, pode crer. Magrinha, você me avisou, eu sei, mas onde estão teus dedos cheios de anéis? Mas na sala, na sala discutem as virtudes do marido da princesa Anne e cantam rock. David Bowie é uma grande mulher, mas meu coração é atlante. Tenho Sol em *Virgo*, Marte em *Scorpio*, Vênus em *Leo* e Júpiter em *Sagittarius*. Situo, situo-me. Coloco o despertador para as sete horas, ainda é escuro, os carros ficam cobertos de gelo, apago a luz e puxo o cobertor roxo para cima de mim. E ainda por cima diz alguém longe, ainda por cima no fim do ano tem o cometa. Procuro o fósforo, acendo um cigarro. A pequena ponta avermelhada fica brilhando no escuro. *Sorry, in the dark: red between the shadows*. Quase como um farol. *Sorry: a lighthouse*. Magrinha, lá na Bahia, localiza minha pequena luz, estende tua mão cheia de anéis por sobre o mar e toca na minha testa *caliente* de índio latino-americano e fala assim, com um acento bem horroroso, que Shakespeare se retorça no túmulo, fala assim:

— De beguiner is ólueis difficulti, suiti ronei, létis gou tu trai agueim. Iuvi góti somessingui élsi, donti forguéti iti.

I don't forget. Meu coração está perdido, mas tenho um *London* de A a Z na mão direita e na esquerda um *Collins dictionary*. Babylon City estertora, afogada no lixo ocidental. *But I've got something else. Yes, I do.*

PELA NOITE

Novela

Lanço o meu olhar sobre o Brasil e não entendo nada.

Da canção “Negros”,
de Adriana Calcanhotto

Ao som de “Years of solitude”, de Astor Piazzolla e Gerry Mulligan

Para Carlos Pereira de Oliveira (Cao)

*Mas também, às vezes, a Noite é outra:
sozinho, em postura de meditação
(será talvez um papel que me atribuo?),
penso calmamente no outro, como ele é:
suspendo toda interpretação;
o desejo continua a vibrar
(a obscuridade é transluminosa),
mas nada quero possuir,
é a noite do sem-proveito, do gasto sutil, invisível:
estoy a oscuras: eu estou lá, sentado simples
e calmamente no negro interior do amor.*

Roland Barthes: Fragmentos de um discurso amoroso

— Como esta música — disse, aumentando o volume do som enquanto caminhava pela sala abrindo os grandes vidros da janela para deixar o gemido do sax contaminar ainda mais o ar sujo das ruas, da noite, da cidade. — Exatamente como esta música.

O vento de julho despenteou um pouco os cabelos dele. De costas para o outro, rosto voltado para o escuro, braços abertos. Como se dançasse. E foi dizendo, a cara erguida para o céu coberto de fuligem molhada pelas gotas da garoa fria:

— Percebe como ela se contrai? Feito uma pessoa que tivesse levado um soco inesperado. Bem na boca do estômago, assim. — Voltou de repente e deu um salto para dentro da sala, a cara violenta, o punho fechado, estendido em direção à barriga do outro. Que se desequilibrou

um pouco sobre o sofá, descruzando as pernas, os pés bem plantados no chão, o cálice de vinho numa das mãos, a outra parada tensa no ar, pronto para defender-se. Mas ele recuou sem tocá-lo, sorriu de lado e foi andando, novamente de costas, em direção à janela.

— Depois se estende outra vez. Lentissimamente, está ouvindo? É agora, daqui a pouco, quando entra o acordeom. Acordeom não. *Bandoneón*, é assim que eles dizem lá. Presta atenção. Você percebeu. O sax é o soco.

Dobrou o próprio punho e fez um movimento brusco no ar, como se esmurrasse a si mesmo. Com força, no ventre. Curvou o corpo inteiro, a cara torcida num simulacro de dor sem fôlego. Depois começou a distender devagar a coluna. De onde estava, no canto oposto da sala, o outro tinha a impressão de que ele alongava uma por uma as vértebras, até atingir a altura do pescoço que se erguia, ao abrir os braços feito uma criança com sono espreguiçando-se, pela manhã. Então voltou o rosto e continuou:

— Quando entra o *bandoneón* tudo se abre. — Estendeu o braço à frente, parecia querer segurar algo no ar. — Percebeu? Por alguns momentos, apenas alguns momentos, é como se houvesse assim uma espécie de esperança, de possibilidade de esperança. Seja o que for, você está quase alcançando. O teu braço está tão estendido que essa parte que junta com o corpo parece que vai rasgar. E as pontas dos dedos podem sentir assim quase como um formigamento, uma dormência. A vibração dessa coisa que está lá, por enquanto ainda longe deles, prestes a ser tocada.

Ele alongou ainda mais o braço. O tronco acompanhava, num esforço tão grande e lento que precisou tirar uma das pernas do chão. Estendeu-a no ar, equilibrando-se a princípio precário sobre a outra, depois mais e mais seguro, enquanto o braço estendido, o tronco alongado e a perna suspensa formavam uma linha quase perfeitamente horizontal. O rosto agora tinha uma expressão de prazer. Ou de expectativa de prazer. À beira da alegria, o rosto. O que quer que estivesse no limite dos dedos, pensou o outro, estava para ser tocado no próximo segundo. E não conseguiu evitar certa tensão ao olhar fixo, meio hipnotizado, os cinco dedos excessivamente entreabertos. Tanto que — de onde estava, podia ver — os ossos nas costas da mão dele se faziam mais salientes. Nascendo do pulso, um feixe de cinco ossos finos, nervosos. Sem querer desejou que, fosse o que fosse, ali, guardado no ar, à espera do toque, entre as paredes brancas, os dedos encontrassem logo o objeto. Que se fechassem definitivos sobre ele numa espécie de posse, para alívio dos dois.

Sentia como um calor, mas quando levou a mão ao rosto não havia suor. Pensou então que, naquele 19^o andar, de algum outro edifício, outra janela, e eram tantas, devia ser esquisito ver aquela silhueta de homem longo e musculoso estendida assim no ar. Mas a música continuava,

sax e *bandoneón*, uma cópula dolorida interminável, entrelaçada como a dos cães nos becos, insuportável. Tivesse um lenço enxugaria a testa. Mas não havia suor.

Foi então que num dos acordes bruscos o homem de longo corpo estendido musculoso voltou-se subitamente para ele, cinco dedos abertos em sua direção. Quase sorriu, julgando entender. Sem premeditar, num impulso esboçou um movimento de levantar-se do sofá. Antes de fazer o gesto já se via também erguendo-se, um filme em câmara lenta. Talvez três vezes, repetindo os mesmos fotogramas — gesto incompleto, gesto incompleto e gesto incompleto — até completá-lo: a própria mão aberta estendida em direção à mão aberta estendida do outro. Mas a mão do outro voltou a encolher-se. Tão fortemente fechada que ele viu as juntas das falanges esbranquiçadas pelo esforço, e enveredou rápida cortando o ar, navalha em direção ao próprio estômago, fazendo o corpo contrair-se de dor e o rosto, o rosto devagar abaixado deixando desaparecer aos poucos uma imagem que se sobrepõe à outra, por um segundo ainda misturada à anterior, aquela expressão de gozo próximo, para permitir que aflorasse outra, traço a traço, sobranceiras unidas em vértice, comissuras amargas da boca, voltadas para baixo, uma outra face mais escura que além da dor seca, injusta, espantada, tinha agora um novo elemento. Qualquer coisa como uma quebra? Qualquer coisa como a decepção da alegria entrevista nítida, pouco antes, bem ali, guardada no ar, a milímetros da extremidade dos dedos, ele vira. E isso doía ainda mais que a outra dor, assim humano, carente, incompleto. Então ele, que agora era o outro, interrompeu por um momento aquela dança torcida para dizer:

— E volta o sax. Quando volta o sax, volta o soco. Mas não um soco duro, você me entende? Um soco manso. Como se a tua barriga fosse uma almofada macia. Como se o próprio punho que bate estivesse meio acolchoado. Tudo macio. Não há ruído. Só uma coisa fofa. Uma dor lenta, vaga. Uma dor que começa a ser dor só aos poucos, não de repente, porque é aos poucos que você começa a perceber que ela existe, a dor.

Antes de a música terminar, ele desligou o som e sentou no tapete em frente do outro.

— Você sabe que de alguma maneira a coisa esteve ali, bem próxima. Que você podia tê-la tocado. Você podia tê-la apanhado. No ar, que nem uma fruta. Aí volta o soco. E sem entender, você então para e pergunta alguma coisa assim: mas de quem foi o erro?

O outro fez um movimento como se fosse falar, mas ele o deteve.

— Sei, sei. Você vai perguntar: mas houve um erro? Bem, não sei se a palavra exata é essa, *erro*. Mas estava ali, tão completamente ali, você me entende? No segundo seguinte, você ia tocá-la, você ia tê-la. Era tão. Tão imediata. Tão agora. Tão já. E não era. Meu Deus, não era. Foi você que não soube fazer o movimento correto? O movimento perfeito, tinha que ser um

movimento perfeito. Talvez tenha demonstrado demasiada ansiedade, eu penso. E a coisa se assustou, então. Como se fosse uma fruta madura, à espera de ser colhida. É assim que vejo ela, às vezes. Como uma coisa parada, à espera de ser colhida por alguém que é *exatamente* você. Não aconteceria com outro. Depois, quando ela foge, penso que não, que não era uma fruta. Que era um bicho, um bichinho desses ariscos. Coelho, borboleta. Um rato. É preciso cuidado com o arisco, senão ele foge. É preciso aprender a se movimentar dentro do silêncio e do tempo. Cada movimento em direção a ele é tão absolutamente lento que o tempo fica meio abolido. Não há tempo. Um bicho arisco vive dentro de uma espécie de eternidade. Duma ilusão de eternidade. Onde ele pode ficar parado para sempre, mastigando o eterno. Para não assustá-lo, para tê-lo dentro dos seus dedos quando eles finalmente se fecharem, você também precisa estar dentro dessa ilusão do eterno.

O outro tinha se debruçado no sofá até ficar quase deitado. E ouvia, atenção dividida entre as palavras dele e algum gole de vinho. Ele sorriu. Tinha um jeito de sorrir de lado, como se quisesse esconder alguma falha nos dentes, embora não tivesse nenhuma, via-se quando ria inteiro, o que era raro. Ele sorriu, então um dos cantos da boca ergueu-se fazendo subir também uma das sobrancelhas, enquanto o olho quase fechava, embora brilhasse mais intenso assim, por entre as pálpebras meio inchadas, quase invisível. Tinha um pouco de criança quando sorria desse jeito. E de demônio. Demônio astuto, pensou.

— O erro? Eu dizia, pois é, o erro. Eu penso, se o erro não foi de dentro, mas de fora? Se o erro não foi seu, mas da coisa? Se foi ela quem não soube estar pronta? Que não captou, que não conseguiu captar essa hora exata, perfeita, de estar pronta. Porque assim como o movimento de apanhar deve ser perfeito, deve ser perfeita também a falta de movimento, a *aparente* falta de movimento do que se deixa apanhar. Você me entende? Eu penso também, e se houve alguma interferência no. No em-volta-dos-dois, no ar. No *astral*, eu penso também. Uma coisa de Deus, do invisível, do mistério, que embora pareça errada ao não te deixar apanhar o prometido, no entanto está absolutamente certa. Porque é assim que é. Naturalmente. As coisas sempre prestes a serem apanhadas. E você eternamente prestes a apanhá-las. Como uma sina. Sempre prestes.

Ele acendeu um cigarro. Acompanhou distraído com os olhos a fumaça fluindo em direção à janela aberta. Como se fosse parar de falar. Depois sorriu outra vez. De lado, de novo. E prosseguiu:

— Como se algo que estivesse perfeito. Eu insisto no *perfeito*, era assim: pouco antes da perfeição se cumprir. Perfeito, preparado para acontecer e, de repente, não acontecesse. Não acontece. E logo depois, quando você ainda nem entendeu direito o que aconteceu, ou o que

não aconteceu, ou por que deveria ter ou não ter acontecido, vem alguém de repente e te dá um soco no estômago. E a mão que daqui a pouco você tinha certeza que ia estar cheia, pronto!, está vazia de novo.

Ele estendeu a própria mão no ar. Olhou os dedos, o cigarro pela metade. Repetiu, dramático:

— Entendeu? É bem simples. E medonho, porque não para nunca de acontecer. A mão que daqui a pouco ia estar cheia, pronto!, está vazia de novo.

Levantou-se de um salto. Curvou o tronco numa reverência exagerada, enquanto olhava para a frente, para os lados, para cima, para as galerias repletas, agradecendo aplausos estrepitosos, *bravôs!* incendiados, sozinho no palco vazio, cheio apenas da presença dele mesmo, além da cenografia e das rosas, talvez dezenas de *corbeilles* de rosas, provavelmente vermelhas. Ao mesmo tempo em que o outro dizia devagar, como se tateasse as palavras, sentindo-se meio idiota:

— Você podia ter sido bailarino.

A resposta veio seca:

— Agora é muito tarde.

— Ou ator, também podia. Você tem uma incrível capacidade de.

— Sei, ator. Mas sempre posso falar do trabalho dos outros. O que é sempre um consolo. Ou não.

Certa melancolia, quem sabe, no fundo da voz rouca pelo excesso de cigarros, o outro localizou. Mas limitou-se a balançar em silêncio a cabeça — cristal, o momento, na transição para outro —, enquanto ele caminhava até a estante de livros em passos tão milimetricamente marcados que era como se tivesse ensaiado tudo aquilo antes. O que viria depois também.

— Escuta — disse, apoiado na estante —, eu tive uma ideia. Já faz dias, desde que a gente se encontrou. Agora que você falou nisso. — O outro fez uma cara de nisso-o-quê, mas ele não parou: — Nisso de ser bailarino, ou ator. Ou sei lá, qualquer coisa. Não gosto quando a gente fica falando assim no que não foi, no que *poderia* ter sido. *God!* Não aos sábados, principalmente à noite. Não hoje, por favor, hoje não dá, eu tenho. Eu tenho uma sensação meio de amargura, de fracasso. Você me entende? Como se tivesse a *obrigação* de ter sido, ou tentado ser, outra pessoa.

Mas-se-você-é-um-cara-tão-bem-sucedido, quase disse o outro. Mas continuava sentindo-se meio idiota, sentado ali feito um touro pastando no charco, e preferiu continuar calado. Um pouco como se estivessem ensaiando um texto que ainda não tinha decorado: esquecia as deixas certas e, bobamente, olhava um cálice cheio de vinho até a metade. Mas ele voltava da

estante, improvisava rapidamente sobre a falha do outro, três livros na mão. Sentou-se no braço da poltrona, mostrou as capas:

— Conhece estes livros?

Os títulos em espanhol, leu devagar: *Los premios*, de Julio Cortázar, *Crónica de una muerte anunciada*, de García Márquez, e *Conversación en la catedral*, de Mario Vargas Llosa. Tocou de leve nas capas. Certo carinho distante, intenso como quem toca um álbum de fotografias quase antigas, as cores vivas já começando a ser invadidas pelo amarelo do tempo nos papéis. Sorriu, meio fatigado:

— Conheço, claro.

— Conhece e gosta? Ou conhece e não gosta? Ou conhece e não acha nada? Vamos lá, tipo múltipla escolha. Ou então assinale com um *x* o último quadrinho. Aquele que diz *outros*. Na linha pontilhada, especifique o que quer dizer com *outros*, certo?

Mas o que tem a ver, meu Deus, o que tem a ver, cruzou a cabeça. Umhas invenções que ele não seguia. Do charco, afundado, Touro, precisou erguer um pouco a cabeça para ver melhor o rosto dele a seu lado, no braço do sofá, de baixo para cima, curvado sobre seu ombro. A barba crescida, dois dias. Alguns fios brancos no cabelo. Baixou os olhos, para ver o esgarçado no joelho dos jeans quase brancos.

— Primeiro quadrinho — disse. E desenhou no ar um grande *x*.

— Conhece e gosta?

— Gosto. Muito.

— E atenção, atenção, meus senhores: qual você gosta mais?

Deitou a cabeça no encosto do sofá. Além do rosto muito próximo, podia ver também o teto pintado de branco. Algumas rachaduras tênues entre aquelas pomposas e falsas decorações em gesso, típicas dos apartamentos antigos, grandes e baratos no centro da cidade. Os olhos dos dois se encontraram, inesperados. Desviou os seus para o teto, enquanto pensava, sem pensar propriamente que era tão raro, enquanto lembrava de um navio saindo do porto de Buenos Aires, e sem querer lembrou também do gemido do *bandoneón* no som agora desligado, tão raro e rápido, as águas do rio da Prata, cruzavam-se sempre, inevitável, na rua, ao acaso, com qualquer pessoa, logo se desviavam como se tivessem medo, e ainda de uma ruazinha qualquer num subúrbio de Lima, mas não conhecia o Peru, tão ariscos, feito os bichos que ele tinha falado, como era mesmo? Machu Picchu, sempre teve vontade, devia ser lindo, insuportavelmente esotérico, você tem que estender a mão com cuidado dentro do silêncio, dentro do eterno, seria isso?, como se naquele breve encontro, raspão, fagulha, anzol, um farol que pisca daqui, outro que pisca de lá, fortes vibrações, respondendo ou não, houvesse um

código indecifrável, ameaçador, e mais poderoso que tudo então, varrendo todo o resto, a imagem do rapaz vestido de branco, encurralado na tarde contra a porta antiga de madeira escura, talvez carvalho, mogno, as punhaladas, depois, muito fundas, seriam sete?, manchando o linho branco, feito as rosas de sangue espalhadas no palco vazio, então os aplausos, cortinas fechadas, camarins, bastidores. Piscou. E tornou a olhar para ele.

— *A Morte* — disse. — Gosto mais da *Morte anunciada*. Lembrei agora. Incrível, tão claro. Como se fosse uma fotografia, Santiago Nasar parado na porta. E todos, menos ele, sabendo que vai morrer.

Ele deu um salto tão brusco que o braço do outro tremeu um pouco fazendo o cálice de vinho respingar algumas gotas sobre o veludo branco da calça, na altura da coxa. Como Santiago, o sangue do Santiago Nasar manchando o linho, pensou à toa.

— Santiago, então?

— Santiago, claro.

Parado na sua frente, solene, engraçado, o outro estendeu o braço com o pequeno livro na mão. Feito uma espada, para tocá-lo litúrgico no ombro direito. Como se sagra-se rei a um cavaleiro.

— Você vai se chamar Santiago. Tens que jurar fidelidade eterna a esse nome. Eu te batizo, Santiago, no meio da noite fria de julho. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo, amém.

— O quê?

Mas ele não ouviu. Colocou os livros sobre a capa do disco, que não conseguira ver direito, sem parar de falar:

— Pérsio, de agora em diante eu vou me chamar Pérsio. Sempre quis me chamar Pérsio. Lembra do Pérsio, aquele maluco dos *Premios*? O que olhava as estrelas no tombadilho, é assim que se diz? Tombadilho ou convés? Aquela coisa aberta dos navios. Ou popa, onde é a tal popa? Proa e popa, os navios têm tanta coisa. Comportas, escotilhas. Acho que era astrólogo, o Pérsio. Ou astrônomo, não sei, ou só pirado mesmo. Seja o que for, vou ter que falar de estrelas. O Pérsio entendia horrores de estrelas. — Caminhou até a janela aberta e olhou o céu. Um luminoso da Coca-Cola brilhou ao longe, vermelho, branco: “Beba”. — Só que não se veem nunca as estrelas nesta maldita cidade, senão começaria a falar já. Tudo bem, falo depois. Na sequência, quem sabe pinta? Afinal, vai ser uma longa noite. E é só uma criança, a noite ainda é uma criança. Você se chama Santiago, eu me chamo Pérsio. Santiago e Pérsio vão virar a noite nesta noite de inverno. Entendeu, Santiago?

— Não — o outro disse, sorrindo talvez de pura implicância. — Acho que não.

Ele voltou-se da janela. Abriu os braços, bateu forte as palmas das mãos contra as coxas, teatralmente desanimado:

— Como *não*, cara? Não tem o que entender. Tudo muito simples: a partir de agora você se chama Santiago e eu me chamo Pérsio. Certo, *Santiago*? Que que foi, não gosta do nome? É um nome *fantástico*, cara. Além do Nasar, que você gosta, tem o outro Santiago, o da *Catedral*, aquele jornalista com mania de pobre, filho de pai político e veado; é uma dupla homenagem. Como a Simone Clarice do Rubem Fonseca, naquela história, como era o nome, “Corações solitários”, era isso? Sem falar em Santiago do Chile, que Deus salve e guarde. Allende. Aff, uma tripla homenagem. — Vinha caminhando em direção ao sofá. — Que tripla que nada: quádrupla, *God!*, que palavrinha, *quá-dru-pla*. Tem ainda Santiago de Compostela, lembra da *Via Láctea*? Na Espanha, acho que na Espanha, será Galícia? — Parou bem na frente dele, sem sapatos, as meias berrantes listradas de azul, amarelo, uma bandeira sueca, quase tocando as pontas dos seus tênis muito brancos. — Mais ainda, muito, muito mais. Tem Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul, terra de macho, chê, quase fronteira com a Argentina, já ouviu falar? Pois tem, quer ver no mapa? Tive um amigo de lá, o Ruy, onde andaré o Ruy Krebs? — Deu um salto no ar, arregalando os olhos. — Impossível que você não goste desse nome, rapaz. É uma quín-tu-pla homenagem. E mais, tem mais, nossa, *séxtupla*: aquele Santiago pescador do Hemingway. Se procurar tem mais ainda. Santiagos não faltam.

Engraçada, aquela animação falsa. Ou meio louca. Es-ta-pa-fúr-dia, soletrou. Bebeu um gole de vinho. E sorriu sem jeito:

— Não, o nome eu gosto. Isso eu entendi. Tudo bem, o que não.

— Pérsio.

— Hein?

— Diga assim, dois-pontos-nova-linha-travessão: “Não, o nome eu gosto. Isso eu entendi. Tudo bem, *Pérsio*, o que não”.

Os olhos dos dois tornaram a se cruzar. Tão raro. Nas ruas, nos ônibus, nos elevadores. Você me reconhece? E por me reconhecer, tem medo? A peste de que nos acusam. E assustado. Baixou-os, baixavam quase sempre os olhos para os pés, as listras, azul, amarelo, sobre o bordô do tapete. O outro veio se curvando para ele, um dos joelhos apoiados no chão, num melodramático simulacro de súplica. Começou a rir:

— Que loucura.

— Diga, diga. Por favor, diga.

— Tá bom, eu digo. — Repetiu, tentando conter o riso. Afetado, escandindo bem as sílabas, num espanhol hesitante: — *No, el nombre me gusta. Listo yo he comprendido. Todo bien...*

Recomeçou a rir. Tão violentamente que colocou o cálice no tapete, ao lado do joelho do outro.

— Ah, diga. Diga, vamos: um, dois e.

— Tá bom, Pér... Pérsio.

— Que foi que você disse, Santiago?

— Pérsio. Eu disse: “Tá bom, PÉRSIO”.

O outro bateu palmas, rindo. Um gato no sol do meio-dia, rolando pelo tapete da sala enorme. As mãos cruzadas seguravam os joelhos bem na altura do esgarçado dos jeans, quase furados.

— Pérsio, você me chamou de Pérsio! — Esfregou as mãos. — Estamos apenas começando, e vamos muito bem. Já viu que nome lindo, cara? E não tem homenagem nenhuma. Ninguém se chama *Pérsio*.

Sacudiu a cabeça, fazendo que não, ainda rindo. Sentado no chão, as pernas cruzadas feito um iogue, o outro olhava para algum ponto da parede acima da cabeça dele.

— Só mesmo a própria Pérsia. Tapetes, gatos, aiatolás, Sorayas e que tais. Que nem se chama mais Pérsia, mas Irã, não é? Tenho uma amiga que quando falam no Irã ou no Nordeste, leva a mão ao coração, revira os olhos e diz assim: “Ai, meu Deus, o Irã! Ai, meu Deus, o Nordeste!”. Depois grita, puta: “Mas não tenho culpa se estou bebendo champanhe, porra!”.

— Olha, Pérsio, o que não entendi foi.

— Fala, Santiago.

— Foi o que isso tinha a ver com o que eu falei antes.

— Antes?

— É, o negócio de ser bailarino. E aquilo que você falou depois, de.

Parecia sério, embalando-se sobre os joelhos cruzados, numa imitação de surto catatônico. Para a frente, para trás. Os olhos fixos num ponto remoto da parede, bem acima da cabeça dele.

— Sei, sei. Qualquer coisa que ficar falando no que a gente podia ter sido não é bom. Dá uma sensação de... fracasso...

— Justamente. Em cima. De fracasso, amargura, frustração. Tipo Walter Hugo Khoury, nem pensar. Aí resolvi que nesta noite de inverno em que vamos virar a noite de sábado pelo avesso da noite de julho, ninguém vai falar no que podia ter sido e não foi. Simplesmente porque você não se chama João nem Paulo, assim como eu não me chamo Carlos nem Pedro. Você se chama Santiago, eu me chamo Pérsio. Além de evitar amarguras, é superpolitizado, você não vê? Adequadíssimo, perfeito. Mais do que, sei lá, Jean-Paul ou Vittorio ou Steeve ou

Wolfgang. Com um nome desses você pode virar a noite impunemente. Do champanhe à cachaça, dos Jardins ao Jeca, do Off à Terra de Marlboro. Sem culpa alguma, rapaz. Dois latino-americanos virando a noite pelo avesso da noite na noite da maior cidade da América do Sul. Cantarolou, desafinado: — *Vi-ve-mos-na-me-lhor-ci-da-de-dA-mé-ri-ca-do-Sul-dA-mé-ri-ca-do-Sul-ba-by-ba-by-há-quan-to-tem-po?* — Olhou direto para ele quando disse: — Há quanto tempo, não? Desde o ginásio. Desde Os Verdes Anos na província. Ah, *The Green Years*... Quem diria que. — Ergueu-se, manso, mão estendida para ele. — Como é que é, Santiago? Topas o nome que nos dei?

Tocou a mão estendida. Morna, boa. Como o rosto, um rosto que se eliminasse certos fios brancos nas têmporas, quase invisíveis, pouco mais que reflexos prateados quando a luz batia, e aquele vinco fundo no canto direito da boca, ah, essa mania de sorrir de lado, pensou com uma espécie de arrepio, gelo na nuca, a janela continuava aberta, mas não era frio, só um certo incerto frio vinha junto com outra coisa de muito longe, uma coisa clara mas meio perdida, e tinha um gramado inclinado, estranhamente inclinado, sol quase posto, cheiro de terra, queixo apoiado numa bola de futebol, uma bola de couro número cinco, tão raras, só no Natal, não eram assim como essas de hoje, quadriculadas de preto, um talo de grama entre os dentes, seria o mesmo, menos as espinhas de lá, menos o azulado da barba de dois dias daqui, gosto ácido açucarado na superfície da língua, a voz que então subia e descia, montanha-russa derrapando súbita entre graves e agudos incontroláveis, em mutação, superpostos a tarde, o céu, a grama, superpostas as mãos de pelos macios, apertando-se cordiais — sim, te reconheço tanto, tanto tempo, tanta coisa.

— E daí, Santiago? — ele repetiu. Visto assim, de baixo para cima, os olhos pareciam brilhar. Baços, claros. Talvez um pouco molhados. — Como é que é, você topa?

Ele apertou com força a mão do outro. Confirmou:

—Topo. Eu topo, sim. Claro que eu topo, Pérsio. — E percebeu que ele estremecia um pouco. Como se visse um pouco além de tudo aquilo? Soltou seus dedos quase bruscamente para esfregar as palmas das mãos nos braços nus. — Está com frio? Por que não veste uma coisa mais quente?

Em silêncio, Pérsio parecia olhar agora não mais acima de sua cabeça nem direto nos seus olhos. Mas através dele, para uma região tão insondável que já não era ele a quem olhava, e sim.

— Quer que eu feche a janela?

Sem esperar resposta, levantou-se sacudindo as pernas meio dormentes pelo vinho, pela umidade da chuva, pelo frio de julho, pelo tempo que ficara ali sentado, pelas histórias loucas

do outro. Teve que desviar-se dele, cheiro de maconha e cigarro e suor limpo e lençóis mornos, para caminhar até a janela. No escuro viu lá embaixo as cintilações dos faróis dos carros, anúncios luminosos, Minister, Melitta, Coca-Cola, fume, beba, compre, morra, suspensos no ar, flutuantes, naves espaciais, janelas iluminadas nos outros edifícios, luzes às vezes vermelho-quente, íntimas como as das boates, vago erotismo nas silhuetas mal desenhadas nos interiores alheios, beijavam-se talvez, acariciavam seios coxas dedos mergulhados em pelos umedecidos, atrás de cortinas gemiam baixinho entre plantas desidratadas, gemidos roucos de tenso prazer urbano, dezenas de metros abaixo as poças d'água no asfalto espelhavam o brilho artificial do neon. Pulsante, a noite de sábado refletida às avessas no meio da rua. Um grande mar escuro, alto-mar sem ondas sobre o qual tivessem — Deus, o capitão de um transatlântico, o piloto de um helicóptero — salpicado na superfície das águas gotas de tinta fosforescente. Fechou com cuidado os vidros. Junto com o ruído metálico dos dois puxadores de metal, penetrando um por dentro do outro, escutou o tilintar agudo do telefone.

A mão suspensa sobre a mesinha de tampo de vidro, em frente do sofá, Pérsio esperou que tocasse três vezes. Piscou irônico antes de atender:

— Lições Urbanas de Estratégia Telefônica, principalmente à noite e durante os fins de semana. Claro que tudo isso se você não tiver uma secretária eletrônica, o que *infelizmente* é o caso. Capítulo um: nunca atenda antes de deixar tocar pelo menos três vezes, para não demonstrar ansiedade. Que ninguém possa supor jamais que você vive plantado ao lado de um maldito telefone. Principalmente à noite e durante os fins de semana, claro. — Atendeu, entediado. — Alô? Eu. — Equilibrou o fone no ombro esquerdo, contra o queixo, procurou com a mão livre o maço de cigarros na mesa. Acendeu um. Tragou. — Tudo em cima, e você?

Parecia subitamente cansado, os cabelos claros muitos curtos, uma das pernas estendidas sobre o encosto do sofá, forçando para a frente, como numa barra, o pé em ponta numa aula de dança, na camiseta sem manga era David Bowie a figura, via agora, a barba por fazer. Distraídos, os olhos erravam à toa pelos quatro cantos. Na parede atrás do sofá Santiago viu então, pela primeira vez, a grande reprodução colorida e vertical de um quadro onde um homem beijava uma mulher. Podiam-se distinguir apenas os cabelos dele, muito pretos e crespos, com uma nesga do rosto moreno afundando na pele branca da mulher. Dela, via os olhos fechados numa expressão menos de prazer que de paz, pequeninas estrelas brancas e azuis emaranhadas no cabelo. E aquela chuva de ouro ao fundo, derramada também pelos longos mantos amarelos que vestiam, pisando flores miudinhas. Tão claro, tudo, mancha ofuscante de sol no meio da parede da sala branca.

— Hoje não — seca, a voz de Pérsio. Ou delicadamente irritada, evasiva. — Tenho um compromisso, posso não. É, um amigo. Muito tempo. Liga outra hora. Amanhã, depois. Se vê, a gente se vê. Tchau, outro. — Bateu o telefone, tragou fundo, soltando a fumaça pelas narinas. A cabeça erguida, acompanhou o olhar de Santiago até o quadro. — É o *beijo*, de Klimt. Trouxe de Paris, faz tempo. Tem muito por aí, só que esta é uma reprodução au-tên-ti-ca. Até que ponto uma reprodução pode ser *autêntica*? Ah, eis aqui uma *contradição intrínseca*. Sabia que atrás dele mora uma lagartixa? Uma lagartixa chique, atrás de uma reprodução francesa. Chiquíssima. Ainda se fosse um primitivo. Mas não, um clássico *nouveau*. *Nouveau* ou decô, qual a diferença? Não sei como foi parar lá, já viu uma lagartixa morando num décimo nono andar? Quer ver? — Sacudiu de leve um dos cantos do quadro. — Kay Kendall — chamou. — Kay Kendall, meu bem, onde está você?

De um dos cantos superiores do quadro surgiu uma pequena lagartixa de longa cauda nervosa. Vacilou por um segundo na parede, indecisa em sentir-se ameaçada, depois subiu veloz em direção ao teto e desapareceu entre rebuscados arabescos de gesso. Santiago imaginou a pele gelada, viscosa. Cauda cortada retorcendo-se como se tivesse vida própria. Nasceria outra, depois, bífida. Desviou os olhos:

— Não gosto de lagartixas.

— Mas a Kay é inteiramente inofensiva. E tão *ecológica*. Deixo ela aí, à vontade. Dizem que dá sorte. Tem gente que chama de *salamandra*. Me disseram que são os duendes do fogo, as salamandras. Não é lindo sa-la-man-dra? E eu sempre penso na Teiniaguá, lembra da Teiniaguá? A princesa moura encantada em forma de salamandra, uma pedra preciosa no lugar da cabeça. Depois penso também que a Kay Kendall pode muito bem ser uma princesa encantada. Fazendo companhia a um príncipe encantado também, por que não? — Apagou com força o cigarro. Esfregou a palma da mão na barba crescida. — Tenho um amigo que diz: “Ultimamente tenho me deitado com príncipes e acordado com sapos...”

Santiago baixou os olhos.

— Você parece cansado.

— Cansado, eu? Imagina, sou inesgotável. Uma verdadeira Fonte Alternativa de Energia. Passei a tarde inteira deitado queimando fumo, vendo televisão, cheirando umas, batendo punheta. Tenho fantasias cada vez mais *singelas & eficientes*. Esse frio, essa umidade, essa chuva, essa.

— Se você não quiser sair, não se preocupe.

— Que que é isso, menino? Já não te disse que vamos virar a noite? Não me ouviu descartar agora há pouco mais uma succulenta FF? — Imitou, a voz melosa: — Oi-tudo-bem-

e-aí-tô-ligando-para-saber-se-você-vai-fazer-alguma-coisa-hoje-à-noite. Como se a gente tivesse *obrigação* de fazer alguma coisa toda noite. Só porque é sábado. Essa obsessão urbanoide de aliviar a neurose a qualquer preço nos fins de semana, pode? Tenho vontade de dizer nada, não vou fazer absolutamente nada. Só talvez, mais tarde, se estiver de saco muito cheio, tentar o suicídio com uma-dose-excessiva-de-barbitúricos, uma navalha, um bom bujão de gás ou algo assim. Se você quiser me salvar, esteja a gosto, coração. *God!* Um dia acabo mesmo dizendo, porra. — Acendeu outro cigarro. — Cansado nada. Só um pouco. Histérico, acho que estou meio *histérico*, não estou? Você deve estar me achando completamente louco. Cabeça a mil, garoto. Aí começo a falar e não paro mais. — Ergueu lentamente os ombros, depois soltou-os, com um gemido. — Olha, vou tomar uma boa chuveirada, fazer uma bela barba. Aí te mostro a minha outra face, que você ainda não viu. Uma face limpa, barbeada, saudável, equilibrada, gentil, simpática, madura & razoável. Cheirando a sabonete Phebo, creme de barbear Bozzano, pinho silvestre e carradas de *santas intenções*. Então a gente sai. Você está com fome?

— Um pouco — disse Santiago. — Nada de grave.

— Nunca, nada de grave. Nada-de-grave é ótimo. Fica aí, eu volto já. — Antes de entrar, ainda ergueu os olhos para o alto da parede, chamando em voz baixa:

— Kay Kendall, onde está você? Pode voltar, gatinha. Não ouviu o moço? Nada de grave no pedaço.

Vinda de dentro, Santiago ouviu a voz dele, batendo portas, fica à vontade, sabe mexer no som? põe um som aí, tem jazz, porradas de jazz, que tal uma boa e velha Billie pra dar o clima noturno? tem um rock também, uns berros de Nina Hagen? ligando a televisão no quarto, a música familiar, irritante e estridente do *Jornal Nacional* derramou-se pelo corredor para invadir a sala, umas revistas malucas aqui no quarto, gosta de sacanagem forte? muito *fist-fucking*, cada posição, menino, nem te conto, *Kama-Sutra é Imitação de Cristo*, perde, fica à vontade, quer ver? ai, meu Deus, o Irã, o Nordeste, odeio ficar bem informado, se quiser mais vinho vai até a cozinha, te serve, tem branco também, branco e tinto, rosé não é vinho, tem queijo em cima da mesa, a casa é sua, olha, se estiver a fim de queimar uma coisa tá na latinha, na cabeceira, tem umas revistas antigas de cinema, um sarro, a tia Clara eu bato depois, quer dar uma conferida nas baixarias de hoje do nosso querido planetinha ou prefere ouvir Mozart?

Santiago gritou que não, que não queria, que tudo bem, que não se preocupasse. A musiquinha diminuiu, desapareceu num clique seco. Depois uma gaveta fechada, um ruído de

porta, a água caindo do chuveiro, a voz agora em falsete imitando Ângela Maria num bolero qualquer. Através da água uma voz gemida, desafinada, cortante.

Sozinho, rodou por alguns momentos desorientado na sala subitamente esvaziada. Olhou em volta, o sofá, o quadro, a mesinha, a estante despencando de livros e discos, o tapete bordô, algumas almofadas. Remexeu nos discos sem vontade, Caetano, Gal, Duke Ellington, Armstrong, Stan Getz, Thelonious Monk, Marina, acariciou a capa de um Erik Satie, Silvia Telles, continuou mexendo, João Gilberto, Ray Charles, Dinah Washington, Elis, várias Elis, Dulce Veiga, Nina Simone, Ângela Rô-Rô, obras completas, um velho Mutantes, um Sérgio Sampaio, *fui internado ontem*, lembrou, um Brahms. Deteve-se na capa conhecida, azul-desbotado, rosto branco, olhos fechados como uma máscara mortuária. Colocou-o no prato, sobre o outro, o do *bandoneón*, Piazzolla e Gerry Mulligan, conferiu, apertou o botão. No exato momento em que a música começou a brotar das caixas, olhou para a parede atrás do sofá e viu a lagartixa descendo rápida de um orifício no gesso.

— Kay Kendall — chamou baixinho —, nada de grave, gatinha. — E cantarolou lento, junto com a voz rouca de Billie Holiday: — *I'm a fool to want you, I'm a fool to hold you.*

Inesperadamente pacífico, ou com o gosto de outra paz antiga, o blues trazia uma vontade de deitar-se no chão ao comprido, sobre almofadas, para olhar detidamente o teto, suas tênues rachaduras, rios num mapa, as cintilações dos anúncios luminosos através das vidraças fechadas, alguma coisa dura nos ombros se soltava, talvez acenderia um cigarro, se fumasse apagaria as luzes, bebendo lento o vinho. Apanhou o cálice quase vazio junto ao sofá, e penetrou pelo corredor de paredes também brancas, tão estreito e alto que sentiu uma espécie de vertigem. O longo canal do útero à vagina, deve ser fome, pensou, e entrou na cozinha aberta, iluminada no final do corredor. Do banheiro, a voz de Pérsio chegava agora misturada à de Billie, em meio a gritos e ruídos, água, corpo, sabonete. Pegou a garrafa, encheu o copo enquanto cortava uma lasca de queijo. A cozinha de azulejos limpos, a cesta de maçãs vermelhas. Foi quando voltava, sem planejar, vontade apenas de chegar novamente à sala para estender-se sobre as almofadas, descalçando os tênis, talvez porque a porta estivesse também aberta, a luz do abajur acesa como um convite, ou por algum tipo de esquisita vibração, custou a achar o nome, mas repetiu, uma esquisita vibração de intimidade, por curiosidade pura, limpa, sem inscrição nenhuma, diria, se lhe pedissem explicações mais tarde, mas ninguém pediria, ninguém saberia, por razões ainda mais simples, se houvesse razões, porque simplesmente, finalmente, naturalmente a porta estava aberta e ele parado ali, na entrada do quarto de Pérsio, por uma coincidência de tempo, de geografia, de cir-cuns-tân-ci-a, justificou. Instante rápido: ele ali parado e a voz rouca de Billie repetindo qualquer coisa

melancólica como *it's a pleasure to be sad*. Instante em que ele poderia perfeitamente ter continuado a caminhar em direção a.

Quando deu por si estava dentro do quarto.

Era grande, alto, branco. Como a sala. Não havia muito para ver, nem muita coisa. Nada excepcional capaz de atraí-lo assim, hipnótico, para dentro. Mas como um ímã, magnetizado, parou à beira da cama desarrumada e olhou em volta. A escrivaninha cheia de livros, laudas de jornal, programas de teatro, revistas, xícara vazia, garrafa térmica amarela, par de óculos de armação pesada. Contra um fundo lilás, pôster com uma fotografia em sépia de Sarah Bernhardt, entre a escrivaninha e as cortinas fechadas, espessas, até o chão. O armário embutido de portas azul-marinho levemente entreabertas deixando ver qualquer coisa verde-brilhante, talvez um blusão de náilon. E a cama, então. Lençóis brancos, travesseiros amassados, o cobertor listrado de verde e vermelho, meio dobrado, um cinzeiro cheio de pontas equilibrado entre as dobras. Ao lado a mesinha de cabeceira, o relógio digital marcando dois mil e trinta, vinte horas e trinta minutos, corrigiu, maço de cigarros amassado, Hollywood, leu, o abajur aceso, uma caneta de tampa mordiscada, bloco de papel, a caixinha de metal cheia de fumo, a espátula verde-translúcido, marinha, algas, ilhas, o corpo nu de uma mulher de seios empinados, braços erguidos acima da cabeça, segurando uma lupa redonda, marcava a página aberta de um livro com algumas frases sublinhadas. Curvou-se para ler, de repente, assim:

— *Dançarás!* — disse o anjo. — *Dançarás com teus sapatos vermelhos, até estares pálida e fria, até tua pele enrugar-se como a de um cadáver. Dançarás de porta em porta, e onde morem crianças soberbas, vaidosas, baterás à porta, para que te ouçam e tenham pavor de ti! Dançarás, dançarás sempre...*

— *Misericórdia!* — implorou Karen.

Mas não ouviu o que o anjo respondeu, pois os sapatos já a levavam, através do portão, aos campos, cruzando caminhos e atalhos, fazendo-a dançar continuamente, sem interrupção.

Fechou o livro. E viu a capa branca: contos de Andersen. A princesinha deitada sobre dezenas de colchões, o grão de ervilha sob o último, lembrou, princesa encantada, Kay Kendall, acordar com sapos, Teiniaguá. Teve um pequeno tremor, como se fizesse algo proibido e pudessem surpreendê-lo assim, vampiro de intimidades. Bebeu um gole de vinho. Talvez na noite anterior, ou à tarde, nu entre os lençóis, janelas fechadas, o ruído distante dos

automóveis, na rua, coados pelas cortinas cerradas. O cheiro áspero das pontas de cigarros amassadas no cinzeiro. Desviou os olhos, desviava muito os olhos, calor no rosto, sentia sempre calor no rosto, para as duas pilhas de revistas em cima da televisão desligada, aos pés da cama.

Só ao se aproximar viu o desenho: um homem jovem inteiramente nu, a não ser pelos tênis e as meias, deitado de bruços na grama, olhos fechados, boca entreaberta, passivo, deliciado, possuído pelo leão entre suas coxas, a língua do animal penetrando fundo numa das orelhas. *Animals love maneaters*, leu, uma sensação de proibido. Na memória, um professor bateu com estrondo um livro no tampo de sua mesa, porque esta i-mo-ra-li-da-de, Carlos Zéfiro, Suzana Flag, Adelaide Carraro. Virou as páginas furtivo, outro homem deitado de costas, a camiseta erguida roçando os mamilos rijos cercados de pelos dourados, coxas abertas entre almofadas marroquinas, densos interiores, a glande redonda, rosada, um figo aberto na extremidade mais polpuda, meio invisível, perdido entre sombras, pentelhos, músculos, tudo num tom avermelhado de febre, igual ao do interior das janelas nos outros edifícios, atrás dos quais alguém insinuava lentamente as pontas hábeis dos dedos por entre botões desabotoados da camisa de outro, outra quem sabe, a leve carícia, e o negro em pé, de costas, apoiado na poltrona de couro, bunda voltada para ele, a bunda dura, negra, musculosa, uma bunda de homem com um pequeno triângulo de pelos negros encaracolados antes da divisão macia das nádegas por onde se penetraria aos poucos, primeiro o dedo umedecido descobrindo caminhos, depois talvez a língua móvel, ágil, despertando o prazer em convulsões miudinhas, gemidos abafados, as pernas abertas, a voz de Billie vinda da sala embalava os dois rapazes nus, misturados em meio aos lençóis de cetim, o rosto erguido para a câmera de um, em direção à luz, o rosto do outro mergulhado nos cabelos do peito, como o quadro na sala, os músculos tocando-se tensos, luz azulada sobre os dois, estrelas emaranhadas nas peles, nas carnes matas cerradas, pântanos de estranho perfume, o grande pau em ereção, a glande de curvas suaves, ponta de foguete enristado em direção à luz, talvez Saturno, um lento blues ao fundo, imaginou, roupas jogadas em desordem pelo chão, misturadas, como os corpos, calças brancas de um, camiseta vermelha de outro, cálice de vinho virado sobre o tapete bordô, um cinzeiro cheio, alguma cinza no chão, dessas que se apanham com o indicador molhado para depositar novamente no cinzeiro, o vinho misturado à cor do tapete, tinto sobre tinto, poça onde se refletiriam não os edifícios, mas esquisitas luzes íntimas, chama de isqueiro, brilho de olho, de ouro, reflexo de neon nos dentes, ânsias, tesões, sensualidades, par de tênis e meias brancas jogados ao acaso, brilhando no escuro fosforescentes, cristal do cálice, ruído de zíper, peles nuas, cheiro espesso de suor limpo, almíscar, quando o suor mal começa a vencer

os perfumes, diluindo colônias, sucos, cruas secreções com seu odor de carne livre de roupas, os números do relógio digital vermelhos destacados no escuro, e o lento blues, um choque de dentes, unha rasgando as costas, uma mão meticulosa acompanhando devagar o desenho preciso dos pelos no ventre, um gemido baixinho, a carne do pescoço levemente ferida pelos dentes, roxo indisfarçável na manhã seguinte, óculos escuros, mas antes, bem antes, o peso quente de outro corpo, os cheiros guardados secretos sob as axilas, no vértice do queixo, curva da virilha, onde termina a pele lisa e começam os pentelhos, a um passo do poço fundo da orelha onde a língua se perde para descobrir gostos longínquos, desconhecidos, os dedos dos pés separados, intimidades, fronteiras, acariciando o outro pé, o pé do outro, dois membros duros, luta de espadas, calor, quarenta graus, pressão pulsante na barriga um segundo antes. Tocou o próprio pau endurecido contra a calça. E ouviu a voz rouca de Pérsio, do meio da água, num grito, no banheiro:

— Vira o disco. Esse é ótimo.

Apanhou rápido uma das revistas da pilha ao lado e saiu do quarto. Na sala excessivamente clara, um pouco tonto, entre dois goles de vinho, folheou à toa as páginas amareladas, como não tivesse ouvido, como não tivesse culpa, estendido nas almofadas, rindo sozinho, divertido demais, enquanto enumerava os nomes, as fotos, Donna Reed, Yvonne de Carlo, Dorothy Malone, Rhonda Fleming, Mamie van Doren, Arlene Dahl, e então, de entre as páginas caiu sobre o tapete o cartão-postal. Antes de virá-lo para ler viu um céu todo manchado de roxo e laranja, um laranja mais claro em cima, adensando-se em nuvens de um lilás cada vez mais pesado, até desabarem no horizonte realçando o contorno dos edifícios com luzes esparsas, a torre Eiffel ao fundo. *Paris La Nuit*, leu. Virou o cartão, a tinta preta, a letra firme:

Paris, 5 de abril

Já começou a esquentar, eu penso em você. A cidade está linda. O inverno guardado nos ossos vai indo embora aos poucos. Como um degelo, por dentro. Me dá notícias. Se encontrar um daqueles telefones, ligo qualquer noite. Você vem mesmo em julho? Sinto saudade, ando meio só. Um beijo, cem beijos, teu J.

Fechou a revista, o cartão dentro. E ficou olhando na capa os olhos profundos de Lana Turner. Levantou-se para virar o disco. Aproveitou que estava em pé para entreabrir as duas folhas de vidro da janela. Um vento quase gelado bateu em sua testa. Ao recuar, viu o próprio

rosto misturado às luzes da cidade, corado como o de um garoto surpreendido em meio a um ato obscuro. Caminhou até a mesa, acendeu um cigarro. Teve medo de sentir náuseas. Fazia tanto tempo. Mas a fumaça subiu pelas narinas apaziguante, alcançando o cérebro, agradável. Gosto meio áspero misturado ao espesso do vinho sobre a língua, reconfortante como um chá, uma mão no ombro, uma palavra de carinho, um blues, uma punheta. Santiago suspirou, atento a alguma coisa crispada nos ombros soltando-se, desaparecendo.

Então o telefone tocou outra vez, e duas vezes, enquanto ele esperava que Pêrsio gritasse qualquer coisa como atende aí, ou deixa tocar. Atendeu.

— Ele está tomando banho — disse. — Quem quer falar?

— É o Paulinho. Diga a ele que é o Paulinho.

Chamou Pêrsio, o fone nas mãos, meio confuso. O outro emergiu do corredor enrolado numa toalha branca, cabelos molhados, cara coberta de espuma, um pincel de barba na mão.

— Paulinho? — cumprimentou. — Olha, eu estou no meio de um banho. Você pode ligar depois? Daqui a pouco, sei lá. Dez minutos, 15. Me dá um tempo, estou todo ensaboado.

Bonito, Santiago pensou, era um homem bonito de ver, bem desenhado, de ficar olhando para ele, Pêrsio, pincel de barba numa das mãos, telefone na outra. E olhou devagar e detalhado o peito nu sem barriga, a espuma branca do rosto escorrendo num fio entre os mamilos, em direção aos pelos espessos em volta do umbigo.

— Tchau então. Até já. — Pêrsio desligou. Para ver Santiago estranhamente ruborizado no meio da sala, copo de vinho numa das mãos, cigarro na outra, muito moço, vagamente familiar. Como um vizinho que mal se vê, um colega de trabalho em outro andar, vestido de branco e cinza, sólido, ao mesmo tempo frágil jeito nas mãos, parado ali a olhar para ele. Sorriu mecânico, sem vontade, sem nada para dizer, que praticamente não o conhecia, e no entanto era por ele, de certa forma era para ele que tomava banho, afugentando os fantasmas do sábado à tarde. Teve uma espécie de frio. Ou medo, desconforto. Premonição, pode ser.

— Está gostando da Billie?

— Perfeito, é realmente *perfeito* para um sábado à noite.

Pêrsio entrou pelo corredor, fechou a porta e examinou o rosto no espelho embaçado do banheiro. Tão embaçado que precisou limpá-lo devagar com uma toalha. Feito nuvem, a camada fina de vapor dissolveu-se para revelar olhos muito claros, pupilas um pouco dilatadas. Estou com olheiras, pensou. Largou o pincel na pia, bateu leve com os dois indicadores sob os olhos, depois nas faces, cada vez mais forte, até ficarem coradas como as de Santiago parado na sala, jeito frágil nas mãos.

O banheiro nublado pelo vapor do chuveiro morno. Como a sauna onde mal divisava as formas do outro, diluídos naquela neblina, chegando muito perto, subindo os olhos pelo peito largo coberto de crespos pelos negros reluzentes de suor, depois o pescoço forte, taurino, nascendo reto dos maxilares, uma massa escura de cabelos pretos empastados e os olhos pretos também olhando atentos, vindos de longe, de muito longe, tanto que não conseguiria precisar quando, nem onde, nem quanto, em que lugar, em que tempo, de que jeito, com que intenção escondida. Identificou-se aos poucos, hesitante tateava aqui, ali, na sombra. Para não errar, tateava. Não errava, que eram eles mesmos, embora de muitas formas talvez já não fossem iguais — os anos, a distância, a cidade, os caminhos. Pérsio suspirou paciente, deixando os olhos vararem pelos outros homens nus dispostos feito estátuas nos bancos de azulejos, entre o vapor um músculo mais nítido, relance, coxa, braço, bunda, reconhecendo também, mas há quanto tempo, o que é que você faz aqui. Logo depois, sentindo-se um pouco idiota, o que é que um cara podia fazer num lugar daqueles senão procurar outro homem? Mas resguardaram ambos um clima talvez de antiga intimidade, mesmo que para isso precisassem renunciar tacitamente a todas as outras possibilidades expostas, machos na caça, vagamente nítidas na névoa. Que não seria o caso, porque era sábado — como hoje, só que antes —, porque praticamente mal se conheciam, e o que um pudesse pensar do outro pouco ou nada importava, tantas esquinas na cidade, caminhos diversos, descruzados, por delicadeza, por atenção gratuita, involuntária, natural, jogada um sobre o outro. Pérsio, Santiago — sem nome, pagãos.

E de repente estavam sentados juntos à beira da piscina de jatos quentes, bebendo cerveja civilizados, lembrando coisas sem tocar no assunto, você também, procuras, como se fosse inteiramente por acaso, veja só, um lugar como outro qualquer, cruzamento de duas avenidas centrais, no fim da tarde elevador repleto ou sala de espera de um cinema, sessão anônima de domingo. De repente viu-se convidando sem planejar, por que você não aparece em casa uma noite dessas, fim de semana, a gente podia sair, jantar, dar uma olhada na noite. E de repente apressado, estava no vestiário, estendia um cartão, um número, um nome. Era bonito o outro que ainda não era Santiago, se espiasse com cuidado por baixo dos cabelos pretos molhados, emaranhados, se desbastasse traço a traço aquele ar solícito e espantado até quem sabe algum atrevimento, coisas assim, promessas, mas não ousava. Sairia então pela noite levando uma sensação esquisita, quase nova, dentro do peito, essa armadilha de que não gostava, o passado abrindo súbito seu baú mofado para trazer de volta fantasmas esquecidos, que não era, como supunha, um desconhecido na grande cidade, embora dando a partida no carro, arrancando brusco, ligando o rádio numa FM qualquer para ouvir Guilherme Arantes, *o som ligado bem*

alto, ou qualquer um deles, *cada vez que o mundo diz: não*, não importava, pudesse imaginar que na próxima volta da próxima esquina e outra mais e ainda mais uma, ninguém o reconheceria.

Ninguém o reconheceria assim, a cara coberta de espuma dentro do banheiro embaçado, teve certeza, músculos mais soltos depois da ducha morna. Vinha de longe a cara do outro, com suas sobrancelhas espessas unidas sobre o nariz curto, vinha de coisas e tempos que gostaria de deixar talvez completamente para trás, tão distantes e empoeirados que não conseguiria ver-lhes direito as faces, mesmo depois de afastar meticuloso a poeira acumulada durante anos e anos de quedas e voos.

Vertical, a gilete cortou a face. Um fio fino de sangue espalhou-se no branco da espuma, tinta vermelha em mata-borrão. Caralho, resmungou. E ouviu da sala que Santiago substituíra Billie Holiday por um velho James Taylor. Subitamente então, tentando estancar o sangue, pensou que era muito tarde. Entre os dois, não haveria volta? Qualquer coisa que ainda não compreendia, que não era exatamente essa. Nem assim. De alguma maneira só restava a ele, Santiago, dar prosseguimento àquilo que começara talvez antes do sábado anterior, tortuosamente, à revelia deles, numa tarde qualquer havia muitos anos — ah, *The Green Years*, repetiu, era como num filme, sessão da madrugada —, num gramado, como uma sina, estranhamente inclinado, numa cidade do interior em que teriam sido os únicos, mesmo sem dizer, mesmo que eles próprios não soubessem ainda o que já sabiam sem sequer saber o nome, criava uma espécie de pacto mudo, sinuosa cumplicidade prosseguindo agora — fatalidades? E, no entanto, o sangue estancava junto com a letra da velha canção, *you just call out my name*, tudo era tão bonito e tão antigo, *and you know wherever I am*, gostava dele assim, meio pesado, *I'll come running to see you again*, vacilando entre as emoções, *winter spring summer or fall*, gostava como se gosta de si mesmo, *all you have to do is call*, ou o que ficou de si, *and I'll be there*, no passado, *you've got a friend*, cantou junto: um pedaço que se imagina para sempre perdido. Até que um dia, como nas histórias inventadas, como se quisesse abraçá-lo para confirmar-se, como se pudesse abraçar-se para confirmá-lo. Do meio da neblina emergia o rosto do outro, desculpa, não leva a mal, mas você não é? Era, ou tinha sido, ou poderia voltar a ser, e isso teria quem sabe um gosto bom de mel, se pudesse estancar definitivamente o sangue, merda, se soubesse dividir a noite, se quisesse, como dizer, como dizer?, a questão era sempre *como* e não *o que*, sim, espelhar-se? sim, re-per-cu-tir-se, sim, qualquer coisa dessas, refletida, por isso mais amena, mais suportável, menos maldita, compartilhada, cúmplice. E queria, pelo menos agora, queria limpo, queria instintivo, bicho que busca proteção, enquanto não era determinado um Pérsio furiosamente independente numa

cidade para sempre sem estrelas, rechaçando convites telefônicos, mas apenas um homem sozinho raspando apático a espuma de um dos lados da cara, enquanto na torneira aberta deixava escorrer do barbeador os tufo de pelos negros diluídos no branco da espuma, desaparecendo no ralo da pia.

— Santiago — chamou, abrindo a porta. — Você pode me alcançar. — Mas não havia nada que o outro pudesse alcançar. No entanto, já estava ali, que bastava chamá-lo, na porta do banheiro, o vapor embaçando os óculos, o cálice de vinho. Pérsio virou a colônia na palma da mão, depois bebeu do copo do outro. Um gole grande, sem pedir licença. Esfregou as faces. Sorriu constrangido. — Nada, não é nada. Eu esqueci que.

Santiago não parecia pedir nem esperar explicação alguma. Então ele atravessou o corredor, desviando-se um pouco do corpo largo do outro que atrapalhava a passagem — que atrapalhava a passagem, repetiu —, entrou no quarto, jogou a toalha molhada em cima da cama, entre os lençóis, o cinzeiro cheio, abriu a porta do guarda-roupa e pediu:

— Você me alcança o cigarro que ficou na sala?

Completamente nu, olhou o guarda-roupa. Como um desânimo, vontade de dizer rápido qualquer coisa como olha, você me desculpa, mas estou mesmo muito cansado, fica para outro dia, para outra noite, outro tempo, outra vida. Depois que o outro partisse, sem ao menos abrir a janela para que o ar circulasse um pouco no interior viciado de fumaça, sono e solidão, sem esvaziar o cinzeiro nem arrumar a cama, apagar a luz, ligar a televisão, névoa colorida, intermitente, mergulhar entre lençóis ainda quentes, cheiro de corpo e porra seca guardado nas dobras, mergulhar de cabeça na penumbra colorida, no escuro amarfanhado de dentro, e nunca mais outra vez. Olhou a caixinha aberta na mesa de cabeceira, fecharia mais um, talvez bebesse também um copo de vinho, ou dois, ou três, havia ainda alguns comprimidos cor-de-rosa no armário do banheiro, Elis, lembrou, uísque, Dietil, Dienpax, altos, baixos, morrer de amor não dado. Depois a noite avançaria flácida, lenta como se o tempo tivesse cessado, os membros gordurosos da noite e sua molhada boca negra sem dentes envolvendo seus membros num abraço pegajoso, puta gorda, porca irresistível, que teria quem sabe vontade de chorar mais tarde, ou telefonar para alguém a quem pudesse queixar-se longamente choroso, drogado, pedinte, saciado de punhetas secas até dormir sem sentir, sem parar de falar, sem desligar o telefone. Mais fácil, mais confortável deixar a dormência conhecida começar devagarinho a escalar as pernas, pelos dedos dos pés, como sempre começava, subindo pelas coxas para atingir a cabeça que rodaria ainda alguns momentos, perdida entre imagens içadas do inconsciente, tontos anzóis, súbitas vozes, contornos difusos dos objetos, presenças ausentes, antes de afundar confusa, dolorida, no travesseiro onde identificaria, um segundo antes de cair

no poço, o cheiro de seus próprios cabelos, xampu de babosa, guardado desde a tarde ou a noite anterior, não voltaria.

Demasiado, demasiado esforço. Imaginou a cidade lá fora, com gentes falando sempre alto demais, sem parar, entrando e saindo de lugares, bebendo, comendo coisas, pagando contas, dançando alucinadas, querendo ser felizes antes da segunda-feira: urgente. Apertou o rosto contra o travesseiro. Mas Santiago o tocava de leve no ombro com o maço de cigarros:

— Está se sentindo mal? Já disse que se você não quiser sair.

Pérsio ergueu-se rápido, acendeu um cigarro. Recomeçou, elétrico, a mexer no guarda-roupa:

— Branco? Branco é bom, brilha na luz negra, afasta as más vibrações. Só que as más vibrações desta cidade, *God!* Nem todo o sal grosso, nem toda a arruda do mundo dariam jeito. Mas não, você também está de branco. Tipo par de vasos, é péssimo. — Embolou a calça branca, jogou-a sobre a cama. Encostado à porta aberta, uma velha *Cinelândia* nas mãos, Santiago olhava para ele sem dizer nada. — Amarelo, então. Porque hoje é sábado, porque hoje é dia de Oxum. — Saudou, a mão direita com o indicador mais alto erguida para o teto: — *Ora ye ye ô!* Mas estou meio abatido, não estou? *God!*, umas olheiras até o queixo. Quem sabe vermelho. Realça, joga pra cima. — Enfiou a blusa larga, depois começou a enfiar os mesmos jeans quase brancos de tão velhos. — Sem muita produção, melhor: Um Certo Ar Esportivo de Saudável Juventude um Tanto Gasta. E sem cuecas: liberdade para os países baixos! Você ainda usa cuecas?

Que bastaria talvez estender a mão. Acariciar primeiro, colando o corpo. Mas não era assim.

— Uso — disse Santiago. E estendeu a revista para colocá-la em cima da televisão.

Foi quando Pérsio recuou para poder ver-se de corpo inteiro no espelho que esbarrou na mão dele e a revista caiu no chão. O cartão-postal escorregou de dentro. Pérsio curvou-se para apanhá-lo. Leu, em voz alta:

— *Paris La Nuit*. — Estalou os lábios. — *Um beijo, cem beijos*.

— Eu li sem querer — explicou Santiago. — Caiu de dentro.

— Tudo bem, não tem importância. Quer saber quem é J? — Releu o cartão, rapidamente. — Tem alguma referência ao sexo do remetente? Não, não tem. Então eu poderia dizer que se chama. Digamos, Janice? Ou Juçara, tão tropical. Ou Jennifer, melhor Jeanne, já que veio da França. E ninguém poderia provar jamais absolutamente nada. — Apanhou o cinzeiro no meio dos lençóis, bateu o cigarro com força, depois colocou-o sobre o cartão, em cima da pilha de revistas, sobre o busto de Lana Turner. — Mas não vou mentir: é homem mesmo. Tenho cara

de receber cartões amorosos de mulheres? J, teu J. Não é *misterioso*? O que te parece? Poderia ser Jorge ou José, na linha trivial com fritas. Se você prefere um sabor estrangeiro, bem, Juan, Jean, John. Qualquer coisa assim, que tal? Tanto faz. Um cara aí, que importa? Que importam os cartões ou todas as cartas de amor do mundo? Se eu ia mesmo em julho. Bem, você vê, julho está nas portas e eu não fui. Você está me vendo aqui onde estou? Tanto quanto estou me vendo ali no espelho? Pois é, eu *não* estou em Paris.

Santiago ia dizer qualquer coisa quando o telefone começou a tocar novamente. Fez um movimento para atender, mas Pársio o deteve.

— Deixa tocar. Deve ser o Paulinho de novo. *God!*, as pessoas não têm nem QI nem complexo de rejeição nem componentes paranoides suficientes para desconfiarem que quando você diz me liga daqui a dez minutos quase sempre significa não liga mais, não quero falar com você.

Escutaram o telefone tocar, contando as chamadas até oito. Quando cessaram, Pársio riu:

— Bem, agora está mais do que claro. Se eu realmente estava no banho não poderia me vestir e sair em dez minutos. Eles *contam* no relógio. Exatinho, minuto por minuto. Ou fumam dois cigarros, um cigarro dura uns cinco minutos. E se eu pedi que telefonasse é porque esperaria. E se não esperei é porque. Pelo menos é assim que uma mente *normal* funciona. Ou deveria funcionar. — Deu uma última tragada no cigarro, esmagou a ponta no cinzeiro, em cima do cartão. Olhou para Santiago, irônico. — O que você achou deste *número*?

— O quê?

— Ora, esse do Telefone que Toca Insistentemente. Você deve estar impressionado, não está? Tantas so-li-ci-ta-çõ-es. O jovem crítico de teatro tão *disputado*.

Santiago riu sem vontade.

— É que pedi a um amigo meu que telefonasse de 15 em 15 minutos. Para *impressionar* você. — Começou a calçar os tênis. — Tudo estudadíssimo, cara. Para você não supor que nunca acontece nada na minha vida. Esta é a primeira vez que você vem aqui, preciso passar uma imagem ultradinâmica, hiperjovem & supermovimentada. Para que você pense, nossa, mas ele é um verdadeiro *vendaval* de atividade & sedução. Dez mil encontros, dez mil pessoas querendo vê-lo. Ansiosamente. Homens, homens, homens, reparou quantos homens? Até o do cartão-postal, *special guest star* a distância. Você acha que deixei a revista bem em cima da pilha por mero *acaso*?

Santiago encolheu os ombros:

— Se você quer que eu acredite nisso, está bem. Eu acredito. Na minha cabeça a sua imagem está se tornando a cada minuto mais. — Ia dizer *sedutora*, mas interrompeu-se,

inibido. Quis dizer *atraente*, mas também não conseguiu. Não conseguia acompanhar aquele ritmo acelerado, sarcástico, teatral. E se tentava, voltava então aquele nó crispado nos ombros. Porque não era preciso, embora. Não se trata de um duelo, pensou. E foi isso que finalmente disse, olhando direto nos olhos de Pérsio: — Não quero pensar nada de você. Não se trata de um duelo.

Ele tinha terminado de se vestir. A blusa vermelha, os jeans muito gastos, os tênis um pouco sujos. Passava a mão pelos cabelos quase raspados, para eriçá-los ainda mais.

— Eu sei — suspirou. E mais sereno: — Também acho que não. É que. Não sei, estou mesmo meio *histérico*, não estou? — Aproximou-se para tocá-lo, a ponta do dedo no ombro. Cheirava a sabonete, loção de barba, Eau Sauvage. — Tudo bem, está tudo bem. Agora vamos organizar a saída, onde fica a saída? Você desliga o som na sala enquanto eu faço uma produção rápida, por aqui, então a gente sai, certo?

Tão próximo que Santiago hesitou. E se? Mas quando deu por si batiam-se os dois estonteados numa onda nervosa de movimento, apagavam luzes, fechavam portas e janelas, esvaziavam cinzeiros. As luzes da cidade brilhavam através da cortina da sala, viu antes de saírem. De repente estavam com os casacos nas mãos, parados em frente à porta que Pérsio fechava dentro de um corredor que a luz amarela no teto fazia parecer ainda mais alto, cinza e frio. Apertaram o botão do elevador. O topo da cabeça encostado no pequeno orifício da porta, Pérsio podia sentir o vento lambendo seus cabelos ainda molhados. Quando o elevador parou e a porta abriu, à luz amarelada do teto que se misturava àquela outra mais dura, vinda de dentro das outras paredes revestidas de fórmica, um tanto azulada, o rosto de Pérsio, segurando a porta aberta para que ele entrasse, parecia extremamente fatigado. O vermelho-vivo da blusa realçava ainda mais os círculos roxos das olheiras em torno dos olhos claros, quase verdes. Seriam verdes, quase certo, em dias de muito sol. Dias de luz tão clara que precisaria escondê-los atrás de óculos escuros. Ou perto do mar, gostaria certamente de mar. No sétimo dia de bronzeado, quando o dourado da pele se torna mais brilhante, os dentes e os olhos brilhariam feito facas no escuro. Um dia, ele também. A barba recém-feita, em vez de aliviar o peso das sombras nos ângulos do rosto, ao contrário, sublinhava ainda mais a palidez que os pelos escuros tinham disfarçado pouco antes. Como a luz clara do dia, quase insuportável, embora noturno.

No fundo do elevador, uma mulher muito maquiada sorriu para eles dentro de um vestido lilás cintilante e justo, o talho na saia deixando à mostra uma nesga grossa de coxa sob o casaco de peles. Pérsio cumprimentou, sério. Depois começou a vestir seu enorme casaco verde-musgo, como o de um aviador, cheio de bolsos, presilhas, cordões, distintivos

costurados, pendurados, caseados e fechados. Atrapalhou-se, e como um afogado, como num conto de Cortázar, Santiago lembrou, começou a fazer gestos desordenados com os braços compridos, enfiando um pelo avesso e deixando o capuz escorregar para dentro, uma corcunda. Babou um pouco, olhando para os dois, vesgo. Santiago tentou ajudá-lo, envergonhado, enquanto a mulher continuava a sorrir com a boca cuidadosamente pintada de vermelho denso quase negro. Sobrancelhas muito finas, sombra azul nas pálpebras pesadas.

— Porra, que aflição — Pérsio gemeu. — Detesto estas *trolhas*. Parece que nunca mais vou achar a saída. Meio uterino, um barato meio uterino. O longo canal entre o útero e a boceta.

Santiago riu. A mulher contemplava-os tolerante, remota, duas crianças, monstros atrevidos, fascinantes. Quando o elevador parou outra vez, Pérsio segurou a porta para que ela saísse.

— *Ladies first* — curvou a cabeça. — Ou você é daquelas feministas radicalíssimas que acham que boa educação é machismo desprezível?

A mulher agradeceu em voz baixa, rouca. Piscou brejeira. Depois desviou-se deliberadamente do tapete estreito para sair batendo os saltos altíssimos contra os ladrilhos do corredor. Pérsio contou no ouvido de Santiago:

— Chama-se Lavínia. É uma traficante de morfina que mora na cobertura. Detesta o sol, reparou na pele branca? Só sai depois que o sol se põe. Lá na porta está esperando o amante Douglas, numa Mercedes dourada. Ela detesta a cor, já pediu mil vezes a ele que mande pintá-la de preto. Douglas veio do interior, é primeiranista de medicina, podre de rico, filho de fazendeiros. Ele tem o pau pequeno, mas ela gosta de chupá-lo, embora quase sempre durma no meio. Ele está apaixonado, mas ainda não sabe direito com *quem* está envolvido. Lavínia ainda não revelou nada a ele sobre o terrível vício que *a* devora nem sobre seu trágico passado. Pode ser que ela tenha estado em Auschwitz, como Sophia. Ela tem medo de ser deportada para a Romênia, de onde veio após a Segunda Guerra. Até que um dia Douglas, que ela chama ardente e suavemente de “meu Douggie”, resolve convidá-la para jantar no Rodeio com seu pai, aquele fazendeiro riquíssimo. E ao entrar no restaurante, *restorrân*, ela diz, com seu exótico e sensual sotaque, de longe, da porta, sem ser vista pelos dois, atrás de uma coluna Lavínia percebe que o Riquíssimo Fazendeiro é nada mais nada menos que justamente o Homem de Pau Enorme que a desgraçou quando muito jovem, no cais do porto de Santos.

Cumprimentou o porteiro, parou à porta do edifício, abriu os braços para a noite úmida:

— Que fará a desventurada Lavínia? Enfurnar-se-á, repare na mesóclise, sorratamente no banheiro, aplicando-se, quem sabe, com uma dose mortal? Sentar-se-á normalmente à

mesa, fumando seu Camel, enquanto o Riquíssimo Fazendeiro empalidece mortalmente, repare nos advérbios, sem que o ingênuo Douggie perceba qualquer, repare na gíria, transação escusa? Sucumbirá Lavínia a uma incontornável onda de lascívia, repare na aliteração, e, sub-repticiamente, sob a toalha, tocará no latejante pau enorme do Riquíssimo Fazendeiro? Beberá, trêmula, as narinas frementes, uma dose dupla de vodca, repare no merchandising, Wyborowa? Ou sairá em desabalada carreira do *restorrân*, esbarrando em Telmo Martino, que a tudo assistiu, quebrando um salto e telefonando em prantos de um orelhão para explicar que sente muito, mas, devido aos gravíssimos acontecimentos, não poderá comparecer ao encontro? Voltará à sua luxuosa cobertura para tentar o suicídio ingerindo uma dose excessiva de barbitúricos? Ou ligará o videocassete para assistir, uma vez mais, a *Tio Wiggily in Connecticut*, encharcando-se de gim junto com Susan Hayward?

Rindo, Santiago atravessou a calçada para abrir a porta do carro. Pérsio enterrou o capuz até os olhos. Sentou-se ao lado dele, ligou o rádio. A voz de Roberto Carlos encheu o carro. Ele desligou:

— Assim não dá, que pobreza. A controvertida Lavínia, a lasciva, merecia pelo menos uma Marlene Dietrich. Uma Edith Piaf, um *Non, je ne regrette rien* — cantarolou baixinho, rascando os erres.

Santiago espiou a mulher sozinha à beira da calçada, fazendo sinais inúteis para táxis que não paravam. Uma das mãos comprimia a gola do casaco de peles contra o pescoço, a coxa branca escapando do rasgão lilás-cintilante do vestido.

— Vestem-se como putas para ir a festas — comentou Pérsio. — É a moda, que se há de fazer? E fumam baseados infindos, cheiram carreiras bem servidas, dançam punk rock, copiam modelinhos new wave, topam qualquer cantada. Trepam em pé, coito anal, coito oral, sexo grupal, masturbação sem culpa. Tão *liberais*, você não acha? Sou do tempo em que cabaço era documento.

— Aonde você quer ir? — Santiago perguntou lento, coadjuvante conformado.

Pérsio tornou a ligar o rádio. Gal Costa cantava um frevo nervoso do Carnaval passado.

— Não suporto mais a Paraguaia — disse.

— Quem?

— Essa linha Paraguaia Tropical da Gal.

Santiago passou um feltro no para-brisa.

— Sei, mas onde você quer ir?

— Qualquer lugar, por mim. Você faz *questão* de algum?

— Qualquer coisa.

— Então vai em frente. Daqui a umas seis quadras tem uma pizzaria *absolutamente* normal. Não há a menor possibilidade de encontrar nenhum ator, atriz, diretor, cenógrafo, figurinista, produtor, divulgador, autor ou iluminador em cartaz ou em vias de. — Puxou os dois fios do capuz, amarrou-os sob o queixo, num laço. — Não suporto *assédios* profissionais em horas de lazer. Ou tentativa de lazer. Hoje estou inteiramente incógnito. Não quero cruzar com nenhuma das passadas, presentes ou futuras estrelas de nossa cultura.

Santiago ligou a chave. Enquanto o motor esquentava, no meio do ruído teve tanta certeza de que o outro ia novamente começar a falar sem parar que chegou a curvar-se para ele, para ouvir melhor. Mas Pérsio sacudiu a cabeça e nada, Pérsio disse que não tinha dito nada e, o carro subindo pela Consolação, abriu a janela deixando a cabeça pender para trás, apoiada no banco. Um vento molhado entrou pela janela. Ele soltou os cordões sob o queixo, acendeu um cigarro. Sem mover a cabeça, procurou outra estação de rádio, a voz estridente de Gal perdendo-se entre outras, agudas, roucas, ruído de estática, um baixo elétrico desvairado, um samba de braços-erguidos-e-todo-mundo-agora, até deter-se no piano lento.

— A sonata número 4, de Beethoven — sussurrou. — *Moonlight*. Só que não tem lua.

Atrás, além do perfil dele, recortados contra a janela aberta, encobrendo por vezes as luzes que passavam, Santiago pôde ver primeiro a silhueta irregular dos edifícios, algum ponto de ônibus com pessoas encolhidas, amontoadas embaixo das marquises batidas pela garoa fina, um outdoor com dentes resplandecentes, outro com coxas morenas, volume saliente, cuecas qualquer coisa, bares abertos, algumas putas, um travesti de saia de couro, botas brancas, depois o início dos muros altos e brancos do cemitério, a massa sombria dos ciprestes — seriam mesmo ciprestes?, ou pinheiros?, ou *abetos*, repetiu, abetos, e sem querer pensou numa mangueira cercada de samambaias —, desviando os olhos para baixo, para o asfalto, aquelas poças de água colorida pelo neon, longo lago vertical ascendente, subindo através da rua, como se o carro fosse um barco navegando pela avenida, para cima, contra a correnteza, Aguirre.

Pérsio estava quieto agora, o rosto meio voltado para a janela. De vez em quando a brasa do cigarro brilhava mais nítida. Depois de um som miúdo como um pequeno suspiro, descia pelo ar a brasa tão lenta quanto o piano, no mesmo ritmo, para juntar-se à outra mão esquecida sobre as coxas. Outra vez assim, olhando para ele Santiago pensou que era bom de olhar, e não conseguiria ainda dizer de outro jeito, mesmo que parecesse absurdo. Bom, que bom de olhar, um quadro, o detalhe caprichoso de algum objeto antigo, o parque atrás das vidraças. Mesmo quando em movimento, qualquer coisa quieta no fundo. Restava, permanecia. Qualquer coisa que se movimentava ou, de dentro, contemplava os movimentos tolerantes, não crítica,

apenas remota, feito Lavínia no elevador, duas crianças, olhando para eles sob pálpebras azuis. Ou de novo como se seus olhos, os olhos escuros de Santiago, um pouco pesados nos cantos, cílios densos, fossem câmeras cinematográficas com lentes capazes de aproximar ou afastar as imagens em zoom tornando às vezes mais definido o primeiro plano, agora a brasa que tornava a subir para empastar em cores foscas, misturadas, indefinidas, as formas do fundo cortadas por alguma súbita cintilação, lâmina, externa, ou liquefazer então os dedos esmaecendo o formato, a brasa que descia, mão suspensa encontrando mão pousada, vagos, obscuros, ressaltando vibrantes, dinâmicos, mastigava adjetivos como quindins, algum reflexo do semáforo no meio-fio da sarjeta transbordante da água suja dos bueiros, esgotos. Tossiu, menos por vontade que por confusão, para afastar um pouco aquela — era feito uma vertigem?, era feito uma tontura, teria sido o vinho, lentes meio embaçadas dos óculos, fome, chuva no para-brisa, piano lentíssimo, nota por nota, cada dedo do pianista depositado em infinito cuidado sobre cada uma das teclas, a brasa despencava devagar em direção ao solo para deter-se na altura da outra mão, porque era sábado, tinham programado sair, ou todas essas coisas juntas, afinal, porque ele também estava bastante cansado de semanas e histórias e trabalhos e pessoas e.

Parecia dormir, Pérsio. A boca entreaberta. O lábio inferior mais polpudo, onde se poderia passar num carinho a ponta do dedo médio. Morderia sem força, gato brincando. Estacionou devagar, para não acordá-lo. Mas era tão cedo, tudo, a noite, uma criança, virando a cabeça para trás, para os lados. Façamos de conta no meio da chuva que te enxuguei os cabelos, te levei para a cama, te aqueci com abraços, tirei tua roupa devagar, cantei para te adormecer até a manhã seguinte. Ficou olhando as grades baixas cortando a avenida em duas, enquanto os toques nas teclas do piano tornavam-se mais e mais acelerados no *allegro*, câmera que se aproxima, brasa acesa na penumbra, respiração regular. Ergueu as vidraças, as gotas mais fortes esmagadas. Do lado de Pérsio, salpicavam o casaco, o rosto, os cabelos. Santiago olhou para ele. Que o olhava também, atento, do outro lado, desperto, um palmo. Mas nenhum se moveu até Santiago dizer:

— Acho que é aqui. Vamos lá?

Saltaram poças, os dois pela calçada. A pequena marquise metálica de pessoas misturadas, algumas crianças, Herodes, rosnou Pérsio, o sábio mais injustamente incompreendido de toda a história ocidental, depois o calor no rosto, os grandes fornos abertos, um cheiro inesperado de cânfora ou alecrim queimado perdido no ar, mas não tinham nada em comum os dois, a nota disfarçada na mão do garçom, sorriso cúmplice, rapidinho, não temos tempo, tantas cores misturadas, saídos de um filme preto e branco para a rua repleta de cores, em plena tarde de

sol, janeiro, verões, piscinas azuis de cloro, pouco depois a mesinha no canto, a toalha xadrez verde e branco. Escolheram indecisos, veio o vinho, tinto como o outro, e um cálice de conhaque dourado para afastar a gripe, limpar a voz, Pérsio justificou, que precisava de pretextos, álibis, culpas, punições, e passaram o cálice de um para o outro, aquecendo a base mais larga entre as duas mãos. Estava mais corado agora, Santiago observou. E depositou os óculos ao lado do maço de cigarros.

— Bem, agora conte-me coisas — Pérsio pediu.

Santiago olhou por cima da cabeça dele. O quadro com faunos e bacantes nuas esmagando cachos de uvas sob os pés dentro do barril de madeira.

— Que coisas?

— Coisas, ora, *coisas*. Excitantes, escabrosas, melancólicas, excêntricas, depressivas, estimulantes, atrevidas, mesquinhas, loucas, maravilhosas.

— Mas não há nada para contar.

— Então inventa, inventa rápido. Falei a noite inteira. Agora entrei em alfa. Aproveita, senão recomeço. É a sua vez.

— Eu gosto de ouvir.

— Claro que você gosta. Eu sou *interessantíssimo*, não é mesmo, gente? Mas pelo amor de Deus, pare de fazer o ouvinte omissos & respeitoso, senão vou morrer de sono antes que venha a pizza. Faz mal morrer de sono com o estômago vazio, sabia?

Santiago corou:

— Mas contar o quê?

— Qualquer coisa, já disse. Senão eu piro. Conte depressa, senão *eles* vão começar a olhar.

— Olhar?

— Todo mundo. As *mammas*, as possessivas gordas, as criancinhas odiosas, os maridos subjugados, as *nonnas* de saco cheio.

Santiago olhou em volta. Localizou três mocinhas feias na mesa ao lado e, mais além, um casal entediado, ela gorda, tranças presas no alto da cabeça, ele de terno azul-marinho, provavelmente o mesmo que usava para trabalhar, bigodinho fino, antes da mesa grande, cheia de criancinhas barulhentas. Caras cansadas, sem mistério. Eram só dois rapazes não muito jovens numa noite de sábado. Nada especial. Comuns, urbanos, talvez bonitos.

— Ninguém está olhando.

— Ainda não, mas vão começar já, se você não falar alguma coisa. Em silêncio profundo, *God!, deep silence*, não é bonito?, só casal em fase de separação. Aquela linha Tédio, Rancor

& Acusações Recíprocas. Conheces?, perguntaram. De sobra, responderam. Ou namorados, começo de namoro, inteiramente apaixonados, nem treparam ainda, meio bestas, babando de tesão contida. Você sabe, aquela coisa de olho no olho. Um gole, um cigarro. Muitos cigarros, o cinzeiro. Talvez até terminarem os cigarros e terem que dividir um. Suprema perversão, lambar a saliva do outro. Um roçar de mãos ocasional, completamente *ocasional*, ao bater o cigarro, de repente. Assim.

Pérsio bateu o cigarro no cinzeiro. Deixou a ponta de um dedo roçar fugidia nos pelos macios das costas da mão de Santiago. Santiago abriu os dedos. O indicador suspenso no ar, Pérsio não se mexeu.

— Vamos, diga alguma coisa. Quer que rasteje a teus pés? Senão eles vão pensar que somos um casal em fase de separação. Ou um par de namorados babões. Onde está seu superego? O que é que você quer que eles pensem de nós, de mim, aqui a teus pés? E em qualquer das hipóteses as *mammias* cutucarão seus maridos ruins de cama repetindo baixinho, escandalizadas, *guarda, amore, questi belli ragazzi, Dio mio, veados*. Santa Madona, como é que se diz *veados* em italiano? — Acentuou a palavra, como gostava de fazer. As mocinhas se voltaram, curiosas. — Já começaram a olhar, viu? Você quer que pensem isso de você, hein? Que nós somos veados, bichas, baitolas, putos, maricões, xibungos, jaciras, frescos, peras, homossexuais, invertidos? Hein, cara? — Bateu forte no joelho sob a mesa. — Então, como disse Michelangelo dando a martelada, *parla, cazzo!*

Santiago estava vermelho:

— Eu não sei bem por que estou aqui. Ainda não consegui entender bem por que é que eu estou aqui com você.

— Porque a gente se encontrou sábado passado na sauna. E eu convidei, eu disse apareça um sábado desses. Qualquer coisa assim, e você apareceu. Você ligou hoje à tarde, aceitando *sensibilizado*. — Pérsio sacudiu o cálice de conhaque, depois entornou-o rápido, erguendo o pescoço para vê-lo melhor. — Então eu fiquei meio surpreso de você ligar e.

— Você ficou surpreso?

— Fiquei. Quer saber? Eu quase não saio mais. Eu quase não vejo ninguém. Devo pedir aos violinos que comecem a tocar ao fundo?

— Eu também não.

— Também não o quê?

— Quase não vejo ninguém, quase não saio mais. Dou aquelas aulas, volto para casa. Aí fico lendo ou vou ao cinema. Vou ao cinema quase todo dia. Ou vejo uns dois filmes na televisão, cada noite. Já ando vendo as coisas, as coisas todas, o tempo inteiro como. Como se

meus olhos fossem lentes. Dessas de cinema, um close, pá, vejo mais perto. Um zoom, pá, vou afastando.

— Ou aproximando.

— Ou aproximando, claro. Mas também fiquei surpreso de eu mesmo ter telefonado.

— E agora você não entende como está aqui.

— Eu não entendo?

— Você disse.

— Eu disse? Não sei bem. As coisas foram indo. Quase não conheço você. — Hesitou. E acrescentou: — Pérsio.

— Faz muito tempo.

— Muito, faz muito tempo.

— E de repente eu ia dizer não, não posso, não quero, não devo, estou doente, descobri que estou com aids, tenho um compromisso, tentei pular da janela. Quando vi tinha dito te espero às oito, não foi? E de repente eram só sete e meia quando a campainha tocou e eu não pensei que fosse você. Oh, Deus, tudo tão *típico*. Eu queria ter tomado um banho antes e feito a barba, uns cheiros, uns charmes, essas coisas. Eu queria dar uma boa. Sei lá, troço mais babaca, *impressão*. Eu queria que você gostasse de mim. Eu estava superchapado, supercheirado. Torto, eu estava torto. Detonado. Ainda estou um pouco, comecei a aterrissar só depois do banho. Eu ia espiar pelo olho mágico e não ia abrir, a não ser que fosse assim um. Um James Caan, um Nuno Leal Maia, paizão. Mas de repente já tinha aberto a porta e você disse oi, e eu devia estar um horror, uma cara de Christiane F. *antes* da desintoxicação, eu disse oi com aquele olho vermelho, o nariz meio pingando, aquele bafo de maconha. A pele, a pele, você reparou como estou pálido? Então você entrou e perguntou como é que eu estava, daí eu botei correndo aquela música, eu tinha que me mexer rápido, e disse.

— Como esta música.

— O quê?

— *Como esta música*, você disse. *Exatamente como esta música*.

Pérsio parou de falar. Bebeu mais um gole de conhaque.

— Foi. Bem assim. Flashback na mosca, cara. Entra “Years of solitude” na trilha. Só uma vinheta, anos. Anos de solidão. Falar em flashback, sabe que às vezes tenho vontade de voltar para lá?

— Você? Não acredito.

— Acredite, tenho. Uma vontade louca, às vezes, de voltar para o Passo da Guanxuma. Besteira? Pode ser, mas me dá um cansaço daqui. Um nojo, às vezes me dá. Esse cinismo lento

invadindo. Principalmente quando chove, e chove sempre. Você não tem?

— O quê?

— Vontade de voltar.

— Agora é muito tarde.

— Já pensou, eu lá? Não ia ter nada a ver, menino. *God!*, como ia ser medonho. Não ia mesmo ter nada a ver. — Chamou o garçom, pediu outro conhaque. — Você dá uns tapas? Então tudo bem. Não quero segurar a culpa sozinho. Preciso de *cúmplices*. — Pegou os óculos de Santiago, ficou revirando entre os dedos. — Naquele tempo, já não tinha. Imagina agora. Descaralhei tanto, esses anos. Vamos entrar na linha traumas, algo a opor?

— Vai em frente.

— Acho prudente avisar. Mas é sempre *danger*.

— Não tem importância.

— Oh, como você é *compreensivo*. — Tocou com o vidro dos óculos na mão de Santiago.

— Sabe que quando eu saía na rua as meninas gritavam *biiiiiiiiicha!* Não, não era *bicha!* Nem *veado*. Acho que era *maricas*, qualquer coisa assim.

— Fresco — Santiago disse. — Era *fresco* que se dizia.

— Isso. *Fresco*, elas gritavam. Todas gritavam juntas. *Ai, ai*, elas gritavam. Bem alto, elas queriam ferir. Elas queriam sangue. E eu nem era, porra, eu nem sabia de nada. Eu não entendia nada. Eu era superinocente, nunca tinha trepado. Só fui trepar aqui, já tinha quase vinte anos. E cheio de problemas, beijava de boca fechada. — Sorriu, contornando os aros dos óculos com as pontas das unhas roídas.

— Vou perguntar uma besteira: foi bom?

— Bom? Foi uma bosta, cara. Mas não vem ao caso, tudo *superado*. Ah, tão Maduro & Equilibrado. Cinco anos de terapia, sob controle. Mas era difícil lá. Aquelas garotas todas gritando de manhã bem cedo, quando eu ia para o colégio. Todos os dias. Ao meio-dia, quando voltava. Todos, todos os dias. *God!*, que inferno. Semana após semana, ano após ano. Eu já não tinha coragem de sair de casa. Ficava chorando pelos cantos, bem tanso, me perguntando apavorado meu Deus, meu Deus, será que sou mesmo isso que elas gritam que eu sou? — Enfiou o dedo no fundo do copo vazio e lambeu. Depois passou nas gengivas. — Só tinha um na cidade, lembra?

— Lembro. O seu Benjamim, o barbeiro. Ele se matou, sabia?

— Claro, não é? E fez muito bem. Sábia decisão. Só podia mesmo era cortar os pulsos.

— Ele se enforcou. Bem no meio da praça. Num domingo de Páscoa. Na figueira. O padre encontrou na hora de abrir a porta da igreja, antes da missa.

— Perfeito, perfeito. A Anônima Tragédia Provinciana. E dá no mesmo. Aquelas garotas eram umas assassinas. — Olhou em volta, as pessoas, uma a uma. — Como eles, todos uns assassinos. Eles não perdoam, eles não aceitam. Eles não perdoam nunca, sabia? Eles não vão sacar que não se trata sequer de *perdão*. Se um *deles* discutir com você, esse vai ser sempre o último insulto que te jogarão na cara. O mais ofensivo, na opinião deles. Você não vai passar nunca de um veado escroto. Uma a-ber-ra-ção. Com todos os Masters & Johnsons do planeta. Que *lamentável*, meu amigo.

Santiago esfregou as mãos. Desviou os olhos.

— Tinha outro, também — tentou. — Como era o nome dele? Ary, era o Ary do Instituto de Beleza.

— Mania que veado tem de mexer no cabelo dos outros.

Santiago riu:

— Não tem graça.

— Eu sei, era triste?

— Triste, você disse *triste*? Era medonho, cara. Era duma solidão horrenda, era dum desespero *pânico*. Era duma. Duma agressão, de um desprezo, de uma crueldade. Você não lembra?

— Eu já tinha ido embora.

— Eu não tinha nenhum amigo. Só Peter Pan.

— O quê?

Pérsio passou o indicador, de leve, sob o roxo dos olhos.

— Ao fundo, entra agora um slide de Pollyana. Eu já tinha visto o filme, depois comprei o livro. A versão de Monteiro Lobato. Depois ganhei a tradução, era lindo. Não tinha um álbum, um álbum de figurinhas? Eu fiquei absolutamente *apaixonado* pelo Peter Pan. Quando eu ia dormir, de noite, queria que aquelas garotas nojentas todas morressem enquanto eu voava sobre a cabeça delas. Para a Terra do Nunca, Peter Pan vinha me buscar toda noite, nós íamos voando para a Terra do Nunca. *God!*, introjetei completamente a Wendy, aquela putinha. Eu não queria crescer. Eu tinha nojo de crescer. Gente adulta me dava vontade de vomitar. — O garçom trouxe o conhaque. Ele bebeu até quase a metade, de um gole só. Estendeu o cálice para Santiago. — Mas eu não pensava em sacanagem nenhuma. Só queria ficar perto dele. No máximo, deitar abraçado com ele. Na mesma cama. Nem um beijo, nada. Só um abraço, bem apertado. Ridículo, ridículo. Eu era meio *retardado*, acho. Até uns dezoito anos não sabia nem o que era punheta, pode?

As mocinhas se agitaram na mesa ao lado. Riram baixinho. Pérsio olhou para elas. Acendeu outro cigarro. Tragou, bem fundo. E repetiu alto:

— *Pu-nhe-ta*. Eu não sabia o que era. Aquelas monstras. Devem estar todas gordas, balofas, megeras medonhas, cheias de varizes, frígidas, com mil crias ranhetas na barra da saia, malcomidas. Os maridos arrotando e peidando repolho, barrigudos de cerveja, meio broxas, trepando pelos cantos com as empregadas. Como cachorros. — Levantou a mão. E bateu o cigarro no ar. A cinza caiu. — Não me venha dizer que perdoar-é-divino. Desejo o pior para eles todos. A lepra, o câncer na pele. Merda, continuo *histérico*. Eu não devia sentir tanto ódio. Mas nunca, porra, nunca ninguém. Ai, que lamentável orgia de autocomiseração. Mas não consigo esquecer. Sei que não é nem um pouco *espiritual*. — E de repente, o olho brilhando: — Você tinha uma namorada, não tinha?

Santiago corou outra vez:

— Tinha, era a.

— Espera aí, não diz. Eu vou lembrar, claro que eu vou lembrar. Era uma das mais monstras de todas. Tinha uns peitos enormes, uma franjona na testa. Era um nome *ridículo*, como era mesmo? Janete? Não, Salete? Sei, sei: Rejane, pelo amor de Deus, cara, era a Rejane Magalhães, filha do doutor Antoninho.

Santiago começou a rir.

— Eram duas irmãs, não eram? Regina e Rejane. A Regina usava óculos, tinha bigode e uma saia jeans. Era a *única* saia jeans de toda a cidade. Estudava por aqui, só voltava lá nas férias. E levava sempre uma *amiga*. Umas amigas desmilinguidas, de cabelo liso, óculos e rabo de cavalo. Diziam que era paraíba, macho-fêmea, meio comunista. Minha mãe garantia que não. Minha mãe era meio gay, botava a mão no fogo por todas as bichas e sapatões incompreendidos da cidade. Claro, com o filho que tinha. Jurava que a Regina tinha era muita *personalidade*. Uma personalidade muito *forte*. Você, como ex-futuro-cunhado, deve saber toda a verdade sobre Regina Magalhães. Era lésbica?

— Era. Uma vez encontrei ela no Ferro's Bar. De moto e blusão de couro.

Pérsio riu tão alto que a família inteira da outra mesa voltou-se para os dois:

— Mentira, jura? Calçando quanto?

— Uns cinquenta em cada pé. Bico largo.

Pérsio batia na mesa rindo:

— Você é louco, cara. Você é completamente pirado. Como é que você namorou a Rejane Magalhães, com aqueles ubres de Jayne Mansfield? Elas moravam na esquina de baixo.

Quando subiam de tardezinha para o centro, depois do banho, meu pai olhava e dizia mas não é possível, gente, esta filha do Antoninho andou comendo *estoura-peito*.

— Eu fui noivo dela.

Pérsio riu tanto que quase caiu da cadeira, engasgado com a fumaça do cigarro. Bebeu um gole de vinho. Quando esfregava os olhos vermelhos o garçom colocou a pizza na mesa. Santiago cortou um pedaço. Assoprou, antes de provar.

— Não era cânfora. Nem alecrim.

— O quê?

— O cheiro. Um cheiro que senti quando entramos, era manjerição.

— Erva de Oxum. — Pérsio ergueu a mão para o teto, saudando outra vez: — *Ora ye ye ô, minha mãe!* Segura essas, com a bênção de Oxalá e Ogum de guarda. Então me conta mais. Você devia ser completamente mongoloide, bicho. Meu Deus, ficar noivo da Rejane.

— De aliança, sofá e tudo — Santiago confirmou. — Anos a fio. Seis anos. Ela já estava com o enxoval pronto. Aí eu vim para São Paulo fazer a faculdade e.

— Conheceu um cara.

— Como é que você sabe?

— Clássico, é clássico, rapaz. Mas não se constranja. Em princípio, tipo rapaz encontra moça. Mas logo depois, para infelicidade *dela*, encontra também rapaz. E gosta muito mais, lógico. Vai em frente.

Santiago vacilou, remexendo na pizza com o garfo. Mordeu um tomate. Mesmo sem óculos, as bacantes nuas, muito nítido, os sátiros com coroas de folhas de videira nos cabelos encaracolados. As mocinhas atentas na mesa ao lado. Mastigou devagar, as duas mãos cuidadosamente postas sobre a toalha, mal tocando o pano, uma ao lado da outra. Pérsio o espiava, olhos divertidos, meio ternos talvez, um pouco avermelhados.

— Pois é. Um cara, na faculdade. Roberto, era o Roberto. Beto, as pessoas todas chamavam ele de Beto. Eu andava sempre com um livro embaixo do braço, acho que eu queria que as pessoas vissem a capa do livro. Que pensassem coisas, que eu lia, sei lá. Eu ficava sozinho no Centro Acadêmico lendo o tal livro. Não era sempre o mesmo, mas era escolhido, para que vissem. Demorava uma semana com o mesmo livro, depois trocava. Eu lia devagar naquela época. Um dia ele chegou de repente e perguntou que livro era.

— Fantástico — disse Pérsio. — Estudadíssimo você, hein? Com essa carinha sonsa. E que livro era, afinal?

— Era Clarice Lispector, nesse dia era *Perto do coração selvagem*. Eu acho que fiquei olhando para ele uma porção de tempo antes de conseguir dizer o nome do livro. Era uma

ousadia ler Clarice naquele tempo, ninguém entendia direito, diziam que era difícil. Eu também achava, mas gostava. Eu gostava dela. Tinha um jeito de ver por trás, por dentro, que eu achava que também tinha. Que só eu tinha. Eu fiquei olhando para o Beto. Era bonito, eu já tinha visto ele e tinha pensado, que bonito. Nossa, que bonito. Ele tinha uma camisa xadrez. De madras, não era assim que se dizia? Lembro até hoje. Xadrez meio assim desbotado, muito vago, vermelho, verde. Madras, engraçado, não é o nome de uma cidade da Índia? Aí ele sentou e começou a falar em Kafka e em Sartre e em Camus. Em Simone não, ele achava Simone uma farsa. Depois perguntou se eu tinha lido um livro chamado *Poeira*.

— *Dusty answer*. — Pérsio sorriu. — Rosamond Lehman.

Santiago sorriu também.

— Isso, isso. Judith, Roddy.

— O rio, a escola.

— E Jennifer. Que eu tinha que ler. Que se eu gostava de Clarice tinha que ler *Poeira*. Que ele ia me emprestar, fazia questão. Aí ele me trouxe, no dia seguinte. No dia seguinte não, que era sábado. Nem no domingo. Na segunda, ele trouxe na segunda. Todo o fim de semana eu pensei nisso, achei que ele ia esquecer. Mas ele não esqueceu. Eu esperei ele fumando numa mesa do fundo. No recreio das dez, que era maior, eu não fumava, mas Minister, eu tinha comprado um maço de Minister. Era um livro de capa dura, meio amarelado. Aí a gente começou a se emprestar livros, a ir ao cinema juntos, de tarde. Glauber, Godard, Truffaut, aquelas coisas. Ele gostava de Françoise Dorléac, eu adorava Rita Tushingham. Depois uns concertos, de noite. Mozart, o Beto tinha paixão por Mozart. Principalmente um concerto de piano em si bemol. No teatro, umas vezes. Eu nunca tinha ido ao teatro. Foi uma noite, era *Um gosto de mel*, sabe *Um gosto de mel*?

— Sei. Aquela história da garota grávida que vai morar com uma bicha boa. Tinha uma música, não tinha? “A taste of honey” — Pérsio cantarolou, batendo com a faca no cálice. — *Ta-ram-tam. Taram-taram-taram*.

— Depois fomos num bar e começamos a beber. Ele escrevia poemas. Tinha um, como era? Ele me mostrou naquela noite. Lembro, lembrei. Ele disse inteiro, o começo era assim: *Navego pelo teu silêncio, amigo, esse estranho labirinto cheio de portas falsas e desejos de mármore redondo*.

— Mármore *redondo*?

— É. O que tem?

— Nada, esquisito. Fiquei pensando. Redondo como as bundas de Rodin. E aí o poema era para você.

— Claro que era. Nós só tínhamos vinte anos.

— Não se justifique.

— Não estou me justificando, era bonito. Nós bebemos muito. Cuba, a gente bebia cuba. Era uma ousadia tremenda dele mostrar aquele poema justo depois daquela peça. A gente saiu junto, já estavam fechando o bar, e na praça. A gente estava completamente bêbado, na praça a gente se abraçou com força. Com muita força. Durante muito tempo. Eu me lembro que ele tremia. Acho que eu tremia também. E me beijou, depois, na boca. Ou eu beijei ele, não me lembro. Ou nos beijamos juntos, ao mesmo tempo.

— Vocês foram para a cama?

— Na mesma noite. Eu morava num hotel pequeno, ninguém via.

— Foi legal?

— Foi... foi *complicado*. Foi complicadíssimo. Eu não sabia trepar. Nem ele. A gente ficava só do pescoço para cima. Como se o corpo nem existisse. Pau, essas coisas. Mas foi bonito. Não tinha importância que não desse muito certo. — Repetiu: — Nós só tínhamos vinte anos.

Santiago cruzou os talheres, empurrou o prato.

— E aí?

— Aí o quê?

— Aí, depois. O que aconteceu na sequência?

Santiago acendeu um cigarro.

— Nós vivemos juntos quase dez anos. Quer dizer, eu viajei, ele viajou. Quando um voltava, a gente continuava. Separava, às vezes. Poucas vezes, transava outras pessoas. Mas voltava sempre.

— Dez anos? *God!*, longas paixões, hein? SEIS anos com a Rejane Magalhães, DEZ anos com o Beto. Como é que você pode? Porra, eu nunca consegui ficar mais do que um mês transando a mesma pessoa. Sempre me dá uma. Uma *coisa*, já conheço aquele corpo, aquele cheiro, aquele gosto. Aí vou à luta.

Santiago soltou a fumaça pelas narinas e ficou vendo-a embaçar-se sobre a cabeça de Pérsio. Como uma auréola, apagando os contornos dos sátiros, das bacantes. Os cachos de uvas escorregavam meio desmanchados pelas bordas do barril. Roxo sobre o verde, misturavam-se à grama alta cheia de flores amarelas. Madras, mudras, gesto parado.

— Muito tempo, não?

— *Para* caralho, cara. E depois? Dez anos, deixa ver. Se vocês começaram a transar quando você tinha uns vinte. Dez anos, quantos você tem agora?

Santiago bebeu mais um gole de conhaque. E disse:

— Trinta e três. Faz quatro anos que o Beto morreu.

O rapaz olhava de longe fazia algum tempo, Santiago tinha visto. Com o canto do olho, enquanto contava, percebeu que ele procurava chamar a atenção de Pérsio. Movimentava-se sem parar, falando muito alto. Mas Pérsio estava mergulhado nas palavras dele, um menino antigo ouvindo uma história de fadas, bruxas, príncipes. Chegara a esquecer a ponta do cigarro aceso entre os dedos, boca entreaberta, olhos arregalados, mais próximos do verde assim, a luz batendo direto na íris clara. Quis alertá-lo, as estrelas de nossa cultura, lembrou. O rapaz veio se aproximando por trás, macio, felino, até tocá-lo no ombro. Pérsio assustou-se e queimou os dedos num sobressalto.

— Merda — resmungou, esmagando a ponta no cinzeiro. E voltou-se para o rapaz sorridente, um excesso de dentes grandes enfileirados sobre a gola alta, cabelos curtos, um topete anos 50, as mãos enfiadas nos bolsos das calças largas cheias de bolsos, um enorme chaveiro pendurado, tilintando enquanto ele se curvava.

— Oi — cumprimentou. — Lembra de mim?

— Oi. — Pérsio lambeu os dedos queimados. Estendeu a mão. — Lembro, claro que lembro. Como vai? Você não é do elenco do *Édipo*?

— *Antígona* — o rapaz corrigiu. — Do coro, sou o Carlinhos do coro.

— Claro, claro. O coro, lembro sim. Não foi você quem levou as fotos e o release no jornal? E como vai o espetáculo, Carlinhos do Coro?

— Meio mal, sabe como é. — Enfiava as mãos até o fundo dos enormes bolsos, balançando-se para a frente e para trás. — Hoje nem teve. Meia dúzia de pessoas. Puta crise, não é?

— Putíssima — concordou Pérsio. E repetiu, olhando para as três mocinhas: — Putésima, de pleno acordo. Eu não sei onde vamos parar com. Para teatro então, nem se fala. Artes em geral.

A deixa exata. Santiago tornou a tragar demorado o cigarro, o conhaque, o vinho, a miopia, olhando em volta. Mas não acontecia nada. As três mocinhas disputavam um último pedaço de pizza (de aliche, reconheceu), na mesa grande uma das crianças dormia afundada nos seios fartos da mãe, enquanto alguém cantava melancólico *la festa è appena cominciata e già è finita*, o vento lá fora, a moça gorda de tranças e o moço de bigodinho tinham ido embora, uns japoneses frenéticos tinham tomado conta da mesa, falando uma língua cheia de miúdos faniquitos. Quase sem respirar, Carlinhos investiu:

— Pois é daí então a gente precisa de força sabe como é cooperativa e tal gente nova todo mundo pôs alguma grana em cima tá super-ruço você sabe daí que se você pudesse dar uma força lá no jornal sabe como é sempre ajuda a divulgação é fundamental só depende da boa vontade de alguns uma questão de acreditar e dar força.

Pérsio colocou os óculos de Santiago. Cruzou os braços, balançando a cabeça com ar profissional:

— Tá. Vou ver o que posso fazer. Não depende só de mim. Tem os caras mais em cima, você sabe, que mandam mais. Você tem um diretor, eu tenho um editor. Eles é que decidem.

— A gente agradece. — Carlinhos curvou a cabeça. Fez um ar tardiamente polido de não-quero-interromper-nada-entre-vocês, apertou a mão de Santiago, levemente cúmplice, e foi saindo entre as mesas.

Pérsio tirou os óculos, cruzou os talheres, empurrou o prato. Parecia deprimido. Pegou outro cigarro, acendeu na ponta que Santiago começava a apagar.

— Saco. Sempre aparece um. Na próxima vez que eu falar que este lugar é *normal*, você me cospe na cara, combinado?

— Ou chamo a Rejane — Santiago brincou.

— Maravilha. Chama a Rejane e manda ela gritar da porta, bem alto, para todo mundo ouvir: *freeeeeeesco!* — Tornou a lamber os dedos queimados. — Bosta, bosta de profissão. Sabe o que eu fiz ontem à noite? Gastei três laudas demolindo im-pi-e-do-sa-men-te a tal *Antígona*. Principalmente o coro. Que parece sofrer de descontrole motor, com tantas acrobacias físicas. Que não decorava o texto. Que devia voltar a fazer teatro infantil daquele bem debiloide, cheio de oncinhas. Que *Antígona*, quem diria, acabou na Mooca. E eu que até gostava de teatro. Estou pegando bode para sempre, vejo um palco e quero sair batendo em todo mundo. O coro tem pelo menos vinte pessoas. São vinte *inimigos*, já pensou? Haja santo forte capaz de segurar. Você não acha o fim ficar dando palpite no trabalho dos outros assim, sem saber direito da viagem dos caras?

— Eu corrijo provas.

— Dez anos. Classe teatral. Aquelas monstras todas gritando na rua. Pede a conta, enchi o saco disso aqui. Coitado do menino, deve morar em Pirituba. Tem que comer depressa porque volta de metrô. Tem metrô em Pirituba? E mora num conjunto habitacional do BNH, com a irmã costureira e a mãe entrevadinha. Dorme na parte de cima de um beliche. Na cama de baixo dorme o irmão que trabalha na polícia de choque. E amanhã vai sair no jornal que ele é uma besta. Assinado por mim.

Santiago disse que ele estava exagerando, que fazia parte, que não era tão grave assim. Mas ele não parou. Santiago chamou o garçom.

— Dez anos. *God!* E você deu o cu nesses dez anos?

— Hein?

Pérsio batia com a faca no copo, os olhos injetados.

— O cu, não é isso? No final das contas tudo se reduz a isso. Se eu fizesse *assim* com os dedos o Carlinhos caía nos meus pés e me dava o cu em público. Ou me comia o cu. Podia até ser gostoso. Daquele tamanho, deve ter um baita pau. O Carlinhos, o Paulinho, o Luisinho, todos os *inhos* com seus enormes chaveiros. Queria bater neles todos. Cu, cu, cu — repetiu. As mocinhas levantavam da outra mesa, olhando sempre. — Aquelas monstras, porra, eu só tinha uns treze anos. Fiquei com um nojo. Entre dois homens, amor é igual a sexo que é igual a cu que é igual a merda. Sabe que não aguento merda? Eu vejo um cara e gosto e tal e me aproximo e rola umas, sempre rola umas, porque eu canto bem, eu sei cantar, veja que vaidade, e daí eu penso Deus, daqui a pouco a gente vai pra cama e chupa daqui, chupa dali, baba, roça, morde, e no fim inevitável tem o cu e a merda no meio. Você acaba *sempre* dando a bunda ou comendo a bunda do outro. Se você dá, ainda não é nada. Tem a dor, a puta dor. Caralho dói para caralho. Tem uns jeitos, uns cuspes, uns cremes. Mas é *nojento* pensar que o pau do outro vai sair dali cheio da sua merda. Mesmo nos casos mais dignos, você consegue imaginar Verlaine comendo Rimbaud? E se você come o outro, tem a merda do cara grudada no teu pau. Mesmo no escuro, você sente. É impossível não sentir. Por mais limpos que vocês estejam fica aquele cheiro, aquele cheiro de merda solto no ar. Às vezes vou no escuro até o banheiro e lavo o pau de olhos fechados, ensaboo bem com a torneira aberta para pensar que aquela meleca toda é do sabonete, não da merda. Mas fedor de merda é sempre mais forte. Mais forte que tudo. Objetivo, subjetivo. Tem amor que resista? Agora me diz. — Bateu com os óculos na mesa. Tão forte que Santiago teve medo de que as lentes quebrassem. Mas não quebraram. — Por mais flores e risos e beijos e carinho e, droga, *compreensão mútua* e ma-tu-ri-da-de. Por mais apaixonado, por mais legal. Para mim, nunca. Fica um cheiro de merda por tudo. Mesmo que você não veja. Que você não sinta. No escuro, fica. No dia seguinte, mexendo nos lençóis, sem querer você vai acabar descobrindo uma manchinha fedorenta: merda, merda pura. Não me venham com liberações, normalidades, porque não tem nada demais, é uma opção como qualquer outra, não sei que lá. Quem resolve o meu bode com cheiro de merda? Amor entre homens tem sempre cheiro de merda. Por isso, eu não aguento. Um mês, dois. Você mascara, disfarça, põe uma vaselina aqui, um sabonete ali. Mas o cheiro da merda continua grudado na tua pele. Eu não consigo aceitar que amor seja sinônimo de cu,

de cheiro de merda. Aí eu falava isso para o analista e ele repetia sempre mas, afinal, o que há de *tão* nojento com a merda? Pode? Como o que há de *tão* nojento? É nojentíssimo, porra. Ter cu é insuportável, é degradante você se resumir a um tubo que engole e desengole coisas. Eu não vou aceitar nunca que o ser humano tenha cu e cague. Você conseguiria imaginar Virginia Woolf cagando? Eu só estou falando nisso agora porque a gente parou de comer. Se falasse antes, ninguém conseguiria comer nada.

O garçom trouxe a conta, cafês. Pérsio riscou a toalha com a faca várias vezes, horizontalmente. Depois na vertical, grades.

— Ontem à noite sublinhei umas frases numa história de Andersen. A moça dos sapatinhos vermelhos. A maldição, quando o anjo diz.

— *Dançarás, dançarás para sempre*, não é isso?

— Como é que você sabe?

— Eu vi no seu quarto. Estava aberto.

— Pois parece assim. Uma maldição. Para sempre. Só acaba quando amputam os pés da moça. Quando você perde um pedaço. Quando você se anula. Quando você *renuncia* e nunca mais trepa. Em nome da higiene, em nome da. Eu não consigo. Jean Genet me cuspiria na cara. Daí você me diz, então para, se é tão. Tão *traumatizante*, tão violento, para. Ou batalha uma mulher. Sublima. Ou muda a tua sexualidade. Eu não gosto de mulher. Até já transei, mas não sinto nada, tudo liso. Então eu tento, eu fico uma semana, quinze dias sem foder. Então sinto falta. Aí vou na esquina e cato o primeiro que passar. Quanto custa, vamos lá, qualquer um. Paraíba, michê, crioulo, não tem problema. É rápido. Toalhas, torneiras, camisinha e tal. A grana, papéis definidos, eu-sou-bicha-você-é-macho, nenhum envolvimento. Já me roubaram, qualquer dia me matam. Isso não me importa. Mas é isso que falavam, amor? Essa sua história, eu não conheço. Eu só tive *vislumbres*, parecia prometido, preparado, e nunca aconteceu. Eu nunca consegui, eu nunca fui capaz, deve ser culpa minha. Ah, que banal. Até que ponto as circunstâncias não me favorecem, ou eu é que não favoreço as circunstâncias?

Santiago voltou a colocar os óculos. Estendeu a mão para a conta.

— Quanto foi?

— Deixa, eu tenho.

— A gente racha, então.

Santiago colocou duas notas no pratinho de plástico. Pérsio remexeu nos bolsos de casaco verde. Guardou as duas notas, assinou um cheque. E tocou com a ponta do dedo no pulso de Santiago.

— Me diz.

— Hein?

— A merda, o cheiro, o nojo. E o amor, o amor, cara. O que eu faço com isso?

— Você esquece, sei lá. Não tem tanta importância assim. E se for mais forte?

— A merda?

— Claro que não. O amor.

— Amor não existe. É uma invenção capitalista.

— Isso é só uma frase.

— Eu não sei, pode ser.

— Mas se. Tudo bem. Suponhamos que os dois caras gostem muito um do outro.

— O que já é difícil.

— Pode ser, mas. Suponhamos. Eu já vivi isso. E se realmente gostarem? Se o toque do outro de repente for bom? *Bom*, a palavra é essa. Se o outro for bom para você. Se te der vontade de viver. Se o cheiro do suor do outro também for bom. Se todos os cheiros do corpo do outro forem bons. O pé, no fim do dia. A boca, de manhã cedo. Bons, normais, comuns. Coisa de gente. Cheiros íntimos, secretos. Ninguém mais saberia deles se não enfiasse o nariz lá dentro, a língua lá dentro, bem dentro, no fundo das carnes, no meio dos cheiros. E se tudo isso que você acha nojento for exatamente o que chamam de amor? Quando você chega no mais íntimo. No tão íntimo, mas tão íntimo que de repente a palavra nojo não tem mais sentido. Você também tem cheiros. As pessoas têm cheiros, é natural. Os animais cheiram uns aos outros. No rabo. O que é que você queria? Rendas brancas imaculadas? Será que amor não começa quando nojo, higiene ou qualquer outra dessas palavrinhas, desculpe, você vai rir, qualquer uma dessas palavrinhas burguesas e cristãs não tiver mais nenhum sentido? Se tudo isso, se tocar no outro, se não só tolerar e aceitar a merda do outro, mas não dar importância a ela ou até gostar, porque de repente você até pode gostar, sem que isso seja necessariamente uma *perversão*, se tudo isso for o que chamam de amor. Amor no sentido de intimidade, de conhecimento muito, muito fundo. Da pobreza e também da nobreza do corpo do outro. Do teu próprio corpo que é igual, talvez tragicamente igual. O amor só acontece quando uma pessoa aceita que também é bicho. Se amor for a coragem de ser bicho. Se amor for a coragem da própria merda. E depois, um instante mais tarde, isso nem sequer será coragem nenhuma, porque deixou de ter importância. O que vale é ter conhecido o corpo de outra pessoa tão intimamente como você só conhece o seu próprio corpo. Porque então você se ama também.

Pérsio vestia o casaco, cigarro apertado nos lábios.

— Muito *edificante* — disse. E contraiu os olhos para evitar a fumaça. — Mas quem sabe, quem sabe? Então você conclui que, portanto, eu não entendo picas de amor.

— Não disse isso.

— Mas pode ser. O meu problema é um problema juvenil, de adolescente enrustido. Ou de burguesinho que fez a primeira comunhão e vai se sentir eternamente culpado com a possibilidade do prazer. Tudo muito cristão. — Revirou os olhos. — Ai, tormentos, cilícios. De repente devo ter parado no Peter Pan. A carne é insuportável, uma espécie de macrobiótica da sexualidade. Só platonismos. Ou sacanagem braba, *Dama do lotação* perde.

Ia dizer qualquer outra coisa. Mas de repente estendeu os braços sobre a mesa e segurou nos ombros de Santiago. Apertou forte. O bafó morno dos restos de pizza flutuando no óleo, cinzeiro cheio, copos vazios, pratos amontoados entre os dois, pedaços de linguiça, caroços de azeitona, queijo derretido, lascas engorduradas de presunto. Santiago quase não entendeu o que ele disse, palavras brotando confusas de entre os dentes que apertavam o cigarro.

— Sabe que eu gosto de você? Eu gosto muito de você, garoto.

Um bicho arisco, Santiago lembrou. Você precisa estender a mão com cuidado senão ele foge, era isso? Entre os brilhos falsos, insinuado, um pedaço de estopa. Porque eu também sinto medo, e haverá a morte um dia. A vida é apenas uma ponte entre dois nada e tenho pressa. De repente sentiu-se sufocado enquanto saíam por entre as mesas barulhentas. Uma sufocação semelhante à daquelas manhãs de fim de semana em que, involuntário, acordava cedo demais apesar do esforço para permanecer na cama até mais tarde, para que o dia parecesse mais curto e não precisasse bater-se tanto pelo apartamento vazio, sem vontade de fazer coisa alguma a não ser olhar pelas janelas. Espiava então pela janela o movimento das ruas, os verdes lá fora, com vontade de sentar-se num banco de praça, comendo maçãs ao sol. Não saberia por que justamente maçãs, mas sem dúvida maçãs, maçãs vermelhas daquelas argentinas, embrulhadas em papel fininho quase roxo. Não havia nenhuma praça próxima. Quase nunca havia sequer sol. Nem verdes, lá fora. Ainda que houvesse, que pudesse talvez comprar maçãs na venda da esquina e procurar uma praça, em algum lugar devia haver uma, sentado ali na poltrona alta de couro que, só percebera tempos depois, arrastara para junto da janela exatamente com esse fim, olhar lá fora, permanecia parado, atravessando as manhãs sem sequer fumar ou falar sozinho. Cortava unhas, às vezes. Das mãos, dos pés, detendo-se para pensar que — seria bom. E vinha depois também, insinuada aos poucos no meio da manhã, uma vontade de que alguém telefonasse, tocasse a campainha, chamasse lá embaixo, a princípio vaga, mas cada vez mais nítida, até chegar quase a ferir, feito uma dor, agulha, brasa. Nada acontecia. Aquela como uma vontade de ser feliz, de haver alguma ordem ou estar noutro lugar onde fosse possível sentar ao sol comendo maçãs, deixava também de ser como um estar-à-beira-de-qualquer-coisa-boa. Campainha e telefone mudos, a manhã a transformar-

se em tarde, energia venenosa a sufocação, vontade de fugir, de não ser quem era nem ter vivido nenhuma das coisas que vivera. Todo um passado, essa coisa que chamam de passado, desembocava ali naquele momento, em pleno centro das manhãs esbranquiçadas de silêncio.

Na chuva mais forte da rua, Pérsio tornou a enfiar o capuz verde.

— Vamos em frente?

Santiago hesitava, mãos nos bolsos, óculos embaçados. Pérsio mostrou a ponta acesa do cigarro.

— Que é isso, companheiro? Vacilando? Vamos lá. Olha, vou jogar esta ponta na calçada. Se a brasa fizer tsssss! ao apagar, nós vamos.

Jogou a ponta numa poça d'água aos pés de Santiago. Quase puderam ouvir o chiado forte da brasa apagando.

— Está vendo? São os deuses que ordenam, a noite continua. Você está sem casaco, me dá a chave, eu corro na frente, abro e você entra.

Santiago estendeu as chaves. Pérsio correu pelo meio da chuva, pulando poças. Acontecia às vezes também, sentado na poltrona de couro junto à janela, observando a curva do sol pelos edifícios em frente iluminar aos poucos o parapeito, escorregar para dentro da sala, alongar-se por suas pernas, aquecendo as mãos paradas, distender-se palmo a palmo pelo tapete até encontrar uma ponta da parede oposta. Certas manhãs, ou quando as manhãs já tinham virado tarde, levantava-se por um momento para sair a recolher as plantas do apartamento, colocando-se atrás da poltrona, dentro da mancha de sol. Ficava ele também junto com as plantas na luz, existindo silencioso e imóvel no centro do dia. Mas acontecia quase sempre de o sol não aparecer, de a manhã acinzentar-se aos poucos, sem que fosse necessário apanhar as plantas. Algumas gotas de chuva começavam a bater nos vidros. Chovia muito, os papéis amoleciam, as paredes mofavam. A alma, se havia uma, curvava os ombros. Ele baixava os vidros, ficava vendo as gotas formando desenhos vadios. Duas, três, que encontravam uma outra para descer mais rápidas, pequenos rios verticais, para-brisa do carro. Em vez de maçãs tinha vontade então de qualquer coisa como um chá, como se fosse velho, como se tivesse sobrado à margem dos movimentos que levam pelo tempo afora.

Não se movia para fazê-lo, esse movimento. Alguém que não chegava espiaria na porta perguntando em voz baixa se. Estremeceu. Pérsio buzinava, a porta aberta do carro. Correu, a gola do casaco levantada.

— Posso dirigir um pouco? — Pérsio pediu.

— Claro. Tudo bem.

Pérsio deu a partida. Depois repetiu, o carro passando por baixo do viaduto da Rebouças:

— *Veni de sancta sede, Adonai: timor qui omnia ad voluntatem nostram coarctabit.*

— O que foi que você disse?

— Um feitiço, cara. Aprendi num livro de magia, seduções e tal. Estou te ensinando um encantamento da pesada. Seguinte: se na sequência você ficar a fim de um cara, olha bem fixo para ele e repete mentalmente. Bem concentrado, sete vezes. É tiro e queda. Repete junto comigo até decorar. Vamos: *Veni de.*

Santiago suspirou:

— Mas não vou ficar a fim de ninguém.

— Como é que você tem tanta certeza? Vamos, eia, sus, avante, companheiro! E se de repente, no meio da noite, um garoto lindíssimo avançar para você e perguntar como nos velhos bons tempos que livro você está lendo? Não, livro não. Livro em bar de veado não dá muito certo. Veado só lê *Vogue* e *Interview*. Livro parece a Theresa Dunn em *Looking for Mr. Goodbar*, só pinta baixo-astral. Mas pode perguntar que bebida, isso, o que é que você está tomando, garotão? E você diz um supernovo drinque chamado Perto do Coração Selvagem. Que tal?

— Não brinca com isso, porra.

Pérsio tirou uma das mãos do volante, colocou-a sobre o joelho dele. Apertou leve. Teve vontade de tocá-lo. Mas continuava parado na janela, espiando o sol, a rua, as gotas sem se mover. Antes que descruzasse os braços, Pérsio já tinha retirado a mão.

— Desculpa. Não tive intenção de.

— Não tem importância.

— Como não tem importância? Foi grossura minha.

Desciam pela rua molhada. Santiago viu o relógio da Faria Lima marcando, a intervalos, zero hora, trinta minutos, doze graus, depois zero hora, trinta e um minutos, doze graus.

— Você sente falta, não é? Você sente muita falta dele?

Zero hora, trinta e dois minutos, doze graus, zero hora, trinta e três minutos, doze graus, zero hora, trinta e.

— Sinto, às vezes. Sinto muita falta.

— Como foi que ele morreu?

Acendeu um cigarro. Estendeu o maço para Santiago, que aceitou sem pensar. A chama do isqueiro brilhou por um segundo, iluminando de relance o rosto deles. Ligou o rádio. A voz aguda e clara de Cida Moreyra brincou irônica entre os dois, repetindo: *Ah, deixe-me, rapaz, lhe dizer que em mim tudo tanto faz.* Pérsio riu.

— Nem de encomenda, não? — Cantarolou junto, um pedacinho. E tornou a tocá-lo no joelho. — É difícil, não é?

— Não gosto de falar nisso.

— Tá bom, desculpa outra vez. É que estou achando você triste. Falar de repente ajuda. Sabe no que eu estava pensando há pouco? — Santiago não disse nada mas ele continuou, a voz soando falsa, estridente demais, alegre demais. — Em Lavínia, a lasciva. *God!* Como estará a ardente Lavínia nos braços de seu amado Douggie?

— Foi um acidente — cortou Santiago, brusco. — Ele morreu num acidente de carro. Nada, não teve nada de mais. Nenhuma tragédia. De repente, um negócio besta. Eu estava em casa, eu estava achando estranho que ele estivesse demorando tanto. A gente sempre sabia onde o outro estava, não tinha nenhum jogo de angústia. A gente cuidava um do outro, não havia dor. Aí tocou o telefone e uma voz desconhecida perguntou se era ali que o Beto morava. Era, eu disse, é aqui. E pronto, já tinha acontecido. Morreu na hora. Não doeu, não deve ter doído, não houve tempo. — Jogou fora o cigarro. — Mas tudo bem, esquece. Já passou.

Pérsio olhava para ele, atento:

— Como esquece? Você deve ter sofrido muito.

— Claro, é normal, não é? As coisas dele ali, todos os dias, sem ele. A cama vazia. Uma falta, eu sentia uma falta. — Sorriu para si mesmo. — Dor, dor, dor. Lembrei duns versos do Ferreira Gullar, o Beto gostava do Ferreira Gullar. Uns versos assim:

Será maior a tua dor
que a daquele gato que viste
a espinha quebrada a pau
arrastando-se a berrar pela sarjeta
sem ao menos poder morrer?

Pérsio sorriu de volta.

— Pois lembrei de outros. Do Ferreira Gullar, também. Há Ferreira Gullar para todas as ocasiões, eu sempre gostei. Presta atenção neste. — E recitou, devagar:

*Amigos morrem,
as ruas morrem,
as casas morrem.*

Os homens se amparam em retratos.

Ou no coração dos outros homens.

— Versos, versos, versos. Acho que somos a última geração que sabe versos.

— E por que não, versos? Versos, livros, filmes, músicas, quadros. Qualquer coisa, desde que seja bonita. É bom poder tocar um instrumento, é bom cantar. Quando eu lavava pratos em Paris pedia sempre para um amigo, o J, lembra do J do cartão-postal? O J era o João, que ficou até hoje. O João foi a única pessoa que. Eu pedia para ele me escrever as letras de Roberto Carlos, prendia o papel na prateleira em frente e ficava cantando o dia inteiro. Roberto, Erasmo, Leno e Lilian, Ronnie Von, Martinha, ele sabia toda a Jovem Guarda de cor. “Ternura”, lembra de “Ternura”? Era a que eu mais gostava. — E cantou, imitando a voz de Vanderleia: — *Uma fez focê falou...*

Santiago riu:

— Eu sei, mas dá. Às vezes dá uma distância. Eu penso coisas banais, eu sinto coisas banais. Mas tão nítidas. Quando estou dando aula, quando digo a eles para copiarem ou fazerem qualquer coisa em silêncio, fico olhando aquela porção de cabeças baixas e pensando que tem um abismo entre a gente. Um abismo de tempo, de história. Que as coisas andaram muito rápidas. Que eles não têm tempo. Que tudo acabou. E eu sinto pena, então. Como os velhos, os bem velhos, devem ter pena dos moços. Que a gente tem a cabeça cheia de versos e filmes e livros e histórias e memórias que para eles já não têm nada a ver. Peças de museu, nossas emoções. Todas as emoções.

— Pior para eles.

— Ou para nós, que estamos ficando velhos?

Pérsio fez uma mudança rápida:

— Velhos? Imagina, eu não. Por favor, me exclua desse seu grilo. Estou na flor da idade. Na força da juventude. Mal comecei, mal comecei a me desembaraçar de toda a culpa. Quero mais, quero o que ainda não veio.

— Mas tantas memórias. A gente tem tantas memórias. Eu fico pensando se o mais difícil no tempo que passa não será exatamente isso. O acúmulo de memórias, a montanha de lembranças que você vai juntando por dentro. De repente o presente, qualquer coisa presente. Uma rua, por exemplo. Há pouco, quando você passou perto de Pinheiros eu olhei e pensei: eu já morei ali com o Beto. E a rua não é mais a mesma, demoliram o edifício. As ruas vão mudando, os edifícios vão sendo destruídos. Mas continuam inteiros dentro de você. Chega um tempo, eu acho, que você vai olhar em volta sem conseguir reconhecer nada.

— *As ruas morrem* — repetiu Pérsio. — *As casas morrem*.

— Eu sei, eu sei. Mas você não sente medo?

— Sinto, sinto. Claro que sinto. Tenho milhões de medos. Alguns até mais graves. Medo de ficar só, medo de não encontrar, medo de aids. Medo de que tudo esteja no fim, de que não exista mais tempo para nada. E da grande peste. Mas hoje não, *agora* não. Agora só tenho vontade de galinhar um pouco. Portanto nós vamos estacionar este batmóvel, se os orixás ajudarem. Depois vamos descer e tomar uns bons drinques ali no Deer's, conhece o Deer's?

Santiago disse que não, que não conhecia e que. Mas Pérsio tinha acabado de estacionar, empurrando um pouco o carro da frente, e descia abrindo a porta para que ele descesse. A chuva fria bateu forte na cara. Pérsio tirou o casaco, colocou-o sobre a cabeça dos dois, como uma capa de chuva. Enfiou o braço no dele, e correram então protegidos pelo meio da chuva até a porta iluminada com o guarda vestido de amarelo. Penetraram de repente numa penumbra bordô borbulhante, cheia de gente. A moça da caixa estendeu dois cartões. Pérsio tirou o casaco da cabeça dos dois e começou a puxá-lo pela manga em direção ao bar, metendo-se pelo meio das pessoas sem pedir licença.

— Vou tomar vinho — disse. — É bom não misturar. O que você quer?

Santiago não conseguiu ouvir direito com o barulho. Música muito alta, e vozes, e corpos, e acima de tudo uma espécie de excitação coletiva. Como um ruído atordoando, estonteando. Pérsio repetiu aos gritos:

— Vinho, pede vinho também.

Deixou que ele apanhasse os dois copos e continuasse andando por entre as paredes forradas de veludo — interior de uma fruta, ameixa madura demais — até encontrarem uma mesa vazia no canto, ao lado da coluna coberta de pequenos espelhos.

— São todos muito nervosos, muito *tensos*. Não conseguem ficar parados um segundo. *God!*, que galinhagem.

Bateu na perna de Santiago. — Não esqueça, hein? Qualquer modelo mais forte, é só fixar o cara na nuca, de preferência na nuca. Ou então entre os olhos, bem no terceiro olho, mas aí é muita bandeira, e se ele se permitiu chegar a esse ponto também não precisa mais feitiço algum. E repita: *Veni de sancta sede, Adonai*. Dá o maior resultado, cara. Uma vez deu certo comigo mesmo, aqui onde me vês, neste mesmo lugar. Eu tinha ficado a noite inteira sentado no bar, meio de bode, com um cara do lado. Um cara *fantástico*, algo assim entre o David de Michelangelo e James Bond em início de carreira, mas não me dava a mínima. Eu puxei o banquinho para trás dele um pouco e volta e meia olhava a nuca do moção. Era um moção do tamanho daquela porta, coxas *arqueológicas*, e repetia, *veni, veni, veni*. Lá pelas quatro da

matina, quando o bar estava quase vazio e eu inteiramente de porre, ele olhou para mim e perguntou você quer dormir comigo? Eu disse não, obrigado. Só estou testando uma arma secreta.

Santiago bebeu um gole de vinho. Pérsio olhou em volta:

— Então, ninguém te agrada?

— Não — Santiago disse.

— Vamos dar notas, tipo Márcia de Windsor, que Deus a tenha. Aquele ali, de blusão de couro, não te *piace*? É muito *dangerizante*. Vestido assim, dou nota oito. Com direito a segunda época. *God!*, que rabo. E o parrudinho de jeans? Em geral os baixinhos parrudinhos são uma grande *revelação* na hora do *let's dance*. Eu dou sete, queridos telespectadores. Nossa, como estou generoso hoje. Deve ser carência generalizada. Mas olhando bem, a média geral não passa de cinco. Com muito boa vontade.

— Parecem todos iguais.

— E são. Tipo androides, em série. Vestem as mesmas roupas, usam o mesmo cabelo, dizem as mesmas coisas, veem os mesmos filmes, ouvem as mesmas músicas. Não existe uma tal *cultura gay*? E se acham todos muito originais, muito exclusivos. Odeio guetos.

— Odeio a palavra *gay*.

— Mas ela existe, rapaz. E não é só uma palavra. É mais grave, um comportamento, um *feeling*. A sacralização da bobagem. E são todos exatamente assim. Felizes, descontraídos, sem problemas. Leves, levíssimos. Soltos, sem culpas nem traumas. Todos muito bem-vestidinhos com os modelinhos que trouxeram de Nova York, todos adoram Nova York. Todos muito bem-amados. Musculosinhos, liberadinhos, burrinhos. Umas gracinhas. — Olhou para Santiago. — Você não vai ficar deprimido agora, vai?

Eu estou deprimido, Santiago quis dizer. Mas preferiu permanecer em silêncio, bebendo devagar o vinho. Começava a ficar tonto. E poderia rir, tão fácil, só não tinha vontade. Um garçom colocou um pratinho cheio de pipocas ao lado. Mordiscou algumas, entediado.

— Não tenho nada a ver com isso.

— Sei, sei. *Eu quero ir, minha gente, eu não sou daqui*. Mas finja que tem. Não olhe para eles como se quisesse assassiná-los. No fundo é tudo a mesma coisa. E tanto faz. Vamos, sorria.

Pérsio segurou o queixo dele entre o indicador e o polegar, como se faz com os bebês, obrigando-o a voltar-se. Santiago foi se virando lento, sem vontade, a pressão forte no queixo, até olhá-lo bem dentro dos olhos. Uns olhos claros brilhantes, inquietos, irônicos, o vinco de lado, no canto da boca. Na coluna de espelhos quebrados viu refletidos os rostos dos dois.

Vários rostos espatifados, divididos em ângulos, em pedaços. Um rapaz de cabelos curtos eriçados, segurando o queixo de um outro mais moreno, de óculos, sobrancelhas densas, cacos também. Tirou os óculos, colocou-os no bolso. E sorriu à toa. Pérsio acariciou de leve seu queixo, rascando a barba forte.

— Isso, assim, bom. Bom menino. Não precisa *esgazear* os olhos, apavorado como se visse *abantesmas*. Aqui está tudo em casa, não tem aquelas *mammas* repressoras. Nem garotas monstras vaiando em coro. Esse trauma é pessoal, mas todo homossexual sul-americano tem no subconsciente um grupo de garotas monstras vaiando enfurecidas. Está tudo bem, tudo zen. — Soltou os dedos, desviou os olhos, acendeu um cigarro. — Só quero que você se sinta bem, meu bem.

Como um vazio no queixo, de repente. O calor que já não estava ali.

— Mas eu estou bem. Não se preocupe.

— Bem mesmo?

— Ótimo. Maravilhoso. *Opíparo*.

— Não precisa ser agressivo. Deixe as doenças mais graves para mim. E se segure por aí, entre a moçada. Vou até o banheiro pegar mais vinho para nós, dar uma olhada rápida no açougue. — Parou ao lado da coluna, piscou. — Olha, se você quiser namorar alguém não faça cerimônia. E não esqueça do encantamento.

Um desamparo súbito desabando. Aquela poeira fina chovendo dos telhados cheios de cupins. Um automóvel em alta velocidade na hora da descida brusca, vácuo no estômago. Pérsio mergulhou na penumbra bordô fervilhante. Marina cantava *quem é esse rapaz que quando chega?*, a voz rouca fazia as pessoas relaxarem, por um segundo abandonando as poses. Um copo longo, acariciou com os dedos um copo esguio, corpo entre borbulhas. O líquido da cor das paredes, pouco mais escuro, tão espesso que poderia tocá-lo. Cruzou os braços, jogou a cabeça para trás olhando os outros. Mas quase não conseguia ver ninguém assim sem óculos. O copo de vinho, a coluna de espelhos, depois a grande massa móvel, colorida, cabeças destacadas, agitadas, um único corpo de muitas cabeças nervosas. A Quimera, lembrou, o monstro grego. E repetiu sem pausa, mexendo nas pipocas: quimeras quimeras quimeras. Era Belerofonte? Ou Teseu, ou Perseu. Perseu, Pérsio. Desejou que ele estivesse logo de volta, para dizer coisas sem sentido, para se mexer, para ferir e ferir-se, para sorrir de lado, esfregar as mãos, fazendo estalar as juntas dos dedos, uma saudade prévia, para ficar perto e fazê-lo rir de susto, de prazer, de. Apertando um pouco os olhos, no meio da massa de cabeças irrequietas viu destacar-se uma vagamente conhecida, cada vez

mais próxima. Só quando chegou na beira da mesa é que Santiago conseguiu reconhecê-lo. Era Carlinhos.

— Desculpe, não nos encontramos há pouco?

— Não lembro — Santiago mentiu.

— Você não estava na pizzaria?

Viu Pérsio aproximar-se por trás, de repente. Quis avisá-lo, mas era muito tarde, Carlinhos já o tinha visto.

— Oi de novo — disse Carlinhos. — Eu estava justamente perguntando por você.

Pérsio colocou mais dois copos de vinho sobre a mesa. Sentou-se ao lado de Santiago e passou o braço sobre os ombros dele, no encosto da cadeira. Apertou-o, suave.

— Pois aqui me tens, infante. Pedi e ser-vos-á dado, não falou o Senhor?

— Não quero interromper nada. — Carlinhos estendeu a mão para os copos. — Posso dar um gole?

— Esteja a gosto, a casa é sua. — Pérsio estendeu o maço de cigarros. — Não quer aproveitar o *ensejo* e fumar um, também?

— Obrigado. — Carlinhos pegou um e ficou esperando, o cigarro no ar, que alguém acendesse. Mas Pérsio brincava com o isqueiro olhando para ele como se estivesse distraído. O rapaz cutucou alguém que passava. — Fogo — pediu. E de novo, malicioso: — Como eu disse, não quero interromper mesmo nada. Desculpa eu parecer indiscreto, longe de mim, mas vocês são caso?

Pérsio batia o isqueiro na mesa, ritmadamente. Cinco vezes, Santiago contou, bem destacadas.

— O que é que você acha?

— Ah, não sei. Olhando assim, bem. Difícil dizer. Sei lá, às vezes parece, às vezes não. Tenho amigos que. Mas de cara dá pra sentir que vocês têm assim uma, como dizer. Uma ligação muito forte. — Olhou para Santiago, que já tinha bebido quase metade do vinho. — Aliás, meu bem, me dá licença de dizer. De muito bom gosto os dois. Um gracinhas, uns gatinhos. Sabia que vocês são lindos? — Bebeu outro gole de vinho. E debruçou-se na mesa. — Ah, deixa de onda, qual é? Conta logo, vai. Vocês são mesmo caso?

— Somos — disse Pérsio. Apertou mais o ombro de Santiago. — O nome dele é Beto. Vivemos juntos há quase dez anos.

— Aff Maria, *dez anos*? Que loucura, gente.

— Eu disse DEZ anos. E é bom você ir se mandando porque além de detestar veado, ele morre de ciúmes. Por qualquer coisinha, fica completamente louco. Sai virando mesa, quebra

tudo e parte a cara de quem pinta pela frente.

Carlinhos empalideceu, pediu desculpas, licença e sumiu. Pérsio bateu na mesa.

— Não disse? Veado é foda. No restaurante chegou cheio de salamaleques, porque com licença, porque não sei o quê? No gueto perdeu logo o respeito, já veio invadindo, pedindo bebida, pedindo cigarro, querendo saber se é caso. Pelo amor de Deus, *caso*, mais um pouco e ia falar em *entendido*. Que nojo. Só porque é veado também acha que está tudo em casa. Se eu não chegasse a tempo provavelmente ia te passar uma cantada. Viu só do que te livreii, garoto?

Santiago afastou com força o braço dele das costas da cadeira:

— Por que foi que você disse aquilo?

— Aquilo o quê? Que a gente era caso? *God!*, que palavra asquerosa. Sei lá, pra ele desgrudar, sair de cima. Você ficou chateado?

— Não é disso que estou falando.

— Você está falando do quê, então? Por que eu disse o quê, rapaz?

— Que o meu nome era Beto. Você disse que o meu nome era Beto.

Pérsio parecia surpreso.

— Beto, eu disse Beto? Que *você* se chama Beto?

Santiago batia com a palma da mão no tampo de fórmica da mesa:

— Disse, você disse: *O nome dele é Beto. Vivemos juntos há quase dez anos.*

Pérsio arregalou os olhos:

— Mas eu não disse isso.

— Disse, você disse. Quer chamar o garoto aqui para confirmar? Você disse Beto, o nome dele é Beto. — Colocou a mão no ombro dele. Mas não chegou a tocá-lo. A mão ficou pairando trêmula no ar, pouco acima da blusa vermelha. — Olha, cara, de repente você está brincando com coisas muito sérias para mim. Você não tem esse direito. Primeiro foi o cu, se eu dava o cu para ele. Quer saber, quer mesmo saber? Pois eu dava, sim. Ele dava também. Sem culpa, com prazer. Sem doença. A gente se amava, será que você é capaz de entender isso? Será que você consegue esquecer por um segundo a sua monumental frustração para entender que outras pessoas podem ter tido relações mais dignas que as suas? Depois foi no carro, aquela história de alguém perguntar que livro eu estava lendo. E agora você acabou de me chamar pelo nome dele. Você não pode fazer isso. Uma pessoa não é só um amontoado de frasezinhas supostamente brilhantes. Você não sabe o esforço enorme que estou fazendo para. — A mão no ombro baixou, apertou forte. Pérsio olhava para ele como se não compreendesse sequer a língua que falava. A voz de Santiago era apertada e rouca. — Ah, você e seus truques. Você e suas palavras impensadas. Você e suas brincadeiras espirituosas. Você e seus

traumas, seus ódios, seus nojos. Eu não tenho nada a ver com isso. Estou cansado dos seus números, da sua inconseqüência, da sua neurose, da sua. — Levantou-se e empurrou a cadeira. — Eu vou embora, eu já devia ter ido embora há muito tempo. Não tenho mais paciência nem cabeça para esse tipo de coisa miúda. Quer saber do que mais? Boa noite, meu amigo.

Pérsio ficou sentado com o copo de vinho enquanto Santiago colocava os óculos, apertava sua mão e desaparecia no meio dos outros. Mas eu não, pensou. E bebeu outro gole. Tão rápido que o vinho derramou na mesa. Passou o dedo, puxou um fio longo, vermelho, para baixo, depois lambeu. A música parecia bater nas paredes forradas de veludo, câmara de eco, para depois voltar mais alta, mais barulhenta, cheia de metais, nosso louco amor, repercutindo dentro da cabeça. Apertou o copo com as duas mãos. Escuta, eu não pretendi, eu gosto de você. Em volta olhavam disfarçado, riam baixinho. Foi quando terminava de acender mais um cigarro que sem pensar apanhou o casaco, pegou os dois cartões, levantou-se, correu para a porta. Alguém tentou segurá-lo pelo braço, há quanto tempo, nossa você por aqui, precisamos. Libertou-se brusco, quase num soco, afastando faces e corpos com os cotovelos. Jogou os cartões na caixa, pagou sem esperar o troco e saiu para a chuva.

Surpreendeu-o no momento em que abria a porta do carro. A roupa branca parecia brilhar no meio da noite.

— Santiago — chamou.

— Não me chame assim. Não é esse o meu nome.

Segurou-o pelos ombros, forçando-o a encará-lo.

— Olha, eu não quis. Eu juro que. Eu não me lembro.

— Beto — Santiago repetiu. — Beto, Beto, Beto. Você disse que eu me chamava Beto. Você não tem o direito.

Pérsio sacudiu-o, muito leve. Depois com mais força, olhando-o nos olhos. Se conseguisse enxergar os olhos dele, atrás das lentes respingadas de chuva.

— Para com isso. Já ouviu falar em, em. — Hesitou, e disse: — Em lapso, lapso *freudiano*, que idiota, eu. Deve ter sido isso. Uma coisa assim. Eu não quis dizer. Conscientemente, eu não quis dizer, me entende. Acredite, eu gosto de você. Não vamos estragar a noite, não vamos estragar o nosso. Conhecimento, a nossa amizade. Não vamos, por favor, não vamos. Não quero que você pense. A gente bebeu demais, só isso. Por favor, não quero que você pense.

Santiago tinha uma das mãos na porta aberta do carro, a outra caída ao longo do corpo. Olhava para ele sem dizer nada, a chuva escorrendo pelos cabelos, ombros tensos. Atrás dele, Pérsio via agora, atrás e além dele a grande avenida cheia de carros em movimento, anúncios

luminosos, a cidade encharcada, alagada, nunca mais pararia de chover. Charco e brilho, pensou sem querer. À sua frente, muito próximo, o rosto erguido de Santiago com um orgulho infantil, a chuva molhava os óculos por trás dos quais o olhar brilhava sobre os maxilares cerrados, enrijecidos com raiva, desprezo, mágoa, confusão e todas essas coisas assim vermelhas, coisas que não havia antes, que não suportava agora porque não era assim, porque não devia ser desse jeito farpado, porque não era preciso. Porque iria embora quase certamente no próximo minuto, e nunca mais se veriam, porque estava só, embaixo da chuva interminável, o Sul alagado, a segurá-lo pelos ombros como se pudesse prendê-lo, e se ele fosse embora naquele momento, daquela forma dura, se ele fizesse um movimento para entrar no carro, dando a partida, parado na calçada, não queria o drama, por favor, poupe-me as cenas, tornaria a entrar no bar, tinha certeza, para encher a cara copo a copo, determinado, seria insistente, desagradável, pegajoso, cantaria qualquer um, treparia até a manhã seguinte, talvez dormisse no meio, de porre, de tédio, não importava, para despertar cheio de náusea e cansaço e ressaca, o ruído incessante da chuva, uma requintada tortura e dor no meio da tarde de outro domingo sujo. Quase gritou, apavorado:

— Alguma coisa em. Alguma coisa em mim que eu não entendo. Eu devo ter inveja, eu não te disse que eu nunca consegui? Eu não entendo de amor, de algum jeito complicado. Dentro de mim, vê se me entende. Isso nunca aconteceu antes, eu não queria ferir você. Te ferir, eu não podia ferir. Seria a última coisa que. Eu não devia, eu não pensei.

Santiago soltou os ombros, baixou a cabeça. A chuva escorreu pelo rosto:

— Está bem, está tudo bem. Mas eu vou embora.

— Você não vai embora.

— Eu estou cansado.

— Você não pode ir embora.

— Eu estou triste.

As unhas roídas, Pérsio tocou-o no rosto. Ele virou brusco a cabeça. Pérsio avançou mais os dedos, puxando-o para si até que estivessem tão próximos que o ar entre a boca dos dois formava uma pequena esfera de fumaça, cheirando a conhaque, a vinho, a cigarro, a medo.

— Não, você não vai embora. Pelo amor de Deus, você quer me ver fazer uma cena *passional* em plena frente do Deer's? Sabia que esta é conhecida como a Esquina do Ridículo? Daqui a pouco começa a juntar gente. O Carlinhos viu tudo. Você acha que a viborazinha não ficou cuidando? E a minha reputação pro-fis-si-o-nal, onde fica? *God!*, deve ter ido correndo chamar o coro inteiro do tal *Édipo*.

— *Antígona* — Santiago corrigiu.

— Tanto faz, que importa? Édipo, Antígona, Ifigênia, Hipólito, Prometeu, Electra, Agamêmnon, Clitemnestra, Orestes. Toda a tragédia grega. Não transforme um lapso freudiano *primário* numa supertragédia urbano-contemporânea, menino. Eu gosto de você. Eu estou meio bêbado. Eu estou ficando completamente torto. Me dá uma chance. — Abraçou-o. Afundou o rosto na gola molhada do paletó de veludo branco. E parecia verdadeiro, pequenino e desamparado, repetindo: — Eu gosto de você, eu gosto tanto de você, garoto. Me dá outra chance. Me deixa guiar a nossa noite.

Santiago podia sentir o rosto dele ao lado do seu, pouco abaixo, apoiado no peito. Ergueu devagar o casaco que Pérsio trazia nas costas, colocou-o sobre a cabeça molhada dos dois abafando os ruídos. Como embaixo de uma barraca, acampados num lugar deserto longe de tudo, talvez montanha, perto de uma vertente de água, e então começasse a cair aquela chuva louca lá fora. Dentro de uma redoma de cristal, protegidos da rua, da cidade, dos outros. Dos artificios, jogos, tortuosidades, pensou, a respiração morna junto ao pescoço. Abraçou-o também, que vinha de muito longe, que mal se conheciam, um bicho arisco, abraçou-o com muita força, como se quisesse entrar dentro dele para poder compreendê-lo mais e melhor, inteiramente sozinhos no meio da chuva, assim mais poderosos, na esquina do ridículo, por dentro da noite. Foi apertando aos poucos, o corpo inteiro contra o corpo do outro. Pérsio beijou-o leve, lábios molhados, com cuidado e vagar, onde a barba terminava e começava a pele lisa — *la peau douce*, lembrou. Ao longe a porta do bar abriu e tornou a fechar, deixando fugir para a calçada um rugido de guitarra elétrica que o fez estremecer com frio e medo e saudade e uma bola, um novelo escuro parecido com solidão e nunca mais. O casaco escorregou, caiu na calçada, ruído fofo. Afastou-se para olhá-lo outra vez nos olhos, que não se esgotavam. Eram olhos de criança muito claros e limpos, um pouco vermelhos, assustados, sem maldade. Sorriram um para o outro. E tudo estava certo outra vez, e tudo tinha um gosto bom.

— Está bem — disse. — Eu não vou embora. Você pode comandar a nossa noite.

Entregou-lhe a chave do carro. Entrou, deslizando pelo banco, puxando-o para dentro, pela mão de unhas roídas. Pérsio apanhou o casaco molhado. E manteve a mão dele apertada, até soltá-la lentamente para dar a partida.

— Você está muito molhado. Vai pegar uma gripe. Precisamos de mais um conhaque. Você quer ir até a Terra de Marlboro?

— Onde?

Ele riu. Canto de boca, fio suspenso, cordel puxado: o vinco.

— Terra de Marlboro, onde os homens se encontram. Ou se perdem às vezes, dá no mesmo.

Santiago enxugava os óculos na ponta da camisa.

— Você quer?

— Para dizer a verdade, não queria ir a lugar nenhum mais. Quero ir embora.

— Mas nós podemos ir.

— Não é isso. Não para casa. Nem para Paris, Londres, Roma, Nova York. Nem para Pasárgada, Xanadu ou Eldorado. Para mais longe. Jacarta, Togo, Bali, Surabaya, Zaire, Java, o mar de Java. Qualquer lugar onde a gente pudesse viver uma coisa mais inteira. Não nesta cidade, não neste país. — Cantorolou: — *Surabaya, Johnny, não me deixe assim, Surabaya, Johnny, estou tão infeliz.* — Repetiu, como uma música: — Jacarta, Togo, Bali, Surabaya, Zaire, Java.

Mas deslizavam outra vez pelas mesmas ruas molhadas no caminho de volta, entre edifícios com algumas janelas iluminadas, recortes de cartolina, velhos filmes na televisão, Jane Wyman, Cornel Wilde, pessoas entrando, saindo de lugares barulhentos, semáforos colorindo as poças onde navegavam. Santiago quis dizer outra vez que preferia ir embora. Mas as manhãs paradas, temeu, como uma toca, seu lugar conhecido onde tomaria um chá bem quente, leite morno com mel e canela antes de afundar entre lençóis, talvez dormir, se conseguisse deter o galope na cabeça cruzada de memórias e presságios. Não pelas palavras, não pelo encontro, não pela noite. Talvez apenas para certificar-se de que em algum ponto da cidade existia um espaço onde não seria forçado a movimentar-se, onde não houvesse nenhuma conversa, nenhuma solicitação de fora, nenhuma possibilidade de prazer ou dor, nenhuma expectativa. Somente um silêncio de homem sozinho naquelas manhãs sem praças nem maçãs, olhando a luz do dia do lado de fora da janela.

— Gostaria que fosse de manhã — disse.

Pérsio não respondeu. Fumava quieto atravessando sinais fechados, desertos, virando esquinas. Alguma coisa partida agora. A xícara, uma xícara antiga de porcelana chinesa que você ganhou de alguém especial, de um modo especial, num dia especial, ou comprou em certa tarde de extravagâncias, reclinando-se mais tarde ao fazer contas debruçado sobre o talão de cheques, ao mesmo tempo em que acompanha com fascínio, talvez algum horror e infinito cuidado, os desenhos delicados, aquele ideograma indecifrável, quem sabe *Pi*, como no I-Ching que jogara à tarde, Santiago foi desenhando no vidro embaçado 比 água sobre terra, repetiu, seis na segunda linha, o-movimento-para-com-união-e-afeto-procede-do-interior-damente. De repente, num canto de sala, sobre um objeto, você esbarraria sem querer, e cacos numa explosão aguda, os cacos da xícara que nem chegou a durar um dia, depois você tentaria colar paciente, embora sabendo que sempre restarão pequenos vincos, gretas, quase

invisíveis, mas indisfarçáveis na sua trama, as linhas finas entre os cacos colados um por um, para sempre. Uma almofada de seda clara onde num movimento bruto você derramaria vinho tinto.

A mancha, o caco, o silêncio soando falso.

Pérsio ligou o rádio, volume muito alto. Mas era um som alucinado de metais, manchas, cacos no espaço entre os dois. Das janelas abertas, nos carros próximos, quando paravam nos sinais, brotavam músicas semelhantes. Donna Summer, pensou, Terra de Marlboro. E dentro dos carros próximos havia quase sempre um casal sem crianças, ou duas moças, ou dois rapazes, ou mais raramente três ou quatro pessoas que fumavam, se olhavam, diziam coisas. Quando o carro novamente avançou pela Faria Lima e ele pôde ver o relógio brilhando no escuro, no alto, duas horas e 43 minutos, 11 graus, dentro do carro ao lado, duas horas e 44 minutos, 11 graus, um homem de cabelos grisalhos, sem música, sozinho, olhou para ele como se não o visse. Que ficaria assim um dia, dirigindo à toa, à noite, pelas ruas, cheio de memórias fatigadas sem presságio algum, ausências ocas, lembranças áridas, porque não faria nada com elas a não ser senti-las ácido, não seria necessário o rádio ligado nem direção alguma, não iria para lugar nenhum, negou, negou de novo, nunca haveria ninguém ao seu lado. Falaria consigo mesmo em voz baixa coisas sem importância, talvez cantasse repetindo nomes de outros tempos, de pessoas, cidades, livros, cruzaria de ponta a ponta a cidade que não teria fim, atravessando túneis, viadutos, por baixo, por cima da terra, que tinha medo da morte cega em seu encaço e das perdas e das marcas deixadas pelas perdas e mais além, das perdas tão completas que nem sequer deixavam marcas e do que não conseguiria lembrar, sentia pena dos cacos entre as mãos, tão pulverizados que mesmo que os apertasse com força não conseguiria arrancar nem uma gota de sangue.

— Você está cheio de memórias — Pérsio disse.

As gotas de chuva começavam a apagar o ideograma no vidro.

— Eu sei. Às vezes acho que não vou esquecer. Mas está passando. Vai passar, vai passar.

— Deslizou o dedo pelo desenho quase apagado. — Eu é que devia pedir desculpas a você. Não tinha o direito de dizer aquelas coisas todas.

Pérsio sacudiu os ombros.

— Não tem importância. Já passou.

Atravessaram a avenida Paulista, alcançaram a descida ampla em direção às luzes da cidade, os muros altos do cemitério, as sombras emaranhadas das árvores — ciprestes, abetos, abetos, e as urzes, os cardos —, o grande anjo de braço erguido, mármore frio segurando a espada reluzente de chuva, a igreja recortada contra o céu, nenhuma estrela, uma

vontade de benzer-se pedindo proteção, afasta de mim, Deus, mas Deus tinha morrido em Auschwitz, talvez no Vietnã, fazia tempo. Enveredaram pelas ruas estreitas repletas de gente parada pelas esquinas, sob as marquises, nos bares, buracos iluminados. Pérsio estacionou com dificuldade, depois de voltas lentas pelos quarteirões. Na calçada, lado a lado em silêncio, procuraram as marquises junto aos edifícios para abrigar-se. Um na frente do outro, encolhidos, até que Pérsio alcançou-o, tirando o casaco para protegê-lo novamente. Mas já não se olhavam, mesmo quando à beira da porta pegou-o pelo braço empurrando-o por entre as pessoas, para mergulharem na penumbra de uma onda riscada de cores, pesada de fumaça, vozes, perfumes e música muito alta, ansiosa, elétrica como a do carro. Furar lentamente a barreira dos corpos de muitos homens, uma cerimônia selvagem, a massa de pessoas dançando sem parar na pista do centro, imaginou um adolescente branco e nu amarrado num altar no centro da pista, o anjo empunhava a espada, prestes a ser sacrificado. Cálices de sangue, tambores, atabaques, percussões.

No balcão, Pérsio estendeu os tickets por cima da cabeça de alguém e pediu dois conhaques. Apresentou-o a um rapaz grande, de camiseta muito justa realçando os músculos esticados sob a pele tensa, mas não conseguiu ouvir o nome nem outra coisa qualquer sendo dita, apenas sorriu, apertou a mão enorme. Suspensa do teto, sobre a pista uma esfera de pedaços de vidro girava jorrando fâcos de luz em todas as direções. Às vezes soava um apito agudo, sirene, buzina, então a luz começava a tremer azulada e os movimentos das pessoas tremiam também, partidos como se no ato de voltar a cabeça para o lado não houvesse transição alguma: o rosto subitamente de perfil, curvado sobre o ombro, depois outra vez de frente, ou o contrário. Como o rapaz grande curvando a cabeça para ele, depois de costas, interposto entre Pérsio e ele.

A roupa branca cintilava, feita de prata e luz.

Fechou os olhos. Por um momento um ninho de serpentes coloridas e riscos de neon agitou-se no fundo das pálpebras, entrelaçadas. Santiago apanhou o copo que Pérsio estendia sobre o ombro do outro e de repente, quando um dos fâcos de luz incidiu direto sobre as garrafas dispostas na prateleira de vidro atrás do balcão, entre o ombro largo do outro e os reflexos de luz, percebeu que ele o olhava outra vez direto nos olhos. Que não se esgotavam, os olhos inesgotáveis. Mas não sorria. Não sorria nem fazia movimento algum com o rosto ou o corpo além de erguer o copo quase acima da própria cabeça, para depois estendê-lo entre o ombro largo do outro e o reflexo de luz batendo no vidro, tocando de leve no copo dele sem dizer nada, num brinde sem tilintar nem palavras, ou dizendo alguma coisa que se perdia no meio das vozes, da luz que tornava a apagar, palavras partidas como os movimentos, cacos, lascas.

Disse que ia ao banheiro, e voltou-se para penetrar entre os homens. Mas deteve-se na porta aberta, o homem de pernas abertas, braços cruzados, contra os azulejos do fundo, a mão pousada na braguilha dos jeans, entre o cheiro de mijó vindo de dentro, desodorante sanitário e alguém que o empurrava, pedindo passagem. Voltou até o bar, durante horas voltou até o bar desorientado, procurando o rosto conhecido do outro sem encontrá-lo. Viu uma blusa vermelha ao longe, dobrando a curva das escadas, em direção ao andar de cima, feito balcões suspensos de onde se podia acompanhar a dança dos outros, o sacrifício, anjo, espada, ritual, embaixo, no meio da pista, estava tonto, sob a esfera de vidro que girava e girava e girava. Pensou em chamá-lo, mas não ouviria. Não queria ouvir mais, e quis ir embora, mas estava perdido, as chaves do carro, a noite suja. Uma das mãos segurando bem alto o copo cheio foi subindo pelos degraus olhando as caras desconhecidas uma por uma, uns cabelos crespos, um bigode negro, uns olhos escancarados. Pérsio não estava lá. Estou bêbado, disse em voz baixa. Descobriu a mesa no canto, pediu licença ao homem solitário ao lado e sentou-se debruçado no balcão, olhando para baixo. Guardou os óculos no bolso para que se emaranhassem melhor os corpos, as formas, as cores, os gestos. Com os olhos fechados, depois, as serpentes coloridas voltavam a se revolver inquietas.

Não conseguiria lembrar ao certo. Talvez fosse verão, porque usavam roupas leves, calções largos, camisetas. Estava entardecendo, não fazia frio. Por alguma razão, tinham ficado os dois para trás, ele e aquele outro garoto esquisito, silencioso, esguio como um daqueles egípcios das gravuras no livro de história. Ele tinha uma bola de futebol embaixo de um dos braços. Caminhavam sobre um campo inclinado, tão inclinado que antes do topo, onde estavam, não conseguiriam ver o que viria depois. Havia outros, que já tinham ultrapassado aquele ponto. Ele queria chegar até aquele ponto onde estavam os outros, embora já o conhecesse, a tudo o que existia do outro lado, e só iria porque os outros tinham ido, como um dever que se cumpre. Mas havia também aquele garoto caminhando lento pouco mais atrás, descobrindo devagar entre os talos de grama coisas que ele não via. Foi ficando quase junto com ele, para trás também. Se desse mais alguns passos alcançaria o topo, então olhou para trás e o garoto tinha começado a rodar de braços abertos para depois cair estendido de costas no chão. Ao invés de avançar, começou a voltar em direção a ele, e percebeu que mastigava um talo de grama, e perguntou então qualquer coisa como se estava cansado ou tonto ou algo assim. Mas o outro disse que não, que só estava olhando o céu, que quando rodava daquele jeito o céu rodava junto, e quando finalmente caía de costas sobre a grama, o céu e a terra de repente se misturavam e na cabeça, disse, parecia que uma coisa de dentro ia para longe, para cima, para fora. Perguntou se ele não queria experimentar também, que era divertido. Ele

achou estranho, no começo ele achou bastante estranho, o outro era um garoto estranho que fazia coisas estranhas, mas não havia ninguém em volta vendo, então jogou a bola na grama e rodou ele também de braços abertos cada vez mais rápido tanto e tanto que não conseguiu perceber o momento exato em que deixava de estar em pé e começava a tombar. O céu e a terra se misturavam enquanto ele já não era completamente ele mesmo, mas uma coisa que girava junto misturada também, deitado ali ao lado do outro na terra, enquanto a cabeça parecia flutuar um pouco acima do corpo. A tontura passava aos poucos feito um começo de porre, mas isso só saberia mais tarde, muitas vezes, quando você respira fundo ou sacode a cabeça, por enquanto não, porque era pouco mais que uma criança, o outro também, e não sabiam. Por enquanto sabia só que aquilo era estranho, estranho estar deitado na grama, o queixo apoiado na bola de futebol, descobrindo vidas miúdas entre os talos, mascava um gosto adocicado entre os dentes. O rosto do outro muito perto com seus olhos claros que não eram egípcios, eram olhos de gato fixos, redondos, entre o verde, amarelo, e dizia então que não era igual aos outros, os que estavam do outro lado, que um dia iria embora para outra cidade, uma cidade grande, uma cidade imensa, para outras cidades de outros países, e viveria coisas tão inteiramente diferentes de todas aquelas vividas ali que nenhum de todos aqueles seria mais capaz de compreendê-lo, nunca mais. E que quando rodava assim, tudo se misturando, era como se sentisse naquela tarde o que sentiria no tempo futuro, quando todas as pessoas que tivesse conhecido e todos os lugares por onde teria andado e todas as coisas que teria vivido se misturassem dentro dele. E perguntou se ele não queria também partir um dia. Afundou o queixo na bola de futebol e disse talvez, não conseguiria lembrar direito, talvez primeiro que não, que nunca tinha pensado nisso, depois que sim ou que gostaria, um pouco depois, ou que guardaria isso na cabeça para pensar mais tarde, quando chegasse em casa. Então o garoto esquisito como um egípcio levantou-se de um salto para recomeçar a rodar e a rodar de novo, o rosto erguido para o céu quase transparente de fim de tarde, até cair novamente no chão. Mas desta vez desequilibrou-se um pouco antes de tombar, rolando por cima dele. Que não se desviou, apenas levantou-se e rodou também e rodou de novo e rodou bastante até cair também um pouco por cima do outro, do esquisito. Então, ou antes ou depois, não lembraria, era tanto tempo e tanta história e muita estrada, o outro garoto perguntou se duas pessoas juntas não poderiam rodar assim para sempre juntas e quando os outros olhassem com raiva porque rodavam assim, eles os veriam de um outro jeito, daquele lugar para onde teria ido a cabeça, um pouco de cima, de longe, de fora, porque não seriam como eles, veriam juntos, os outros não os compreenderiam nunca, porque estavam misturados com o céu e a terra, talvez não os perdoassem. E tornaram a rodar mais vezes, o sol se pondo e talvez algum

vento deixavam a grama liberar um perfume forte de coisa verde viva, e rodaram outra vez caindo um por cima do outro, rindo a cada choque, porque eram leves, os corpos se tocavam sem se machucar. E de repente rolavam juntos um sobre o outro para baixo no campo inclinado, na direção oposta das pessoas que tinham passado para o outro lado e quem sabe esperavam por eles. Porque era o que se esperava das outras pessoas, que passassem também para o outro lado, aqueles mesmos que diriam, se soubessem, para não se deterem assim no meio do caminho a procurar inutilidades na grama, no céu, no vento. Então rolaram e rolaram outra vez e tornaram a rolar, às vezes subindo com esforço pelo campo inclinado, os corpos se tocando mais, para depois baixarem mais velozmente, misturados um no outro. Tinham começado a suar, sujos de terra e muito vermelhos, e riam alto às gargalhadas rolando pelo campo afora. Não lembraria agora, não lembraria aqui nem naquele dia ou outro qualquer, pudesse avançar ou voltar, e não voltaria, não saberia precisar qual deles parou primeiro para olhar bem de perto o rosto do outro. Não saberia ainda se teriam sabido que eram rostos muito moços, rostos que apenas tinham começado a deixar de ser crianças, imprecisos, traços não definidos, e alguns pelos por nascer, outros formando sombras nas faces, espinhas, indecisões que desapareciam mais tarde ou se confirmariam em outros traços mais duros, mais suaves, mais pesados ou leves, não sabiam o que aconteceria, nem das marcas reservadas pelo tempo enorme como um tapete estendido na sua frente. Não saberia dizer qual das bocas avançou antes de outra para que se encontrassem vencendo o espaço molhadas, se misturando. Rolaram outra vez assim calados tontos suados ofegantes sem medo algum, porque eram leves e não tinham culpa, quase crianças, até que de longe cortando o momento longo do outro lado, do lado para onde todos os outros iam sempre e para onde eles deveriam ir também, se fossem como os outros, mas não iriam nunca mais, que era muito tarde, se não tivessem se detido por ali, no campo inclinado brincando tonturas, trazida pelo vento veio uma voz chamando por seus nomes três, quatro vezes, uma navalha interposta afiada entre dois objetos colados, rasgando o inseparável.

O contato morno na perna direita tinha subido desde o joelho, avançando pela coxa até deter-se móvel, circular, em sua braguilha. O ruído da voz, o silêncio do campo, o deslizar o zíper da calça sendo abaixado e dedos penetrando feito cobras quentes, um ninho contorcido de cobras lentas, afastando os panos, os pelos, procurando. Bebeu mais um gole de conhaque e sem sentir, num gesto mecânico, tornou a colocar os óculos para ver as pessoas dançando lá embaixo. Os dedos no ritmo da música, cada vez mais acelerados, um calor que não sabia se vinha da bebida ou da proximidade do corpo do homem a seu lado, cada vez mais perto, embora olhasse para a frente, para baixo, os dedos alcançando a cabeça redonda de seu pau

duro, depois um braço passado em torno de seus ombros quase timidamente, como se tivesse medo de ser afastado, pedindo desculpas, uns olhos de cão, viu sem olhar. Santiago abriu mais as pernas, deitou o corpo para trás na cadeira, lentamente cedendo, os dedos do homem se fechavam, moviam-se ritmados, para cima, para baixo. Foi quando começava a apoiar a nuca no encosto da cadeira que seus olhos descobriram inesperados os olhos de Pérsio dançando sozinho no meio das pessoas lá embaixo, voltados para ele, um jato de luz iluminando primeiro o rosto de um, depois o rosto do outro. Pérsio ergueu o copo sorrindo para ele.

— Desculpe — disse levantando-se.

O homem limitou-se a sacudir os ombros. Não importava, havia tantos. Tornou a descer, puxando o zíper, afastando corpos. Braços abertos, Pérsio o esperava no fim da escada. Mas Santiago pegou-o pelo braço estendido e começou a puxá-lo entre as pessoas, no caminho de volta em direção à saída. Uma folhagem densa, quase intransponível, em torno de um pântano, os outros homens, os rostos, os corpos, os muitos cheiros dos outros homens que afastava brusco com a mão feito cortasse cipós, plantas daninhas, até a porta onde pagou rápido procurando ar. Depois os bares, calçadas cobertas de cores e desejos, carros parados no meio da rua, motos, algumas frases, certos olhares, convites, palavras partidas, rapazes de braços cruzados, mãos entre as coxas, encostados na parede, travestis, policiais tolerantes entre o cheiro de porra e maconha — e como uma febre, no interior da folhagem densa, uma febre coletiva enchendo o ar de tremores, ardências, delírios, malárias, dentes rangentes, promessas, convites, rostos distorcidos pelas luzes artificiais, as luzes cruas do mercúrio revelavam marcas fundas, da noite. Pararam perto do carro. A chuva tinha diminuído, pouco mais que uma garoa fria.

— Mas o que deu em você, cara?

— Quero ir embora. Você quer ficar?

Pérsio sacudiu a cabeça:

— Sozinho não. Não tem graça. — Estendeu-lhe a chave que tirou do bolso. — Pensei que eu é quem ia comandar a nossa noite. Ainda é cedo. Não são nem quatro. Podemos ainda dar um pulo no Triângulo das Bermudas.

— Eu te dou uma carona.

— Não precisa, é perto. Posso ir sozinho. Assim talvez consiga alguma companhia mais bem-humorada.

Santiago sorriu, imitando a voz do outro. Rouca, arrastada, irônica:

— *God!* Você não quer me ver fazendo uma cena *passional* em plena Terra de Marlboro, quer? E a minha reputação pro-fis-si-o-nal, onde fica? — Tocou-o de leve, os cabelos

molhados de suor. — Vamos logo, senão daqui a pouco chega um bando de garotas monstras. Ou o que é pior, seu amigo Carlinhos e todo o coro do *Édipo*.

— *Antígona* — Pérsio corrigiu. E entrou no carro, tentando rir. — O.k., você venceu. Zero a zero, está empatada a *peleja*. Dura peleja, duríssimo embate, caros ouvintes.

Olhou para a frente enquanto Santiago limpava o vidro. O casarão antigo recém-pintado. As molduras das janelas cuidadosamente coloridas de azul-marinho brilhante, ressaltadas contra o branco do fundo, as vidraças lavradas com guirlandas de flores miudinhas. Era quando via casas assim, pensou, que sentia vontade de voltar para o Passo da Guanxuma. Quis dizer qualquer coisa sobre isso, vidraças assim. Mas já tinha dito fazia tempo, as casas morrem, e Santiago parecia não ouvir nem ver nada, uma sombra escurecendo o rosto onde Pérsio descobriu pela primeira vez a nítida beleza dos traços bem-desenhados. Só que, repetiu devagar para dentro, não se conserta uma pessoa como se conserta uma casa. E de repente lembrou de alguém que não lembraria se ele o lembrasse um dia, porque talvez tivesse se perdido, sem permitir, repetindo, os olhos pretos, não se diz *conserta* quando se trata de uma coisa bonita, a gente diz *re-cons-ti-tui*, aprenda, e ele tinha respondido com palavras meio vazias, superficialmente brilhantes, convidativas, então vamos re-cons-ti-tu-ir a nossa relação?, o outro dissera eu sabia que você ia dizer isso, e ele rápido mas claro, foi por isso mesmo que você disse, das dores cinzentas de tudo o que tinha se perdido essa era exatamente a que mais doía, porque não tinha sido capaz, e dependia dele? Ah, gemeu sem ninguém ouvir, ah, amor, ai, amores, e contaria todas as faltas de nobreza, sem nenhum esforço viria à tona mais claro depois do banho, um dia, e ficariam horas a fio sentados no sol quase insuportável de Saquarema, os pés descalços de um tocando os pés descalços do outro, mas já não se poderia dizer que tinha sido tanto e quis lamentar-se, quis beber mais para chorar baixinho repetindo eu não mereço eu não mereço não me deram chance alguma a culpa não foi minha sempre a mesma solidão eu devia estar acostumado eu só queria e era tão simples, muitas vezes. Esta sangrava ainda, você compreende? Ele estava meio bêbado, não daquela vez, desta. Quando estava meio bêbado assim emergia, vinha à tona, mas não estava limpo, todo melado de emoções informuláveis, saudades impossíveis, tinha vontade de pedir que ficassem com ele, que o colocassem no colo, na cama, que lhe dessem chá ou leite quente e repetissem que tudo ia ficar bem, que amanhã haveria sol, e não teria ressaca nem precisaria trabalhar e todas as dívidas estariam saldadas e receberia todas as cartas, todos os telefonemas que esperava inutilmente havia meses, havia anos, uma vida inteira esperando o que não vinha.

Teve vontade de pedir a Santiago que ficasse com ele, mas a rua girava junto com o movimento do carro, a rua era dinâmica, aquela pedra suspensa sobre o mar, eu não vou

esquecer, como as casas que envelheciam e ruíam, como as pessoas que chegavam e partiam para se perderem umas das outras entre viagens inconciliáveis, linhas paralelas, o infinito não existia, coisas sem importância, o que era um casarão antigo de repente tinha se tornado uma avenida, um estacionamento, e o que tinha sido uma presença morna se perdia à toa pelas ruas da cidade, pelas estradas que levavam a outras cidades distantes, a outros países, às vezes inatingíveis, pelos telefones que não voltavam a chamar, sem nenhuma explicação, porque era assim que as coisas eram, era assim que o que chamavam de vida, essa tontura que sentia agora evoluía em direção ao nada sobre uma esteira de perdas que não aceitava, de sonhos que não aconteciam, desejos espatifados, espelhos, pedras, cacos, fios dispersos no tear de um tapete incompreensível que as mãos vazias um dia talvez não se atrevessem mais a tecer.

O coração batia tão forte que por um segundo teve medo de que Santiago ouvisse. Então pensou em ligar o rádio outra vez bem alto, bem inadequado. Ou começar a falar sem parar, exagerando carências, até convencê-lo a pelo menos tomarem um café na esquina da São João, depois o fliperama, as colunas do cinema, a banca de jornal, os cartazes gigantescos dos cinemas, depois. Acendeu um cigarro, encostou a cabeça no vidro.

— Queria que fosse de manhã — Santiago repetiu.

— Então viria uma luz cinzenta, uma horrível luz cinza-clara. Cada vez mais clara. Então as pessoas se olhariam disfarçadas, para perceberem que estavam com olheiras fundas, a pele gasta, cansada, velha. Durante alguns momentos ficaria um silêncio pesado, você tentaria dizer alguma coisa, e perceberia que a sua voz está meio rouca porque você já fumou e já bebeu e já falou demais. Na melhor das hipóteses alguém proporia mais uma carreira gentilmente, mais uma carreira, caros sobreviventes do naufrágio do sentido? — Tragou fundo, soprou a fumaça em direção ao para-brisa. — Não diria que foi uma noite especialmente *brilhante* não?

— As noites não são brilhantes. As manhãs sim. Por isso eu queria.

— Mas as manhãs são *péssimas*. Eu nunca vejo as manhãs. Eu sinto um humor nazista de manhã. — Pérsio fez um risco no vidro. Depois outro, cortando o primeiro, com um grande X. — Talvez seja esse o problema. Uma vida sem manhãs. Estranho é que não escolhi. Não consigo precisar o momento em que escolhi. Nem isso, nem qualquer outra coisa, nem nada. Foram me arrastando. Não houve aquele momento em que você pode decidir se vai em frente, se volta atrás, se vira à esquerda ou à direita. Se houve, eu não lembro. Tenho a impressão de que a vida, as coisas foram me levando. Levando em frente, levando embora, levando aos trancos, de qualquer jeito. Sem se importarem se eu não queria mais ir. Agora olho em volta e não tenho certeza se gostaria mesmo de estar aqui. Só sei que dentro de mim tem uma coisa

pronta, esperando acontecer. O problema é que essa coisa talvez dependa de uma outra pessoa para começar a acontecer.

— Toque nela com cuidado — disse Santiago. — Senão ela foge.

— A coisa ou a pessoa?

— As duas.

Santiago tinha estacionado o carro em frente ao edifício. E respirava lento, feito um iogue. Isso era só o que Pérsio podia perceber olhando para ele, a cabeça apoiada no vidro. Os ombros do outro subiam e desciam como se tivesse corrido. Quando expulsava o ar, saía junto um pequeno jato de fumaça que batia contra o vidro. No meio do silêncio, Pérsio teve a impressão de ouvir o coração de Santiago batendo batendo batendo tão forte quanto o dele, enquanto convidava:

— Você não quer descer um pouco? Você não quer tomar uma saideira?

— Já bebi demais.

Um relâmpago clareou o céu para os lados do Martinelli. Pagu, lembrou. Muito além.

— Não beberemos, então. Um chá, talvez? Quem sabe um café, um baseado? Vou te revelar um segredo, no fundo de uma caixinha secreta tenho ainda uma poeira dum papel *dangerizante*. Esquentando bem, batendo com cuidado, dá umas três carreiras para cada um.

Que subiriam juntos outra vez pelo elevador, acenderiam luzes, aqueceria a pedra de ágata ou o pequeno espelho, a gilete, a nota, colocaria um disco, talvez o mesmo, ou Ravel, gostava de Ravel nessas horas, o *Bolero*, tornaria a dançar, a dizer coisas como quando você estende a mão e pensa que vai tocá-lo, pronto: ele já não está mais ali. Falariam de coisas como essas novamente, ou de outras, se houvesse, e haveria, porque precisava desesperadamente falar e falar sem parar, para que não começasse a doer aquele ponto por dentro, à espera de que algo — ou alguém, seria alguém? — vindo de fora o tocasse para começar a acontecer, e aconteceria brilhante, iluminando ao redor, para que não latejasse tanto, chaga, ferida aberta, escondida feito úlcera, até que o cinza-claro do dia atravessasse cortinas e embora fosse domingo já não haveria tempo para mais nada porque teria amanhecido e quando amanhece, pensou, as pessoas fazem coisas prosaicas, caseiras, uma ilusão de ordem, feito escovar dentes, cabelos, bater travesseiros, ou no reverso alucinam-se falando e falando a um ponto de exaustão em que, no dia seguinte, como num lapso etílico, as grandes descobertas, as palavras incendiadas, as fantásticas sacações não passariam de manchas foscas quase apagadas. Que não, de um outro jeito, que não esse. Quis abraçá-lo de novo no meio da chuva, à beira do ridículo, na esquina. Mas as mãos de Santiago permaneciam cerradas em torno do volante. Ele respirava, o coração batia forte.

— Não — disse. — Melhor eu ir.

Pérsio abriu a porta.

— Você é que sabe. — Riu, de lado. No canto da boca, o vinco, marca funda, um talho. — Então o que digo? Me liga, está bem? Ou nos vemos. Ou pinta aí. O que você prefere? Quem sabe como foi moda em Ipanema há uns dois verões, tchau, su-ces-so, hein? Ou.

— Não precisa dizer nada. — Santiago estendeu a mão, segurou na mão dele. Acariciou a parte interna do pulso com a ponta do dedo. — Eu penso devagar. Não sei dizer coisas. Estou cansado. Preciso ficar só. A gente se vê. Até.

Pérsio desceu.

— A gente se vê é *perfeito*.

Jogou a ponta do cigarro numa poça d'água, foi andando para o edifício. Não se voltou quando ouviu o carro dar a partida. Atravessou o cheiro de éter da portaria, porteiro adormecido, tapete vermelho. No fundo do corredor, no espelho, a cara cansada que ele desviou abrindo a porta do elevador. Uma peça, pensou, uma peça teatral inteira passada no interior de um elevador enguiçado entre dois andares. Primeiro aqueles olhares paranoicos entre as pessoas, bem demorados, uns cinco ou dez minutos só de olhares e climas de elevador subindo ou baixando, pouco importa. Depois um clique, luzes apagadas, tudo parado. Nenhum grito. O elevador parou, ele desceu. Mas haveria um problema de espaço, um elevador é pouco maior que uma escrivaninha, uma banheira, imagine um palco apenas com aquele espaço iluminado, caberiam uns quatro, cinco atores. E não poderiam se movimentar. Só palavras soltas, movimentos presos, esboçados, entalados. Sem marcações.

Besteira, besteira, besteira, repetiu enfiando a chave na porta, fáceis realismos. Acendeu a luz, a sala grande demais, branca demais. Parado na porta, um impulso breve de voltar, tornar a descer pelo elevador, atravessar outra vez o tapete vermelho, sair para as ruas, não era longe, quatro, cinco quadras, um café na esquina, outra bebida talvez, uma cerveja, rebater todas, qualquer um, o primeiro, ao acaso, uni-duni-tê, como é seu nome, o que você faz, chupa-dá-come?, quanto você cobra, só da cintura para baixo, paraplegia às avessas, nada de beijos, lambeções, macho, sei, sei, examinar o volume apertado pelas calças justas como quem compra carne, talvez apalpar, mas quem garante que é de primeira?, depois esconder a carteira, a chave, o creme, a camisinha, a porra, a grana, pausa, banho, banho longo, trocar lençóis, Neocid nos pentelhos.

Fazia tempo, não tinha vontade. Atento apenas à coisa, ao ponto palpitante, pronto por dentro, redondo. Era redondo?, perguntaram. Era perfeito, responderam. Tão silencioso e remoto que quase não existia, ali à espera. Um toque, uma palavra mágica, um beijo no sapo,

desencantaria. Redondo, aberto, perfeito. Pêssego maduro, os vermes rondavam, apodreceria logo se ninguém. Jogou o casaco sobre o sofá e chamou baixinho, sacudindo o quadro:

— Kay Kendall, onde está você, meu amor? Apareça: o prisioneiro da cela ao lado voltou da condicional. Está péssimo lá fora, meu bem.

Mas não aconteceu nada.

Mas não aconteceu nada, caminhando à toa pela sala enquanto recolocava os livros nas estantes. Pérsio, Santiago, lembrou, depois guardou os discos na capa um por um. Então apago a luz da sala, vou até o banheiro, examino a cara com desgosto e pena, principalmente pena, muita pena, descubro alguma marca nova, mijo, lavo o rosto, vou até a cozinha, uma maçã, talvez coma uma maçã, ponho um pouco de leite a ferver, uma colher de mel, um pouco de canela, isso, como a maçã enquanto o leite ferve, parabéns, muito saudável, jovem, apago a luz, entro no quarto, cubro a xícara de leite quente com o cinzeiro para não esfriar, tiro a roupa, ligo a televisão, procurando um filme com Audrey Hepburn, que saudade de Audrey Hepburn, sacudo os lençóis, desligo a televisão, Audrey nenhuma, peruas platinadas, dúzias delas, então deito, bebo devagar o leite pensando em escrever para minha mãe, em mudar de vida, de emprego, de cidade, de país, que vontade, querida mamãe, de ser feliz, de ter um grande amor bem limpinho, bem clarinho, um amor de manhã bem cedo, não diga nada a ninguém, não é preciso, mas cá-entre-nós-que-ninguém-nos-ouça, não vem dando muito certo, tenho tentado, juro, beijos no pai, que ele não saiba que estou ficando velho, não conte a tia Flora que perdi as ilusões, que já nem lembro mais, e encho o saco disso e apago a luz e durmo e sonho. Sonho um sonho muito vivo, colorido, sonho por exemplo que estou no meio de um gramado, de manhã bem cedo, um ar tão limpo que os pulmões chegam a doer um pouco quando você respira, há flores amarelas no meio do gramado verde, e brilham, eu respiro e respiro mais fundo e sei que bem perto dali existe uma cachoeira, minha flor das montanhas, posso ouvir o ruído das águas caindo, caminho em direção à cachoeira pelo meio do mato, tiro toda a roupa, não, não, eu estou nu, o sonho todo, desde o começo, eu sempre estive nu, então fico embaixo da cachoeira muito tempo, encostado numa pedra, deixo aquele jato de água fria limpa clara bater bem no alto da cabeça, o lótus em mil pétalas abertas abrindo, passa uma borboleta azul, bons presságios: eu penso, eu acredito, a água gelada continua batendo na cabeça, escorre pelo corpo todo, e vou entrando, o sonho é meu, numa espécie de êxtase, satori, nirvana, eu acredito, eu sigo acreditando, outra vez eu acredito, embaixo da cachoeira, eu não paro um segundo de acreditar porque tudo é vivo vibra brilha, meu corpo não se separa da água nem da pedra nem do céu que vejo entre as folhas.

Filho da puta, disse sozinho, eu nem falei de estrelas, Pérsio falaria o tempo todo de estrelas pulsares quasares anãs brancas buracos negros, apontaria constelações, se fosse possível ver constelações neste céu de merda, mostraria o céu, didático: ali um pouco acima de Scorpius, está vendo?, bem ali fica Lupus, e logo acima a grande constelação da Hydra, entre Lupus e Hydra está Centaurus, de onde eu pensei que tinha vindo um dia, você consegue ver?, traçaria com o dedo, acompanharia o desenho, aquela bem grande, aquela estrela imensa, tem vida lá na Alfa de Centaurus, se você puxar uma linha quase horizontal, levemente oblíqua, só levemente, para cima, encontrará também Canopus, teria sido lá?, e não importava, ouça, não é lindo Ca-no-pus-Ca-no-pus-Ca-no-pus-Ca-no-pus-Ca, a água escorreria pelo corpo inteiro, cabeça, peito, pinto, pés, mas se fosse de manhã bem cedo não poderia apontar estrelas.

Acendeu outro cigarro. Caminhou para a janela como se fosse olhar para fora. Mas não queria olhar para fora. Queria talvez olhar para dentro, dentro-e-fora, misturados, o céu sujo da cidade pregado na alma, se havia alma. Mas se era um sonho, repetiu, num sonho pode. Num sonho pode tudo. A água escorria da cachoeira no dia claro enquanto as constelações brilhavam sobre a cabeça entregue.

Filho da puta, filho da puta, filho da puta.

— Sentado no chão, as mãos nos pés. E todo aquele papo, todos aqueles toques, todos aqueles traumas, todos aqueles climas, todas aquelas cenas, tudo aquilo na noite feito um movimento vindo de fora para despertar o vivo de dentro, o vivo quieto, à espera apenas daquele justo toque exato — mas de quem foi o erro, o que é um erro? Teve vontade de rolar pelo tapete, cena dramática, altamente realista, em gemidos dilacerados, síndrome de abstinência, sabor mexicano, delirium tremens, fassbinderiano bater nas paredes, chorando em soluços arquejantes, em gemidos desmesurados, depois correr ao banheiro para vomitar vomitar vomitar sem vírgulas nem pausas: vomitar. Mas não sentia náusea alguma, nem ânsias melodramáticas, filmáveis, aplaudíveis, premiáveis, patrocináveis. Só uma coisa seca na garganta. Poeira, *dusty answer*. Lera em algum lugar que as glândulas lacrimais começam a secar com o passar do tempo, seria isso?, cada vez você chora menos, já não conseguia, lágrimas, venenos expulsos pelo organismo, quem chora menos vive menos, não chorarei então, que estava farto, que tinha acostumado ao prego, que tinha petrificado, estátua de sal, de plástico, descalçou os tênis, dançarás descalço, para sempre pela Terra de Marlboro e pela Terra do Nunca, até que te amputem esses pezinhos e, de muletas, te tiveres tornado outra vez Puro & Piedoso, Iluminado por uma Divina Chama Interior, que eram anos, nem horas, nem dias, nem meses, mas anos, não apenas um, dezenas, anos e anos de solidão, eu quero a

alegria, rosou, quero porque quero o princípio do prazer, não tornaria a ouvir o sax desesperado, o seco, porque não suportaria, sim, suportaria, suportarás, as pessoas suportam tudo, as pessoas às vezes procuram exatamente o que será capaz de doer ainda mais fundo, o verso justo, a música perfeita, o filme exato, punhaladas revirando um talho quase fechado, cada palavra, cada acorde, cada cena, até a dor esgotar-se autofágica, consumida em si mesma, transformada em outra coisa que não saberia dizer qual era, porque não chegara lá ou sim, que chegar lá não passava disso, aqui passando a mão no rosto, nos cabelos, alguns brancos poucos, *hijo, como estás viejo*, cuspiu o verso de Vallejo, o que morrera em Paris com aguaceiro, onde João lavava pratos, a carta da mãe, mas a mãe estava morta, autopiedade nojenta, quase não havia mais tempo, embora pudesse ainda repetir *there will be time, there will be time* ou *acaso não fui cúmplice dos meus? desses vindos da noite* ou *stars open among the lilies*, tanta literatura andando pelo apartamento vazio, a vida, fosse o que fosse era agora, a vida era já, a vida era aqui, e o aqui e o já e o agora não passavam de uma vontade de chorar sem lágrimas, de vomitar sem náusea, de trepar sem sexo, tantos versos, tantos planos ficados para trás, só os dias rodando sem parar, o de ontem gerando o de amanhã, trazendo sempre o mesmo gosto de café e cigarros, tocou o peito, que talvez já tivesse começado a apodrecer, a coisa secreta, o ponto escondido, sem ninguém tocá-la, mais um tempo e sentiria o fedor, os outros sentiriam o fedor de longe, quando o encontrassem sozinho pelas esquinas da noite, procurando a pedra de toque, o aleph, sephirot, em algum encontro que, se chegasse, chegaria tarde demais porque o verde novo começara a ceder à decomposição.

Não existe volta para quem escolheu o esquerdo.

Tirou a roupa aos poucos. Completamente nu, começou a girar de braços abertos no meio da sala. Remoto, então, como se viesse do apartamento ao lado ou de baixo, de cima — talvez o de Lavínia, a lasciva, lembrou querendo rir, mas não conseguiu —, o som da campainha cortou o movimento. Uma voz que chega de longe. Navalha, alfanje, cimitarra. A cabeça ainda girava no meio da tontura quando entreabriu a porta para ver Santiago parado no corredor, mãos nos bolsos.

— Resolveu aceitar aquele chá, Santiago?

— Eu não me chamo Santiago — ele disse.

Não afastou o corpo para que o outro entrasse. Mas ele entrou. Fechou a porta às suas costas. Estendeu as duas mãos. Tocou-o nos ombros. De frente.

— Eu também não me chamo Pérsio. Portanto não nos conhecemos. O que é que você quer?

Ele sorriu. Estendeu as mãos, tocou-o também. Vontade de pedir silêncio. Porque não seria necessária mais nenhuma palavra um segundo antes ou depois de dizerem ao mesmo tempo:

— Quero ficar com você.
Provaram um do outro no colo da manhã.
E viram que isso era bom.

São Paulo (Jardim América), 1980
Rio de Janeiro (Santa Teresa), 1983

CRÔNICAS

Samba-enredo para um carnaval de horror

Carandiru, Candelária, Haximu. Sonoro, hein? Até parece refrão de samba-enredo triunfalista... Quem dera: esse é o trágico refrão de um país onde a palavra *chacina* tornou-se a mais *in*. E nem vou me dar ao trabalho de somar os mortos todos. Matemática nunca foi meu forte, e além do mais até hoje ninguém sabe ao certo quantos assassinados foram. Quem se importa? Eram homens e crianças quase todos pretos, e ianomâmis, todos índios. Para onde galopa célere todo este horror nacional? Sarajevo, Mogadíscio, qualquer coisa assim, muito além do Haiti.

Minha primeira impressão de São Paulo foi que uma bomba explodira e todos corriam sem saber pra onde. Suspirei fundo, fui espiar Porto Alegre, Rio de Janeiro. Porto Alegre, vá lá, ainda guarda certo ar de *segundo* mundo, graças a um prefeito decente. Mas o Rio — ai como dói aquela cidade em quem a conheceu nos anos 60 ou antes... Papo ouvido entre camareiras de um hotel no Leme: “Hoje quando saí tinha um presunto na porta de casa. Com a garganta cortada. A outra, superior: “Só *um*, meu bem? Ah, isso não é nada. Outro dia lá em casa tinha três.”

Acendo incenso, disponho cristais. E sei, nem todos axés e ebós do Gantois a Calcutá seriam suficientes para exorcisar o horror que desabou sobre o Brasil. Sônia de Oxum Apará, ialorixá amiga minha há 12 anos, avisa: “Não tem orixá que dê jeito neste país, meu filho. Vem aí revolução com muito sangue derramado e até golpe militar”. De novo? Meio zumbi, recito Carandiru-Candelária-Haximu mantra sinistro, e o mais remoto horror fica possível aqui, onde não deveria ser o Haiti, Sarajevo ou Mogadíscio. Em que espécie de inferno *eles* querem nos jogar, hein?

Voam boatos, internacionalizar a Amazônia. Tem ouro, urânio, tem bauxita por lá. Bueno, isso seria apenas oficializar o já feito. Se não, responda: para onde foi o ouro de Serra Pelada? Presto atenção nos jornais: há um milico todo assanhadinho para um *replay* de 64... Observo a televisão: tudo e todos completamente histéricos. Ninguém fala nada sério — o sério é “baixo-astral”. O “alto-astral” brasileiro do momento é todos gritarem e rirem feito hienas com trocadilhos infames sobre uma realidade social ainda mais infame. Fico repetindo a reza fúnebre: Carandiru-Candelária-Haximu, o que será que vem mais por aí?

Não é só isso. E esse IPMF anticonstitucional. E esses candidatos sem nenhuma credibilidade às próximas eleições presidenciais. E o saldo da falta de ética, moral, honestidade e bota etc. nisso deixado por psicopatas como Collor. E nós, e nós? Teus filhos que não podem sair de tênis; a gangue de adolescentes que vi na Paulista, armados de navalha, em plena noite de sábado; essas revistas sórdidas vendendo intimidades sexuais da gentinha supostamente chique; inflação demente e aquele apresentador naja do mal na TV. Tudo medonho. Chacina neles? Carandiru-Candelária-Haximu, versejo. Desde que voltei, sinto náusea. Desde que voltei não me saem da cabeça os versos de Brecht e Kurt Weil, em *A ópera dos três vinténs*: “Ó vós que nos dizeis e às vossas filhas/ que é feio abrir as pernas pra viver,/ trouxe primeiro um prato de lentilhas/ porque moral, somente após comer”.

Durmo às 23h, acordo às 7h. Todo atento, todo dia. Fico confuso, e também pondero se não serei eu o louco furioso, não o Brasil. Treze anos de psicanálise mais Sol e Lua em terra me serenizam: o que vejo está fora, não dentro. O problema é que o de-fora acaba sempre por transformar-se no de-dentro (e vice-versa, espero). Oxum Apará insiste: “Estou avisando meus filhos para avisarem seus amigos. Saia daqui”. Mas quero ficar, quero que Carandiru-Candelária-Haximu não se repitam nunca mais. Nem aqui, nem na Venezuela, nem em Togo.

PS: *E eu já tinha dado este texto por pronto quando vejo na TV a matança de Vigário Geral...*

*Crônica publicada no jornal
O Estado de S. Paulo,
no dia 5 de setembro de 1993.*

Adivinhem quem vem para roubar

Fiquem atentos, ele quer voltar. Nas últimas semanas, aqui e ali pelos jornais, encontro notas sobre a mudança para São Paulo, sobre o livro que está escrevendo e até mesmo algum artigo estofado de palavras gordas tipo *justiça, pátria, dignidade*. Em fotos recentes, continua com aquele ar entre o pinguim de geladeira e ator canastrão de melodrama chicano, agora acrescido de certa aura estudadamente humilde. Como se quisesse deixar bem claro que sofreu-e-aprendeu-com-o-sofrimento. Atenção, a cilada está se armando. Como antes, tão lenta que mal se percebe.

Porque ele é espertíssimo. E não digo que volte direto por cima (embora seja essa a meta), mas passo a passo. Deputado, senador. No começo, não recusará os mais insignificantes espaços da mídia — e esta, o que é horrível, lhe dará espaços cada vez maiores, mais nobres. (Se é que se pode usar a pobre palavra “nobre” em situações desse tipo.) Também porque virá o livro, e haverá o pretexto de divulgá-lo e naturalmente vendê-lo. Aos quilos, lógico. Tudo é business, aqui e no Haiti.

Até que, num final de semana, você vai tropeçar na cara dele na capa das principais revistas do país. Humílimo, sofridíssimo, luzes acentuando certas rugas amargas, certas sombras, quase santo. E enquanto rolam inimagináveis conchavos políticos por trás, a imagem começará a nos bombardear de novo. Já imagino os sentimentos coletivos a serem utilizados em slogans autopunitivos e maquiavélicos: erramos, fomos injustos, nunca é tarde para corrigir um erro. Ele vai declarar que tinha certeza de que não o deixariam só, como pedira, que o povo brasileiro, minha gente, não o trairia, que agora sim vamos retomar o crescimento e a arrancada em direção ao século XXI e patati-patatá, lembra?

Quando chegar o momento, virão votos em pencas das regiões mais medonhas do país. Como da outra vez. Haverá fraudes, acidentes providenciais em caminhões que conduziram eleitores do outro candidato — e isso, y otras cositas, jamais será esclarecido. Em seguida estonteantes viagens internacionais, superjatos, transatlânticos, jet-skys, talvez um novo casamento (o anterior, convenhamos, é difícil reabilitar). Sugiro: Lady Di, após o divórcio, ou Madonna (já que ela vem aí, não custa tentar). No caso de elas não toparem, quem sabe Sula Miranda (aquela porção sertaneja)? E por que não Xuxa, tão solitária e combatida sob o peso insuportável daquela estressante montanha de dólares?

Calma, também não precisa delirar... Mas que ele quer voltar, do fundo mais lodoso de minha paranoia congênita — acho claríssimo. Ele sabe que, das muitas doenças graves que afligem o Brasil, a mais grave é talvez não suportar a própria cara. Como da outra vez, quando em vez da rude cara operária do outro preferiram a empoada dele, simulacro estúpido dos galãs de TV. Como se votando nele, se tornassem ele.

E os caras-pintadas, meu Deus, vão ficar com as caras no chão! Aprenderão na carne aquilo que sempre ouviram dizer: o Brasil, meus filhos, é um país sem memória. Tanto que, até hoje, ainda não percebeu que este horror onde estamos atolados não passa do saldo legado por ele. A impunidade para ele e seus capangas nos deixou uma inversão moral nojenta: se você é honesto, você é trouxa. Não viram ele? Se ainda não, arregalem bem os fatigados olhos: exatamente um ano depois de ter sido corrido, armando todas para voltar.

Não digo nem escrevo o nome dele. Como aquela palavra, o contrário de *sorte*; cuja carga negativa desaba sobre quem a pronuncia. Pois isso é o que vai acontecer a quem se deixar enganar outra vez. Não digam que não avisei. Só vai ser difícil me achar para dizer qualquer coisa. Porque se isso acontecer mesmo — além da imaginação — peço aos amigos que me joguem num hospício e me deixem lá. Incomunicável.

Crônica publicada no jornal

O Estado de S. Paulo,
no dia 3 de outubro de 1993.

Levantando a cortina de papel vegetal

Escrita em Tóquio, um dia depois do Natal de 1992, a carta levou mais de dois meses para me encontrar. Passou pelo interior da França, pela Alemanha, Holanda, e acabou em Paris onde, num fevereiro sem sol, eu lia as denúncias de Reinaldo Arenas contra o regime cubano em sua autobiografia *Avant la nuit* (atenção, editores brasileiros, alguém já pensou em traduzi-lo aqui?).⁶ Rasguei o envelope branco, com timbre do Clube de Correspondentes Estrangeiros do Japão. A carta era de Marco Lacerda, velho amigo daqui mesmo, dos primeiros tempos deste Caderno 2, e na época correspondente da Editora Abril em Tóquio.

Nas três páginas, uma história horripilante. Um vizinho de Marco, o americano Chris, namorado de Adriana, uma nissei brasileira, caíra de um oitavo andar no bairro chique de Roppongi (os Jardins de Tóquio). Tinha a garganta e o pênis cortados por navalha. Parecia obviamente um assassinato, mas nos laudos da polícia, que não quis reabrir o caso, a morte foi atribuída a um “acidente com sinais de suicídio”. Menos de uma semana depois, Adriana e todos os amigos do casal sumiram sem deixar pistas. Marco estava assustado. Eu também fiquei.

Nos meses seguintes, sem endereço fixo, me perdi de Marco e de muita gente. De volta ao Brasil pedi notícias aos amigos comuns, que me tranquilizaram — ele continuava em Tóquio, escrevendo um livro. Na última terça-feira o livro foi lançado aqui, pela Editora Scritta. Chama-se *Favela high-tech*, um romance-reportagem onde a favela do título (aliás, ótimo) é o Japão contemporâneo, e, para minha surpresa, os personagens principais são aquele casal de que Marco falava na carta.

Como excelente jornalista, ele foi atrás da história. E levantou um roteiro sangrento que, com sua comercial e trepidante mistura de sexo, drogas e *nogautas* (canções tradicionais japonesas), poderia render um filme de sucesso. A diferença — brutal — é que não se trata de ficção. Adriana estava envolvida com a Yakuza, a poderosa máfia japonesa, em tráfico de garotas brasileiras para prostituição, e também em tráfico de cocaína. Seis meses depois de chegar a Tóquio para trabalhar como operária, tinha um BMW e um apartamento em Aoyama, bairro fino da cidade. Ela e Chris apaixonaram-se e associaram-se também nos negócios

(ganhavam 10% sobre os lucros), mas acabaram descobrindo que faca que corta sushi sempre é bem mais afiada do que parece...

Chris, americano, e Adriana, brasileira, eram ambos *gaijin* — palavra japonesa para “estrangeiro”, mas que também significa “inimigo” — e um perigo para a *yamato gokoro*, a raça japonesa pura, velha obsessão nazista que voltou a rondar o mundo inteiro. Corajosamente, Marco Lacerda esclarece mais coisas. Levanta uma ponta da cortina de papel vegetal bordada de clichês (haikus, gueixas, samurais etc.) que nos separa do Império do Sol Nascente para desmistificar o paraíso capitalista do Japão contemporâneo, onde milhões de executivos de terno azul-marinho batem-se pelas ruas enquanto vivem em caríssimos cubículos entupidos de tralhas eletrônicas. Atualmente, cerca de 250 mil nipo-brasileiros vivem no Japão, a maioria como operários.

Uma dona de casa que se prostitui para fugir ao machismo medieval, um monge zen desiludido da filosofia oriental e afogando as mágoas, em carreiras de pó, um homossexual maléfico que transforma em ópera gay a tragédia de Chris — são alguns dos personagens que tornam esta *Favela high-tech* um livro fascinante. Talvez não seja nem um pouco “politicamente correto”, essa praga dos anos 90 — o que é uma qualidade em tempos de neopuritanismo. E deixa uma estranha sensação daquela irrealidade da *science-fiction*: como é possível imaginar um país que perdeu a alma? Pelo que Marco Lacerda conta em seu livro, esse país chama-se Japão.

*Crônica publicada no jornal
O Estado de S. Paulo,
no dia 28 de novembro de 1993.*

De laços, de seios, sábados e tormentas

Era uma vez um sábado de abril. Sábado é sempre sábado, igual em Paris, Porto Alegre ou Cingapura. Sempre no ar aquela expectativa — pizza, cinema ou beijo, não importa — de uma gota de mel para o domingo. Comprei o *Le Monde* e o *Libération*, sentei no café da esquina para praticar meu mórbido e pátrio esporte diário: procurar notícias do Brasil, que não desato esse laço. Nunca tem. Mas desta vez — explosão! como diria Clarice Lispector — ah, desta vez sim, bem grande no alto da última página: BRÉSIL. Adiei a voracidade, pedi outro café, fui ao toalete fazer nada, acendi um cigarro, sorri para uma alemã e depois de uns dez minutos, absolutamente natural, só o coração batendo secreto me denunciaria, peguei e li sem fôlego, morto de sede e saudade.

Olinda, uma das cidades mais belas que conheço, patrimônio histórico da humanidade. Periferia de Olinda, Recife, Pernambuco, Nordeste do Brasil, América do Sul. Um seio amputado no lixo. Fome, miséria. Tamanho horror que minha forma mais eficiente de reproduzi-lo é repetir sua síntese aqui assim numa única linha para que fique bem claro e medonho e irrecusável na sua hediondez que ofende a todos nós:

Canibalismo em Olinda.

Voltei ao toalete para fazer aquilo que os bebês e os bêbados fazem muito, embora tenha passado dos quarenta e, hoje, só bebi café e vitamina C. Dobro o jornal com cuidado e vergonha, para que ninguém leia. Capricho na pronúncia ao pedir a conta, para que não suspeitem de onde venho e saio de fininho. Ando sem rumo por Alesia até me atrasar para a entrevista. Eva Louzon, apaixonada pelo Brasil, faz milhares de perguntas, eu falo do Sol, da energia bruta da terra — axé! axé-que-aqui-não-tem! —, de Machado e Rubem F. e Lygia Fagundes e Hilda Hilst e muita música, Gal, Bethânia e Calcanhotto, cascatas, araras, essas praias murmurantes aonde a lua vem brincar e futuro resplandecente. Um dia, um dia. Tropeço por brasilidades históricas, fumo demais. No metrô um punk antigo demi-moicano ameaça com navalha quem não dá dinheiro. Não dou, faço o invisível, sempre funciona. Desabo no Marais de tardezinha.

Um postal de Isabelle Adjani como Emily Brontë, uma antologia de contos gay organizada por David Leavitt. Podia visitar sem aviso Betty Milan, que mora na esquina, telefonar para qualquer um, em português, assistir *Jeanne la Pucelle*, Sandrine Bonnaire como meu ídolo de

infância, Joana d'Arc na versão de Érico Veríssimo. Não faço nada: cinemas cheios demais, ruas cheias demais. Quero voltar para casa, ver TV até a imbecilidade, dormir sem sonhos. Alguma coisa me falta, desesperadamente.

Estou perdido. Atravesso pontes, viro esquinas medievais. O dia é cinza e frio como as cinzas dos borralhos. Quero qualquer coisa que não tenho agora, um país, uma língua, um amor, nesta cidade estrangeira quero me jogar no Sena, me embriagar alucinadamente. Então eu paro e olho a rua, a casa em frente.

Quai de Bourbon, número 19. Uma placa diz que ali viveu Camille Claudel. Mais abaixo esta frase dela — “Il y a toujours quelque chose d'absent qui me tourmente” (Existe sempre alguma coisa ausente que me atormenta) — escrita exatamente há 108 anos. Mas já vivi isso, penso, por que outra vez? Quero acender uma vela pela alma de Camille, a multidão de japoneses barra a entrada de Notre-Dame. Amanhã, amanhã sem falta em Saint-Germain-des-Prés. Volto pelos túneis cheios de namorados. O sábado, o mel. O Brasil me falta e dói como dizem doer a ausência de um membro amputado, o seio no lixo, o tormento e a tormenta nas esquinas de Pernety, eu repito e repito o horror que ofende a todos nós:

Canibalismo em Olinda.

E, no entanto, eu não desato esse laço. Tão apertado, parece força.

Crônica publicada no jornal

O Estado de S. Paulo,

no dia 1 de maio de 1994.

Afinal, quem era mesmo Lolita Torres?

Prometi a Tania, e estou tentando cumprir a promessa. Já andei perguntando aqui e ali, discretamente, mas ninguém parece saber ou lembrar quem foi Lolita Torres. Bem sei, é desses nomes tão sonoros e perfeitos que logo ao ouvi-lo todo mundo tem certeza que conhece, mas basta você começar a investigar quando, e onde, e como, que ninguém lembra mais nada. Ficou a melodia, percebo. Ótimo, pois segundo Tania, Lolita era pura melodia solta no ar pesado da Moscou dos anos 50.

Agora parei um pouco de escrever, olhei pela janela e pensei que vocês não devem estar entendendo nada desta história. Vou tentar explicar, mas também confesso que não sei bem por onde puxar o fio. História tem dessas coisas, você às vezes puxa um fio que resulta noutro bordado não planejado. Em crônica fica ainda pior, porque você tem que controlar o espaço o tempo todo e não pode dizer demais, jamais.

Conheci Tania Prigarina no sul da Noruega. Russa, passou quase toda sua vida tentando escapar da Cortina de Ferro enquanto estudava teatro no Bolshoi. Há 15 anos, conseguiu: casou com um norueguês e foi morar em Hoisand, onde a encontrei na última primavera. Tem setenta anos, mas não aparenta mais que cinquenta com seus cabelos lisos pretíssimos que fazem lembrar certas fotos de Diana Vreeland, a sacerdotisa americana do chique.

A primeira coisa que pensei ao ver Tania foi que ela seria uma das três ou quatro únicas mulheres no mundo (uma era la Vreeland, a outra talvez Anjelica Huston?) perfeitamente habilitadas a usar sombra verde nas pálpebras e calças justíssimas com estamparia de tigre. Ou onça, não estou bem certo. Se você compreender isso e acrescentar inúmeros cigarros, olhos brilhantes e voz grave falando inglês com estupendo *accent* russo, terá uma boa ideia do visual de Tania.

Foi nos anos 50 que Tania Prigarina conheceu Lolita Torres em Moscou. Tania ocupava suas noites a copiar textos proibidos à luz de velas quando chegou a Moscou, pela primeira vez, um sopro do charme fútil do Ocidente. Era Lolita Torres que, por razões misteriosas, não era considerada capitalista ou nociva pelo Partidão. Nunca se falaram. Tania era apenas plateia dos shows onde Lolita dançava e cantava um repertório que incluía desde o fado português *Coimbra* até a guarânia mexicana *Maria bonita*. Até hoje Tania é capaz de repetir alguns versos, com sotaque arrepiante. Que língua vigorosa o russo meu Deus...

Pois durante uma das temporadas de Lolita em Moscou, e talvez ampliando o caminho aberto por ela mesma, o governo russo resolveu realizar um grande festival de cinema ocidental: Liz Taylor, Gregory Peck, Gina Lollobrigida, Kim Novak — uma chuva de estrelas despencou sobre Moscou. Só que filmes americanos jamais tinham sido exibidos na Rússia, e portanto seus *superstars* não significavam nada para o povo. Que na noite de abertura ignorou solenemente Lollôs, Novaks e Elizabeths para jogar-se em cima da única estrela que conheciam e consideravam não só a maior de todas, mas a única: Lolita Torres. Nessa noite (talvez Tania ou eu deliremos um pouco neste trecho), conta-se que Lolita foi carregada em triunfo nos ombros do povo pelas ruas de Moscou.

Então vêm as dúvidas. Tania diz que Lolita era argentina. Mas como uma argentina conseguiu furar a Cortina de Ferro dos anos 50? Não seria espanhola, ou até mesmo portuguesa? E Tania, pergunto, você está certa que o nome era mesmo “Lolita” e não “Conchita” ou algo assim? Desde que voltei ao Brasil, tenho perguntado aqui e ali. Quando falo “Lolita Torres” as pessoas fazem ah! e parece que já vão lembrar de tudo. Um segundo depois, não lembram nada. Ah, dizem também que Lolita fez um filme chamado *Age of love*, Tania não lembra ao certo. Quem lembra? E você, pense um pouco, tem certeza que nunca ouviu falar em Lolita Torres?

*Crônica publicada no jornal
O Estado de S. Paulo,
no dia 26 de junho de 1994.*

Sim, que seja este o porto

Sim, que seja este o porto. Aceitá-lo mesmo com seus muros a separá-lo da cidade, ocultando a vista do rio pouco antes da curva do Gasômetro, onde faz muito tempo houve um presídio, quase ninguém lembra. Quase ninguém lembra dos casarões antigos, dizem que de fazendeiros ricos, em alameda com palmeiras no meio em linha reta conduzindo à igreja no final da Getúlio Vargas onde, dizem também, passavam bondes. Ao falar em bondes, lembrar daquela curva inesquecível, o coração aos pulos no alto da João Pessoa, de onde era possível divisar lá embaixo e longe os morros, colinas, coxilhas que, dizem, seriam sete como as de Roma e Rossellini.

Mas sim, que seja este o porto — o de agora e não aquele da memória que quase ninguém lembra, a não ser os já-não-muito-jovens como eu, como você talvez. Passavam bondes — dizem ainda ou nem dizem mais? — Petrópolis-João Abbott, descer em frente ao cinema Atlas para subir a ladeira do Americano passando pelas escadarias de pedra até o IPA lá no alto — Marodin, Reichmann, os nomes, as cartas, o Tempo e eu sem saber que lembraria debruçado na janela franco-holandesa do Sétimo Céu a contar perdidamente as colinas lá longe e embaixo — Glória, Teresópolis, Santa Tereza. Seriam mesmo sete? Ainda que não, certamente sim, porque na Rua Avaí sem H entre outras alucinações havia a sina deste porto revelado no marco do Paralelo 30 cravado se não me engano justo ali na Redenção ou Medicina, não sei ao certo, nem importa. Os sinais eram muitos, tantos, e o signo: Escorpião. Como Berlim, como Magra Jane, musa do avesso daqueles dias, mas dela quase ninguém lembra ou sim? E de mim, e de nós lá? Tantos baiões, tantas garrafas, tantas viagens, tantos amores, oh Deus, que sereno inferno esse de lembrar o bom de antes quando nem sabíamos que acharíamos bom um dia. E seria? Cuidado, o Tempo mascara o duro.

Mas não, não aquele porto — e sim este de agora, dizer sim a ele e sobre todas as coisas, pois já aprendi e aprendemos que nunca se deve buscar em nada de agora o de antes. O de agora sempre comporta o de-antes e o de muito antes do que sequer lembraríamos, o de quando nem estávamos ainda aqui e onde então? Que não se chama saudade ou amargura, pois não há melancolia em tudo isso que mal lembram, apenas um espanto grave, o espanto humano de ver a cara do Tempo, e como será afinal essa cara? Eu ainda não sei, nem você, só na hora final quem sabe? Um milionésimo de segundo à beira de nascer partindo para O outro Lado,

aquele onde habitam os que já se foram, mas habitarão por lá também os bondes, os bares, as buscas, os beijos? havia beijos naquele porto enquanto navios partiam para alto-mar contornando as ilhas. Alguns voltavam, outros só às vezes, outros jamais, fincados em terras estrangeiras. Augusto há vinte anos na Escandinávia sem perder o sotaque de Uruguaiana, a suspirar por sopas tardias na Tia Dulce depois de algum filme francês no cinema Vogue. Ah Deus, que os humanos vão guardando dentro de si tudo e todos que se perdem o tempo todo sem parar, e pode doer, pode doer, eu aviso, mas não deve, não, não deve: te digo que é assim que as coisas são e o fugaz delas é a sua eternidade — não no real, mas na memória de quem lembra, e eu nem sequer entendo o que digo na manhã de domingo e chuva mansa sobre o porto minúsculo-maiúsculo de que falo.

Que seja ele, que seja exatamente este o porto. Mesmo para odiá-lo apaixonadamente algumas vezes, querendo partir sem deixar endereço ou telefone, mas por enquanto e com alegria, como uma Molly Bloom gaudéria, saudá-lo reverente em nome de Érico-Quintana-Dyonélio e repetir ardente, pedante, concentrado assim “todo perfume sim o coração dele batia como louco e sim eu disse sim eu quero Sims”.

*Crônica publicada no jornal
Zero Hora de Porto Alegre,
no dia 8 de outubro de 1994.*

As quatro irmãs (psicoantropologia fake)

Reza não muito antiga lenda que homossexuais masculinos de qualquer idade ou nação — além de bofe, bicha, tia ou denominação similar — dividem-se em quatro grupos distintos. Seriam na verdade, sempre seguindo a lenda, quatro irmãos que atendem por nomes femininos. A saber, essa ordem arbitrária não implica cronologia nem preferência: Jacira, Telma, Irma e Irene.

Para começo de conversa, vamos a mais popular delas: a Jacira. Suficientemente conhecida, seja pelo personagem *Jaci* (que no romance *Onde andaré Dulce Veiga?*, de minha autoria, em dias de arco-íris recebe uma *Oxumaré* de frente e transforma-se na devastadora Jacira) ou pelos louváveis esforços do jornalista Eduardo Logullo em divulgá-la através da coluna Joyce Pascowitch, na *Folha de S.Paulo*. Das quatro irmãs, Jacira é aquela que todo mundo sabe que é homossexual, e ela mesma — que refere-se a si própria, seja qual for seu nome, sempre no feminino — acha ótimo ser. A Jacira usa roupas e cores chamativas, fala alto em público, geralmente anda em grupos de amigas também Jaciras como ela, todas exercendo o velho hábito de *fechar*. Como diria Antônio Bivar, é uma pintosa. Uma pintosa assumida, despudorada. Sempre foi bicha, adora ser bicha e, maniqueísta como ela só, continua achando que a humanidade divide-se entre bofes e bichas, categoria esta última na qual se inclui. Com orgulho. Superinformada, embora não leia muito (existem Jaciras nigrinhas, analfabetas), ela sempre sabe — de orelhada — tudo que está em cartaz na cidade. Fofocas de televisão são seu forte, principalmente aquelas que insinuem viperinas dubiedades sobre a sexualidade alheia. Ao entrar em qualquer ambiente, uma Jacira sempre é imediatamente notada. O que satisfaz seu principal, e talvez único objetivo na vida: aparecer.

Bem menos luminosa e sem graça que a Jacira é: a Telma. Seu nome provavelmente originou-se daquela versão que Ney Matogrosso cantava: “*Telma, eu não sou gay/ o que falam de mim são maldades*”, algo assim. Ao contrário da Jacira, a Telma é infelicíssima. Ela bebe. Bebe para esquecer que poderia ser homossexual. O problema é que, exatamente quando bebe, mais exatamente ainda depois do terceiro ou quarto uísque, é que a Telma transforma-se em homo. Embriagada, Telma ataca. E dramaticamente, na manhã seguinte não lembra de nada. Aquela Jane Fonda de *The morning after* perde. Embora a Telma fique muito erotizada em estado etílico, ela sempre nega que é, e negará até a morte. A única solução para uma Telma

empedernida seria a psicanálise (que ela, a mais doente, acha que não precisa) ou parar de beber. O que, por tabela, significaria também parar de trepar. Pobres Telmas — categoria da qual países como o Brasil (vide academias de ginástica, futebol, chopadas com o pessoal da repartição etc.) está cheio.

Menos trágica, mas ainda complexa, é a terceira irmã: a Irma. As Irmas não são exatamente infelizes — pelo menos, não tanto quanto as Telmas —, embora bem menos felizes que as Jaciras — que aparentam ser e realmente são felicíssimas. Irma é toda aquela que todo mundo jura que é, incluindo a mãe, a irmã e a esposa (Irmas casam muito) — mas ela mesma não sabe que é. Não sabe ou finge que não. A Irma dá quase tanta pinta como a Jacira, adota todo o folclore gay, de Carmen Miranda a show de travesti, passando por concurso de miss, Mae West, leopardos, James Dean e Marilyn Monroe. Estranhamente, não “faz”. Quando solteira, ninguém de sexo algum poderá afirmar — muito menos provar — que já fez sexo com uma Irma. Ou se fez, não prestou muito, pois há quem diga que Irmas costumam ser maldotadas, impotentes, dessas assim. Pode ser. A verdade é, quando casadas, as esposas das Irmas raramente exibem ar muito satisfeito. Sexualmente satisfeito. Irmas costumam ser afáveis — ao contrário das problemáticas Telmas, introvertidas e depressivas. Adoram Jaciras, apesar destas gostarem de chamá-las, sobretudo em público e aos gritos, de “queridas”. É que toda Jacira sabe — ou supõe — que no fundo toda Irma é tão Jacira quanto ela. Mas como as Telmas, Irmas fogem de definições. E ao contrário das Telmas, muito pecadoras, podem até morrer sem se atreverem a provar os prazeres do — para citar uma Jacira clássica — amor que não ousa dizer seu próprio etc.

Inicialmente limitada a essas três, a lenda recentemente incluiu a existência de uma quarta irmã: a Irene. Tão assumida quanto a Jacira, ao contrário desta, a Irene não dá pinta. Ela é, sabe que é, mas não exhibe nem constrange. Pode até usar brinquinho na orelha, dar alguma rabanada menos comedida, ou mesmo — de brincadeira — referir-se a si mesma ou a alguma amiga no feminino. Mas a Irene é tranquila. Geralmente analisada, culta, bom nível social, numa palavra — Irene parece serena em relação à própria sexualidade. Que é diversificada. Podem ter longos casos, morar junto, ou vivenciarem certas idiossincrasias eróticas. Só gostarem de *working class*, por exemplo, ou de adolescentes, choferes de táxi ou estudantes de física. Ou de Irenes como elas: são as Irenes lésbicas, bastante comuns e conhecidas, literalmente, como gays. Telmas e Irmas escondem tudo da família, vizinhos e colegas, embora a Irma praticamente não tenha nada a esconder. Jaciras não escondem coisa alguma, explicitérrimas. Irenes deixam no ar: se alguém perceber, que perceba. Educação é básico para elas. Serenamente educadas, pois, às vezes até casam. Com mulheres.

Entre as quatro, desgraçadamente as relações são turbulentas. Jaciras, por exemplo, adoram seduzir Telmas. Estas (quando sóbrias, claro) têm medo, pânico de Jaciras. Irenes, por sua vez, nutrem uma espécie de carinho apiedado pelas desventuradas Telmas — e isso até pode resultar numa ardente noite de paixão entre ambas. Da qual naturalmente a Telma jamais lembrará, embora tenha feito horrores. O grande risco que toda Irene corre é apaixonar-se por uma Telma: comerá o pão que o diabo amassou, até entrar noutra. Com a Irma, de quem Irene também gosta, o risco não é tão grave: Irenes sabem que com Irmas não rola. E pode assim transformar tudo numa aparentemente saudável “amizade viril”: as duas fingindo, para usar a terminologia antiga, que são bofes. Há quem creia.

Jaciras não simpatizam muito com Irenes, acham-nas “metidas”. A recíproca é verdadeira: Irenes acham Jaciras pintosas demais, apesar de divertidas, folclóricas. E inconvenientes. E com a imperdoável mania de roubar namorados alheios. Irenes adoram namorar, pegar na mão, ir ao cinema, comer pizza, fim de semana em Ilhabela, ver TV — tudo isso *together*. Já Telmas e Irenes, entre si, são hostis. Talvez uma tema o julgamento da outra, vai saber. Irmas, no entanto, às vezes podem ceder aos insistentes encantos das Jaciras. Existem mesmo certas Irmas que algumas Jaciras — para ódio das Irenes — juram já ter feito. Jaciras, por sua vez, não raramente invejam Irenes, que sempre aparentam certa prosperidade (ao contrário das Telmas, com um cotêzinho decadente). Irenes mais neuróticas gostariam, de vez em quando, de serem confundidas com Irmas. E Telmas costumam sentir cegos, súbitos impulsos de desvendar suas almas abissais para os ouvidos compreensivos e ombros amigos das Irenes. Na verdade, Telmas, Irenes e Jaciras invejam um pouco aquela impressão (nem sempre verdadeira) de pureza que toda Irma passa. Assim como se estivesse por fora de qualquer grupo de risco.

A propósito, já que abordamos este desagradável tema: embora aparentem ser as mais perigosas, no que se refere a riscos, e apesar de promíscuas (a promiscuidade está implícita na jacirice), Jaciras cuidam-se muito. Verdade que com camisinhas nacionais, daquelas que arrebetam na hora H, na primeira golfada. Irenes sempre carregam na frasqueira sortido estoque de poderosas camisinhas estrangeiras, compradas em suas viagens. Com a idade, tornam-se um tanto maníacas com higiene, meio obcecadas com *safe sex*. Certas Irenes não fazem há anos, vivem em permanente estado de nervos. Já as Irmas, como não fazem, ou quando fazem é tão escondido que ninguém sabe dizer como fazem, não se preocupam com isso. O problema, novamente, são as Telmas. Impulsivas e atormentadas, nunca estão prevenidas. Jamais podem prever quando passarão do quarto uísque ou da décima quinta cerveja, e isso normalmente acontece em horas que as farmácias estão fechadas. Telmas, portanto, não

carregam camisinha. Sequer as tem no banheiro, tamanha a negação. Enlouquecidas na cama (uma Telma com tesão vale por cem Jaciras), Telmas fazem coisas que Madonna (ídolo das Jaciras) duvidaria. Essa representa outra secreta tortura mental das Telmas: como às vezes realmente não lembram do que fizeram (por lapso étílico), têm sempre rabo preso e um medonho medo de serem positivas.

Irmãs sempre são negativas. Ou aparentam ser. Acontecem surpresas, pois ser Irma não significa necessariamente ser casta. Irenes via de regra lidam bem com um teste positivo: espiritualizam-se, viram vegetarianas, zen-budistas, fazem ioga, procuram o Santo Daime ou Thomas Green Morton. Leem muito Louise Hay, e até se recusam a tomar AZT. Jaciras muitas vezes negam-se decididamente a fazer o Teste: têm uma certeza irracional de que daria positivo. O que nem sempre é verdade, visto que nada mais forte que santo de Jacira.

Vírus e suas saias-justas sem nesga à parte, na verdade a aids não mudou muito o comportamento das quatro. Elas são arquetípicas, atávicas, eternas. Freud, por exemplo, na opinião geral era irmésima. Já Platão parece ter sido uma boa Irene. Ninguém colocaria em dúvida a jacirice de Oscar Wilde. Rimbaud, por sua vez, dá a impressão de ter começado como Jacira (quando chegou a Paris) para transformar-se — o que é raro — em Telma (Abissínia). Já Verlaine, teria sido uma Irma que se ajacirou. Clássicas ou contemporâneas, nenhuma delas deve ser criticada por isso. À sua maneira, cada uma busca apenas essa coisa — o amor: a Ancestral Sede Antropológica. O que pode acontecer (vide Rimbaud & Verlaine) são transmutações: Irenes que se ajaciram; Irmãs (com tendência étílica) que viram Telmas; Telmas que — bem comidas — se irenizam ou mesmo ajaciram etc. As mutações são tantas quanto as do I Ching. Há quem diga que essas novas identidades têm até nome, como as Juremas (Jaciras que se tornam Irenes) ou Jandiras (Jaciras exacerbadas, tipo Clovis Bornay).

Pode ser. Mas segundo nossos estudos, Jaciras são inabaláveis, intransmutáveis. Jacira que é Jacira nasce Jacira, vive Jacira, morre Jacira. No fundo, achando o tempo todo que Telmas, Irmãs e Irenes não passam de Jaciras tão loucas quanto elas.

E talvez tenham razão.

*Crônica publicada na revista
Sui Generis,
em março de 1996.*

POEMAS

Sous l'escorpion

Claire agita no ar
o frasco de barbitúricos
e diz com sotaque lisboeta:
“Foi isso que Sylvie usou
e é isso que vou usar
quando quiser me matar”.

No jardim, pela tardinha,
corças selvagens pastam
sobre as cinzas de Sylvie
enterrada sob amarelo de ajoncs.
E Claire repete e repete
com sotaque lisboeta:
“Foi isso que Sylvie usou
e é isso que eu vou usar
quando quiser me matar”.

O ruído dos comprimidos
ao chocar-se contra o vidro
me lembra o som de maracas:
penso em palmeiras, mulatas,
araras, abacaxis e araçás.

Ausgang! Ausgang!
Sortie, way-out, uscita!
Quero ir embora daqui,
quero cuícas, tamborins.
Tristes trópicos na pele.
Não quero essas moças mortas
enterradas em jardins
à beira dos Pirineus
nessa história contada

nas fronteiras da Bretagne
entre dólmens e ruínas.

Saint-Nazaire, novembro de 1992.

Pour la route

Quem sabe o Mozart si loin,
maybe a tarde entre os loureiros,
peut-être le coucher du soleil?
Chamam nomes na memória:
ah inverno que não acaba nunca
ah vontade de chorar sem dor.
Pelo tempo, pelas perdas,
pelas coisas, pelas gentes,
que passam e passeiam pelas notas do piano,
janelas de TGV, hotéis, insônias,
gares, mochilas, cabines.
Tudo outra vez, entre a bruma
desta última tarde em Bordeaux.

Bordeaux, março de 1993.

CONTOS

Introdução ao Passo da Guanxuma

A primeira vez que a cidade imaginária Passo da Guanxuma apareceu num conto meu foi em “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, escrito em 1984 e incluído no livro Os dragões não conhecem o paraíso. Naquele conto é narrado o assassinato de Dudu Pereira, que volta a aparecer aqui. Em outras histórias, voltou a aparecer o Passo, até que assumi a cidade, um pouco como a Santa María de Juan Carlos Onetti. Este texto, de 1990, pretendia ser o primeiro capítulo de um romance inteiro sobre o Passo, tão ambicioso e caudaloso que talvez eu jamais venha a escrevê-lo. De qualquer forma, acho que tem vida própria, com o estabelecimento de uma geografia e esses fragmentos de histórias quase sempre terríveis respingados aqui e ali como gotas de sangue entre as palavras.

À memória de
Érico Veríssimo
que acreditava em mim

Por quatro pontos pode-se entrar ou sair do Passo da Guanxuma. Vista de cima, se alguém a fotografasse — de preferência numa daquelas manhãs transparentes de inverno, quando o céu azul de louça não tem nenhuma nuvem e a luz claríssima do sol parece aguçar em vez de atenuar a navalha do frio solto pelas ruas, com o aglomerado das casas quase todas brancas no centro, em torno da praça, e as quatro estradas simétricas alongando suas patas sobre as pontas da Rosa dos Ventos — e ao revelar o filme esse fotógrafo carregasse nas sombras e disfarçasse os verdes, a cidade se pareceria exatamente com uma aranha na qual algum colecionador tivesse espetado um alfinete bem no meio, como se faz com as borboletas, no ponto exato em que as quatro estradas se cruzariam, se continuassem cidade adentro, e onde se ergue a igreja. A torre aguda da igreja seria a cabeça desse alfinete prendendo no espaço a aranha de corpo irregular, talvez disforme, mas não aleijada nem monstruosa — uma pequena aranha inofensiva, embora louca, com suas quatro patas completamente diferentes umas das outras.

Leste: os plátanos

Os românticos e sonhadores, esses que imaginam vidas vagamente inglesas, de paixões contidas, silêncios demorados e gestos escassos mas repletos de significados, preferem a estrada do leste. Ela vai subindo da cidade em tantas curvas que as pessoas são obrigadas a diminuir a velocidade, tanto faz que andem a pé, a cavalo, de automóvel ou bicicleta, até chegarem ofegantes na alameda de plátanos. Lá, onde já não existem casas, fora um ou outro rancho perdido no campo entre capões de eucaliptos, a estrada começa seu caminho em direção a Porto Alegre. Os plátanos são muito altos, dos dois lados da estrada, e as folhas superiores, de ambos os lados, quase chegam a se misturar, formando uma espécie de túnel — que mesmo antes do filme com Doris Day, grande sucesso do Cine Cruzeiro do Sul, ganhou o nome de Túnel do Amor. No final de maio, a luz do sol deitando no horizonte oposto bate oblíqua nas folhas douradas e vermelhas caídas no chão e nas que ainda restam nos galhos cada vez mais descarnados para revestir inteiro de ouro o Túnel do Amor. Forra-se de prata também, nas noites de lua cheia, principalmente as de Câncer, Leão ou Virgem, em pleno verão, quando as árvores já recuperaram as folhas e, no auge do verdor, preparam-se para perdê-las outra vez. Novamente entrelaçadas nas copas altas, dispendo sombras, noite alta elas conspiram a favor daqueles namoros considerados *fortes* e de certas amizades estranhas,

como aquela que durante anos uniu a Tarragô filha do vice-prefeito à alemoa Gudrun da revistaria.

Mesmo que nada mais existisse lá, só o Túnel seria suficiente para que os apaixonados do Passo preferissem essa estrada a qualquer outra das três, mas há outras razões. Tomando-se uma picada de terra batida à direita de quem vem da cidade, pouco antes da alameda, chega-se à casa de Madame Zaly, cartomante, vidente e curandeira respeitada por todo o Estado e, dizem mas ninguém prova, a aborteira mais hábil da cidade, com seus devastadores chás de arruda e outras tisanas. Madame Zaly, cega de um olho coberto por venda preta e estranho sotaque — alguns juram que peruano, outros francês, indiano os mais delirantes, mas para os heréticos mera língua presa — também planta girassóis e se alguém lhe perguntasse por que, certamente explicaria, sacudindo as muitas pulseiras de ouro, que é nativa-do-signo-de-Leão-e-os-leoninos-precisam-do-sol-em-todas-as-suas-formas. Nas tardes de verão, quando os girassóis escancaram as pétalas amarelas em volta da casa de tábuas também amarelas de Madame Zaly, de dentro do Túnel do Amor pode-se ver aquele exagero de ouro respingado em gotas sobre o verde do campo. E quando, de dezembro a março, alguma moça volta ao Passo com um girassol dos grandes nas mãos, ou dos pequenos nos cabelos, todo mundo fica logo sabendo que ela foi ou ver o futuro ou matar uma criança. Foi assim que Dulce Veiga certa vez entrou na cidade de tardezinha, pouco antes de ir embora para sempre, um girassol dos pequenos entre os cabelos naquele tempo ainda castanhos, lisos, caídos abaixo da cintura, tantos anos atrás, quase ninguém lembra sequer que ela era de lá.

Norte: as sangas

Menos romântica e mais erótica, porque no Passo amor e sexo correm tão separados que até as estradas refletem isso, é a pata estendida em direção ao norte. Do vale onde fica a cidade ela sobe áspera, em linha reta até o topo da coxilha da zona do meretrício. Aqui, assim como Madame Zaly reina a leste com seus estranhos poderes sobre as plantas e os destinos, quem brilha soberana sobre a carne e os prazeres é La Morocha, uma paraguaia meio índia de olhos verdes estreitos de cobra e cuia de mate novo sempre entre os dedos cheios de anéis. O mais vistoso deles, dizem, uma serpente de prata com olhos de rubi autêntico, mas dizem tanta coisa no Passo sobre as vidas alheias, teria sido presente do próprio lendário prefeito Tito Cavalcanti, quase trinta anos no poder, que a teria trazido ainda petiça lá dos lados de Encarnación. Passada a meia dúzia de casas dos domínios de La Morocha, só a dela de

material, com parreira nos fundos e hibiscos vermelhos na frente, à esquerda e à direita do outro vale em que a estrada do norte afunda num pontilhão de madeira, estendem-se os lajeados e a sanga Caraguatatá. De águas fresquíssimas no verão e gélidas nas manhãs de inverno, cobertas por uma camada de geada tão fina que dá a impressão de que bastaria soprar leve na superfície para rachá-la em cacos e ver os lambaris do fundo.

Essa, claro, é a estrada preferida da bagaceirada do Passo. Nas noites de verão dizem que a soldadesca, os rapazes e até senhores de família, médicos e vereadores costumam arrebanhar o chinaredo das pensões de La Morocha para indescritíveis bacanais na beira dos lajeados, com muita costela gorda, coração de galinha no espeto, cachaça, violão e cervejinha em caixa de isopor. Depois dessas noitadas a areia branca da pequena praia da sanga Caraguatatá amanhece atulhada de brasas dormidas, pontas de cigarro, restos de carne mastigada, algum coração de galinha mais fibroso, camisas-de-vênus úmidas, tampinhas de garrafa, restos de papel higiênico com placas duras e, contam em voz baixa para as crianças não ouvirem, às vezes algum sutiã ou calcinha de cor escandalosa, dessas de china rampeira, alguma cueca manchada ou sandália barata de loja de turco com a tira arreventada.

Ao cair da tarde, principalmente em janeiro quando as famílias direitas buscam o frescor da sanga, a tradição manda os maridos irem na frente para limparem discretamente as areias, enquanto as senhoras se fingem de distraídas e diminuem o passo, sacudindo as toalhas sobre as quais vão sentar, que Deus me livre pegar doença de rapariga, comentam baixinho entre si, mas algum guri metido sempre acha alguma coisa nas macegas. Os lajeados são muitos, a sanga Caraguatatá desdobra-se secreta e lenta entre pedras, algumas tão altas que podem ser usadas como trampolim, e para quem tiver coragem de entrar pelo mato cerrado onde, dizem, até onça tem, revela praias de águas cada vez mais cristalinas, que pouca gente viu. Numa delas, certa manhã de setembro, Dudu Pereira foi encontrado morto e nu, a cabeça espatifada por uma pedra jogada ao lado, ainda com fios de cabelo grudados, lascas de ossos e gotas cinzas de cérebro.

Sul: o arco

Em direção ao pampa e ao Uruguai, além do pobrerio da Senzala espalhado em malocas de telhado de latão, há o quartel do Passo com a Vila Militar Rondon ao lado, sempre com alguns cariocas de fala chiada e meio sem modos, todo mundo acha. Tinha que ser mesmo perto das malocas, costuma dizer com desprezo dona Verbena Marques de Amorim, quase todo ano

segunda colocada na lista das dez mais elegantes do Passo, perdendo sempre para alguma carioca reboiativa, exagerada nas pinturas e balangandãs, afinal carioca não pode viver longe da favela. Mas a Senzala não tem lata d'água na cabeça, samba ou tamborim. Nos baixos úmidos até em tempo de seca, a piazada barriguda cata agrião e girinos pelos banhados e, dizem, até mesmo algum sapão rajado para feitiço de Madame Zaly, um pila cada, enquanto negrinhas adolescentes pulam cercas de arame farpado, de preferência em noite de lua nova, trouxa nas costas, para atravessar a cidade a pé e cair de boca na vida do lado oposto, nas pensões de La Morocha. Algumas se regeneram antes de pegar doença incurável de macho e vão se empregar com senhoras de sociedade, feito a Lisaura Sônia de Souza, que depois foi primeira e única Miss Mulata Passo da Guanxuma, casou com coronel reformado e hoje até bingo canta aos sábados no Círculo Militar, mas não passa nem da porta dos fundos do Clube Comercial.

Viveiro de domésticas, pedreiros, jardineiros, benzedeadas e mandaletes para a cariocada da Vila Militar Rondon, ninguém sabe bem como, a cada agosto, a Senzala sobrevive aos surtos de tifo, meningite e tudo que é peste ruim. Mais do que pela vontade de Deus, todo mundo acha que é mesmo por artes santas da Gorete dos Lírios, estuprada e degolada aos nove anos de idade, a cabeça sem corpo, de olhos abertos e sorrindo afogada entre tufos de copos-de-leite no banhado, em ano que ninguém lembra quando e nem mesmo se realmente houve. Padroeira de todos os maloqueiros, basta acender vela branca em noite de lua cheia ao lado de açúcar branco, que toda criança adora, mais nove copos-de-leite, a idade da santinha, colhidos de fresco — e todas as preces são atendidas. O padre nega, mas dizem de fonte segura que corre beatificação no Vaticano, até bispo já andou fazendo rol de milagre.

No alto da coxilha, com a Vila Militar dentro, o quartel parece um pequeno castelo medieval, principalmente por causa do arco branco na entrada, que pode ser visto desde a praça central, longe dali. Acontece cada coisa, dizem, entre os oficiais de fora e a soldadesca do Passo, tudo rapaziada farrista e sem-vergonha, mas nunca esclarecem que coisas, só dizem Deus-me-livre revirando os olhos se alguém insiste um pouco. Logo após o arco suavizado em muros caiados de branco em torno do quartel e da vila, a estrada se desagrega nuns descampados de cupins, unhas-de-gato, pitangueiras magrinhas, ásperos gravatás e pedras branquicentas, entre as quais rastejam mortais cruzeiras, que só mesmo a soldadesca fazendo manobras se atreve a enfrentar. Dizque passatempo preferido de milico com mira boa é apontar justo onde, na testa da cobra, os dois braços da cruz se cruzam, quem acerta vira lenda, como virou Biratã Paraguaçu, morenã que depois foi pro Rio viver em Copacabana com padrinho capitão.

O arco branco é o ponto mais alto daquele horizonte. Para quem vem das bandas do Uruguai, de certa curva na estrada, a primeira imagem do Passo é exatamente a torre da igreja bem no centro desse arco, atravessando-o feito seta apontada para o céu. Além de aranha, dizem pois, o Passo da Guanxuma é também o corpo de um guerreiro tapuia enterrado entre vales e coxilhas, tão valente que nem mesmo embaixo da terra conseguiram arrancar-lhe das mãos o arco e a seta.

Oeste: o deserto

Para a fronteira com a Argentina estende-se a última pata da aranha. O deserto, apenas o deserto, um ondulado deserto de areia avermelhada que o vento sopra fazendo e desfazendo as dunas que ameaçam a única coisa que ainda resta por lá: cercado por cinamomos cada vez mais raquíticos, distante da estrada mas nem tanto que não possa ser visto, com sua piscina — a única do Passo — em forma de cuia de mate, ergue-se o que ainda resta do palacete de Nenê Tabajara, o estancieiro responsável, dizem, por todo aquele areal dos infernos que em dia nem muito longe até açude teve. Veneno demais na plantação, monoculturas, coisas assim, todas do mal, e como Deus castiga, agora que perdeu quase tudo em dívida de jogo e hipoteca, o deserto avança sobre seu último refúgio sem que ele tenha para onde fugir. Sozinho no casarão roído pelos ventos, a piscina seca há anos, Zezé passa o dia inteiro olhando as fotos da filha Eliana, a mais linda das sete que teve, e as outras seis, espalhadas pelo mundo, não querem saber dele — sem chorar, de joelhos, os olhos secos vermelhos da areia que entra pelas frestas, não de lágrima. Numa madrugada roxa de outubro, uivando feito gata no cio, cabelos ruivos desgrenhados até a cintura, Eliana Tabajara, a mais linda moça que o Passo já viu, foi vista vagando inteiramente nua, as coxas tingidas pelo vermelho do próprio sangue, falando sozinha no meio do deserto, inteiramente louca. Dizem que até hoje vive, sem dentes, a cabeça raspada, pele e osso, num hospício em Buenos Aires, outros que já morreu, e aquele vulto branco gemendo pelas areias nas madrugadas é seu espírito sem paz, deflorada pelo próprio pai, dizem também, mas ninguém prova nada.

*

Isso é o que se conta, o que se diz, o que se vê e não se vê, mas se imagina do Passo. De tudo, o mais real, salpicadas entre as quatro patas da aranha — no meio dos girassóis do leste,

à beira dos lajeados ao sul, pelos descampados do norte e até mesmo entre os vãos mais sombrios das areias a oeste —, o que mais tem em qualquer tempo de seca ou aguaceiro, calorão ou friagem, são touceiras espessas de guanxuma. Por mais que o tempo passe e o asfalto recubra a polvadeira vermelha das estradas, transformando tudo em lenda e passado, por mais sujas e secretas as histórias sussurradas pelos bolichos, entre rolos de fumo preto e sacos de feijão, por mais que por vezes o tempo pareça não andar, ou andar depressa demais, quando as antenas de tevê e as parabólicas começam a interferir entre o arco e a torre, exatamente por causa da planta, de dois males jamais sofreu, sofre ou sofrerá o Passo. De distúrbios estomacais, que chá de guanxuma é tiro e queda, nem de pó acumulado, que os ramos servem para fazer vassouras capazes de assentar até mesmo a poeira daquele deserto próximo que sopra e sopra noite e dia sem parar e, dizem, dizem tanto, aí como dizem nesse Passo, nunca para de crescer.

Onírico

Escrito em 1991, este conto originalmente pretendia ser uma reescritura de “A pequena sereia”, de Andersen. Com “Os sapatinhos vermelhos” (de Os dragões não conhecem o paraíso), mais outras histórias até agora apenas em projeto, formaria um livro chamado Malditas fadas, só com versões de Andersen “para adultos”. Com este mesmo título e pequenas modificações, foi publicado no jornal Nicolau.

Viu os frutos do pomar amadurecerem e serem colhidos, viu a neve derreter-se nas montanhas.

Mas nunca mais viu o príncipe.

Andersen: “A pequena sereia”

Veio num sonho, certa noite. Ela o amava. Ele a amava também. E ainda que essa coisa, o amor, fosse complicada demais para compreender e detalhar nas maneiras tortuosas como acontece, naquele momento em que acontecia dentro do sonho, era simples. Boa, fácil, assim era. Ela gostava de estar com ele, ele gostava de estar com ela. Isso era tudo.

Dormiam juntos, no sonho, porque era bom para um e para outro estarem assim juntos, naquele outro espaço. Não vinha nada de fora, nem ninguém. Deitada nua no ombro também nu dele, não havia fatos. Dormiam juntos, apenas. Isso era limpo e nítido no sonho que ela sonhou aquela noite.

Deitada no ombro dele, ela via seu rosto muito próximo. Esse era o sonho, nada mais. E isso, mais tarde saberia, era o único *fato* do sonho inteiro: via o rosto dele muito próximo. Como um astronauta prestes a desembarcar veria a face da lua, mal reconhecendo o Mar da Serenidade perdido em poeira cinza, assim ela o via naquela proximidade excessiva, quase inumana de tão próxima. Fechasse os olhos — mas não os fecharia, pois já estava dormindo — guardaria contra as pálpebras cerradas um por um dos traços dele. Crateras miúdas com negros fios de barba despontando duros de dentro delas, molhadas gretas polpudas além das quais brilhava o branco duro dos dentes.

Coisas assim, ela via. E de olhos abertos, embora fechados, pois sonhava, protegia-o, protegiam-se no meio da noite. Tão simples, tão claro. E de alguma forma inequívoca, para sempre.

Talvez ele tivesse passado um dos braços em torno da cintura dela, quem sabe ela houvesse deitado uma das mãos sobre o ombro dele, erguendo os dedos até que tocassem no lóbulo de sua orelha. Em todos os dias que se seguiram à noite daquele sonho, e foram muitos, honestamente não saberia localizar outros detalhes. Pois enquanto dormia, naquela noite, tudo era só e apenasmente isso: dormiam juntos.

No centro da noite, no meio do sonho, no outro espaço.

Quase meio-dia da manhã seguinte, e ela não teria sequer a quem telefonar contando. Contando o que, perguntou-se, se nem havia o que contar propriamente? Lavou pratos e copos da noite anterior, folheou jornais, tanta miséria remota, e bocejou então andando pelo apartamento de solteira, metade do corpo ainda dentro do sonho onde ele também habitara. Despistou dois, três telefonemas, desmarcou alguma coisa pela tarde, outra pela noite. Queria ficar dentro de si, e nem importava quem exatamente era ela agora, assim vadia e meio à mercê, pensando só nele. No homem, no sonho. Morta de saudade, quase três da tarde deitou-se na cama ainda meio morna, e fumando na penumbra cortada pelas cintilações da curva da tarde, sentiu falta. Não de alguém morto ou perdido para sempre em viagem, em rompimento definitivo, não essa falta. Outra, nem falta nem saudade, mas coisa parecida e oca, o que ela sentia às três da tarde, fumando no quarto escuro. E sabia que de alguma forma ele continuava ali. Miúdas crateras, gretas polpudas. Em algum ponto da cama, do quarto, da mente, do espaço.

Embalada pelos ruídos da rua, dormiu até quase sete entre sonhos onde ele não surgia, perambulando por histórias que não o traziam de volta. Lavou o rosto, esquentou o frango no micro-ondas, passou café, acendeu um cigarro espiando chatices na tevê — e tornou a dormir.

Custou um pouco. Foi quando, caindo em tentação, tentou quase desesperada lembrar-se — daquela vez, naquela noite — se ele teria mesmo passado um dos braços pela sua cintura, e se esse braço teria pelos densos, mas macios de tocar, e se a mão dele realmente fechara-se exata e solidária e carinhosa naquele ponto secreto onde, constrangida, ela admitia ter mesmo algumas gordurinhas, e se a mão dela estaria assim meio pousada nos pelos do peito dele, distendendo dois, três dedos até tocar no lóbulo da orelha. Colado ao rosto, alguém dissera, muita espiritualidade. Ou o contrário? Budas, Cristos, Oxalás, invocou no escuro que ainda guardava certo cheiro do sono anterior onde, nu e homem, ele habitara ao lado dela. Mas sabia que tudo isso — as invenções recentes sobre o outro espaço — era puro artifício.

*

Sem artifícios, acordou na manhã seguinte. Vazias, ela e a manhã. E procurou o telefone para contar às amigas. “Premonição”, disse uma, “você vai encontrar alguém”; “transporte astral”, disse outra, “você deve tê-lo realmente encontrado numa outra dimensão”; “ah, mera projeção de carências atávicas”, disse mais uma, “no fundo pura falta de sexo.” Algum dia, ela desesperançava, em algum lugar, planejou em seguida, noutra espaço, por trás de tudo, num mundo paralelo, quem sabe: ah, sim, que certamente tornaria a encontrá-lo numa

interfrequência de rádio ou televisão, num reflexo do espelho. E às quatro da manhã a surpreenderam com um prato de macarrão frio sobre os joelhos, os olhos postos vesgos nos riscos magnéticos horizontais da tela da tevê. Ele não estava lá. Nos dias seguintes, mesmo aceitando todos os jantares e cedendo a todos os cinemas e shoppings e pizzarias, pois ele poderia também estar no real — ele também não estava lá. Nem aqui. Em nenhum lugar onde fosse, de fora ou de dentro, nos dias seguintes ao dia em que estivera deitada no ombro dele tão proximamente nu também, no fundo de um sonho, conseguia reencontrá-lo.

Pois havia outros detalhes, semanas depois ainda tentava lembrar. Havia um cheiro, por exemplo. Tênuo, quase perverso. Intimidade úmida, limpa, nas dobras da carne suada, preservada na própria pele. Feito égua no escuro do quarto, escancarava narinas farejando o macho que a cavalgaria. Deu para pesquisar colônias masculinas, aspirar camisas entreabertas dos homens pelos ônibus, nas filas de bancos e correios, elevadores, essência entre os pelos, primeiro suor após o banho, reconheceria quando o encontrasse. O cheiro cru, original. Não encontrou. Dilatava as narinas em lugares públicos cheios de homens suados — mas nenhum cheiro era o dele.

Rememorava, meticulosa: de baixo para cima, rosto pousado no peito dela, assim o vira naquela única vez. E embora o ângulo distorcido, porque era tudo o que tinha, tentava recompô-lo meses — e distorções — depois. Miúdas crateras, fios negros duros de barba despontando — apegava-se à certeza do *negros* como se fincasse bandeira em território conquistado — e depois as gretas polpudas de um lábio inferior atrás do qual brilhavam alvos dentes brancos. Alvos, repetia. Revistou revistas procurando semelhanças, Gibsons, Hanks, Lamberts, e esforçando o olhar para além dos ícones imaginava identificar um sobrecílio, um pômullo, mas se passara tanto tempo desde aquela vez, a original, a única, que não saberia mais se isso seria ainda uma memória ou sua Primeira Invenção Desesperada. Insistia: cílios longos macios. Sem vírgulas longos macios os cílios do homem que a amava e que ela amava também naquela noite e para sempre no meio de um sonho ficando antigo demais e meio disperso.

Invenções Desesperadas, pois, passou a fazer, Íntimas Orgias Imaginárias. Fossas nasais abertas onde ela passava a ponta da língua localizando certo remoto gosto salgado, e a outra mão dela, não aquela pousada no peito dele, mas esta uma que descia à toa pelos pelos, enroscando-se até a cintura e então o umbigo súbito em certa barriga perdoada, porque ela o amava, e penetrava no umbigo com a ponta da unha vermelha, antes de mergulhar na mata mais abaixo, aquele homem que não era sequer perfeito e por isso mesmo belo, porque a amava e ela a ele, e isso era para sempre apesar do fugaz.

Passaram-se meses, ela não o esquecia.

Toda noite, acompanhada ou não — pois ao fim e ao cabo achava, digamos, *saudável* manter uma vida real-objetiva enquanto ele continuava a acontecer dentro de si, no outro espaço, sem que ninguém soubesse — abria-se só para ele. E quando os outros reais, objetivos, debruçavam-se sobre ela, virava-os de costas na cama — *boca arriba*, repetia, como se fora argentina, *boca arriba* — e encostando o rosto em seus peitos tentava retomar aquele mesmo ângulo entrevisto à beira do pescoço úmido, íntimo, único. Mas nunca outros homens foram, eram nem seriam aquele, e ela sabia que de maneira alguma poderiam ser, ainda que fingisse com o máximo de empenho. Pois, por trás do sonho, resistia o chamado real-impiedoso.

Porra caralho boceta, repetia sozinha. Bruta, vulgar. Afinal, não era essa a forma de procurá-lo, jamais no chamado real-impiedoso.

Então voltava a deitar em horas absurdas e a dormir para tentar encontrá-lo no país onde habitava, e nem sabia que reino mais, tão diverso do dela. Todas as noites, um segundo antes de afundar, pensava — onde quer que você esteja, meu príncipe, em qualquer região da minha mente, no mínimo interstício, na fimbria do pensamento, frincha da memória, dobra da fantasia, faixa vibratória passada presente futura, aqui vou eu ao seu encontro, meu bem-amado. E nada. Mesmo que alimentasse o hábito de materializar anjos e fadas sentados à beira de sua cama, a perguntarem gentis o que desejava mais profunda e loucamente entre todas as coisas da vida inteira, o que mais queria de tudo que existe no universo infinito — e respondesse sempre, singela e sincera: tornar a encontrá-lo —, nunca mais voltou a vê-lo. Nem no sonho, nem na vida.

Inúteis cartomantes, trânsitos, runas, ebós. O Valete de Copas traria carta de amor assim que Netuno abandonasse a oposição de Vênus na casa do karma, Peorth anunciaria o reencontro das coisas perdidas se Oxum aceitasse as rosas amarelas jogadas na cachoeira. Nessa região movediça — da qual não desacreditava de todo, pois, afinal, fora onde o conhecera — ele também não estava. Delirava insone: quando eu voltar princesa e você gladiador entre feras, quem sabe na arena; quando emergir do fundo das águas para espiar teu reino terrestre e verde, à superfície, quando eu talvez sereia, mulher-maravilha, pastora e astronauta navegando em abismos — quem, quem sabe quando?

Por enquanto, arduamente, era só um cheiro de homem nu flutuando no escuro do quarto, quentura de bicho vivo pulsando junto à quentura de bicho vivo dela. Outra coisa, noutro

lugar. Que não ficava aqui, nem lá. Talvez se morresse. O problema é que a vida era agora e era aqui.

E além de não estar nem no aqui nem no agora, ele não partia.

*

Não se matou. Não seria capaz, resistia sempre a ilusão de encontrá-lo um dia.

Por isso mesmo houve outros, claro. Algumas iluminações, encontros quase agradáveis até. O engenheiro divorciado, um professor de olhos verdes. Mas aprendeu a ir dormir sempre o mais cedo que pode, pois é nessa faixa que ele habita, ela sabe, a contemplá-la mesmo de olhos fechados. E de tudo que foi restando nesses anos todos, continua sabendo que sabe que fica lá o lugar onde poderia encontrá-lo outra vez. Do outro lado, onde com os olhos abertos ela vê com os olhos fechados e inteiramente nua, encostada ao ombro dele, que dorme inteiramente nu também, mas a vê-la dentro do sono.

Arfam levemente os dois. Ela dorme segura protegida no ombro dele que a protege seguro. Mesmo dormindo, mesmo do lado de cá. E isso é para sempre, por mais que o tempo passe e a afaste cada vez mais dele, que continua eterno naquele segundo em que o viu. E isso ninguém roubará, repete-se, mesmo levando em conta todos aqueles meses de enganos vis que continuam e continuarão a vir depois daquele sonho.

Eu te amo, repete sozinha para o escuro toda noite, pouco antes de seu corpo dissolver-se na espuma do sono, eu te amo. E se pudessem saber, os outros, todos saberiam que isso não deixa de ser uma vitória. Certa espécie de vitória. Mas tão dúbia que parece também uma completa derrota.

Depois de agosto

(Uma história positiva, para ser lida ao som de “Contigo en la distancia”)

Foi escrita em fevereiro de 1995, entre Rio de Janeiro, Fortaleza e Porto Alegre. Há pouco a dizer sobre ela, ainda está muito próxima para eu tratá-la com frieza e distanciamento. Talvez seja um tanto cifrada, mas para um bom leitor certo mistério nunca impede a compreensão.

Porque o Eterno, teu Deus, te há abençoado em toda a obra das tuas mãos; soube da tua longa caminhada por este grande deserto; há já quarenta anos que o Eterno, teu Deus, está contigo e nada te tem faltado.

Deuteronômio, II, 7

Lázaro

Naquela manhã de agosto, era tarde demais. Foi a primeira coisa que ele pensou ao cruzar os portões do hospital apoiado náufrago nos ombros dos dois amigos. Anjos da guarda, um de cada lado. Enumerou: tarde demais para a alegria, tarde demais para o amor, para a saúde, para a própria vida, repetia e repetia para dentro sem dizer nada, tentando não olhar os reflexos do sol cinza nos túmulos do outro lado da avenida Dr. Arnaldo. Tentando não ver os túmulos, mas sim a vida louca dos túneis e viadutos desaguando na Paulista, experimentava um riso novo. Pé ante pé, um pouco para não assustar os amigos, um pouco porque não deixava de ser engraçado estar de volta à vertigem metálica daquela cidade à qual, há mais de mês, deixara de pertencer.

Vamos comer sushi num japonês que você gosta, disse a moça do lado esquerdo. E ele riu. Depois vamos ao cinema ver o Tom Hanks que você adora, disse o rapaz do lado direito. E ele tornou a rir. Riram os três, um tanto sem graça, porque a partir daquela manhã de agosto, embora os três e todos os outros que já soubessem ou viriam a saber, pois ele tinha o orgulho de nada esconder, tentassem suaves disfarçar, todos sabiam que ele sabia que tinha ficado tarde demais. Para a alegria, repetia, a saúde, a própria vida. Sobretudo para o amor, suspirava. Discreto, pudico, conformado. Nunca-mais o amor era o que mais doía, e de todas as tantas dores, essa a única que jamais confessaria.

Primavera

Mas quase nem doeu, meses seguintes. Pois veio a primavera e trouxe tantos roxos e amarelos para a copa dos jacarandás, tantos reflexos azuis e prata e ouro na superfície das águas do rio, tanto movimento nas caras das pessoas do Outro Lado com suas deliciosas histórias de vivas desimportâncias, e formas pelas nuvens — um dia, um anjo —, nas sombras do jardim pela tardinha — outro dia, duas borboletas fazendo amor pousadas na sua coxa. Coxa's Motel, ele riu.

Nem sempre ria. Pois havia também horários rígidos, drogas pesadas, náuseas, vertigens, palavras fugindo, suspeitas no céu da boca, terror suado estrangulando as noites e olhos baixos no espelho a cada manhã, para não ver Caim estampado na própria cara. Mas havia ainda as doçuras alheias feito uma saudade prévia, pois todos sabiam que era tarde demais, e golpes de fé irracional em algum milagre de *science fiction*, por vezes avisos mágicos nas minúsculas plumas coloridas caídas pelos cantos da casa. E principalmente, manhãs. Que já não eram de agosto, mas de setembro e depois outubro e assim por diante até o janeiro do novo ano que, em agosto, nem se atrevera a supor.

Estou forte, descobriu certo dia, verão pleno na cidade ao sul para onde mudara, deserta e crestada pelo sol e branca e ardente como uma vila mediterrânea de Theos Angelopoulos. E decidiu: vou viajar. Porque não morri, porque é verão, porque é tarde demais e eu quero ver, rever, transver, milver tudo que não vi e ainda mais do que já vi, como um danado, quero ver feito Pessoa, que também morreu sem encontrar. Maldito e solitário, decidiu ousado: vou viajar.

Jade

Para a costa, perto do mar, onde as águas verdes pareciam jade cintilando no horizonte, como se fizesse parte de um cartão-postal *kitsch*, à sombra de uma palmeira ele bebia água de coco sob o chapéu de palha ao sol das sete da manhã, catando conchas coloridas no debrum da espuma das ondas. Ao pôr do sol atrevia-se às vezes a uma cerveja, olhando rapazes para sempre inatingíveis jogando futebol na areia.

Tarde demais, nunca esquecia. E respirava lento, medido, economizando sua quota kármica de prana ao estufar estômago-costelas-pulmões, nessa ordem, erguendo suave os ombros para depois expirar sorrindo, minisamadhi. Devocional, búdico. Pois se ficara mesmo tarde demais para todas as coisas dos Videntes Inconscientes, como passara a chamar às Pessoas do Outro Lado — apenas para si mesmo, não queria parecer arrogante —, pois se ficara mesmo assim

tragicamente tarde, acendia um cigarro culpado e, fodam-se, com toda a arrogância constatava: se era tarde demais, poderia também ser cedo demais, você não acha? perguntava sem fôlego para ninguém.

Navios deslizavam na linha verde do horizonte. Ele filosofava: se tarde demais era *depois* da hora exata, cedo demais seria *antes* dessa mesma hora. Estava portanto cravado nessa hora, a exata, entre antes-depois, noite-dia, morte-vida e isso era tudo e em sendo tudo não era boa nem má aquela hora, mas exata e justa apenas tudo que tinha. Entre este lado e o outro, isto e aquilo, um coco na mão esquerda e um cigarro na direita, sorria. Apoiado em coisas fugazes e ferozes, anjos e cães de guarda.

Nada mau para um ressuscitado, considerou. E logo depois, insensato: estou feliz. Era verdade. Ou quase, pois:

Anúnciação

Então chegou o outro.

Primeiro por telefone, que era amigo-de-um-amigo-que-estava-viajando-e-recomendara-que-olhasse-por-ele. Se precisava de alguma coisa, se estava mesmo bem entre aspas. Tão irritante ser lembrado da própria fragilidade no ventre do janeiro tropical, quase expulso do Paraíso que a duras penas conquistara desde sua temporada particular no Inferno, teve o impulso bruto de ser farpado com o outro. A voz do outro. A invasão do outro. A gentil crueldade do outro, que certamente fazia parte do Outro Lado. Daquela falange dos Cúmplices Complacentes, vezenquando mais odiosa que os Sórdidos Preconceituosos, compreende?

Mas havia algo — um matiz? — nessa voz desse outro que o fazia ter nostalgia boa de gargalhar rouco jogando conversa fora com outras pessoas de qualquer lado — que não havia lados, mas lagos, desconfiava vago —, como desde antes daquele agosto desaprendera de fazer. Ah, sentar na mesa de um bar para beber nem que fosse água brahma light cerpa sem álcool (e tão chegado fora aos conhaques) falando bem ou mal de qualquer filme, qualquer livro, qualquer ser, enquanto navios pespontavam a bainha verde do horizonte e rapazes morenos musculosos jogassem eternamente futebol na areia da praia com suas sungas coloridas protegendo crespos pentelhos suados, peludas bolas salgadas. Respirou fundo, lento, sete vezes perdoando o outro. E marcou um encontro.

Oriente

Soube no segundo em que o viu. Quem sabe a pele morena, talvez os olhos chineses? Curioso, certo ar cigano, seria esse nariz persa?

Talvez tanta coisa quem sabe *maybe peut-être magari* enquanto rodavam de carro ouvindo fitas nervosas mas você tem esta eu não consigo acreditar que outra criatura além de mim na galáxia: você é louco, garoto, juro que nunca pensei.

As janelas abertas para a brisa de quase fevereiro faziam esvoaçar os cabelos de um só, que os dele tinham ficado ralos desde agosto. Pelos dos braços que se eriçavam — maresia, magnetismos — e pelas coxas nuas nas bermudas brancas músculos tremiam em câimbras arfantes aos toques ocasionais de um, de outro. Um tanto por acaso, assim as mãos tateando possíveis rejeições, depois mais seguras, cobras enleadas, choque de pupilas com duração de *big boom* em um suspiro — e de repente meu santo antônio um beijo de língua morna molhado na boca até o céu e quase a garganta alagados pelos joelhos na chuva tropical de Botafogo.

Mas se o outro, cuernos, se o outro, como todos, sabia perfeitamente de sua situação: como se atrevia? por que te atreves, se não podemos ser amigos simplesmente, cantarolou distraído. Piedade, suicídio, sedução, *hot voodoo*, melodrama. Pois se desde agosto tornara-se tão impuro que sequer os leprosos de Cartago ousariam tocá-lo, ele, o mais sarnento de todos os cães do beco mais sujo de Nova Delhi. Ay! gemeu sedento e andaluz no deserto rosso da cidade do centro.

Soneto

Acordou em estado de encantamento. Noutra cidade, ainda mais ao norte, para onde fugira depois daquele beijo. Só que quase não conseguia mais olhar para fora. Como antigamente, como quando fazia parte da roda, como quando estava realmente vivo — mas se porra ainda não morri caralho, quase gritava. E talvez não fosse tarde demais, afinal, pois começou desesperadamente outra vez a ter essa coisa sôfrega: a esperança. Como se não bastasse, veio também o desejo. Desejo sangrento de bicho vivo pela carne de outro bicho vivo também. Sossega, dizia insone, abusando de lexotans, duchas mornas, shiatsus. Esquece, renuncia, baby: esses quindins já não são para o teu bico, meu pimpolho...

Meio fingindo que não, pela primeira vez desde agosto olhou-se disfarçado no espelho do *hall* do hotel. As marcas tinham desaparecido. Um tanto magro, *biên-sure*, considerou, mas

pas grave, mon chér. Twiggy, afinal, Iggy Pop, Verushka (onde andaria?), Tony Perkins — não, Tony Perkins melhor não — enumerou, ele era meio *sixties*. Enfim, quem não soubesse jamais diria, você não acha, meu bem? Mas o outro sabia. E por dentro do encantamento, da esperança e do desejo, entremeado começou a ter pena do outro, mas isso não era justo, e tentou o ódio. Ódio experimental, claro, pois embora do bem, ele tinha Ogum de lança em riste na frente.

Aos berros no chuveiro: se você sabe seu veado o que pretende afinal com tanta sedução? Sai de mim, me deixa em paz, você arruinou a minha vida. Começou a cantar uma velha canção de Nara Leão que sempre o fazia chorar, desta vez mais que sempre, por que desceste ao meu porão sombrio, por que me descobriste no abandono, por que não me deixaste adormecido? Mas faltava água na cidade de lá, e ensaboado e seco ele parou de cantar.

Fuga

Porque não suportava mais todas aquelas coisas por dentro e ainda por cima o quase-amor e a confusão e o medo puro, ele voltou à cidade do centro. Marcou a passagem de volta para a sua cidade ao sul em uma semana. Continuava verão, quase não havia lugares e todo mundo se movia sem parar dos mares para as montanhas, do norte para o sul e o contrário o tempo todo. Fatídica, pois, a volta. Em sete dias. Só no terceiro, o das árvores que dão frutos, telefonou.

O outro, outra vez. A voz do outro, a respiração do outro, a saudade do outro, o silêncio do outro. Por mais três dias então, cada um em uma ponta da cidade, arquitetaram fugas inverossímeis. O trânsito, a chuva, o calor, o sono, o cansaço. O medo, não. O medo não diziam. Deixavam-se recados truncados pelas máquinas, ao reconhecer a voz um do outro atendiam súbitos em pleno bip ou deixavam o telefone tocar e tocar sem atender, as vozes se perdendo nos primeiros graus de Aquário.

Sim, afligia muito querer e não ter. Ou não querer e ter. Ou não querer e não ter. Ou querer e ter. Ou qualquer outra enfim dessas combinações entre os querer e os teres de cada um, afligia tanto.

Sonho

Teve um sonho, então. O primeiro que conseguia lembrar desde agosto.

Chegava num bar com mesas na calçada. Ele morava num apartamento em cima daquele bar, no mesmo prédio. Estava aflito, esperava um recado, carta, bilhete ou qualquer presença urgente do outro. Sorrindo na porta do bar, um rapaz o cumprimentou. Não o conhecia, mas cumprimentou de volta, mais apressado que intrigado. Subia escadas correndo, ofegante abria a porta. Nenhum bilhete no chão. Na secretária, nenhum recado na fita. Olhou o relógio, tarde demais e não viera. Mas de repente lembrou que aquele rapaz que o cumprimentara sorrindo na porta do bar lá embaixo, que aquele rapaz moreno que ele não reconhecera — aquele rapaz era o outro.

Não vejo o amor, descobriu acordando: desvio dele e caio de boca na rejeição.

Capitulação

Como não era mais possível adiar, sob risco de parecerem no mínimo mal-educados — e eram, ambos, de fino trato — na véspera da partida ele acendeu uma vela para Jung, outra para Oxum. E foi.

Feito donzela, tremia ao descer do táxi, mas umas adrenalinas viris corriam nos músculos e umas endorfinas doidas no cérebro avisavam: voltara, o desejo que tanto latejara antes e tão loucamente que, por causa dele, ficara assim. Nosferátu, desde agosto, aquela espada suspensa, pescoço na guilhotina, um homem-bomba cujo lacre ninguém se atrevia a quebrar.

Espelho

Na sala clara e limpa começou a falar sem parar sobre a outra cidade mais ao norte, o jade do mar de lá, e daquela outra mais ao sul, o túnel roxo dos jacarandás. De tudo que não estava ali na sala clara e limpa no centro da qual, parado, o outro o olhava, e de tudo que fora antes e o que seria depois daquele momento, ele falou. Mas em nenhum momento daquele momento, hora exata, em que ele e o outro se olhavam frente a frente.

Amanhã é dia de Iemanjá — ele disse por fim exausto.

O outro convidou:

— Senta aqui do meu lado.

Ele sentou. O outro perguntou:

— Nosso amigo te contou?

— O quê?

O outro pegou na mão dele. A palma era lisa, fina, leve, fresca.

— Que eu também.

Ele não entendia.

— Que eu também — o outro repetiu.

O ruído dos carros nas curvas de Ipanema, a lua nova sobre a lagoa. E feito um choque elétrico, raio de Iansã, de repente entendeu. Tudo.

— Você também — disse, branco.

— Sim — o outro disse sim.

Valsa

Seminus viraram noite espalhando histórias desde a infância sobre a cama, entre leques, cascas de amendoim, latas de gatorade, mapas astrais e arcanos do Tarot, ouvindo Ney Matogrosso gemer uma história fatigada e triste sobre um viajante por alguma casa, pássaros de asas renovadas, reis destronados da imensa covardia. Eu era gordo, contou um. Eu era feio, disse outro. Morei em Paris, contou um. Vivi em Nova York, disse outro. Adoro manga, odeio cebola. Coisas assim, eles falaram até as cinco.

Às vezes aconteciam coisas malucas, como a ponta do pé de um escorregar para tão dentro e fundo da manga da camiseta do outro que um dedo alerta roçava súbito um mamilo duro, ou a cabeça de um descansava suada por um segundo na curva do ombro do outro, farejando almíscar. Que o outro quase morrera, antes mesmo dele, num agosto anterior talvez de abril, e desde então pensava que: era tarde demais para a alegria, para a saúde, para a própria vida e, sobretudo, ai, para o amor. Dividia-se entre natações, vitaminas, trabalho, sono e punhetas loucas para não enlouquecer de tesão e de terror. Os pulmões, falaram, o coração. Retrovírus, Plutão em Sagitário, alcaçuz, zidovudina e Rá!

Quando saíram para jantar juntos ao ar livre, não se importaram que os outros olhassem — de vários pontos de vista, de vários lados de lá — para as suas quatro mãos por vezes dadas sobre a toalha xadrez azul e branco. Belos, inacessíveis como dois príncipes amaldiçoados e por isso mesmo ainda mais nobres.

Finais

Quase amanhecia quando trocaram um abraço demorado dentro do carro que só faltava ser Simca. Tão *fifties*, riram. Na manhã de Iemanjá, ele jogou rosas brancas na sétima onda, depois partiu sozinho. Não fizeram planos.

Talvez um voltasse, talvez o outro fosse. Talvez um viajasse, talvez outro fugisse. Talvez trocassem cartas, telefonemas noturnos, dominicais, cristais e contas por sedex, que ambos eram meio bruxos, meio ciganos, assim meio babalaôs. Talvez ficassem curados, ao mesmo tempo ou não. Talvez algum partisse, outro ficasse. Talvez um perdesse peso, o outro ficasse cego. Talvez não se vissem nunca mais, com olhos daqui pelo menos, talvez enlouquecessem de amor e mudassem um para a cidade do outro, ou viajassem juntos para Paris, por exemplo, Praga, Pittsburg ou Creta. Talvez um se matasse, o outro negativasse. Sequestrados por um OVNI, mortos por bala perdida, quem sabe.

Talvez tudo, talvez nada. Porque era cedo demais e nunca tarde. Era recém no início da não-morte dos dois.

Bolero

Mas combinaram:

Quatro noites antes, quatro depois do plenilúnio, cada um em sua cidade, em hora determinada, abrem as janelas de seus quartos de solteiros, apagam as luzes e abraçados em si mesmos, sozinhos no escuro, dançam boleros tão apertados que seus suores se misturam, seus cheiros se confundem, suas febres se somam em quase noventa graus, latejando duro entre as coxas um do outro.

Lentos boleros que mais parecem mantras. Mais Índia do que Caribe. Pérsia, quem sabe, budismo hebraico em celta e yorubá. Ou meramente Acapulco, girando num embrujo de maraca y bongô.

Desde então, mesmo quando chove ou o céu tem nuvens, sabem sempre quando a lua é cheia. E quando mingua e some, sabem que se renova e cresce e torna a ser cheia outra vez e assim por todos os séculos e séculos porque é assim que é e sempre foi e será, se Deus quiser e os anjos disserem Amém. E dizem, vão dizer, estão dizendo, já disseram.

CORRESPONDÊNCIA
(1990-1996)

A Gerd Hilger

São Paulo, 14 de março de 1990

Gerd, querido, saudades, muitas!

Estou te devolvendo a bicha olímpica. A bigoduda se esbaldou pelas tórridas brasílicas. A pauliceia está queimando de calor. Nunca vi tanto sol e tanto calor. Adorei o perfume. Estou fazendo uma linda coleção de perfumes. Espero que você tenha desencruado de vez. O início de uma escritura de tese é sempre muito complicado, difícil. A gente tem a impressão de que não tem nada a dizer e de que tudo o que se pode dizer é absolutamente inútil. Mas basta sair uma página e o pensamento flui. Você é capaz, fez uma pesquisa séria. Tenho certeza que dirá coisas interessantes e de forma original sobre nosso Jorge Andrade. Estou apaixonado pelo outro Andrade, o Oswald. Ah! queria tanto que você visse! Vou montar O HOMEM E O CAVALO no Tuca. Tá um puta projetão de babar. Acho que vai sair um espetáculo muito bonito. O Valdir te conta alguns detalhes. Gostaria muito que você visse, pois você sempre me atçou a voltar a fazer teatro. Pois é, estou voltando com tudo. Estou feliz por isso tudo. Tenho dado aulas de teatro numa escola de formação de atores que fundamos lá no Tuca, junto à Universidade. É bastante trabalho, mas muito gostoso. Gente nova, legal, novas amizades.

Só me falta mesmo um grande amor. Mas acho que já está um pouco tarde pra pensar em grande amor.

A bigoduda está mais esbelta e bronzeada. Subiu morros, varou serras, trepou em coqueiros, correu milhas, pulou córregos, jogou peteca, deu braçadas no mar! Está preparada pra ser nossa miss nas próximas olimpíadas. Delicioso, o Valdir. Grande amigo que amo muito. Cuida bem dele!

Gerde, meu querido, te beijo saudoso. Vou tentar deixar de ser preguiçoso e mandar notícias mais frequentes. Te mando os TITÃS pra matares as saudades do Brasil.

Um beijão,

Caio F.

A Maria Lídia Magliani

SP, 19.3.90

Magli Magoo, menina loba,

devidamente empacotado, sem entender grande coisa, mas no meu duríssimo caso acho que não faz mesmo diferença, eis que sento para te escrever às oito da matina. Toca Lulu Santos no rádio. Adoro rádio de manhã cedo, deixo tocar o que pinta, a culpa não é minha. Chove. Um maço de cigarros e nenhum tostão no bolso, os bancos só abrem ao meio-dia. Já vimos um bocado de, digamos, História do Brasil nestas nossas vidas de retinas, digamos, ofuscadas, não?

Bueno, não te respondi logo porque enlouqueci. Comecei a escrever loucamente um romance no qual (*no-qual* é horrível) vinha trabalhando desde 84/85. Acho que sai, estou quase na metade. Esta última semana não consegui trabalhar, além de Zélia e Fernandinho enlouquecendo a todos nós, me deu outra vez a tal de otite. Inflamação no ouvido que ameaça se tornar crônica. Dores, insônias, antibióticos, febre, visões, gotas. Minha médica fala duas coisas assustadoras: 1_o) a idade-teresinha; 2_o) a poluição paulistana. Que se há de fazer? Envelhecer sem deixar de procurar nossa porção Samuel Beckett, talvez.

Estou dispersivo e pedante. O que quero te contar, criatura, é que viraste personagem. Pois é. Te escrevo então para pedir uma espécie de permissão.

Seguinte: no livro todos têm nome, menos a personagem principal, o narrador. Ele é um jornalista chegando nos quarenta anos (hmmm...), publicou um livro de poemas chamado *Miragens*, a vida toda viajou de um canto para outro, sem se fixar em cidade nenhuma, em amor nenhum, homem ou mulher. Ele nem sabe direito da própria sexualidade, na verdade o romance inteiro é o pobre buscando a própria *âni*ma. Bem, no momento em que se passa a história — uma semana de fevereiro — ele está morando num apartamento na Rua Augusta, próximo à Praça Roosevelt. É um apartamento deixado por uma amiga — e é aí que você entra — que largou São Paulo para morar no interior de Minas. Às vezes ele chega em casa e há uma carta dela. Só que, na hora de batizá-la (aliás, ela não estava planejada, nasceu de enxe-

rida), não consegui evitar: me veio *Lídia*. Já pensei muito — Laura, Clara, Ana — mas ela se recusa a mudar de nome.

Então é isso, permites? Se não, não tem problema, troca-se. Mas se sim (*se-sim* também é medonho), ótimo. Na verdade isso é um detalhe muito passageiro no livro todo — aliás, todas as personagens (muitas) são passageiras, e todas uma parte dele mesmo projetada externamente. Um desconhecimento do próprio ego cercado de alter egos por todos os lados, mais ou menos isso.

Ando aflito. Um pouco pelo livro, que sempre deixa a gente naquele estado meio tobogã, entre a euforia e a depressão. Durmo demais ou não durmo, fumo demais sempre, tomo café demais idem, acho de repente o-melhor-romance-de-toda-a-história-da-literatura-brasileira, no segundo seguinte quero jogá-lo no fogo e me jogar pela janela junto, etc. & etc. você sabe, a *criação*.

Também tenho precisado me impor uma disciplina rígida, militar, para poder escrevê-lo. Mil divisões entre todos os biscates culturais que faço para sobreviver e as horas da criação. Tenho conseguido, hei de.

Tua carta me pareceu um tanto amarga. Há uma frase tipo “meu amor parece ter ofendido profundamente às pessoas que amei”, algo assim, com a qual absolutamente não concordo. Não se trata de ofensa, não se trata de aceitação, nem de nada que não seja apenas: as coisas são assim. Os magnetismos das pessoas cruzam-se e descruzam-se, acho, meio que aleatoriamente, por algum tempo, por nenhum tempo, por muito tempo. É mais complexo que isso, mas anyway: não deve doer. E não deve porque no fundo não tem importância, como todo o resto. É puro *maya*, ilusão.

No meio da aflição objetiva de sobreviver nesta cidade, neste país, neste planeta, neste tempo — ando também bastante sereno. Acho. Alguma coisa em mim — e pode-se chamar isso de “amadurecimento” ou “encareamento” ou até mesmo “desilusão” ou “emburrecimento” — simplesmente andou, entendeu? Desisti de achar que o príncipe vai achar o sapatinho (ou sapatão) que perdi nas escadarias. Não sinto mais impulsos amorosos. Posso sentir impulsos afetivos, ou eróticos — mas *amorosos*, sinceramente, há muito tempo. É estranho, e não me parece falso, mas ao contrário: normal. Era assim que deveria ter sido desde sempre. E não se trata de evitar a dor, é que esse tipo de dor é inútil, é burra, é apego à matéria.

Sei lá. E não sei se me explico bem.

Hoje à noite tem show e lançamento do primeiro disco de Annie Peréc, que sempre pergunta por você. Eu teria obrigação de ir, mas não vou mais a lugar nenhum onde possa

encontrar “todo mundo”. Tenho passado escrevendo, cozinhando, ouvindo música (a Laurie Anderson nova, *Strange angels*, é tão linda) e falando — cada vez mais — sozinho. Acertei uma alta com meu terapêutico, mas não consigo evitar de pensar que engambei o pobre com a minha sanidade-teresinha.

Um beijo pra Marijô.

Outro, grande, procê,

Caio F.

Please, send me a letter.

A Maria Lídia Magliani

SP, 12.7.90

Magli,

tenho pensado tanto em você. Não consegui escrever antes, estava mergulhado no livro tipo tempo integral. Bem, terminei. Ufa. Foi um trabalho de Hércules. Chama-se *Onde andaré Dulce Veiga?*, é aquele romance no qual eu vinha *remanchando* desde 85. Imagina que escrevi um policial, histórico, naturalmente, mas cheio de tramas & ação. Descobri o fascínio do enredo, das personagens — ficção *mesmo*. Escrevi cerca de duas mil laudas, para chegar numas duzentas. Fiquei feliz — e com um terrível problema de coluna, resultado de passar oito a 12 horas na máquina. Preciso de um computador!

Mas pensava em você. Um dia cheguei a sonhar. Era bonito. Você estava naquela casinha de Sarandi, só que ela ficava no meio de um terreno enorme. Você morava sozinha lá, eu ia te visitar. Você estava no pátio cercada por esculturas e objetos, quase todos inacabados. Eu ficava fascinado por um — que era uma espécie de barco côncavo (todos os barcos são côncavos, acho) com a escultura de um corpo na proa (proa? tipo assim as carrancas do São Francisco). Era muito colorido, muito belo.

Lembrei de você também vendo, num festival de filmes mexicanos, *Frida Kahlo: natureza viva*. Absolutamente enfeitiçante. Eu não sabia quase nada dela, tinha uma imagem assim mistura de Lou-Andreas Salomé com Olga Benário. Bem, era um pouco disso e nada disso. O filme é ficção, mas os quadros dela são os próprios. Loucos, dolorosíssimos, meio surrealistas, meio impressionistas, meio primitivos. Juntei tostões e saí à cata da biografia dela, encontrei ontem. Lembra demais você.

E lembrei ainda mais lendo esses recortes — que vão junto — sobre Francis Bacon. Como anda teu trabalho? Baconiano? Morro de curiosidade. Suponho que os ares mineiros tenham mudado algumas coisas. Me conta.

Magli, ando tomando umas decisões. Viajo em novembro para a Europa, não sei se volto. Ganhei ano passado aquela passagem da Air France, do Molière, até Paris. Exatamente em novembro estarão sendo lançadas na França e na Inglaterra as traduções de *Os dragões*, os

editores acham importante que eu esteja lá, para dar entrevistas, fazer caras e falar da dificuldade-de-ser-artista-num-país-do-terceiro-mundo (europeu adora esse miserê cultural). Então vou, preciso vender os livros, não quero fazer mais nada na vida a não ser escrever. Fico uns dois meses mas — quem sabe? — se houver alguma possibilidade de ficar mais, vou ficando, acho.

Ando exausto de Realidade Brasileira. Tudo muito penoso, ir ao banco, ao supermercado, pagar aluguel. Tudo no meio da barbárie, da violência, da miséria. Procuro sair de casa o mínimo possível, mas esse mínimo já está se tornando um martírio. Muita feiura, Magli, muita violência e miséria. Então, sem laços, vamos voltar pra estrada: “Caminante, no hay caminos, pero el camino se hace al andar”.

Rádio ligado, chuva fina, Dusek canta — tão engraçado — “Barrados no baile”, lembra? “Lá dentro rolando Bob Marley/ Cá fora por favor documentos.” Este país está se tornando um enorme barrados-no-baile.

Enfim, agora, *Dulce Veiga* encaminhada na vida (sai em setembro, na altura dos meus — quem diria? — 42 anos), estou na batalha de grana para viajar. Volto a dirigir um laboratório de criação literária — não morro de amores, Deus, Magli, da última vez, numa turma de vinte, sobrou apenas UM, e assim mesmo com talento, digamos, apenas razoável. Na-minha-vida-de-retinas-fatigadas tenho descoberto essa obviedade: talento é raríssimo, meu bem.

Ando morto de saudade de Porto Alegre, acho que vou agora no fim do mês, ficar uns dez dias. Vou de ônibus, bem pobrinho. Basta sentar nos degraus de casa, tomar um sol com Zaél e Nair, chimarrão com bergamota (mistura explosiva), uma noitada no Lola ou/e Ocidente, uma voltinha na Redenção, um pôr do sol no Guaíba — e já me sinto trirreenergizado. Amo demais o Sul. Naturalmente que é um Sul utópico, que existe mais na memória afetiva, filtrada, do que na real. Mas sempre me pergunto por que, raios, a gente tem que partir. Voltar, depois, quase impossível.

Fui ao Rio para o enterro de Cazuzza. Imagina: eu NUNCA na minha vida tinha ido a um enterro. Eu o adorava — uma vez, fiquei tão exibido, ele me dedicou uma música num show do Aeroanta, era “Só as mães são felizes”, claro. A gente se agarrava loucamente e rolava de rir toda vez que se encontrava. Eu precisava encerrar essa história. Acabou sendo bonito, toda aquela gentalha em prantos, provavelmente porque o identificava como a bichinha aidética do barraco da frente. Bonito e terrível, no sentido brasileiro do termo. Ai, Brasil, Brasil, mostra a tua cara.

Meu livro gira todo em torno do BRASIL. Um Brasil imundo, corrupto, violento, mas também mágico, sensual. Sinto cada vez mais uma paixão desesperada — e rejeitada — por

esta terra. Aquele amor não retribuído que aos poucos vai virando veneno, desejo de vingança, rancor e mágoa.

Mudei tanto, será a idade? Serão os tempos? Perdi aquela necessidade juvenil de me apaixonar toda semana. Ressabiei. Não fechei, acho, mas. Ah, sei lá.

O papel vai acabando, tenho que ir à cidade pagar aluguel, depois vou fazer uma entrevista com Hilda Hilst. Ela anda com uns problemas de coração, sessenta anos de cigarros & desregramentos. Está doida, linda, lúcida e insuportável como sempre. Beije Marijô por mim.

Send me some news, beijos

Caio F.

A Luciano Alabarse

SP, 2.8.90

Luciano, querido:

Te escrevo à mão, um pouco deitado. Imagina: escrever, agora, dói não mais como metáfora, mas fisicamente. Nos últimos seis/sete meses, escrevendo entre oito/dez horas por dia, fiquei com um PUTA desvio na coluna. Com o frio (muito), piora. Tem dias que não existem emoções, nem pensamentos: só dor. Pontos de fogo nas costas.

Andei muito duro e só agora vou poder procurar um daqueles japas que dançam a xula em cima de você. Tudo bem, vai passar. Mas isso tem me deixado assim, pensando: curioso que o ato de criar possa arrebentar o corpo da gente. Penso em John Fante, cego e com as pernas amputadas por causa da diabetes, ditando seus últimos livros à mulher. Há algo de *muito* belo nisso.

Então fica assim: *Onde andaré Dulce Veiga?* foi o livro que mais me doeu. Veja só: em nenhum momento ele fluiu. Foi escrito gota-a-gota, palavra por palavra. Será lançado nos primeiros dias de setembro, e eu estou naquela fase em que não sei mais o que escrevi. De um mês para cá, tentando emergir dele, sinto uma saudade louca daquele universo, daquelas personagens. É muito triste acabar um livro — ou não? Mas entendo melhor a Tania Faillace arrastando as 10 mil páginas do seu *Beco da velha*. Enfim: devo lançá-lo aí em POA em setembro/outubro. Ando morto de saudades de tudo. Sábado no Off. Saindo de casa depois de meses, encontrei Denise del Vecchio — linda como sempre — e falamos muito (e bem) de você. [...] Na mesma noite — que foi mágica — conheci uma pessoa linda: o Ciro Pessoa, aquele ex-titã autor da “Sonífera ilha”. Falamos [...] da meia-noite ao meio-dia. Naturalmente que ele é heterossexual, casado e com três filhas — e portanto continuo a minha neurose (já não é neurose — 14 anos de análise. Virou, digamos, *peculiaridade*) de ficar loucamente atraído por heterossexuais e eles por mim. Anyway, tudo sob controle. Aprendi a controlar as emoções. Nelson me deixou como saldo uma espécie de imunidade amorosa.

Enquanto isso, tentando retomar — sem convicção nem charme — namoros e coisas assim, caí nos braços outro dia de um rapaz totalmente *working class*. Chama-se F., veja que bonito,

é jogador de futebol, 27 anos, com um corpo alucinante. Nunca leu Proust, nem ouviu falar, graças a Deus. Me faz pensar demais no Alec Scudder, do *Maurice*, e me pergunto se E.M. Forster não teria toda a razão do mundo quando afirmava que a melhor companhia para um intelectual depressivo & sofisticado era mesmo um forte e saudável rapaz das classes trabalhadoras. Talvez haja nisso um elemento de culpa burguesa? Seja como for, o F. é bárbaro.

Recebi os poemas e uma carta do N. Ah, Luciano, que difícil. Comecei a ler, mas fui ficando tão agoniado, interrompi. Fico um pouco irritado. É tolo chafurdar em pântanos de depressão com pouco mais de vinte anos, você não acha? Acho que ele devia se alistar na Marinha, fazer mineração em Rondônia — qualquer coisa mais vital. Não sei o que dizer a ele. Não sei o que dizer a ninguém.

Cada vez gosto mais da luz, cada vez acho a alegria, o prazer, mais importantes. *Dulce Veiga* é um livro todo construído no sentido do encontro com o ato de CANTAR. Que se possa *cantar*, e o universo passa a ter sentido. Tudo na trilha de descobertas tão simples, tão fundamentalmente *leves*. Muita coisa envolvida nisso. Por exemplo: fui ao enterro do Cazuzu. Nunca tinha ido a um enterro na vida. Foi bonito: o povão cantando, ele dormindo. Tenho certeza que em paz — afinal, ele *cantou* até mais do que o possível. Respeito cada vez mais quem consegue. Outra noite sonhei com Vinícius de Moraes. Na verdade, fiz um passeio no astral com ele: amava tanto a vida.

Mas, enfim, quando eu tiver energia vou escrever ao N. Não consigo ver *solução* para ele, entende?

Ligo a TV para ver notícias. Faz muito frio. Depois vou mergulhar em *Brida*, o livro novo do Paulo Coelho. Estamos muito amigos. Tenho aprendido coisas com ele. Nada muito sensacional, coisas simples, pequenas alegrias.

I. deve andar por aí, espero que vocês tenham se encontrado. Sinto saudade enorme. Em breve, tomaremos um vinho.

Fique feliz.

Muito amor,

Caio F.

A José Márcio Penido

SP, 2 de novembro de 1990

Josézim, querido,

dia 2 de novembro, eu aqui pensando nos meus mortos, que são tantos, meu Deus, em frente a um vaso branco de louça, cheio de bocas-de-leão daquelas rosa e branco, miudinhas com saudade de você. Voltei segunda última de um, digamos, *périple* por Ribeirão Preto, Santa Maria da Boca do Monte, Canela, Porto Alegre, lançando livro, dando palestras, fazendo amizades, conquistando vitórias, como diria Jorge Ben, lembra? Resultado: um petit stress que estourou em — o nome eu acho bárbaro, a coisa em si nem tanto — *herpes-zóster*. Bolinhas, bolotas, bolões inflamados na barriga & costas, como um cinto (zóster em grego é cinto, não é hilário? lembrei do *zóster* de Hipólita, a rainha das amazonas).

Bueno: olhei aquela coisa e tive certeza. Sarcoma de Kaposi, comigo tudo é tão doido que queimei todas as etapas da aids e fui direto à fase terminal. Tudo isso sozinho num hotel do século passado, em Ribeirão, com a janela do quarto dando para as ruínas de um teatro incendiado. Fui ao médico: herpes braba. Texto dele: Se não secar dentro de uns dez dias, aconselho você a fazer O TESTE. Secou. Ufa! Mais uma vez, deve ser a terceira, conquisto um negativo por tabela.

Paranoias à parte — e que coisa toda tornou-se essa convivência tão diária, tão estreita, com a ideia ou a possibilidade da Morte (maiúscula respeitosa) —, ando muito bem. *Dulce Veiga* foi um livro que carreguei na cabeça e no coração durante 13 anos, e segurei pelos cabelos durante um ano de trabalho duro. Até hoje não sei como consegui escrevê-lo numa Hermes Baby. Foram umas duas mil páginas para tirar pouco mais de 200. Resultado: desvio de coluna. Não me queixo, não. Cada vez mais literatura para mim é como aquele tipo de escultura em pedra bruta. Dentro da pedra há uma forma, que você precisa localizar e tirar a golpes de formão. No braço, no muque. Quando cheguei à frase final — que já existia desde que escrevi a primeira — tive uma crise de choro de quase uma hora. Meio exaustão, meio orgasmo, meio não sei o quê. Só repetia, na terceira pessoa, Caio F. Caio F. você conseguiu.

Vai indo acho que bem. Tem saído muita coisa nos jornais e tal e tudo, mas curioso como isso já não importa. O que vale são as opiniões de pessoas próximas, e têm sido, também, muito gostosas.

Quando você esteve em Sampa e furei aquele almoço, eu estava em plena fase de galinhagem pós-produção. Após um ano aplicadíssimo, sem sair de casa, tinha me baixado uma Nicinha de frente e eu andava dividido entre um jogador de futebol (do segundo escalão, coxas opíparas) e um físico nuclear. Uma combinação tão esquizofrênica que resultava: perfeita. A noite anterior ao nosso almoço, caí de boca não lembro mais se em pênaltis, escanteios, buracos negros ou quasares. O fato é que desliguei o telefone e, quando emergi, lá pelas seis da tarde, encontrei seus recados, liguei para sua casa e só o silêncio respondeu. Caralho, pensei, depois de ter furado o jantar de despedida, apronto mais essa. A culpa foi do Deus Dionisios, sorry.

Agora ando mais calmo. Não muito, verdade. Mas desde que ganhei meu PhD em desilusão amorosa, aos quarenta anos, tenho me divertido como nunca. Ai, que maravilha arrebentar o mito do Amor Eterno! Me associei ao Zé Simão na campanha “sem medo de ser biscate”, e assim vou indo, até que algum Richard Burton resolva me dar um diamante do tamanho do Ritz (o hotel, não o bar, please). Pouco provável.

Até lá, tento ser profissional.

Estou aflito. *Os dragões*, com o título de *Dragons don't go to heaven*, estão (ou está?) sendo lançado em London, London na última semana de novembro, primeira de dezembro, durante uma grande feira de cultura brasileira. O editor e minha agente Ray-Güde insistem para que eu vá. Acontece que não tenho dólares, e tem sido uma batalha tentar liberar aquela estonteante passagem para Paris do Prêmio Molière. Mas é possível, afinal, que eu esteja mesmo indo para Londres fim deste mês. Preciso investir, veja só, na “carreira internacional”, e em janeiro tem o lançamento da tradução francesa, em fevereiro um circuito de leituras pela Alemanha (com final em Berlim, sem muro!). Com a edição inglesa, Ray já tem armadas a Escandinávia, Holanda, Tchecoslováquia, sei lá que mais. Portanto, meu futuro parece mesmo ser o Nobel, lá pelo ano 2000, se não morrer antes de susto, de bala ou vício. Sendo que esta terceira opção naturalmente é a mais provável.

Tudo isso me deixa com calafrios na barriga, e uma certeza maluca de que o que realmente quero — como a gente é louco — é na verdade o oposto de tudo isso, entende? Tipo Dulce Veiga, mesmo.

De tudo que tenho vivido ultimamente, o mais gostoso foi uma semana passada em Porto Alegre, chez Zaél e Nair, que sempre perguntam por você. Jardim com rosas, mesa posta com

café da manhã, bolo de milho, taquaireiro no fundo, passarinhos, silêncio. Uma ilusão de eternidade. Acertei com Nair, que está ótima, que aquela casa será minha por herança. E armo mentalmente para mim um futuro assim, na província, cuidando de rosas no jardim, fazendo canteiros com arruda, alecrim, manjerição. Será? Ando enfastiado, esgotado do eixo-Rio-São Paulo, é veneno puro, no pior sentido, feira das vaidades inúteis, preparação de uma úlcera, um infarto, coisas assim. Estou cada vez mais bossa-nova, espiritualmente sentado num banquinho, com o violão no colo. Deus, como eu quero paz, Zézim.

Tenho sido meio obrigado, por força do lançamento do livro que, afinal, precisa vender, a fazer caras e bocas pelas tevês e jornais da vida. Desgastante, tristonho. Mais que tudo, gosto de comprar flores para a casa, deitar no sofá olhando a palmeira que começou a entrar janela adentro (veja que bênção, em São Paulo), acender um cigarro e ficar olhando as nuvens. Estou achando uma delícia ter 42 anos, mal posso esperar pelos cinquenta, sessenta, setenta, com o baú da memória absolutamente repleto e o coração sabendo mil coisas de tudo. Ando apaixonado por viver, com tudo que isso implica, e espantado pela Passagem do Tempo (maiúsculas respeitíssimas).

Terça, dia 6, devo ir ao Rio. Mas vou e volto no mesmo dia, só para uma reunião na casa de Vicente,⁷ um projeto secretíssimo para TV. Não vai dar para ver você, acho, mas vou tentar. Dia 15 tenho que ir a Buenos Aires para algo como um congresso de escritores latino-americanos, volto lá pelo dia 22 e preciso então arrumar a frasqueira para enfrentar London. Sinto a tentação de quedar-me por lá, longe das barbaridades brasileiras (Delfim Netto vem aí), mas ao mesmo tempo há coisas por aqui. O velho e bom Fernando B⁸ está animadíssimo com a possibilidade da vitória de Fleury — argh! — e a continuidade dele mesmo na Secretaria de Cultura, aí tem mil seduções de trabalho e tudo e tal. Não sei, deixo rolar. Vou olhar os caminhos, o que tiver mais coração, eu sigo.

Acabei de escrever um texto sobre o Vicente, para a montagem paulista de *Solidão, a comédia*, com o Diogo Vilela — e citei você. Durante anos você foi a ponte entre nós, lembra? Ontem fui ver, finalmente, *A estrela do lar*, e naturalmente pensei em você. Ri muito, e admirei aquela estrutura de realidade e sonho que o Mauro armou, riquíssima, fascinante. A peça é um sucesso total por aqui, e tão arquetípica que, de alguma forma, é a adolescência de todos nós. Saí feliz e fui jantar no Montechiaro, onde não ia há pelo menos cinco anos. Acho espantoso viver, acumular memórias, afetos. Ando assim, descontínuo, exaltado, mas sempre com carinho enorme por você.

Duas da tarde, preciso começar a preparar o modelinho para enfrentar um programa de adolescentes, ao vivo, na TV Cultura. Brrrr! Impulsos de ligar, mentir que estou com febre,

assistir pela terceira vez *Cinema Paradiso*, chorar novamente na cena dos beijos. Mas vamos lá, tudo por Dulce Veiga. Divulgue ele(a), sinto que é como se fosse meu primeiro livro, no sentido de que me desembaracei do umbigo e cheguei mais perto da ficção, do Brasil, do humano alheio, não apenas meu.

Saudade, todo carinho do seu velho,

Caio F.

A Fanny Abramovich

London, 14.12.90

Fannyzinha, honey

Só hoje consigo sentar numa mesa, acender um cigarro espanhol (Ducados, fumo negro, ganhei de uma garota de Madrid) e conversar com você. Passei todos esses dias entre caixas de papelão no ap. de meu amigo Eduardo, que está mudando para Lisboa, como correspondente de *O Globo*. Foi difícil. Eu num sleeping-bag, ele muito deprimido.

Ontem mudei para o ap. de meu editor Ray Keenoy. Ele vai passar um mês na Itália. Tenho um quarto só meu, TV, secretária eletrônica e vários confortinhos. É Brixton, um bairro que mais parece Jamaica ou África. Altas negradas.

London, London — ai, meu Karma! Me pegou outra vez de jeito. Acho que fico aqui até maio, quando termina meu visto. O livro ficou lindo. Dei entrevista p/ jornal e rádio, devem sair umas resenhas e, a partir de fevereiro, Ray armou muitas leituras e viagens — Manchester, Liverpool, talvez Dublin. Tem um cineasta querendo filmar “Os sapatinhos vermelhos”, ou “The Red Shoes”. Enfim, dentro das possibilidades de um latino-americano aqui, vai dando certo. Mas em seguida vou precisar trabalhar. Uns bons pratos num restaurante, aquelas coisas... Prefiro isso à ideia de voltar para o Brasil agora.

Fiz coisas gostosas. Fui a Sussex, visitei Mont's House, onde viveu Virginia Woolf. Peguei uma pedrinha linda no jardim. Mil cinemas: *The sheltering sky*, de Bertolucci, c/ John Malkovich, baseado no romance de Paul Bowles foi o melhor. Melhor que o falso Henry & June, sobre Anaïs Nin e Henry Miller.

Caminho muito. Muito só. Tenho falado inglês quase que o tempo todo. A sensação é estranha — como se eu estivesse um pouco *externo* de mim mesmo. Os sentidos muito alertas — olhar, ouvir, cheirar. Poucos pensamentos e emoções. Mas outro dia nevava e comecei a chorar ouvindo Rita Lee cantar no walkman. Saí a caminhar pela neve naquela noite maluca de quatro da tarde, aos prantos — o que me valeu uma gripe da pesada. Não era dor, só distância, estranhamento. Por que o Brasil é tão duro para os brasileiros?

Mas vou ficando. Vou ficando. Não sei absolutamente nada daí. Nunca há notícias about nos jornais ou TV. Eu adoraria receber uma cartinha sua. São 15h, começa a anoitecer devagarinho. Mande-me pensamentos bons. Resista bravamente ao verão, tenha um Natal lindo e receba

love

love

love

and lots of love

from your friend

Caio F.

PS: Encontrei numa loja punk este cartãozinho cínico, especial p/ você.

A Guilherme de Almeida Prado

London, 12 de fevereiro de 1991

Guilherme, querido,

São afinal quase três meses e muita história pra contar. Você vai ter que ser paciente e ler assim mesmo, sem acentos, nesta british typewriter que comprei numa lojinha punk em Notting Hill.

First: MORRO DE SAUDADE. Que coisa maluca a distância, a memória. Como um filtro, um filtro seletivo, vão ficando apenas as coisas e as pessoas que realmente contam.

Second: para te deixar nervoso. Ray-Güde, minha agente alemã, vendeu *Dulce Veiga* para as Éditions du Seuil, a segunda editora mais poderosa da França (a primeira, sure, é a Gallimard). Um trechinho do parecer: “Le roman *Dulce Veigá* reflète bien une société bresilienne en pleine crise d’identité. Le style est a fois poétique et efficace, et sert tantôt la violence du monde de rock, tantôt la nostalgie des années 60 et de la bossa-nova”. A editora Anne Morvan quer fazer um grande lançamento fim deste ano ou começo do próximo. Ray-Güde, muito animada, está vendendo *Dulce* também para uma editora alemã, e acha que pode negociar Suécia, Holanda, Tchecoslováquia.

Então, imagina. E se o Jean-Luc Besson se apaixona pelo livro? E se ele cai nas mãos do Stephen Frears? E se o Jean-Jacques Beineix me oferece milhões por uma versão com Isabelle Adjani no papel de Dulce (envelhecida, claro)? E se lá de Madri Almodóvar comunica que Carmen Maura adoraria fazer o papel?

Guilherme von Almeida Pradish, vamos fazer esse filme?⁹ Com essas traduções, todos aqueles poderosíssimos e misteriosíssimos produtores estrangeiros interessados em você poderiam se animar ainda mais. Enfim, não sei como estão as coisas aí — ou sei através de Ana Carolina, que tem mandado umas cartas muito, muito desanimadas (embora esteja com planos para um filme na Galícia, e quer minha ajuda no roteiro). Espero ARDENTEMENTE que esta te encontre em plena filmagem de *Perfume de gardênia*¹⁰ e que você, ao contrário da bela Carolina, esteja vendo saídas.

Pausa para olhar pela janela.

Está tudo coberto de neve, há duas semanas. A temperatura chegou a menos 15 graus, mais frio que Moscou, que tal? Quase não sinto frio, mas acho a neve simplesmente *sinistra*. Fica um silêncio estranho, uma melancolia dilacerada no ar. Hoje à tarde os meninos ficaram brincando no TRENÓ no parque aqui em frente, pode? Explodiu uma bomba no Ministério da Defesa, e tudo está muito paranoico com a guerra — que aqui é muito real.

Mas eu ando bem, calmíssimo. Estou em Brixton, um bairro com muitos negros, principalmente jamaicanos, e com um mercado africano simplesmente sensacional, hospedado no apartamento de Ray, o editor inglês.

O que é bom, porque sou obrigado a falar inglês o dia inteiro, e estou me virando que é uma beleza, lendo loucamente e até dando informações na rua. Me associei em dois cineclubes, o Ritzy, aqui em Brixton, e o Everyman, de Hampstead. Vou ao cinema sempre que posso, isto é, quase todo dia, e tenho visto coisas ótimas. Adorei *The garden*, o filme que Derek Jarman (o Cazuzza do cinema inglês, com HIV positivo há cinco anos) fez no jardim da casa dele. Fez com vídeo, super-8, depois ampliou, montou tudo na moviola — *baratíssimo* — e ver o filme me fez pensar que as lamúrias dos cineastas brasileiros não têm muito a ver. Se você quer, você faz. Ontem vi *The grifters*, o novo Stephen Frears, um noir pesadíssimo, um pouco na linha David Lynch, sem o humor — e com uma Anjelica Huston fantástica.

Faz uma NAJONA naquele estilo Joan Crawford ou Bette Davis, os críticos todos aos pés dela, dizendo que é a atriz dos anos 90. Fiquei fascinado com *The sheltering sky*, de Bertolucci, que deve estar chegando aí, e me preparo para ver o James Ivory que acaba de estreiar, com Paul Newman e Joanne Woodward. Tem muita, muita coisa, e aquelas sessões repertory, tardes vendo três, quatro filmes.

Começo de março, acho, estou indo para a França, para o lançamento da edição francesa de *Dragões*. Depois quero ir até Ibiza ver meu amigo Augusto, que está abrindo um restaurante lá, e se houver dinheiro, dar umas voltinhas por Barcelona e Madri. Enfim, maio/junho devo estar voltando. Tenho trabalhado por aí, vou revisar todos os meus livros esgotados, que a Siciliano está comprando, e traduzir o David Leavitt — um escritor americano de apenas trinta anos, autor de um romance lindo chamado *Equal affections* e uns contos, *Family dancing* e *A place I've never been* — para o português. Também ando cheio de anotações para um livro novo, que penso em chamar *Histórias estrangeiras*.

No mais, ando muito só. Sexo e amor parecem coisas em desuso aqui. Olho tudo com olhos muito abertos, mas não deixo de comparar esta Londres de agora, invadida por todas as raças, caótica e não muito limpa, àquela outra onde morei há quase vinte anos atrás. A decadência é

violenta. Outro dia um antropólogo amigo de Ray dizia que a Inglaterra é o mais novo país do Terceiro Mundo. O que tenho recebido de notícias daí — pacotes, congelamentos — me faz pensar que não só o Brasil vai mal (mas penso que o Brasil é isso mesmo, sempre será), nem só a Inglaterra, mas estamos metidos numa medonha crise que envolve o planeta inteiro. Dá medo. Há possibilidades de conseguir uma bolsa para ficar em Berlim, ano que vem, durante um ano e eu quero, sim. Acho embriagador estar no umbigo do furacão. Você não imagina a sensação, outro dia, de sair correndo de um metrô com uma ameaça de bomba. Ao mesmo tempo em que é assustador, também não consigo me convencer de que é verdade. Parece filme.

Ah, ia esquecendo. Tem um diretor inglês chamado Steve Brown, até agora só fez curtas, é muito jovem (e bonito), que está querendo filmar o conto “Os sapatinhos vermelhos”. Estou tentando escrever o roteiro, enquanto ele tenta descolar uma produção. Vai ser engraçado. Conversei com uns cineastas amigos dele, e não conhecem absolutamente nada de cinema brasileiro — só Glauber Rocha, e ainda falam no *Orfeu negro*, pode?

Queria te pedir: você entrega esse cartão ao Ricardo Pereira Lima? Penso sempre, muito, nele, mas simplesmente não tenho o endereço. Por favor, você põe num envelope e manda pra ele?

Já chegando ao fim, espero realmente que você esteja muito, muito bem.

Dê um grande beijo meu em Zuleika, pergunte a Cida Moreyra se recebeu minhas notícias. Se você quiser me dar notícias, mesmo que eu viaje, o endereço é este — o Ray me encaminha. Na medida do possível, dê alguma assistência à Jacqueline. Ela ligou outro dia e queixou-se muito de solidão. Você sabe, São Paulo não é fácil.

Se você cruzar com Sergião Bianchi, diga que mando as melhores vibrações (no caso de Sergião, será que ajudam?) para o filme dele. E cruzando com Wilson Barros, diga que sinto saudade, que mando beijo.

Todo carinho do seu

Caio F.

PS: E pense em Dulce Veiga, antes que algum aventureiro lance mão!

Afinal — se é que você criou coragem e leu o livro — toda essa história é mais nossa do que minha, não?

PS2: ZuVal

E você, continua

Sensacional?

(Um hai-kai para Zuleika!)¹¹

A Maria Adelaide Amaral

Saint-Nazaire, 10.11.92

Levíssima, minha flor luso-tropical,

encontrei na catedral de Nantes — das mais belas que já vi, do século XIV — esta oração que me lembrou imediatamente você. Aí vai, com carinho. Quando a rezar, peça também por mim, que vim dar com os costados na Bretagne. Fiquei dez dias em Paris (três decadent, cheia de bêbados, imigrados, refugiados) e vim para cá. Tenho uma bolsa até 31 de dezembro nesta “Maison des Écrivains Étrangers”. Me deram um ap. enorme, com três quartos, vista para o mar, todo montado (com uma “mulher a dias” — a faxineira portuguesa — duas vezes por semana) e várias mordomias. Teatros, cinemas, táxis, tudo de graça. Minha única obrigação é, quando sair, deixar um texto que será publicado pela Arcane XVII, a editora da Maison.

Por aqui já passaram Ricardo Piglia, que deixou um texto lindo, Goytisolo, Reinaldo Arenas (ficou três dias — tinha medo de jogar-se pela janela, um 10^o andar — e acabou mesmo fazendo isso, seis meses depois em New York), mais dinamarqueses, africanos, para nós desconhecidos. Atualmente, a outra bolsista é uma dramaturga tcheca, de Praga, encantadora, chamada Daniella — sobrenome incompreensível. É astróloga e membro de uma sociedade chamada “Amigos de Kafka”. Semana que vem chegam três escritores do Báltico — Lituânia, Estônia e Letônia — de nomes impronunciáveis.

Enfim, estou sendo muitíssimo bem-tratado. Os vinhos rouge são os melhores do mundo, é a região de Bordeaux, e — Murilo me conhece — tenho tentado não abusar de todos aqueles armagnacs e calvados e remy-martins que um dia acabarão comigo...

É lindo e perturbador.

Por trás de tudo, claro, há aquela delicada hipocrisia primeiro-mundista, querendo dar uma forcinha aos pobres-artistas-latino-americanos-meio-mortos-de-fome. Latino-americanos só não: as nordestinas da Europa agora são do Leste. Passei por algumas saias-justas, perguntando num jantar com o prefeito por que — se os franceses são tão solidários com o sofrimento humano — ninguém faz absolutamente nada para ajudar a Iugoslávia, que fica a

quinhentos quilômetros daqui. E ontem Israel proibiu a entrada no país de portadores do HIV. Há um horror pairando no ar no planeta todo.

Conflitos sociais à parte, acho que estou até feliz.

Daqui vou para Amsterdã, para leituras e palestras, em janeiro. Em fevereiro volto ao Brasil, e em junho tenho que estar na Alemanha para a Interlit, o Congresso Internacional de Escritores do III Mundo. Tudo muito internacional, e tenho sempre medo, e o meu coração é sempre e cada vez mais jeca, graças a Deus. Tenho rezado muito.

E comecei a tentar escrever alguma coisa que ainda não sei bem o que é. Seja o que for, gira em torno desta frase de Camille Claudel numa carta a Rodin, que me obceca há anos:

“Il y a toujours
quelque chose d’absente
qui me tourmente.”

Mas te escrevo também para *exigir* o seguinte:

A senhora vai mandar exemplares de *Luiza e Aos meus amigos* a estas duas pessoas: [*Na margem*: importante!] Claire Cayron [...] Annie Morvan.

Claire é a minha tradutora aqui, traduziu os contos de *Dragons e Dulce Veigá* (!); Annie é a editora da parte latino-americana da Seuil (a segunda da França, depois da Gallimard), morou no Uruguai, foi amiga de Nara Leão. Claire foi amiga íntima de Simone de Beauvoir, tem mais de quinhentas cartas, inéditas. Ambas adoram o Brasil, falei de você, muito, e tenho a *intuição* de que pode dar certo. Mande mesmo. Conselho de amigo: não peça às editoras (são pão-duras, especialmente a Siciliano, não mandam nada), mande você mesma. É um pouco caro, but... Vale a pena.

Não sei absolutamente nada do Brasil neste tempo. Amaria receber notícias. Se alguém perguntar por mim, dê as melhores — serão verdadeiras, apesar de, como estrangeiro, estar sempre meio *bleeding*.

Te beijo com carinho.

Abraços em Murilo, Guilherme e Rodrigo. Espero que sua mãe esteja bem de saúde.

Me perdoe a distância, no Brasil. Acho que sou melhor por carta, e em São Paulo passei o último ano às voltas com mil problemas — dinheiro, amigos e pais doentes, aulas — enfiado em casa.

Dê notícias minhas a Pedro Paulo, escrevo logo a ele. E a Bel aussi.

Kisses

PS: O que mais sinto falta é de *Deus nos acuda!* Todo mundo comenta até hoje as cenas de abertura, que passaram na TV francesa na época do impeachment.¹²

PS: Mande o novo livro¹³ pra mim também. Quero vê-lo impresso e darei uma opinião melhor — provas são massacrantes.

A Nair e Zaél Abreu

Saint Nazaire, 10 de novembro de 1992

Queridos pais:

É rápido, só para dar o endereço e contar algumas novidades. Até agora, tudo vai muito bem. Estou aqui nesta Maison des Écrivains Étrangers (Casa dos Escritores Estrangeiros) até 31 de dezembro. Me deram um apartamento enorme, com três quartos, de frente para o mar, todo montado — tem até máquina de lavar roupa —, mais 7.500 francos (mais ou menos 1.500 dólares) por mês. Quando sair daqui, tenho que deixar algo escrito, que será publicado pela editora Arcane XVII.

Enfim, é aquela coisa de países do primeiro mundo querendo ajudar os latino-americanos... Mas a coisa toda é muito chique, tenho sido bem-tratado até demais. Almoços e jantares (comem e bebem muito) com prefeitos e figurões, tudo meio cansativo. Me deram um cartão para entrar de graça em todos os cinemas e teatros, outro para não pagar táxis.

Saint Nazaire fica no norte da França, de frente para a Inglaterra. É um porto de mar. Foi completamente destruída durante a II Guerra, pelos nazistas, depois reconstruída pelos americanos. É uma cidade rica e muito limpa. O mar é lindo, meu apartamento fica bem na frente do porto e o tempo todo dá para ver navios de todo o mundo chegando e saindo. Também me deram uma faxineira duas vezes por semana, então não preciso me preocupar com nada — a não ser escrever. Está sendo um verdadeiro presente.

Me viro um pouco falando francês (bendita dona Peia!), mas muita gente fala também espanhol e inglês — então acho que comunicação não vai ser um problema.

Também não é muito frio aqui. Até agora a temperatura não baixou dos dez graus acima de zero. Para quem já pegou 17 em Londres, é fichinha...

Mãe, estou mandando este cartão junto para a senhora entregar à tia Pereca. Senti, claro, a morte de tio Polaco — mas acho que foi um alívio, principalmente para tia Pereca — e para ele mesmo, lógico. Deve estar bem agora.

Pai, por favor, continue se cuidando: nada de fumar, hein? Os franceses aqui fumam feito loucos, e bebem horrores. A região onde estou, a Borgonha, é conhecida como a dos melhores

vinhos tintos do mundo. Tenho tentado resistir às tentações...

Por favor, não me deixem sem notícias.

Os telefonemas aqui também são pagos pela tal Maison, mas não posso abusar. De vez em quando darei umas ligadas. Qualquer coisa urgente me telefonem, mando o número — mas não sei os códigos para fazer ligações do Brasil para cá. A Silvana deve saber. Um beijo nela, Cristina e tia Helena.

Como ficou a Márcia de nariz novo? Mais bonita, acho que impossível. E na minha opinião não havia nada de errado com o nariz dela. Enfim, espero que tenha ficado bom.

Tenho pensado muito em Rodrigo e Laurinha. Mostrem ao Rodrigo no mapa onde o tio Caio está — é numa pontinha no norte, perto de uma cidade chamada Nantes.

Amanhã acho que ganho uma bicicleta da prefeitura. Vou me esbaldar. Os bosques estão lindos, todos dourados.

Um beijo grande para Cláudia e para todos, um abraço para Nice (é Nice, não? o nome da moça da limpeza).

Todo o carinho de seu filho

Caio

(Mãe, reze por mim)

Fone 40.66.83.98

PS: E o Itamar, está dando certo? Não sei nada do Brasil!

A Maria Clara Cacaia Jorge

Saint Nazaire, dez./92

Cacaia chérie

Para você e la petite Emília, com votos de um ano lindo.

Estou muito bem: terminei a novela que escrevi aqui. Chama-se “O leopardo dos mares” — saí da França em abril/junho. Estou caindo na estrada no comecinho de janeiro. Meu amigo holandês vem me buscar de carro. Amsterdã. Alemanha. Depois não sei, nem quero pensar. Por enquanto, apesar do frio, da Somália, da Iugoslávia, tudo em paz. Todo meu carinho.

Caio F.

PS: Falei com Anne Dusquenois — está ótima!

A Adriana Calcanhotto

Saint-Nazaire, 16.12.92

Deusa querida e distante,

impossível não pensar em você bebendo literalmente litros de água Perrier todo o dia — o aquecimento seca horrores a pele! —, mas não só por isso. Também procuro as cores de Almodóvar, cores de Frida Kahlo (vi uma *autêntica* na Fnac, em Paris!), que aqui, neste porto de mar na Bretagne, entre Nantes e Brest, a cidade de Querelle, são bastante raras. São mais cores de Agnès Varda, cores de Gustave Klimt.

Tua fita¹⁴ — da qual não me separo há meses — faz sucesso por aqui. Mal posso ouvi-la. Alain Keruzoré, meu tradutor, passou para Bernard Soubourou, que sabe tudo sobre — imagina — Tania Alves, que passou para Marie Pierre. Hoje saio na batalha, não quero ficar sem ela.

Te mando dois recortes, um deles fala em você. Mas ai, os-modernos-e-seus-segundos-cadernos são iguais em tout le monde. Ele faz uma confusão entre aquela *Penélope* que você musicou e um conto que Claire Cayron traduziu. Bom, não importa. Anyway, você está presente no texto — uma pequena novela — que escrevo no momento para deixar aqui, será publicada pela Arcane 17.

Fico até 31.12 neste apartamento enorme, debruçado no porto de mar, com uma vista de 360 graus e uma paisagem que, estranhamente, lembra Porto Alegre, Manhattan, Florianópolis e a ponte Rio–Niterói (com Saint-Brévin les Pins do outro lado da baía). Depois vou a Amsterdam, Köln e Frankfurt, para leituras, tradutores, agentes. Acho que volto em fevereiro — mas não sei ao certo, houve um problema com meu ap. em SP na minha ausência e, anyway, tenho que estar na Alemanha outra vez em junho. Tenho pensado que só agora compreendo o sentido exato da expressão “minha pátria é minha língua”.

Passei o domingo, ontem, comendo ostras, bebendo vinho branco e ouvindo Jane Birkin cantando as canções de Serge Gainsbourg. Você ia adorar *Norma Jean Baker*. Vou levar a fita. Fiz amizade forte com a filha de Christian, o diretor da Maison — chama-se Marina, tem nove

anos, é Virgo asc. Capricórnio e tem absolutamente tudo de Van Gogh. É quem tem me dado as melhores aulas de francês.

Andei muito *cadela* no Brasil. Milhares de problemas, nada grave. Seu disco — deixei um recado na sua gravadora — me ajudou muito. Tem ajudado, é sincero & comovido o que te digo.

Sábado tem show de Marina em Paris. Pensei em ir, mas fui recrutado para participar de uns debates com os escritores do Báltico — Lituânia, Estônia, Letônia, imagina — seria feio faltar. Outro dia acordei com vontade de ouvir Elis e encontrei um cassete no Centro — tem *Folhas secas*.

Te mando uma folha de outono.

E todo carinho, e toda a energia para você continuar seu trabalho.

Je t'embrasse, love

love

love

Caio F.

PS: Às 13h vejo *Isaura* na TV — Lucélia falando em francês é hilário! Logo depois tem *Dona Beija* — mas aí é demais para minha beleza.

PS 2: Torci tanto por Benedita da Silva. Sábado, no *Libération* saiu um perfil dela chamando-a de “La madona des favelas”. Desta distância, lanço meu olhar sobre o Brasil e entendo ainda menos...

PS 3: Estou cantando Anne Dusquenois, que produz Marina, para trazer você.

PS 4: Brigitte Bardot tentou o suicídio com barbitúricos, ontem!

PS 5: Comentário na TV sobre Lady Di: “Bem, se os ingleses não querem saber dela, nós, franceses, podemos dar um jeito...”

A Cláudia Abreu

Saint-Nazaire, 21 de dezembro de 1992

Querida Cláudia,

foi uma surpresa e uma alegria receber tua cartinha. Ainda mais com boas notícias. A única coisa que me preocupa é o teu cabelo — já que os médicos não descobrem nada, deve ter uma razão psicológica ou/e espiritual. Por que você não tenta o Leo? Um bom batuque sempre ajuda, pode não resolver, mas mal não faz. Outra coisa boa é vitamina E, em certas farmácias a gente encontra, tem uma da welleda ótima. Espero que tudo se resolva e, em caso contrário, o melhor é relaxar... Veja o meu exemplo...

Sobre o meu apartamento — acho que já está tudo resolvido. Quer dizer, dançou mesmo. O Gil levou tudo para a casa dele, não sei como conseguiu. Fiquei sem casa em SP, o que é um saco. Mas acho que não vai ter problema. Minha amiga Patrícia está mudando para Londres no final de fevereiro, talvez possa me passar o contrato do ap. onde ela mora. E de qualquer forma, tenho que estar de volta aqui, na Alemanha, em junho — portanto seria algo só para uns três meses, não importa que não seja muito bom. Não se preocupe com isso. A ajuda que imaginei fosse necessária seria no caso do Gil ter que mandar algumas coisas minhas para aí — e acho que a mãe ficaria atrapalhada com isso — mas não foi preciso.

Está chegando ao fim a minha temporada aqui. Foi bom, consegui escrever uma pequena novela — o negócio é assim: eles, a tal “Maison des Écrivains”, te dão o ap. por dois meses, todo montado (tem até uma faxineira, Madame Toile, que vem uma vez por semana, é chiquérrima — usa uns turbantes de seda hilários — mas flor de vadia, como todas as faxineiras do mundo), e quando o escritor sai deixa um texto que eles publicam depois. É um bom negócio — eles dão também 7.500 francos por mês (pouco menos de 1.500 dólares, que parece muito mas não é: um maço de cigarros, por exemplo, custa 3 dólares) — mas não sei se aguentaria mais do que esse tempo. É muita solidão. Ninguém fala português nem outra língua a não ser francês, o que vai dando uma certa aflição.

Saio daqui no comecinho de janeiro. Vou primeiro até Amsterdam — um amigo meu, holandês, alugou um carro e vem me buscar, ele traduziu uns contos meus para o holandês e

arrumou por lá umas leituras (aqui eles gostam muito). Como a minha agente está tentando vender Dulce Veiga para a Holanda, tenho que ajudar a tentar vender o peixe... Afinal, é disso que vivo. Mas acho que até o final de fevereiro estou chegando aí.

Do Brasil só sei o que leio nos jornais daqui, e é muito pouco. Semana passada li sobre a demissão do ministro da Economia do Itamar, que está me parecendo uma boa *trolha*.

De toda a história do meu apartamento, o que me magoa é a atitude de Ivan. Ele estava duro, sem trabalho, morando mal — eu recebi, hospedei, acertei com ele que pagasse apenas 1/3 do aluguel, e muitas vezes não pagou nem isso, nem nada. Enfim, dei toda força. E você acredita que até hoje ele não me mandou uma palavra? Não fala isso para a mãe, porque você sabe como ela é, pode pintar alguma saia-justa. E também não me importo de tentar ajudar as pessoas — se elas não sabem corresponder, é problema delas. Não é por isso que vou virar uma naja.

Mando junto um cartão para Rodrigo e Laurinha, dê um grande beijo neles e um abraço no Jorge.

Ah: lembra aquele meu dente *monstro* que tem extrusão (acho que é assim que se escreve). Pois está medonho, incomodou tanto que quase fiz uma cirurgia aqui. Mas achei que podia esperar, e vou levando com um remédio chamado Synthol. De qualquer forma, vai te preparando: quando chegar aí vamos ter que arrancar. Vai ser horrível.

Cuide-se bem, não trabalha demais. Que 93 seja mais leve, mais feliz para todos nós.

Um beijo grande do

Caio F.

PS: A única hora em que mato um pouco da saudade é entre 13h e 14h: na TV tem “Isôrrá” e, logo depois, “Doná Beijá” — ou seja “A escrava Isaura” e “Dona Beija”. Mas é *dose*, Lucélia e Maitê dubladas em francês!

A Maria Adelaide Amaral

Saint-Nazaire, 29 de dezembro de 92

Levíssima, chérie,

mesmo com alguma pressa, não quero deixar o final do ano passar sans une petit mot pour toi. Terminei minha temporada aqui, e terminei — ufa! — com o coração cheio de alegria. Consegui escrever o texto para a Maison, é uma novelinha chamada *O leopardo dos mares* (com subtítulo, em francês, de *Journal d'une ville sinistrée*).¹⁵ Curtinha, umas 6 mil palavras, sai em edição bilíngue em junho. Fiz dezenas de amigos, fui OBRIGADO a falar francês 24 horas por dia (inclusive dormindo, juro!) e o resultado é que je tombée complètement amoureux de la France. Compreendo agora perfeitamente aquele velho clichê “berceau de la civilisation”.

Poucas vezes na vida me senti tão bem, você acredita? Eu que, no Brasil, desde que voltei da outra viagem, em junho de 91, me sentia a última das cadelas... Parto dia 2 ou 3 para Amsterdam, meu amigo Sappe Grootendorst vem me buscar de carro — ele traduziu contos meus para o holandês, arrumou umas leituras & tal e, como *Dulce Veiga* deve sair lá no próximo ano, vou vender meu peixe...

Provavelmente, fico lá até fim de janeiro, e volto para Paris. Consegui um studio baratíssimo na região do 5^{ème} (ali perto da Sorbonne, a dois minutos de Saint-Germain) e fico lá vendo no que dá. Tenho pouquíssimo dinheiro e um visto de permanência até 7 de março. Reze por mim! Cá entre nós — embora nada saiba do Brasil, exceto o que leio — quase nada — nos jornais — a ideia de voltar não me agrada muito. Estou superdesempregado aí, e aqui também. Donc, voilà, como Cordélia Brasil. E o Bivar? Se falar com ele, mando beijos.

Passeei muito aqui, é tudo tão pertinho. Nantes, Chartres, Brest, la Baule (a Miami francesa, cafonérrima), uma cidade medieval murada a 15 minutos daqui, Guerande. No Natal, peguei um TGV e fiquei três dias rolando por Paris, acabei num jantar doido com uma ex-mulher de Vinícius de Moraes, chamada Joséphine Rinaldi [*Na margem*: grande amiga da Tônia Carrero], e — imagine — Guilherme Araújo (que conta que todos os baianos, exceto

Bethânia, o traíram, está em NY há dois anos e não quer voltar). Fui ver os cantos gregorianos de Saint-Eustache e peguei outra daquelas orações pensando em você.

Mas de tudo, tudo, o melhor foi o encontro com Daniela Fischerova, essa moça dramaturga tcheca do recorte. Astróloga, *sábia*, 44 anos, me deu as varinhas para jogar o I Ching e me ensinou tanta coisa. Me enlouqueceu falando de Praga — quando voltar, em junho, vou visitá-la lá. Se não ficar direto aqui. Daniela tem uma peça — *Fabule* — traduzida para o francês, que vou levar para você ler. Eu acho magnífica.

E foi assim, de frente para este porto inacreditável, todos os dias pensando em fugir, em não suportar as ondas de coisas novas, e amizade, e às vezes também provas duras — só eu sei — mas com o coração cada vez mais largo.

Ganhei uma permanente para os cinemas aqui, e vi dezenas de coisas — quase tudo filme francês (todos os estrangeiros são dublados, o que — no caso do *Maris et femmes* do Woody Allen é uma catástrofe): fique atenta a *Fatale*, de Louis Malle, com Jeremy Irons e Juliette Binoche fazendo horrores na cama (de ruborizar o Marlon Brando e la Schneider naquele *Dernière tango*), e a *Les nuits fauves*, de Cyril Collard — um soropositivo que filmou a própria história, ele mesmo de ator — é o Cazuzza do cinema francês.

Queria tanto saber daí, das pessoas, de tudo — mas não dá nem para pedir que você escreva. Vou ficar sem endereço um mês, a não ser que numa prova suprema & titânica de amizade queira mandar algo aos cuidados da Ray-Güde Martin [...] vou passar lá no finzinho de janeiro. Hoje estou torcendo pela queda final da besta Collor e — pour quoi pas? — pela entrada do nosso país num tempo de astral melhor.

Mando votos de um 93 maravilhoso a quem perguntar por mim, e especialmente para Murilo, Rodrigo, Guilherme, Bel, Celso Cury.

E para a mais leve de todas as levinhas neste mundo nem sempre tão leve assim.

Je t'embrasse.

Todo carinho do velho

Caio F.

Love

Love

Love

PS: Durante uma semana hospedei uma mãe de santo baiana — Sandra de Iansã — que também é antropóloga, tinha vindo dar palestras em Portugal e acabou — imagine — jogando búzios na Bretagne!

PS 2: Teu livro saiu? Como vai a novela com a Bi-Xena Carmen Verônica?

A Maria Clara Cacaia Jorge

POA, 17.3.93

Maria Clara George, chérie,

cheguei ao Brasil dia 10. Fiquei três dias em SP, chez Jacqueline, e vim para a velha carroça. Nair fez setenta anos no sábado, e está firme como um tronco.

Estou pensando em ficar aqui até junho. Em junho, tenho que voltar para a Alemanha-França-Tchecoslováquia, e só retornar ao Brasil lá por outubro. Então só em outubro posso pensar em sentar mesmo a poeira. Perdi meu ap. em SP, minhas tralhas estão na casa do meu secretário Gil. E acredite ou não: Portinho está me parecendo uma delícia. Pode ser ilusão ou euforia inicial de quem está chegando de um longo inverno europeu — saí de Frankfurt com neve até o joelho — mas só poder ficar sem roupa já é uma delícia. E andar de bicicleta no Parque da Marinha é um luxo.

Tenho alguns dólares para me manter, da venda de *Dulce Veiga* para a Holanda, mas ando vendo uns trabalhos biscateiros na secretaria de cultura do município (o prefeito do PT, Tarso Genro, é um ex-poeta velho conhecido). Antes de voltar, quero deixar um livro novo prontinho — acho que há condições para trabalhar aqui.

[*Nota na margem da carta*: Todos os comunistas da cidade arrumaram emprego!]

E tem os sobrinhos, claro. Estou uma *tia convicta*. Laurinha é um sex symbol de três anos de idade, que adora batom e peruíces do gênero. Rodrigo, com nove anos, faz tantas perguntas que sou obrigado a pensar. Isso é bom. Dou uma recauchutada com minha irmã dentista, e vou convivendo muito bem com Nair e Zaél. Estamos só os três naquele casarão, mas tudo por enquanto parece muito *do bem*.

Te escrevo rapidinho, mais para dar as novas direções — afinal, para o resto do Brasil estou meio desaparecido, e soube na Alemanha que todo mundo comenta que estou *terminal*,* pode? Na verdade, aos 44 continuo com um corpinho de 39 e uma carinha de 41... E sobrevivendo a todos esses mortos. Diogo Vilela está aqui, jantamos juntos, e me deu notícias de Vicente Pereira, que está mal. Na verdade já nem sei se “mal”, não sei ao certo o que é a morte.

Que você esteja maravilhosa, cheia de energia. Emilinha, la petite jeune fille, deve estar estonteante. Dá um beijo nela e, quando tiveres tempo, pega aquele telefone poderoso da Polygram e me liga. Believe or not: estou acordando às 8 da manhã todo dia. Beijo do seu velho

Caio F.

* Acho que estou mesmo *é inicial!*

[*no verso da carta:*]

PS1: Ana Taborda anda por aqui. Ainda não a vi.

PS2: Te contei da Machorra que vive em Amsterdam há oito anos e conhecia toda a sapataria da Vila Ol-gay? Ficamos muito amigos: chama-se Norma Telles, é casada no papel com uma holandesa autêntica e tem uma rádio-pirata aos domingos.

PS3: Outro beijo.

A Nair e Zaél Abreu

Berlim, 22.6.93

Queridos pai e mãe:

Voltei ontem para cá, depois de uma semana linda na Itália. É mesmo, como sempre me diziam, o país mais lindo do mundo. A editora fez uma grande festa de lançamento do *Dulce Veiga*, e foi até na televisão (falando italiano!). O editor está muito entusiasmado, vai publicar também os meus outros livros. Na saída, me deu um envelope que abri no avião — eram 1.000 dólares de adiantamento! Claro que achei ótimo.

De trem, com a minha tradutora Adelina Aletti, fui até Veneza. É tão bela. A gente fica meio perturbado, porque é também de uma beleza triste, desesperada, com todos aqueles palácios no meio da água. Voltamos por Verona, a cidade do Romeu e Julieta, onde estão a igreja e os restos de São Zeno. Rezei muito. Pedi principalmente pela saúde e pela felicidade de vocês dois.

Mas tudo vai indo muito bem. Outra boa notícia — um tradutor que mora em Zurique, na Suíça, leu e adorou *As frangas*. Então, imaginem, no próximo ano teremos *As frangas* em alemão. Agora estou indo para o encontro de escritores em Erlanger, com Chico Buarque e Rubem Fonseca — mais uma semana. Não há muito tempo para parar.

Estou em Kreuzberg, o bairro turco de Berlim. O astral é um pouco tenso. As pobres turcas na rua, com a cara toda coberta por aqueles panos, parecem apavoradas. Milão também está uma confusão, cheia de africanos e chineses. Em Verona, no meio dos castelos, mulheres bósnias da Iugoslávia pediam esmolas com os filhos pendurados. Todas as raças misturadas — e os europeus com muito preconceito.

Recebi uma proposta de um editor alemão para ficar *morando* em Berlim e escrever um livro. Eu não sei. Fico meio desorientado no meio de tudo isso. Ao mesmo tempo, quando penso que não tenho mais casa em São Paulo, dá muita vontade de ficar. Vou decidir isso com calma.

Espero que tudo vá bem aí e que o inverno não esteja sendo muito rigoroso. Cuidem-se bem. Digam para a Silvana que a Alemanha está esperando por ela. Vai junto esse cartão para

a Eni.

Beijos para todos.

Saudade e carinho do filho

Caio F.

PS: Quem estava em Veneza era Elizabeth Taylor — para a Bienal. Na frente de um hotel tinha um monte de italianos gritando “Guarda, guarda! La signora Elisabetta!”. Adelina e eu esperamos um pouco para ver se ela saía na janela. Mas não aconteceu nada.

A Adriana Calcanhotto

Berlim, 1.7.93

Adriana C.

Minha sempre deusa, continuo andando pelo mundo, chorando ao telefone, prestando muita atenção, divertindo gente, a fome dos meninos da Iugoslávia nas ruas ricas da West-Berlim dói tanto ou mais quanto os *nigrinhos* do Rio, há dez meses acordo e não tenho ninguém do lado — os meus amigos, cadê? — vou/irei à Tchecoslováquia, talvez Hungria, Jakarta, mas perdi alguma coisa no Brasil, “à tarde Maria dorme”, tenho medo, matam turcos e a estrada é enorme, mas tua voz e tua música me aconchegam entre Paris/Amsterdam/Berlim/Praga/London/ tudo é muito igual e belos os alemãezinhos ao sol do verão fugaz deles. Te mando retalhos e amor.

Caio F.

A Gerd Hilger

SP, 22.9.93

Gerd querido,

ainda não perdi a esperança de receber notícias suas. Sou tão inseguro, meu bem, não faça assim comigo não, como dizia Carmen Miranda. Tenho pensado (paranoica!) se os dias que passei aí não foram um *suplício* para você. Às vezes acontece de só quando um hóspede vai embora a gente se dá conta do quanto estava de saco cheio. Enquanto durar seu germânico silêncio, é isso que vou pensar.

Não estou bem (e não me pergunte o que é “bem”, meu bem). Ontem Breda veio do Rio e perguntou então, já aterrisou no Brasil? Resposta — e o que é mais grave, a sensação: não só aterrisei como afundei até os joelhos. Talvez afunde mais? Até a cintura? Até o pescoço? Adianta gritar help? Me olho no espelho (só de relance, não devo me deter demais, é perigoso) e digo quieta, sua bicha, vai fazendo tuas costurinhas aí e para de bancar a Cinderela. Fui exemplar nos primeiros tempos. Uma santa, uma mártir. Dormia cedo, acordava cedíssimo, lavava roupa, cozinhava, não bebia, não trepava. Fui desabando. O de fora não corresponde, compreende? São Paulo está terrivelmente Dallas, trambiques, puxações de tapete — tudo gira em torno de poder e/ou dinheiro. Tirei esta semana para dormir demais. A primavera chegou com chuvas amazônicas, e uma gripe tem sido o pretexto para ficar parado na janela perguntando meu deus (com minúscula), meu deus, o que é que estou fazendo aqui. Sem interrogação também.

Pouco a pouco vou ficando duro, trocando mingudadérrimos marcos & dólares por cruzeiros que se *desvanecem* em segundos. Faço trabalhos inacreditáveis, tipo revisar traduções malfeitíssimas por catedráticos da USP. Cadelamente, conserto erros alheios e não levo crédito nenhum. E ganho menos que 1/3 do que o tradutor ganha. Laika é laika, sempre será.

Recebi um fax de Frank Heibert. Segundo ele, sem detalhes, a Kiepenheuer *não* publicará mais *Dulce Veiga* — e portanto ele estaria negociando a sua tradução com Mme. Ray-Güde Schygulla, quero dizer Hannah Martin, para sair pela Zebra. Fico à espera de notícias from Ray. Heibert diz que aquela squatter-house-dos-gays-militantes-em-Kreuzberg continua à

minha disposição. Volto, Gerd Alberto? Ou você prefere Gerd Ricardo? Ou Gerd Antônio? Tenho me sentido terrivelmente só & sem rumo (e velha e acabada e desamada, mas isso é o de menos), então penso se não será melhor continuar só & sem rumo em Berlim do que aqui. A sensação aqui é de estagnação.

Há coisas talvez boas no ar. Minha mãe colocou à venda um apartamento que tinha em Tramandaí, uma praia gaúcha meio do mal — e quer comprar um sítio em Florianópolis onde, se eu quiser, posso morar. À beira-mar. Ou fazer um *trancetê* between Florianópolis-São Paulo. Estou à espera, vendo no que dá.

Tenho saído com Lygia Fagundes (ótima, [...] *sometimes* alucinadamente sábia). Há dois dias, fomos parar numa recepção dada ao novo ministro da Cultura, um cearense chamado *Jerônimo Moscardo*. Ele se parece com o nome, preciso dizer mais? Foi patético: no coração de Dallas. Exus às pencas por todos os lados, incluindo Raul Cortez, Ruth Escobar, dúzias de xoteles e candidatos a qualquer coisa nas próximas eleições. Mais os bobos da corte, três ou quatro escritores. Tive uma alegria: encontrei Edla, la van Steen avec Sábado Magaldi. Falamos muito em você, Sábado querendo saber da tese-sobre-Jorge-Andrade. Menti que você trabalha loucamente. Conversei muito com Edla, eu tinha resistência. Pois gostei, é simples, direta, franca. É bom gostar das pessoas.

Em compensação, outra noite, num lançamento de Hilda Hilst, deparei-me com João Santinha Trevisan. Atirei-me nos braços dele, com muita saudade. Foi gélido. Fiquei magoado, pensando em ligar no dia seguinte, escuta aqui, João, você tá com algum bode comigo? Remexi a memória, eternamente paranoide, será que fiz alguma *najice* com a bicha e não me lembro? Bom, não lembro. Você sabe que sempre tento ser boa como a Alice do Woody Allen.

Você me ocorre a todo minuto. Encontrei também Naum — muito sereno, diz que jamais sai de casa — que também pediu notícias suas. E, uma tarde na Paulista, cruzei Maurício — que recuperou *aquela* corpinho, não está mais baleia.

E vai sendo assim. Tenho lido Amós Oz, um escritor *jewish*. Hoje comprei um caderno novo para um diário, o outro terminou, vício de solteirona. Vicente Pereira, o meu melhor amigo, morreu finalmente semana passada, de Sida, em Brasília. Não consegui chorar. Tinha falado com ele por telefone, logo que cheguei. Senti alívio, depois rezei muito, e fiquei lembrando de tantos, tantos.

Mas vamos mudar de assunto. Responda com sinceridade: você acha que Michael Jackson come criancinhas? E Liz Taylor não foi ótima, dando uma força pra nega? Quem está no Rio é LaToya, biscatíssima, foi vaiada depois de fazer um show com *play-back*. [...] O Ritz foi

assaltado num fim de noite, três mascarados levaram a fêria da noite e apavoraram meia dúzia de bichas ébrias que ainda tentavam caçar alguém. Eu não estava entre elas. A propósito, lembrei de uma coisa que o Vicente gostava de dizer: “Sempre que houver mais de duas pessoas reunidas e falar-se no nome de Deus, eu estarei entre elas. Mas sempre com um decote bem profundo”. Vicente também dizia, citando acho que Marlene Dietrich: “Segura o turbante, meu bem. E sente o ritmo”.

Estou assim, o turbante dá a impressão de pesar uma tonelada. Mas quando penso em me jogar pela janela, coloco duas gotas de Paloma Picasso. Santo remédio. Falando sério, sua naja, morro de saudade. Manda pelo menos um cartãozinho!

Dá um beijo em Valdir.

Cuide-se. Não me abandone nestes pântanos tropicais, senão só me restará procurar consolo com Mía Couto, lá em Maputo...

Beijo

Caio F.

A Luiz Arthur Nunes

SP, 1.2.94

Luizar, querido,

como você pode perceber pelo papel, andei dando uma Elza¹⁶ na Lufthansa... ah, eles são tão ricos, acho que nada de grave.

Obrigado pelo seu cartão e seu convite. Desde a estreia, andei pensando muito no seu *Vestido de noiva*, mas acho que não será possível ir. Ando duríssimo, como de costume, e um tanto preso a São Paulo num trancetê de fax (plural é *faxes*?) e fones para a Europa. Tem três livros meus saindo na França agora-já-por-esses-dias (um já veio, é a novelinha *Bem longe de Marienbad*, que escrevi lá; os outros são *Qu'est devenue Dulce Veiga?* e uma antologia de contos, chamada *L'autre voix*), e os editores querem que eu vá. Estão vendo passagem, lançamento, entrevistas. Se tudo der certo, vou.

Mas embora isso possa parecer muito chique, não ando nada bem. Nada grave, cabeça ruim. Sem rumo, sem motivo. Passei janeiro quase todo praticamente de cama. Uma gripe medonha, durou umas três semanas, depois uma otite crônica. Ai, a meia-idade... E a depressão arreganhando os dentes por trás. Queria demais sair de SP, mas ir para onde? Sobre isso conversei muito com Alcione, certo pôr do sol no Parque da Marinha em Porto, em dezembro. Aliás, ele (que já deve estar por aí) me pareceu ótimo, cheio de energia. A luz de Porto Alegre me encanta, mas há aquela najice provinciana solta no ar — e sempre se corre o risco de encontrar em alguma esquina com algum perdido, cheio de som e fúria porque — na opinião dele — você deu-o-fora-e-se-deu-bem. Se soubessem da enorme cadelice que é sobreviver por aqui...

Não liga para crítica, não. De preferência, não leia (ouvi esse conselho de Rubem Fonseca) enquanto a coisa está quente. Tenho certeza que o teu Nelson Rodrigues deve ser lindíssimo. Algumas pessoas que falei elogiam especialmente Luciana Braga (sou um grande fã dela, acho que daria uma perfeita Rosalinda) e morro de vontade de ver La Gran Saldaña

interpretando Mme. Clecy (um sotaque frrrrancês cairia bem, acho). Você é talentosíssimo, mas o problema é que o Brasil está vulgar demais. Acho tudo feio, histérico, patético.

Torço sempre por você, e desejo um final de temporada e de verão lindos. Sinto saudade sempre e, volta e meia, uma vontade danada de voltar a trabalhar com você. Beije Saldanha, Braga e Duse Nacaratti (sempre no meu coração, tocando maraca no Santo Daime, você pode imaginar?). Beijo carinhoso do seu

Caio F.

A Gerd Hilger

SP, 3.2.94

Querido,

espero que esta te alcance antes do Carnaval, já que o principal motivo é enviar esta foto (em anexo) com a fantasia que usarei *naquele* baile em Veneza. Como você sabe, temos almas gêmeas, achei muito possível que você tivesse exatamente a mesma ideia. E para evitar o constrangimento, aí vai a foto. Não copie, sua naja! Sorry pelo silêncio. É o verão, fico imprestável. Passei dezembro em Porto Alegre chez Jocasta, e foi ótimo. Arrumei uma velha bicicleta e me dediquei a longos passeios num parque lindo perto de casa, na beira do rio. Sempre de tardezinha, à hora em que os rapazes fazem exercícios pesados (ai, os pelos, os peitos... lembrava tanto você) e o sol se põe demorado nas bandas da Argentina. Fiquei santíssima mas, uma tarde, não resisti e fui a um *bordel gay* recomendado por um Pai de Santo jacira meu amigo (o Brasil consegue ser maravilhoso às vezes). Acredite se quiser: em Porto Alegre (também conhecida como Gay Port) existem TRÊS bordéis gays. Tenho que te contar pessoalmente, senão escreveria um livro. Foi hilário, patético, sórdido, gostoso — tudo ao mesmo tempo. Quem recebe (the manager) é uma bicha negra, alta, com lentes de contato azul-Liz-Taylor falsíssimas, e cara de naja. Uma salinha cheia de oferendas para Exu com dois sofás e algumas cadeiras, tudo meio despencado, com uns dez rapazes. Todos meio à vontade — fazia um calor do cão — camisetas, bermudas, havaianas e vendo futebol na TV. Além de mim como cliente, só havia uma tia sessentona, de camisa havaiana floridíssima. O preço era cerca de *cinco* dólares. Eu morria de vontade de rir, mas resolvi ir em frente. Comecei a conversar com um garoto fortinho, de olhos verdes e ar aterrorizado. Acabamos no quarto. Bom, o quarto era sublocado de um travesti que mora ao lado. Para chegar lá, era necessário atravessar um labirinto de corredores e “puxados” com telhado de zinco e algumas crianças — pura *Rondônia*. Colcha de chenile, ventilador capenga. Comecei a conversar com o garoto: era *o primeiro dia* dele. Aquelas histórias clássicas — michê é igualzinho a puta —, mãe entrevada, pai cafajeste. Acabei me comovendo e a possível excitação foi pras picas. Nus na cama, desabou um temporal que — no dia seguinte soube — foi o maior dos últimos trinta

anos na cidade. Voltei a pé para o lar paterno — não havia táxis nem ônibus — por dentro de rios urbanos de água da chuva, com uma sensação de amor desesperado pelo Brasil.

De volta a São Paulo me aguardava uma gripe enorme que durou três semanas (positiva!), conhecida como CPI, que derrubou meio país, depois uma crise de otite (velha!), depois um surto depressivo (neurótica!).

Depois emergi muito (não muito) linda, fui à feira, comprei caquis, uvas, maçãs, peras, quiabo, ameixas, flores deslumbrantes, roxas e brancas (a negrona me disse que se chamam “lisodendro”, mas duvido), acendi uma vela pra Oxóssi e sentei pra te escrever. Sérias decisões: vou voltar à análise. Acabei de ligar para o meu ex-terapeuta (Ronaldo, militante gay, maravilhoso) para ver hora & preço & tudo. Vou conversar com ele e, como ando duríssimo e também já fiz 13 anos e também acho que as coisas não estão assim tão-tão medonhas, talvez faça um grupo. Veio uma vontade funda há dois dias, inadiável. E ontem um sonho tão revelador (junguiana!) que, bem, não dá pra adiar.

Não se pode ser infeliz, não se pode morrer em vida, não se pode desistir de amar, de criar. Não se pode: é pecado, é proibido — verbotten, não é assim em German? Não é possível adiar a vida. Há um mês recortei uma frase, não sei de quem, do jornal, e colei em frente à minha escrivaninha: “Se o homem não vem ao encontro do destino, será soterrado por ele”. Et voilà!

Mas tenho tantas notícias objetivas também. A mais inacreditável vai no fim, não pula nada até lá!

Chegou da França o *Marienbad*: uma edição linda. Reli, e acredita que gostei? Ainda vou dar umas mexidinhas no texto, claro (perfeita!), mas me agrada essa procura-de-alguém-que-não-está-lá-e-que-também-procura-por-quem-é procurado. Há troços de tradução de Claire, mas nada grave.

Chegou também a capa french de *Dulcê Veigá* (atenção na pronúncia, meu bem) — bela também, uma loura tipo 50's com cigarrão, você vai gostar — é muito nós.

Esse povo de França me convoca para ir em março *lançar* (suponho que subirei na Torre Eiffel — ou no Arco do Triunfo? — ou na Pont Neuf? — ou no alto do Café de Flore? — e jogarei livros em todas as direções). Arrumaram um programa de TV no dia 20, na France 2, dizem que é o the best. Claaaaaaro que eu vou — mas laikamente, as usual, fico à espera de passagem-hospedagem e alguns biscoitos para cães.

Pensei em ir e não voltar, ficar naquela casa dos militantes gays amigos de Heibert-a-naja-de-Berlim. Segundo Ray-Güde, parece que a casa não estará disponível. Então volto. Deixo um pouco nas mãos do destino (a propósito — saco, como estou dispersivo — você conhece

City of night, de John Rechy onde tem uma bicha chamada Miss Destiny?). A verdade é que voltar à terapia me tranquiliza (ou, ao contrário, me excita) e penso não, não adianta fugir. Tenho fantasmas terríveis dentro de mim, preciso encará-los (dramática!).

Enfim: estou com a vida meio suspensa.

*

Pausa para comer um caqui. Maduríssimo, dourado, meio explodindo de dentro para fora. Telefone, Bivar, com quem não falava há muito tempo, e anda lendo São Francisco de Assis.

*

Adorei tuas notícias profissionais, principalmente porque você poderia vir ao Brasil. Venha, venha antes que acabe!

Achei estranho o amigo-do-teu-amigo dizer que só ando “com as pessoas mais chiques de São Paulo”. Gerd, eu não ando! Quer dizer — caminho muito, mas não vou a lugares, não frequento, não sou mais colunável. Virei uma mulher misteriosa, reclusa, raramente vista, something bewteen Garbo e Jackie O. Ou talvez as pessoas mais chiques de São Paulo é que só andem comigo? Na verdade, quem tenho visto mais é Lygia Fagundes — meu bem, meu bem! — Telles, mas sempre tête-à-tête. Ela deve estar voltando hoje da França — para onde partiu há duas semanas, um seminário da Sorbonne, meu bem, sobre minha obra tão desvalorizada por aqui, meu bem.

O dia está tão claro que dá pra ver a Serra da Cantareira, muito além dos edifícios.

Estou preparando uma surpresa literária para você. Prepare-se. Não posso adiantar muito porque tira a graça. Voltei a escrever, a ter ideias, a anotar sonhos (a sonhar!). Se tiver que viajar vai atrapalhar um pouco o surto, mas até lá quero aprontar algumas coisas. Uma delas é um conto para a antologia de Ray-Schygulla-Güde, chama-se *Há chuva sobre Berlim*.

Há: penso sempre em Karin e me preparo para escrever. Depois a vida dispara e falta tempo. Quando falar com ela, mande beijos.

E agora, já no final, a história. Começa assim:

Sabe DE QUEM recebi uma carta?

De C.P.!

Aquele moreno-pônei-cearense-da-boate-gay-em-Köln, remember?

Imagine, a carta foi escrita em novembro, em Copenhague, enviada para Arnsterdam, endereço de Sapê, e de lá enviada para o Sapê aqui, que me entregou. Bom, é uma carta espantosamente BEM escrita. Uma frase, que gosto muito “...e viver só por viver consome, mas é o que sei fazer melhor”, Acho *tão* Scott Fitzgerald. Ele viajou e viajou. Alemanha, Escandinávia, Grécia, Ceilão (!) — mas manda um endereço de um amigo em Fortaleza, onde deveria estar a partir de janeiro. Mandeí um cartão ontem, te mantenho informado. A vida não é fantástica? Ele diz que sentiu e sente comigo uma “intimidade mística”. Óbvio que eu preferia outro tipo de intimidade, bem menos abstrata, mas anyway não houve tempo. E sempre penso que foi a última vez que beijei na boca, de língua, com gosto — God! — tá fazendo um ano...

Sexo, a propósito, nada. Só mental, e o tempo todo. No verão fica ainda mais difícil, you know, dá aquela moleza. E tem as camisas abertas pelas ruas, os cheiros. Deus não devia ter inventado o sexo.

Dei para reler toda a Patricia Highsmith, você acha grave? Definitivamente é uma grande escritora. Por mim, devorava uma por dia. O último que li — *Found in the street* — é uma história de sapataria chic em NY deliciosa.

Deixei um grão-de-bico de molho desde ontem. Vou cozinhar. Com quiabo.

Converso muito com você, mentalmente. Quem sabe, se eu realmente for a Paris, em março, consigo dar uma esticadinha até Köln? Ou o contrário? Espero que o inverno não esteja sendo demasiado infernal. Cuidei muito pela TV e pelos jornais as enchentes alemãs. Köln coberta de água, tentando ver você com as saias arregaçadas entrando em algum barco. Acho que vi, mas muito en passant. Conta, no dia daquela chuva braba, você estava mesmo todo de verde? Então era.

Serenize Ray-Güde em relação a mim. Acho que ela está com um pouco de medo que eu resolva me meter em Berlim, entre em surto depressivo e acabe apelando para a velha e boa Tia Ray. Afinal, já aprendi a segurar o turbante e a sentir o ritmo... E tudo por aqui, na verdade, vai bem. Pulo os poços, quando pintam — e como pintam! Mas não vou abrir mão de um pouco de alegria.

Lembre-se da recomendação sobre a fantasia, aproveite o Carnaval, não abuse de drogas estupefacientes, use camisinha, pense na Mangueira, dê um beijo no Valdir, cantarole mamãe-eu-queiro lembrando de mim, seja discreto nos balangandãs, atenção ao movimento dos quadris e ao ritmo do reco-reco, e receba um beijo sabor lança-perfume.

Always yours,

PS: Será que a Dulce alemã sai antes da Feira de Frankfurt? Como anda esse trancetê?

A Nair Abreu

SP, 10.2.1994

Querida mãe,

Na dificuldade de telefonar (a gentalha aqui do hotel continua cobrando 50% a mais nos interurbanos, o que acho um desaforo), e também porque tenho muitas novidades, lá vai esta cartinha.

Têm me enlouquecido muito da França com fax e telefonemas. Finalmente, vou acho que dia 15 de março. São três livros saindo, por três editoras diferentes. Os três editores estão animados (querem vender seu peixe, claro). Arrumaram até programas de TV importantes (ai, vou ter que falar francês na TV, precisa me baixar o espírito da Dona Peia!), entrevistas, autógrafos. E lá vou. O último compromisso é dia 5 de abril — um lançamento, *soirée*, em Saint-Nazaire, no interior. Se tiver dinheiro, queria demais ir a Londres ver uns amigos, ou a Portugal — que não conheço. E lá por 15 de abril estou de volta.

Dos livros, já chegaram dois: *Dulce Veiga*, que ficou lindíssimo, com um desenho na capa que é a cara da Marlene Dietrich; e *Bem longe de Marienbad*, aquele que escrevi lá e ainda não saiu aqui. Este tem uma entrevista no final em que fala na sra., no pai, no vovô Manuel e até na Dona Vitalina! Por enquanto só tenho um, logo que chegar mais, mando.

No momento, estou ótimo, mas um pouco exausto. Trabalho furiosamente numa adaptação do *Dom Quixote* para o Carlinhos Moreno — aquele rapaz que faz os comerciais do Bombril (e que é a cara do D. Quixote). Ele me paga e tudo (é uma boa pessoa), mas tenho que entregar até o fim do carnaval, para que possa ensaiar. Tenho escrito 10/12 horas por dia. O Gil vem de vez em quando e dá uma força em banco, supermercado etc.

Mas estou também meio de enfermeiro. Minha tradutora italiana, Adelina Aletti, veio de Milão. Foi ao Rio, foi à praia, foi empurrada pela gentalha e quebrou a perna. Fratura exposta. Como tem osteoporose (ela tem 56 anos), a coisa não é simples. Detesta os parentes brasileiros que tem e resolveu vir aqui para o mesmo hotel (onde moro, o São Gabriel). Tento ajudar — a Lygia Fagundes, que é amiga dela, também — mas é duro. Ontem eu estava tão exausto que tomei um comprimido para dormir. Há dias não dormia, de excitação e fadiga.

Mãe, tenho pensado demais na senhora e em ir para o seu aniversário. Com toda essa loucura, não sei se será possível. Acho que a viagem vai atrapalhar. Também porque tenho que tirar minhas coisas daqui e levar lá pro Gil, pra não ficar pagando (subiu: são agora quinhentos dólares por mês). Vou fazer um esforço — se não der, trago um presente lindo da Europa. Me diga alguma coisa que a senhora *realmente* queira — não tenho muita imaginação além de lenços e perfumes. Pelas minhas contas são 69 ou setenta anos, mas nunca sei, tem aquela história do “misterioso incêndio no cartório”.

Depois da gripe medonha (chamaram aqui de CPI: derruba todo mundo), veio a otite. Ai a idade... Mas passou, estou um touro de forte e conseguindo fazer todas as minhas coisas.

São Paulo infernal, barulhenta, chove sem parar, o trânsito fica um inferno. Sinto uma saudade louca da bicicleta e do Parque da Marinha.

Cuide bem da sua saúde, precisamos muito da senhora. Espero que todos estejam bem. Sinto saudade principalmente do Felipinho. Diga a Eni que estou esperando minhas fotos com ele — e diga a ela também que ainda não consegui achar um bom computador para fazer o mapa. Só fiz o esboço. Ele é um Leão com Ascendente Libra e Lua em Virgem: vai gostar de música e de ler. Mas também tem um aspecto que dá muito nervosismo: Mercúrio oposição Netuno e Urano. Não deixe gente baixo-astral chegar perto dele, ele absorve tudo. É bom vesti-lo sempre de cores claras — branco, azul, amarelo.

Na sequência, digo mais coisas.

Espero o Gil para levar esta ao correio e passar no banco para mim.

Lembranças para todos.

Falei com o pai no telefone, me pareceu ótimo. Um beijo nele.

Torça para que eu consiga dar conta de todo este movimento. Um beijo e muito carinho de seu filho

Caio F.

Beijo para todos.

Diga a Rodrigo que vou mandar uns livros para ele.

A Maria Lídia Magliani

Paris, 26 de março de 1994

Maria Lídia, chérie,

papel e envelope foram escolhidos especialmente para Mademoiselle. Gostou? Tem de todas as cores e é baratinho (reciclado). Faz sol (milagre), é sábado après-midi, escuto Jeanne Moreau cantando “amour, amour fou, de vous ne reste rien”. Peter, o hóspede alemão de Alexandre, recebeu hoje a mulher Ramona (o nome é chicano, mas ela é alemãzésima), riem na cozinha entre salsichas.

Ando feliz, feliz-clichê: amo Paris. Acho que nunca disse isso para cidade nenhuma. As cidades, você sabe, são falsas e traiçoeiras. Paris, você quer casar comigo? Acampeei na sala de Alexandre, a falta de espaço é terrível, para qualquer movimento preciso abrir malas e bagagens, e nunca sei exatamente aonde está a cuia, onde a calcinha... Males de um viajante. Vou para Saint-Nazaire, ficar uma semana, entre 1 e 8 de abril, aí volto e fico na casa de um-pianista-que-está-indo-passar-um-mês-no-Brasil. Ele chama-se Braz Velloso, eu insisto em chamá-lo de Brás Cubas, claro. Final de abril não sei ao certo o que faço. Ou permaneço em Paris, ou Londres, ou quem sabe Lisboa, que não conheço. Ou sei lá. Anyway, minha passagem vence dia 9 de junho, e não posso perdê-la. Ou posso mas não quero. Ou posso mas não devo. Anyway, quem sabe desta vez um tempo em Tiradentes?

Vida louca, vida breve: tu s’as (experimente dizer isso com sotaque gaúcho) que meus livros vão indo muy bien por acá? Nunca pensei, sou um sucesso em Paris! Hoje à noite vai ao ar um programa de TV, o melhor sobre literatura, chamado *Jamais sans mon livre* (o título é medonho, não?), tipo o-Jô-daqui. A gravação foi hilária. Imagina que, como o mundo apesar de redondo tem muitas esquinas, o diretor do programa é uma bicha chilena gordimensa, que vive aqui desde que Allende foi assassinado (em 73, lembro bem porque eu estava no Hyde Park em Londres, era dia do meu aniversário e eu lia o *Le Monde*) e ficou louca quando, durante a entrevista, me referindo a Dulce Veiga, comparei-a à Maysa. Pois a chilena, de cujo nome no me acuerdo, foi *amiga íntima* de Maysa. Conta ela que muito trocou fraldas de Jayme

Monjardim, o filho. Gostaria eu de trocar fraldas, ou qualquer outra coisa, do Monjardim hoje...

Bueno, dispersões à parte, estou em todas as vitrines e dou entrevistas furiosamente. Já saí a cores no *Telérama*! Me sinto assim quelque chose entre Beatrice Dalle e Sônia Braga, et voilà. Dinheiro que é bom, nada. Ontem, muito cadela, usei o fax da editora para tentar liberar um CDB no meu banco em São Paulo. Sabe que não me importa mais tanto? Nem não — olha o estilo — ter casa. Sampa-Teresinha foi uma verdadeira cidade-ogro avec moi. Só ao chegar aqui tive consciência do quanto Sampa está doente, Maria Lídia. Não sei se quero ficar mais lá. Onde? Onde? você me pergunta, e eu calo, se descobrir o lugar, te informo. Talvez Paris? Et pourquoi pas? É tão lindo simplesmente caminhar aqui, há pouco fui ao super, que no Brasil seria um martírio, e para chegar lá é preciso passar por uma alameda de cerejeiras floridas de pelo menos 50 metros. Tudo rosa-pink, bem naquele tom-Barbie que você odeia. É possível ser infeliz sob uma alameda pink?

[...]

Je me promene o que posso. Nos intervalos, vou ao cinema. Fiquei louco com *Short cuts*, o Raymond Carver filmado por Robert Altman, e como tinha visto *Kika*, de Almodóvar, no dia anterior (com figurinos de Jean-Paul Gaultier, meu bem), e que é uma droga, descobri que Altman é um Almodóvar COM substância. Ainda não me joguei nos museus, mas Brás Cubas, quer dizer, Velloso, me recomendou um Cícero Dias — não lembro de nada dele. E estou tentando conseguir um ingresso para ver Isabelle Hupert fazendo *Orlando* de V. Woolf no teatro.

Troquei La Moreau por Jane Birkin, que no momento geme “je t’aime, je t’aime, moi non plus” e arfa e bufá e suspira e trina. Pensei agorinha mesmo em você cantando “teach me tiger” — era mesmo *teach me*? — não faz muito sentido. Por lembrar disso, sa’s que encontrei L.L. na Maison Chanel? Tinha vindo de New York só para comprar um par de luvas — tigradas, naturalmente — e na mesma noite estava embarcando para o Tibet, para um misterioso rendez-vous com o Dalai Lama. Não sei ao certo se La L. converteu-se ao budismo ou, tout au contraire, o Dalai está metido em tráfico de crack. Você conhece bem a L.L.

Hoje, talvez seja o sol, estou num insuportável humor fútil: tenha paciência. Vai passar já-já: me esperam algumas meias e cuecas de molho na banheira. Mas as anêmonas que comprei ontem na feira estão deslumbrantes. Ramona e Peter foram para o quarto e começaram, suponho, a trepar em alemão. Nunca pensei. Morro de saudade. Me dá uma notícia. Tigrana mandou beijos, eu mando mais. Para Marijô aussi.

Je t’embrasse,

Caio F.

PS: Tô sem teu endereço REAL! Me mande!

A Guilherme de Almeida Prado

Paris, 12 de abril de 1994

Querido Guila,

escrevo “querido” porque — você sabe? — realmente gosto muito de você. Não esqueça disso.

Voltei sábado de Saint-Nazaire, de onde te enviei um cartão (pedindo o endereço/telefone de Gianni em Lisboa). Ao chegar encontrei teu cartão.

Eternamente Bambi, abri todo saltitante — foi o primeiro que recebi do Brasil, e desde que saí, há mais de mês, não tive notícias daí. Então levei um choque. Deus, quanta hostilidade! Fechei o cartão e só reabri hoje, depois de muito pensar se devia uma resposta ou não. Porque realmente-gosto-muito-de-você, acho que sim.

Ô Guila, calma lá! Acho um pouco ridículo um bate-boca transoceânico, mas não consigo ficar com essas coisas atravessadas. Então:

1_o Fui injusto — um pouco — ou excessivo com você. Ma non troppo.

Como te disse, voltei a SP ano passado, após dez meses de ausência, sem trabalho, sem casa, sem nada. Discretamente, enviei sinais de socorro aos amigos. Ninguém ajudou. Me virei sozinho. Isso me endureceu um pouco mais. Não foi só você, não. Foram também pessoas até mais íntimas, como Jacqueline. Eternamente Bambi, me virei sozinho com enormes dificuldades. Não me lamuriei. Mas preciso que as pessoas saibam que isso doeu — exatamente porque algumas destas pessoas, como você ou Jacqueline, importam para mim.

2_o Cheguei em Paris preocupado com a minha violência, o meu “excesso”. Metade pelo menos provocada pelo álcool e pela excitação da viagem.

Pedi desculpas, com doçura.

3_o Você me responde duramente. Escuta:

4_o “Ar blasé” — não sei o que significa isso. Certa vez num grupo de psicanálise (fiz 14 anos, ganhei duas altas: acho que lido mais ou menos bem com meus demônios) uma garota disse que eu era “altivo”. Achei chique. Talvez você queira dizer “ar aristocrático”?

Bivar, que tem um olhar doce sobre o mundo, certa vez disse que eu parecia um príncipe — normando. Não sei por que “normando”, mas também achei bonito. Sou terrivelmente tímido e, na verdade, acho que tenho mais é um ar de cachorro surrado, daquele que levou muita porrada, passou fome, dormiu ao relento.

5_o Eu “não resisto a uma baixaria bem brega”! Resisto sim. Tenho um passado hippie que me deixou muitas coisas boas. Estou sempre preocupado com a ética, com a beleza, com a dignidade. Sou educadíssimo, e fui criado de maneira muito católica, com toda aquela culpa de “maus” pensamentos, “más” ações, e uma terrível nostalgia da “bondade” (como a “Alice” do Woody Allen).

Gosto de pessoas doces, gosto de situações claras — e por tudo isso, ando cada vez mais só. É como me sinto melhor.

6_o A propósito do parágrafo acima, hoje li um Wolinski chamado *Les français me font rire* que começa com esta frase: “Si tout le monde était comme moi, je n’aurais pas besoin de detester les autres!”¹⁷

7_o Amigos não “são para essas coisas”, não. Isso é um clichê detestável, significando quase sempre que amigo é saco de pancadas, é uma espécie de privada onde o outro pode jogar dejetos, detritos imundos e dar a descarga. Amigos são para dividir o bom e o mau, mas também para deixarem as coisas sempre limpas entre eles — amigos devem ser *solidários*. Um dos meus maiores amigos, [...], que vive em Paris há quase trinta anos e é soropositivo há 9 (mas graças a Deus saudabilíssimo), tem sempre a preocupação de ser *útil* aos amigos. Quase não fala, não envia flores, não escreve cartas — mas quando procurado está sempre ali, firme e cheio de informações práticas para ajudar a gente. Amigos são também para escrever cartas enormes e um tanto idiotas como esta, cheia de carências, porque gostam de outros amigos e não querem que as relações de amizade tombem nesse poço nojento de brutalidade e vulgaridade que viraram os anos 90.

É por isso que te escrevo, quase meio-dia, um sol raro lá fora. Guila, não me mande coisas assim raivosas. Eu não tenho anticorpos para esse tipo de coisa. Até hoje, um dos meus truques para sobreviver, mesmo não sendo mulher e nem sequer tendo cabelos, foi fazer o papel de “loura burra”. Deixei passar muita agressividade, muita humilhação — e não me refiro a você, mas estou farto. Fui vivendo minha vida de maneira tão solitária, conquistando minhas coisas tão no braço, tão sempre sem nada, que aprendi a ter uma enorme admiração por mim mesmo. Vou chegando muito perto dos cinquenta anos sem dever absolutamente nada a ninguém.

Então, nos últimos tempos — deve ser a meia-idade — comecei a ter uma sensação, digamos, de “direitos adquiridos”. Não aguento mais desaforo, e vou ficar pior, vou ficar, se Deus quiser, como Odete Lara, Greta Garbo, Fauzi Arap, Helen Lane — americana budista de 84 anos que conheci semana passada, e vive só numa cabana no Perigord, cercada apenas de livros e gatos. Ando exausto de seres humanos.

Guilherme, mon cher, precisamos — eu e você e todo mundo — tomar muito cuidado com esses tempos. São tempos de horror. Tudo fica ainda mais grave neste país de là-bas, como é o Brasil, e mais ainda numa cidade como São Paulo — onde a crise econômica, a corrupção, a violência, a falta de futuro, a miséria material foi gerando sem que as pessoas percebessem também uma miséria psicológica, uma miséria espiritual ainda mais terrível e mais patética. São Paulo virou um grande salve-se-quem-puder: ninguém ajuda ninguém. E se as pessoas como nós — os “especiais”, os cineastas, os escritores, os músicos, os poetas: a gente que tenta criar beleza e dignidade — também começarem a agir dessa maneira, então vale mais a pena a casinha pobre de Dulce Veiga no meio do mato, as panelas arreventadas em que Odete Lara uma vez cozinhou arroz integral para mim. Compreende?

Devo estar chatíssimo, mais “blasé” do que nunca, com todo esse texto parecendo discurso do Partido Verde... Et voilà: sou também um pouco tolo, um pouco naive, um pouco pera — e eternamente Bambi. Quando a barra pesa, compro flores e ouço Mozart. Não creio que isso seja gostar de uma “baixaria bem brega”. Além disso, essa linguagem rasteira absolutamente não combina com você — um von Almeida Prado!

Sinto que o Brasil tenha ficado “ainda mais medonho” sem mim. Em compensação, a França parece ter ficado ainda mais encantadora comigo. Os livros caminham lindamente, críticas ótimas nos jornais e revistas mais importantes, rádio, TV. Ontem — foi hilário — dei autógrafo na rua, em Saint-Germain-des-Prés, para um garoto — estranhamente chamado Damour — que viu um dos programas de TV, comprou os três livros, deu vários de presente. Cheguei na editora rindo: meu Deus, a Laika de São Paulo, a negra sem ter onde morar, vivendo com 500 dólares por mês, lavando roupa num balde sob o chuveiro, fazendo a feira toda sexta — dando autógrafo em Saint-Germain!

Por tudo isso, tenho me divertido muito, muito. Ontem, a poderosa de uma editora que recusou *Dulce Veiga*, após várias najices, me convidou para jantar no “Le Temp Perdu”, o melhor restaurante do Quartier Latin. Eu disse educadamente “não”, muitos compromissos, muitas viagens. Se gostasse de uma “baixaria bem brega”, aprontava uma grosseria em plena mesa de jantar. Mas não sou hipócrita, Guila. Não sei fazer “jogo social”. Até saberia, mas não me interessa, tenho preguiça. Como Dulce V., eu sempre quis só “outra coisa”, e vou che-

gando a um ponto em que tenho pensado se essa “coisa” não será a solidão mais completa — e se não ela, essa solidão idealizada, porrada de gatos, rosas, Mozart e livros, será quem sabe somente a morte. Há que ter paciência para esperar por ela, que é a única certeza entre todas as nossas ilusões tolas. “Ah, quando virás, cavalinha, montar meu dorso fatigado!” — dizia Hilda Hilst (sessenta anos no próximo dia 21) num poema de um livro chamado *Da morte: odes mínimas*.

A propos: você já viu *Short cuts*, do Altman? Não sei se chegou aí. Fiquei PARALISADO. Não é um bom filme: é genial, é uma radiografia, um corte tão profundo e impiedoso na sociedade americana e na alma humana que vale por ter vivido uns vinte anos. Ensina muito sobre a nossa loucura, a nossa vulgaridade, a nossa crueldade.

São de coisas assim que quero falar com você, meu amigo — cinema, literatura, música, vida. Que enorme desgaste trocar najices — gastar um cartão lindo daqueles (que vou ter que jogar fora, sorry, é muito ofensivo) mais selo, sem falar na produção sempre euxástica de enfrentar os correios paulistanos — de hemisférios opostos. Ah, Guilherme, não me envie mais coisas assim. Não escreva nada, não nos procuramos mais: um dia nos cruzamos por acaso, de repente, e então vemos o que aconteceu a nossos rancores e reagimos de acordo com isso. Mas se você quiser me contar das suas funduras, e não apenas defender-se — e os amigos são, sim, para trocar abismos — então me escreva 10, 100 páginas, e eu responderei com calor, com carinho, com toda amizade que realmente sinto por você.

Continuo a sentir que Dulce Veiga é nossa, minha e sua. Te mando dois recortes simpáticos — um do *L'Express*, a *Veja* (com ética, claro) daqui. Outro do *Les Inrockuptibles*, uma revista chique e cult, um pouco como a *A-Z* dos bons tempos, mas com circulação bem maior. Divida isso comigo, tem um gosto bom.

Ah: se você tiver o endereço/fone do Gianni seria maravilhoso. Pedi também a Cida Moreira, que precisaria pedir ao Ivan Mattos, que. E aí entra todo aquele mar de lama que você conhece, e que eu prefiro evitar.

Beije com carinho a divina Zu Val por mim: Zu, quero te ver cantando, com direito a muito jubão crespo, quando voltar. Diga a ela que, por aqui o Império do Bustiê também tem seu poder. A diferença é que os bustiês são Gaultier, Chanel e Yamamoto — embora para mim bustiê seja bustiê e pronto, no Champs Élysées ou Taboão da Serra.

E diga também ao Ricardo que mando um beijo. Cuide-se, fica feliz.

Je t'embrasse

A Betty Milan

31.5.94

Betty:

Foi ótimo estar com você. Estou num lugar lindo, no sul da Noruega, à beira de um fjord. Ouço Callas com meu amigo Augusto. Fui a Stockholm, aonde vivi: há 21 anos. Emoções bonitas. Fica feliz. Mando notícias do Brasil. Abraço em Mathias. Seu amigo

Caio F.

A Luciano Alabarse

São Paulo, 25 de julho de 1994

Querido,

não estou seguro do teu endereço — perdi minha agenda em Londres — então escrevo a/c secretaria da Cultura — espero que chegue.

Te envio, na xerox, um presente. Tenho certeza que você vai gostar muito, muito. A história é totalmente verdadeira: puro mistério.

Voltei há pouco mais de um mês. E caí doente. Perdi *oito* quilos; estou quase transparente! Tomo mil antibióticos — a médica acha que é um daqueles vírus viciados em antibióticos, que exigem doses cada vez mais fortes (vírus *junkies*, pode?). Amanhã faço trezentos exames de tudo que você possa imaginar, inclusive o HIV, que nunca fiz. Naturalmente a saia é justa, mas como a fé é larga, fica tudo equilibrado. Coloco nas mãos de Deus.

Meu *Quixote* (até hoje não sei a sua opinião!) está *empatado* por Carlinhos Moreno, que não se decide.¹⁸ Imagine, ele acha *bom demais* para si mesmo. Acha que não tem pique, garra. No momento, deixou para o ano que vem. E eu revi coisinhas no texto — gosto muito, confesso — e vou inscrevê-lo num concurso para dramaturgia inédita.

Gilberto Gawronsky está aqui, e me falou que você planeja levar *Uma história de borboletas* para um festival aí em POA. Achei maravilhoso. O Ricardo Blat faz divinamente. E quem sabe seria uma oportunidade para voltar à nossa velha e boa carroça? Ando morto de saudade daí, tchê. Mas cheguei muito duro (viajei tudo a que tinha direito, inclusive Estocolmo, depois de 21 anos, que passaram como um sopro) e precisei pegar muita costura pra fora, não dá pra viajar.

Queria saber notícias suas — coração, cabeça e tudo mais. Estou no mesmo apart-hotel (tenho que voltar à Alemanha em outubro, França em novembro). *Dulce V.* está sendo um sucesso na França, ganhei meia página no *Le Monde*, meia no *L'Express*, entrevistas e críticas ótimas em jornais, revistas, rádios, TVs (que têm programas literários, ai o luxo do Primeiro Mundo!). Então estou feliz — como a aranha, vivendo do que teço.

Fica com Deus. Te abraço com carinho, seu

Caio F.

A Maria Lídia Magliani

São Paulo, 16.8.94

Magli querida:

Pois é, amiga. Aconteceu — estou com aids — ou pelo menos sou HIV+ (o que parece + chique...), te escrevo de minha suíte no hospital Emílio Ribas, onde estou internado há uma semana...

Ah, Magli, que aventura. Voltei da Europa já mal — febres, suadores, perda de peso (perdi — imagina — oito quilos), manchas no corpo — e sem um tostão. Não vou te contar todos os detalhes dolorosos dos dois últimos meses — mas meu santo é forte e mandou aquele nosso velho anjo da guarda chamado Graça Medeiros, vinda de NY porque o irmão de S. [...] está terminal [...] Depois de pegar o teste positivo, fiquei dois dias ótimo, maduro & sorridente. Ligando pra família e amigos, no 3^o dia *enlouqueci*. Tive o que chamam muito finamente de “um quadro de dissociação mental”. Pronto-Socorro na bicha: acordei nu amarrado pelos pulsos numa maca de metal... Frances Farmer, Zelda Fitzgerald, Torquato Neto: por aí.

Tiraram líquido da minha espinha, esquadrinharam meu cérebro com computador, furaram as veias, enfiaram canos (tenho um no peito, já estou íntimo do tripé metálico que chamo de “Callas”, em homenagem a Tom Hanks) etc. etc. Não tenho nada, só um HIV onipresente e uma erupção na pele (citomegalovírus) que cede pouco a pouco...

Maria Lídia, nunca pensei ou *sempre* pensei: por contas e histórico infeccioso feito com o médico, tenho isso há *dez* anos.

E pasme. Estou bem. Nunca tive medo da morte e, além disso, acho que Deus está me dando a oportunidade de *determinar prioridades*. E eu só quero escrever. Tenho uns quatro/cinco livros a parir ainda, chê. Surto criativo tipo Derek Jarman, Cazusa, Hervé Guibert, Cyrill Collard.

E estou cercado de anjos. Minha irmã Cláudia — sempre a mais brava e bela — veio de POA. Ficou dois dias. Todos da família lidam bem com a coisa. Nair, a espantosa, não ficou

nada chocada: já sabia... só ela sabia. Mas nunca duvide de mães. E amigos ótimos, visita todas as tardes, muito amor, maçãs e chocolates.

Ganhando alta aqui, mais uma semana, vou para POA. Quero ganhar forças para enfrentar Frankfurt e dois congressos na França em outubro/novembro. Não sinto nenhum rancor, nenhuma mágoa. Chorei algumas vezes porque a vida me dá pena, e é tão bonita. Passeio pelos corredores da enfermaria e vejo cenas. Figuras estupefacentes. Saio dessa mais humano e infinitamente melhor, mais paciente — me sinto privilegiado por poder vivenciar minha própria morte com lucidez e fé.

Te amo muito. [...] Beije Marijô por mim (adoro escrever Marijot).

Nada disso é segredo de Estado, se alguém quiser saber, diga. Quero ajudar a tirar o véu de hipocrisia que encobre este vírus assassino.

Mas creia, estou equilibrado, sereno, e às vezes até feliz.

Muito amor, seu

Caio F.

(finalmente um escritor positivo!)

PS: Ouço muito Maria Callas, sobretudo a ária final da *Butterfly*, que Augusto me deu. Difícil ouvir outra coisa.

PS: Não se preocupe. Não fique triste. Tudo me parece muito lógico: Que outra morte eu poderia ter? É a minha cara! E futilidade sempre foi matéria de salvação: convenhamos que é muito moderno, muito in...

Só choro às vezes porque a vida me parece bela (O sol. As cores. As coisas). Mas é de emoção, não de dor. Tá tudo certo.

Love

Love

Love

It's

All

We

Need

Always

A Maria Lídia Magliani

Gay Port, 27.9.94

Magli Magoo, my darling,

cheguei a ouvir daqui o grito de horror que você deu ao tocar nesse xuxesco envelope pink. Pura implicância.

Rapidinho, pra te dar notícias antes de viajar — parto dia 4 de outubro direto a Frankfurt, depois dez cidades alemãs, depois três semanas em Arles (uma minibolsa, numa Casa de Escritores e Tradutores que funciona, dizem, no prédio onde morou Van Gogh — será possível?) — e me vuelvo só lá por 25-30 de novembro.

Estou fortinho & tudo & tal. Hoje peguei o resultado do primeiro exame de sangue pós-AZT e plaquetas leucócitos linfócitos e Tês-4 e todas aquelas coisas sanguíneas, segundo a médica, estão má-ravilhosos! Saí do Hospital das Clínicas, fui rezar na Igreja do Espírito Santo, bem em frente à Redenção, enquanto lasanhas agora proibidas exibiam peitos e coxas pecaminosos para a manhã primaveril.

Falei longamente com Xô por telefone, depois encontrei-o no Theatro São Pedro. Está muy guapo e indo para a Itália. Tenho reencontrado boas pessoas aqui — Aida, a Tenaz, inacreditavelmente jovem; Valquíria Peña, inacreditavelmente idem e quetais. Mas fico pelo Menino Deus, mal atravesso a ponte que leva à urbs ensandecida. Et ça marche bien. Pai & mãe soft gagás, dá pra lidar, Nair às vezes fica me seguindo pela casa enquanto conta histórias intermináveis. Mas me enervo pôco, depois de toda essa saia-justa, viver me parece um luxo, mesmo nos detalhes mais aporrinhantes. Ando feliz, c'est bizarre, non?

Te mando um livrinho tosquérrimo que fiz com as três últimas crônicas do *Estadão*, usando como capa esse belo cartão da Deutsche Aids-Hilfe. O telefone não para de tocar, querem entrevistas para todo canto sobre estar-com-aids. Me recuso — quando o “gancho” é o vírus pelo vírus. Argh. Quero falar do meu trabalho, pô! Se perco o pé acabo no sofá da Hebe dizendo coisas do tipo ah, o HIV é uma gracinha...

Dê um beijo estalado (ou estralado? Ou estrelado) em Marijot, cuide de seu coração e — mau conselho — fume. É bom. Também tenho tentado me controlar, ou pelo menos não passar

de um maço. Mas catso, já não posso beber e sexo nem pensar, nem como açúcar — ninguém é de ferro! Acendi um Marlboro em sinal de protesto.

Ah, obrigado pelo oferecimento de help financeiro. Mas graças a Deus, não é preciso. Declarei “oficialmente” meu caso (?) — o que significa que tenho atendimento gratuito, até me dão alguns remédios —, há uma espécie de (???) sei lá, digamos *amparo* aos soropositivos. E quando precisei, do Rio, Lucinha Araújo e Scarlet Moon ajudaram muito, conseguindo de graça um remédio americano que custava quatro mil dólares o grama! Custa caro não morrer, honey. Morrer também. Viver não menos...

Mas tô ótimo, voltei até a usar reticências e pontos de exclamação. Espero vê-la em dezembro para um estonteante pôr do sol à beira do Guaíba, um beijo e votos de força na peruca!

Seu

Caio F.

[...]

PS: Um beijo no Maschio.

A Cida Moreira

Gay Port, 18 de novembro de 1994

Querida La Moreira,

Foi ótimo voltar da Alemanha e encontrar tua carta. Gracias, tchê. Desde então tenho me programado pra responder, mas desde que instalei este microsoft (chama-se Robocop, é um pônei laptop) mergulhei num labirinto de windows, deletes, bits & informatizações do gênero. Agora que já tenho the Little Rob sob controle,¹⁹ posso escrever.

E te escrevo ao som de Marina “acho que vou resistir” (eu também!), nem dez de uma manhã meio chinfrim, embora primaveril, nada de sol hoje. Tenho acordado por volta de seis, seis e meia, fico cuidando do jardim — plantei muito, e tudo brota, anêmonas, dalias, amarílis, lírios, margaridas, mas arrumei um inimigo mortal: caramujos canibais, do mal, que adoram comer brotinhos tenros —, depois sento em Rob para trabalhar, com a ajuda de Barbarella, a impressora. Desconfio que um é a identidade secreta do outro, compreende? Reviso *Morangos mofados* para uma nova edição pela Cia. das Letras, jurei que entregava before Christmas, mas muy virginiano tenho ganas de mexer em tudo, preparo também *A volta das frangas*.

Neste, uma das protagonistas deve ser Cesária, a Enfrentativa que, não sei se você lembra, foi a senhora mesmo que me trouxe de São Luís do Maranhão. Cesária é morena, naturalmente, com um bom jubão crespo, óbvio, e um ar antipaticíssimo — separatista, acha que o Maranhão é puro Caribe. De perfil, lembra um pouco Sílvia Pfeiffer. No fundo é boa gente, apenas orgulhosa, quando ouve um reggae larga tudo e deixa baixar um Bob Marley de frente. O problema é que ela dança reggae como se fosse lambada, pode?

Moreira, honey, ando muito feliz. Não é insensato? E Marina canta “e eu? Sigo latindo”. Eternamente Laika, mas sabe que todo esse bode me forçou a tomar decisões que adia há anos, como se fosse imortal. Adoro Porto Alegre; sempre quis voltar para cá, mais exatamente para o Menino Deus, esta ilha verde separada do resto pela ponte da Ipiranga; sempre quis ter um jardim; sempre quis escrever o dia inteiro; sempre quis — bem tia — acompanhar o

crescimento de meus sobrinhos (três gremlins: Rodrigo, um Virgocorpio de 11 anos, very enfrontative e informático; Laurinha, um sex symbol de quatro anos, que fala corretissimamente com todos os esses e erres, desenha muito bem e adora Frida Kahlo (“Tio Caio, deixa eu ver de novo aquela mulher de bigode?”); e *last but not least*, Felipinho, de ano e meio, com uma carinha inacreditavelmente feliz e louco por frangas,²⁰ mal vê uma e começa a gritar gangá-gangá!).

Criança, descobri, é mais curativo que AZT. Então estou assim, muy tia, e daquelas tias solteironas carentes exploradas pelos sobrinhos, a quem cobre de presentes e estraga completamente a educação dos pais. Daquelas tias que ficam na memória, tipo a Clotilde de *Éramos seis* (que bela atriz a Jussara Freire, hein?). Mas como eu ia dizendo, agora que a saia-justa-de-couro-cru-sem-fenda-em-nesga pintou, é hora de fazer tudo que sempre quis. E é maravilhoso ver que Tudo Que Sempre Quis é simples, belo, acessível, fácil, do bem. E precioso, exatamente porque pode ser fugaz. Comecei a aprender isso no hospital, continuo aprendendo.

E tô bem, fisicamente. Arrumei um médico ótimo aqui, é o guru das positivas — tratou de Lori Finokiario, a mais demente (eu adorava ela, era a verdadeira Laurinha), trata de Alziro Azevedo, o cenógrafo favorito de Luiz Arthur Nunes, do namoradinho de A., e muitos mais (Gay Port, boa Scorpio que é, é também muito *positiva...*).

Ontem levei um exame de sangue: aleluia, a anemia foi-se! Recuperei peso, as cicatrizes desapareceram a golpes de própolis e lama de Araxá, Cecília Niesenblatt me trata com florais alucinantes, remexer na terra me dá a energia que falta. *Et voilà*: cuidado comigo que ainda encherei a cara no réveillon do 2000, axé!

Quando leio ou vejo Sampa/Rio pelos jornais e TV, me dá um enorme alívio de não estar mais aí. SP virou duas, no mínimo — uma Haiti, outra Miami. A porção Haiti está nas ruas, basta sair e você esbarra nela; a porção Miami nos segundos cadernos dos jornais. Oh, Deus. E agora com Mário Covas vai ficar ainda mais *fake...* O Rio, no comments. Ontem me deu vontade de chorar quando vi os tanques pela cidade. E aquele número de telefone que você pode dedar bandidos?

Alemanha nazista perde. Rezar adianta? É o que se pode fazer, yo creo, como diria Caetano Iglesias (ou Julio Veloso?).

Mas é isto. A Alemanha foi sweet, com direito a bosques dourados de outono, *Dulce Veiga* com boas críticas e já entrando em segunda edição, Ray-Güde, a fada madrinha, perguntando por vosmicê, muitas vaidades literárias e também gente do bem em volta (Sérgio Santana, Ignácio de Loyola, Lygia, Ivan Angelo, Zuenir Ventura). Fiquei inseguro com a saúde — o frio

começando, aquele entra-e-sai de ambientes superaquecidos —, melhor voltar. E agora com Robocop, que também tem fax e modem (ainda não instalados), mais a TV a cabo chegando, ah, não quero mais sair do Menino Deus. Hoje deveria estar em Viena, mandei um vídeo. É o admirável mundo novo, baby...

Nossa Betty Boop particular sei que está linda — e certamente muy enfrentativa: te prepara para a adolescência, meu bem, e todos aqueles rapazes ciscando em volta... Dá um beijo nela, que não deve lembrar de mim, e a quem perguntar por mim diga que estou assim um tanto camponesa, calos nas mãos por causa da enxada no jardim, mas sempre umas gotinhas de Paloma Picasso no banho de descarrego. Please, send me a letter, fique feliz e — catso! — me manda um cassete de você cantando Xico B., tá prometido há anos, o Natal vem chegando.

Tenho acordado cada dia com uma cantora, andei apaixonado por Zizi Possi cantando “Bom dia”, hoje foi Marina, vezenquando Cássia Eller (com restrições) — mas deixei todos os teus discos em SP (Gil tá mandando um *carreto*).

O mais são beijos neste negrito, porque apertei alguma tecla errada, oh doido deus das máquinas! Te quero feliz, cheia de vida, alegria, energia, amor.

Bacio caldo

Caio F.

PS: Se encontrares o velho e bom Herton Roittman (nunca soube quantos tês e enes tem o nome dele), dê lembranças minhas, OK?

PS2: [...]

PS3: Vês que informático chinfrim me saí? Preciso tocar o papel com as mãos!

A Gerd Hilger

Gay Port, 18 de novembro de 1994

Lovely Gudrun,

Não resisto à tentação de responder imediatamente à tua carta, ao som de Elis cantando alucinadamente *As curvas da estrada de Santos*. Hoje morreu Ronaldo Bôscoli, que foi casado com ela e também teve um trancetê com Nara. Penso muito, muito em você — e tive uma ideia: quem sabe na próxima encarnação venho mulher e você homem (ou o contrário, querida!) para podermos casar? Ou quem sabe lésbicas, machorríssimas, talvez em Papeete, com jubões crespos e enormes clitóris duros como mármore? Te piace, cariño? Bueno, questão de bom comportamento nesta encarnação (o que já é complicado). A propósito, ontem vi um adesivo num carro que é a nossa cara: “Good girls goes to heaven/bad girls goes everywhere”. Não seria uma bela epígrafe para nossas futuras autobiografias? Think about that.

Gerd Alberto da Silva Hilger, como o senhor é guloso! Já pedindo foto da MINHA lasanha completamente pelado(a)... Para seu governo, honey, eu recém comecei a pegar amizade, ontem foi apenas a *segunda* vez que nos encontramos! Mas falando sério — God! — que homem GOSTOSÉRRIMO... Claro que estou achando que tudo era fatal, e que fiquei doente apenas para conhecê-lo, e que natural e inevitavelmente ele também vai se apaixonar por mim, e que movido pelo amor descobrirá algum medicamento fantástico que me salvará a vida e certamente logo depois iremos viver em alguma ilha do Pacífico Sul (ou norte, ou leste, oeste, tanto faz) onde seremos felizes para sempre — e o senhor Não será convidado a nos visitar, a não ser que leve o Valdir junto, OK?

Segundo a Lasagna, milagrosamente estou curado da anemia — que é o pior efeito colateral do AZT. Ele não entende como. Mal sabe que ele é o próprio remédio. Colocou meu nome em PRIMEIRO lugar numa lista para testar um remédio novo (vês?), e ficou me perguntando por que raios até hoje não achou uma mulher perfeita. Claro que pensei “evidente, meu bem, você ainda não me conhecia”, mas segurei nas pérolas sobre o tailleur bege, muito,

muito discreta. Agora a parte triste: me pediu para voltar lá só daqui há [sic] um mês... Mas pediu meu telefone fingindo que era para a ficha, eu, hein?

Bom, te mantereii informado do andamento dos trabalhos. I promess. Ah, é Leo, ascendente Sagitário, lua em Aquário, no chinês Boi da hora do Macaco, nascido numa quinta-feira com Oxóssi de frente. Afinal, e meu Ph.D. em feitiçaria branca (ou pink, vai lá), meu bem?

Gerd Antonio do Amaral Hilger, como você se lamuria! Tudo por causa do Jorge Andrade? Mande rezar uma missa pra ele te deixar em paz, e lembre-se que você é um rapaz bem-amado, mora bem, come bem, tem carro, vídeo, CD. Pense na Bósnia, pense em Laika, a verdadeira, sozinha, uivando para o infinito em sua pequena cápsula espacial. E força no salto sete, nega! Você vai, sim, escrever uma tese deslumbrante — sim, porque você é tão falsa, meu bem, que conseguirá enganar a todos, o texto vai dar a impressão que você morria de amor pelo tema —, merecedora de um jantar chez Sábado e Edla, com direito a atores globais literalmente lambendo — again — seus sapatos. Espere e verá.

Estou, graças a Deus, muito bem. Acordo cedo, durmo cedo, cuido muito do jardim. Plantei muitas flores, hoje foi uma roseira vermelhíssima, para aproveitar a Lua Cheia em Áries. Tudo brota, fica lindo. Mas consegui arranjar um inimigo mortal: caramujos canibais DO MAL que adoram roer brotos verdinhos (carne fresca, né, quem não gosta?). O japonês da floricultura me recomendou um remédio chamado Lesmol, adorei o nome. Estou feliz, em harmonia. Muitos florais de Bach (o médico, burra, não o compositor), muitos cristais, muitos chás de ervas, muitos passes — muita veadagem, é vero — e força no AZT. Amigos maravilhosos, hoje recebi um material da bela Karin, um remédio novo & tudo & tal. Não vão acabar comigo, porra, não tenho tempo de morrer agora, saco.

Troquei a Elis pela Dietrich para me dar um clima assim, digamos, deutsch. Rolo de rir com ela cantando *Paff, der Zauberdrachen* e também adoro *Bitte geh'nicht*, vou acabar aprendendo alemão — sou mesmo muito chique. Aliás, ontem, tomando um banho de ervas de candomblé, não resisti e botei sete gotinhas de Paloma Picasso. Tenho várias teorias novas sobre a futilidade como arma essencial para a sobrevivência nestes hard times.

Procure vezenquando Christoph, aquele alemãozinho alasanhado seu vizinho e sempre às voltas com muitas filhas e esposas grávidas, partos de cócoras, mamadeiras e fraldas. Ele é do bem, precisa só de um empurrãozinho. E claro, de mais pelos no peito. Mas isso a gente até releva.

O vídeo — e toda a pornô decorrente — vou me dar de Natal. Vou fazer compras em Montevideú, pode? Mandarei post-cards provando. Se você souber de algo que Andy Garcia

tenha feito na extrema juventude, antes da glória, me informe. Também aceito de Mel Gibson. Bem, mais que apenas algo...

Ando muito ordinária e vadia — mas só na mente. Desde fevereiro último, Teresa de Calcutá perde. Mas não perdi o sex-appeal, logo mandarei fotos. Minhas, do médico — Eduardo Sprinz, é de origem deutsch, imagino, só podia ser, vocês alemães são um Karma nesta minha vida de retinas fatigadas — pode esperar sentado.

Entardece suave. Com o horário de verão, até 21h30 tem luz, fica meio escandinavo. Hoje eu deveria estar em Viena, com Frank Heibert. Mas estivesse lá, não teria conhecido a lasanha: vês como Jesusinho escreve certo por linhas tortas (ou será o contrário?). *Anyway*, não perca a fé, força no jubão, beijos em Valdir e muito, muito amor do escritor mais positivo que você conhece.

Always yours

Caio F.
(o primo Brazilian de Christiane)

A Lucienne Samôr

Gay Port, 11 de fevereiro de 1995

Lucienne, muito querida,

achei que você gostaria dessa foto. É bem recente, de outubro último, no pátio de uma casa em Bad-qualquer-coisa, uma cidadezinha alemã. O rapaz atrás de mim e de Sérgio²¹ é Frank Heibert, nosso editor alemão. Ríamos muito, sempre. Imagine: eu soropositivo, Frank diabético e Sérgio recuperando-se de uma cirurgia de catarata que quase lhe levou a visão. Mas éramos sempre os mais felizes, talvez por já termos visto a cara da morte?

[...] Andei viajando — Rio, Fortaleza, um mar muito verde (e tanta miséria atrás do cartão-postal). Voltei afogado de trabalho, e vou segunda para SP gravar um programa para a TV Bandeirantes. Não gosto, mas preciso ir a Sampa e, enfim, eternamente Laika, topo tudo por uma passagem e duas noites num hotel cinco estrelas (adoro ficar deitado pedindo coisas por telefone).

Escrevo, escrevo, escrevo. Quando paro, ando de bicicleta, cuido do jardim (explodiu em girassóis, almandas, petúnias e gladiolos — está lindo), faço ioga e leio a biografia de Clarice Lispector escrita por Nádia B. Gotlib, saindo pela Ática (leio as provas). Que vida, minha irmã: dá vontade de reler toda a obra dela. Mas não, porque então paro de escrever. Clarice disse tudo? Certa vez um crítico do *Le Magazine Litteraire* disse que meu texto parecia “o de uma Clarice Lispector que tivesse ouvido muito rock’n’roll e tomado algumas drogas”. Fiquei lisonjeadíssimo.

Ando bem, o único problema físico é o sarcoma de Kaposi. Passo mal as noites, suores, aflições, pesadelos. Perdi oito quilos, recuperei quatro com superalimentação e ginástica (é bom “botar corpo”), vou acabar ficando um bofe cheio de músculos. Às vezes, sobretudo agora, verão e lua quase cheia, me surpreendo melancólico pelas noites a suspirar na sacada espanhola, com vontade de chorar. Choro quando consigo. Ou ouço Caetano cantando *Contigo en la distancia*, e choro mais. Não tenho pena de mim, mas por vezes sinto falta de amor. Fico sempre muito só. Vivo no Menino Deus, não em Porto Alegre, onde já não conheço quase

ninguém e virei uma espécie de figura pública desumanizada — todos-o-admiram-mas-ninguém-o-convida-para-dançar-porque-é-perigoso, você conhece esse filme, não?

A vida nos prepara cada cilada, já cantava Elis (choro sempre quando a ouço), e continua: e é inútil se tentar fugir da longa estrada, lembra? Passei dias lindos com Graça Medeiros, no Rio. O irmão da [...] morreu de aids há um mês e me deixou o que chamei de *kit-salvação*, mil remédios novos (alcaçuz chinês, pílulas do timo de cabras etc.), farinhas engordantes, anabolizantes naturais (ele era biólogo, tentou desesperadamente viver — decidiu morrer quando começou a perder a visão e os movimentos). [...]

O sol começa a baixar, vou pegar a bicicleta e ver a lua quase cheia subir na beira do rio. Pedalo até a usina do Gasômetro, onde tem um bar-barco, você toma uma água, o barco balança e você se sente no terceiro uísque. Oxum grita nas águas, lindíssima, e há muitos rapazes suados correndo lindos feito cavalos, as ilhas ao longe, no horizonte de quem vai para a Argentina.

Ando com uma felicidade doida, consciente do fugaz, do frágil. Te amo sempre, só não escrevo mais porque meu tempo realmente é escasso. Me mantenha informado da novela do SLMG,²² quero colaborar, sim. Fiquei com — é horrível, mas que se há de fazer? fiquei mesmo — pena do Duílio Gomes. Lygia Fagundes gosta muito dele, sempre pergunta e nada sei dizer. Lembro que Cazuzza dizia sempre “Fracassar é feio e triste. O bonito e o bom é vencer.” Claro *que fracasso* e *vitória* são coisas muito, muito relativas. Telefone. Déa do Rio. Sinto falta do Rio, sinto falta de Déa. É uma fonte alternativa de energia, produtora de rock, já produziu Paralamas (adoro), Fernanda Abreu, Titãs, agora vai começar com Rita Lee — que anda um tanto quanto pazza, Déa está com medo.

Seis horas. Vou pedalar, ver os rapazes.

Je t’embrasse très tendrement

Caio F.

PS: Minha relação com minha mãe tá tão, tão difícil. Ela castrou todos os machos da família, menos eu, que sou homossexual (graças principalmente a ela, fora o karma, claro). Não sinto mais pena nem culpa. Ando duro com ela, cortante como aço. De muitas formas, todo o dia ela tenta me matar com sua voracidade e imensa frustração. Não vai conseguir. Sorry pelo desabafo. Mas acabo de sair de outro *entrevêro*...

A Mário Prata

Porto Alegre, 1995.

Pratinha querido,

obrigado pela carta que você me escreveu. Pensei em responder pelo jornal mesmo — para dizer principalmente que acho você muito mais Ouro que Prata — mas ia ser muita viagem toda essa jogação pública de confetes, não?

Hoje gostei mais ainda ao ler que choveram anjos na sua horta depois, da crônica. Adorei aquela história do diário da gestação. Anjo da guarda é papo quente. Se bem que alguns são meio vadios e nem sempre cumprem horário integral.

Ando bem, mas um pouco aos trancos. Como costume dizer, um dia de salto sete, outro de sandália havaiana. É preciso ter muita paciência com esse vírus do cão. E fé em Deus. E falanges de anjos da guarda fazendo hora extra. E principalmente amigos como você e muitos outros, graças a Deus, que são melhores que AZT.

Precisamos nos encontrar uma hora dessas só para falar mal de Portugal. A propósito, não posso deixar de te contar esta que me aconteceu. Estava eu troteando ali pela rua Augusta, rua do Ouro, aquela jequeira braba, quando se aproxima um portuga de bastos bigodes. Puxa papo, ah és brasileiro, aquelas coisas. E de repente suspira e diz: “Ai, gostava tanto de ir-te à peida!” Com dificuldade traduzi: queria era me enrabar, pode?

Que esteja tudo em paz com você. Dá um abraço no *Reinaldo* e em quem perguntar por mim.

Um beijo do seu velho

Caio F.

A Gerd Hilger

Gay Port,

1st New Year [1996]

Querido Gerd:

Para começar o ano vai esta foto — muito espiritual, não? — de out./95.

Andei mal: duas semanas no hospital para extirpar a vesícula. Três cirurgias, oito transfusões de sangue, pressão a três. A cara da morte (parece com *Ute Lemper!*). Sobrevivi. Agora me recupero. Fraco fisicamente, fortíssimo no espírito. Hoje recomecei a combinação AZT-3TC. Vamos lá, tenho fé.

Ray-Güde e Karin te darão mais notícias (boas, claro). 96 para mim será ano de recolhimento, estudo, muita literatura. Se Deus quiser e ele quer. Perdoa os longos silêncios de 95. Mas meu tempo, escasso, é todo ocupado com a saúde, o jardim e a literatura. Te amo muito.

Votos de um 96 maravilhoso. Cheio de *Axé!* Extensivo ao Valdir. Seu velho e enfrentativo

Caio F.

DEPOIMENTO

Caio Fernando Abreu só pensa em escrever

Caio concedeu ao Jornal da Tarde, de São Paulo, a entrevista com o título acima, conduzida pelo jornalista Wálmaro Paz e publicada em 11 de outubro de 1994. O escritor tinha acabado de voltar a viver no Rio Grande do Sul, na casa de seus pais no bairro de Menino Deus, em Porto Alegre. Por ocasião da entrevista, preparava-se para embarcar para a Alemanha, onde viria a lançar seu livro Onde andaré Dulce Veiga? na Feira do Livro de Frankfurt. Caio começa respondendo a uma pergunta sobre a aids, se considera a doença uma condenação.

Não, eu a vi até como uma bênção. Eu acho que quando supunha ser sadio é que estava doente. Agora que estou com aids me sinto muito saudável. Me veio uma visão das prioridades de minha vida. Como talvez eu tenha pouco tempo e muitas coisas para escrever, tive que ordenar as coisas. Muitas delas eu vinha adiando. Não desarrumava a minha mala: seis meses na Europa, seis meses no Brasil. Agora é como se alguém tivesse me dito: “Para!”. E eu parei.

Sinto uma certa urgência. Isto é porque nos sentimos o tempo todo muito imortais. Só no momento em que se passa por uma situação limite é que a gente se dá conta que a vida é breve. Aí você acorda: há coisas para fazer. Me lembro do Cazuzza quando disse: “Eu vi a cara da morte e ela estava viva.” Despertar essa noção de prioridade é a face boa da doença. Eu sempre fui ligado à filosofia oriental, ao budismo. Por isso creio que esta vida é ilusão. Acho que a coisa está ali. Do outro lado. O que nós chamamos de morrer é como nascer para outros planos. Além disso, já que isto aqui onde vivemos é tão fugaz, morrer deve ser algo prazeroso. Cada momento novo deve ser o mais bonito, o mais gostoso. Foi assim que eu me vi no hospital, em agosto, anotando os livros que eu ainda tenho para escrever.

Eu gostaria de reescrever o mito de Ícaro. Mas nunca fui à Grécia. Preciso ir para ver a luz da ilha de Creta. Não escrevo senão sobre o que conheço profundamente. Meus livros me perseguem durante muito tempo. Nunca tive nada a não ser a bagagem de minhas experiências. Aos 19 anos estava em São Paulo, aos 22 nas “Dunas do Barato”, no Rio de Janeiro, fumando

maconha; aos 24, lavando pratos em Estocolmo. Provei todas as drogas e nunca consegui me viciar. De uns anos para cá, até a maconha, que eu não considero droga, me dá náuseas. A única que ainda uso é o cigarro.

Caio fala sobre o caráter urbano de sua literatura:

Primeiro fui convidado pela Casa de Cultura de Berlim e pela Câmara Brasileira do Livro para lançar *Onde andaré Dulce Veiga?* Este é o meu grande sucesso na Europa. Já foi sucesso na França, na Itália e está se repetindo na Alemanha. Os europeus ficaram surpresos com um Brasil que não é exótico. Um Brasil que não tem mulatas, praias, carnaval. Um Brasil muito urbano. O romance se passa em São Paulo, uma cidade enfurecida, envenenada. Acho que foi isso que surpreendeu o europeu, acostumado com a imagem do Brasil de Jorge Amado.

Talvez seja porque eu nasci numa cidade muito pequena, Santiago do Boqueirão, onde “quem não é bandido é ladrão”. Eu amo Santiago. Aliás, seu nome, na verdade, era Santiago de las Misiones. Sua história seria um novo romance se eu ainda tivesse tempo. É curioso minha literatura ser tão urbana. Minhas raízes são todas gaúchas, platinas.

Fui tirado de maneira muito rápida do Pampa para o centro urbano. Isso foi um choque muito grande. Em 1968, São Paulo ainda era uma cidade bucólica. À noite a gente passeava e sentava nos bancos da Praça da República. A avenida São Luís era muito chique, ali se tomava chá de tarde.

Sobre a quantidade de horas que dedica ao trabalho:

Muitas, mas agora minha vida está desordenada. Desde que soube que estava doente, em junho. Passei todo o mês de agosto no hospital, por isso dei eu mesmo a notícia no jornal. Fiquei estarecido quando fui reconhecido numa banca no dia em que o *JT* publicou minha foto. Nunca quis vender minha doença. Não quero ser um autor vivo de obra póstuma. Este mês fiquei tranquilo na minha casa, mas agora já estou viajando de novo. Eu tenho trabalhado somente de manhã, revendo alguns textos. Quero me disciplinar, tenho muito o que escrever. O jornalismo me vampirizou.

CRONOLOGIA (1948-1996)

1948 Caio Fernando Abreu nasce em 12 de setembro de 1948, em Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul, quase fronteira com a Argentina, durante o governo Dutra, numa época de industrialização crescente.

1954 Aos seis anos de idade, começa a inventar e escrever histórias.

1966 Ainda no colegial, em Porto Alegre, durante os primeiros anos da ditadura militar, publica o conto “O príncipe Sapo” na revista *Claudia*, e escreve o romance *Limite branco*, que narra a vida de um jovem dos 12 aos 19 anos, tempo ao longo do qual luta por definir-se em relação à família e a ele mesmo.

1967 Inicia os cursos de letras e arte dramática na UFRGS, que acaba abandonando. Nesse mesmo ano é promulgada uma nova Constituição, que centraliza o poder e exclui a participação popular das decisões nacionais.

1968 Caio muda-se para São Paulo e participa como repórter da primeira equipe de *Veja*. Seu conto “Três tempos mortos” ganha menção honrosa ao concorrer ao prêmio José Lins do Rego. É o ano do movimento estudantil na França, de greves e protestos operários e estudantis e do AI-5, que cassa os direitos políticos dos cidadãos no Brasil.

1969 A obra *Inventário do ir-remediável* (contos) recebe o prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de Escritores (UBE). É promulgada a nova Lei de Segurança Nacional e a oposição radicaliza-se em ações clandestinas. Surge a imprensa alternativa com *O Pasquim*.

1970 Ano da publicação de *Inventário do ir-remediável*, *Limite branco* e *Roda de fogo* (antologia de autores gaúchos) pela editora Movimento. Aumenta a repressão do governo à oposição e surge a guerrilha urbana. Nasce a poesia marginal.

1971 Caio muda-se para o Rio de Janeiro e trabalha como pesquisador e redator das revistas *Manchete* e *Pais & Filhos*. Volta a Porto Alegre, onde é preso por porte de drogas.

1972 Trabalha como redator do jornal *Zero Hora* e como colaborador do Suplemento Literário de Minas Gerais. O conto “A visita”, posteriormente incluído em *O ovo apunhalado*, recebe o prêmio do Instituto Estadual do Livro.

1973 Caio viaja para a Europa. Em Estocolmo, trabalha lavando pratos e, em Londres, como faxineiro e modelo-vivo numa escola de belas-artes. *O ovo apunhalado*, onde predominam os temas da memória e da identidade, da repressão aos valores individuais e a crítica à sociedade do consumo supérfluo, recebe menção honrosa do prêmio Nacional de Ficção.

1974 Volta ao Brasil. Em Porto Alegre, trabalha como autor e ator na peça *Sarau das nove às onze*, com o grupo Província. É colaborador de diversos órgãos da imprensa alternativa e publicações de literatura, então em florescimento, como *Opinião*, *Movimento*, *Versus*, *Ficção*, *Inéditos*, *Paralelo* e *Escrita*.

1975 *O ovo apunhalado*, que tem trechos censurados, é indicado pela revista *Veja* como um dos melhores livros do ano. Sua peça *Uma visita ao fim do mundo*, mais tarde denominada *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*, recebe o prêmio Leitura do SNT.

1976 Escreve críticas teatrais na *Folha da Manhã* e participa de duas antologias: *Assim escrevem os gaúchos* e *Teia*.

1977 Caio lança *Pedras de Calcutá*, livro de contos que focaliza a juventude brasileira, vítima da repressão política desencadeada com o golpe de 1964. Participa da antologia *Histórias de um novo tempo*. É a época do governo Geisel e a oposição civil, representada pela OAB, pela Igreja Católica e pelo MDB, rearticula-se.

1978 Volta a São Paulo, onde trabalha como redator da revista *Pop*. Participa da *Antologia da literatura rio-grandense contemporânea*.

1979 Trabalha como editor de texto da revista *Nova*.

1980 O conto “Sargento Garcia” recebe o prêmio Status de literatura. Tem início a redemocratização e a anistia aos presos políticos, no governo Figueiredo. A censura enfraquece e a inflação agrava-se.

1981 Caio assume o cargo de editor da *Leia Livros*. A inflação cresce e o país recorre ao FMI. Começa o movimento “Diretas Já”.

1982 Caio lança pela editora Brasiliense um dos maiores sucessos editoriais da década, *Morangos mofados*, que é uma continuação de *Pedras de Calcutá*: trata na primeira parte daquela mesma juventude, “os morangos mofados”. É o período da Guerra das Malvinas.

1983 Volta ao Rio de Janeiro, onde se torna colaborador da revista *IstoÉ*. Publica *Triângulo das águas*. O cientista francês Luc Montagnier descobre o vírus da aids, até então desconhecido.

1984 *Triângulo das águas*, que reúne três novelas sobre o tema da solidão, ganha o prêmio Jabuti. Sua peça *Pode ser que seja só o leiteiro* lá fora é encenada em Porto Alegre, sob direção de Luciano Alabarse. O Congresso rejeita a emenda que restabeleceria eleições diretas para presidente.

1985 De volta a São Paulo, trabalha como editor da revista A-Z e escreve o roteiro para a série de TV *Joana Repórter*, estrelada por Regina Duarte. *Morangos mofados* é adaptado para o teatro e encenado sob a direção de Paulo Yutaka. Tancredo Neves, eleito pelo Colégio Eleitoral, morre antes de assumir a presidência, e em seu lugar é empossado José Sarney. Na União Soviética, Gorbatchov inicia a abertura política e econômica.

1986 *O Estado de S. Paulo* lança o Caderno 2 e Caio é convidado a fazer parte da equipe de redatores. A adaptação para o teatro de *Morangos mofados* é encenada em Porto Alegre por Luciano Alabarse. É o ano do Plano Cruzado e do acidente nuclear em Tchernobil.

1987 Escreve o roteiro de *Romance*, longa-metragem de Sérgio Bianchi, e a peça *A maldição do Vale Negro*, juntamente com Luiz Arthur Nunes. EUA e URSS assinam acordo de desarmamento nuclear.

1988 Volta a trabalhar para a revista A-Z. Publica *Os dragões não conhecem o paraíso* e o livro infantojuvenil *Mel e girassóis*. Recebe o prêmio Molière de melhor autor teatral. É promulgada a nova Constituição brasileira.

1989 Publica o livro infantil *As frangas*.

1990 Publica o romance *Onde andaré Dulce Veiga?*

1994 Sua novela *Bien loin de Marienbad* é publicada em Paris. Depois de divulgar em três crônicas de sua coluna semanal no jornal *O Estado de S. Paulo* que é portador do vírus da aids, volta a Porto Alegre, onde ficará até o fim da vida. Começa a circular uma nova moeda, o real, durante o governo Itamar Franco.

1995 Caio é escolhido patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, um dos maiores eventos culturais do país. Fernando Henrique Cardoso toma posse como presidente.

1996 Caio Fernando Abreu morre em Porto Alegre, no dia 25 de fevereiro, aos 48 anos, com livros publicados em diversos países (Alemanha, Bélgica, Itália, França e Inglaterra). *Ovelhas negras* recebe o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, de melhor livro de contos do ano.

As fontes de *Caio Fernando Abreu: o essencial da década de 1990*

Organizada em três volumes, a coleção *Caio Fernando Abreu: o essencial* engloba parte significativa de seus textos, nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Seguindo a mesma linha editorial dos livros anteriores, *Caio Fernando Abreu: o essencial da década de 1990* inclui uma obra do período em questão, crônicas, poesias, contos, cartas e um depoimento do escritor que, entre outras coisas, fala sobre seu trabalho, seus projetos e sobre a aids, doença da qual veio a morrer em 1996. Embora a produção literária de Caio Fernando tenha sofrido essa interrupção abrupta na década de 1990, seus últimos seis anos de vida foram tão ou mais intensos que as décadas predecentes — isso porque o fatídico diagnóstico não lhe roubou o ânimo para escrever. Muito pelo contrário, durante os dois últimos anos antes de sua morte, mesmo debilitado em decorrência das complicações ocasionadas pela doença, Caio dedicava grande parte de seu dia à escrita. Como forma de desculpar-se pelas ausências cada vez mais frequentes, dizia aos amigos que seu tempo era escasso e que, por isso, cada vez mais, iria dedicar-se à literatura e à jardinagem, sua segunda grande paixão.

A obra que abre este volume — *Estranhos estrangeiros* — foi planejada por Caio F., porém não pôde ser inteiramente concretizada com o autor em vida. O escritor deixou apenas dois contos novos finalizados para esse livro: “Ao simulacro da imagerie” e “Bem longe de Marienbad”. Sua intenção era explorar, nessa obra, a ambiguidade do exílio, o olhar de distanciamento do emigrado e sua busca da afirmação de identidade dentro da sociedade, não apenas como estrangeiro, mas também como ser humano. O terceiro conto, “London, London”, havia sido publicado originalmente em *Pedras de Calcutá*, de 1977. Trata-se de um conto curto, escrito no período em que o autor vivia em Londres. A novela “Pela noite”, publicada pela primeira vez em *O triângulo das águas* de 1983, completa a obra. A inclusão desses dois últimos textos atende ao desejo que o autor deixou indicado em suas anotações.

Na sequência, foram escolhidas crônicas que expressam bem as angústias de Caio F. no período, anteriormente publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo* com exceção de duas: “Sim, que seja este o porto”, que saiu no “Segundo Caderno” do jornal *Zero Hora* de Porto Alegre, e “As quatro irmãs”, uma bem-humorada caracterização dos diferentes tipos de

homossexuais, extraída do número de março de 1996 da extinta revista *Sui Generis*. As poesias aqui apresentadas são inéditas e foram colhidas de manuscritos cedidos pela família de Caio F. Já os três contos incluídos foram publicados originalmente na obra *Ovelhas negras*, compilação de textos escritos por Caio F. entre 1962 e 1995 ganhadora do prêmio Jabuti em 1996. Cada conto apresenta uma introdução do próprio autor especificando a data de produção e peculiaridades do texto.

Os anos de 1990 foram produtivos também no que diz respeito ao volume de cartas que Caio F. trocava com amigos e familiares. A partir delas, percebe-se que o autor estava no auge de sua maturidade intelectual, não apenas pelas referências artístico-literárias que cita, mas principalmente pelo testemunho das novas experiências profissionais, pelas inúmeras viagens e pelo crescimento do prestígio internacional. Além disso, por meio da leitura dessas cartas, o leitor pode percorrer as fases críticas enfrentadas por Caio F. com relação à aids: suas dúvidas e angústias diante da possibilidade de estar infectado com a doença e depois, em 1994, quando finalmente resolve fazer o teste e assumir-se soropositivo. Dentre a volumosa correspondência trocada no período de 1990 a 1996, foram selecionadas as cartas destinadas à pintora gaúcha Maria Lídia Magliani, às cantoras Adriana Calcanhotto e Cida Moreira, ao tradutor Gerd Hilger, ao cineasta Guilherme de Almeida Prado, à jornalista Maria Clara Cacaia Jorge, às escritoras Maria Adelaide Amaral, Betty Milan e Fanny Abramovich, ao diretor de teatro Luciano Alabarse, ao jornalista José Márcio Penido, à contista Lucienne Samôr, ao escritor Mário Prata, aos pais Nair e Zaél Abreu e à irmã Cláudia Abreu. Algumas destas, inéditas, foram cedidas à Nova Fronteira por amigos e familiares; outras foram publicadas anteriormente no livro *Caio Fernando Abreu — Cartas*, organizada por Ítalo Moriconi e publicada pela editora Aeroplano em 2002.

O depoimento de Caio F. presente neste volume foi retirado de uma entrevista concedida ao jornalista Wálmaro Paz, para o *Jornal da Tarde*, em 11 de outubro de 1994, três meses após o escritor receber o diagnóstico da doença. A escolha desse depoimento baseou-se na ênfase dada por Caio a seus novos projetos e no estado de ânimo que demonstrava nesse momento. Afinal, parafraseando o próprio Caio: “É sempre desagradável ser rotulado como uma coisa só, ou introspectivo, ou depressivo, ou drogado, ou hippie, ou gay, ou qualquer coisa assim.”

Após ter revelado sua condição de soropositivo em uma crônica intitulada “Última crônica para além dos muros”, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 18 de setembro de 1994 e republicada em 1996 no livro *Pequenas epifanias*, o escritor viu aumentar o reconhecimento de seu trabalho. Começaram a surgir novas adaptações teatrais de suas obras; as editoras pas-

saram a requisitá-lo ainda mais, fosse para reeditar obras antigas fosse para criar novos projetos. Em 1996, após sua morte, alguns trabalhos que ele havia iniciado foram finalizados pelos editores, como é o caso de *Estranhos estrangeiros* e *Pequenas epifanias*. Atualmente, além da coleção Caio Fernando Abreu: o essencial, a Editora Nova Fronteira vem republicando as principais obras do autor.

Os editores
Janeiro de 2006

Outros títulos do autor pela Editora Nova Fronteira

Caio de A a Z

Caio Fernando Abreu: o essencial da década de 1970

Caio Fernando Abreu: o essencial da década de 1980

A Comunidade do Arco-Íris

Os dragões não conhecem o paraíso

As frangas

Limite branco

Morangos mofados

Onde andarás Dulce Veiga?

Pedras de Calcutá

Pequenas epifanias

Teatro completo

A vida gritando nos cantos

EQUIPE EDITORIAL

Daniele Cajueiro

Maria Cristina Antonio Jeronimo

Guilherme Bernardo

Ana Carla Sousa

Adriana Torres

Alex Machado

Pedro Staite

Leandro Liporage

Maicon de Paula

Vinicius Louzada

REVISÃO

Thiago Braz

Claudia Ajuz

Notas

- 1 MACHADO DE ASSIS, J.M. Memorial de Aires. Rio de Janeiro: Garnier, 1988, p. 29.
- 2 BENJAMIN, W. “Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo” (Obras Escolhidas III). São Paulo: Brasiliense, 2004. (ver também OEHLER, Dolf. “Art-névrose”, in: Terrenos vulcânicos. São Paulo: Cosac Naify, 2004).
- 3 “Amor”, em tcheco. (N.E.)
- 4 “Marienbad”, de Barbara e F. Wertheimer. (Rodapé de Caio F.)
- 5 FF: Foda Fixa. (Rodapé de Caio F.)
- 6 A autobiografia Antes que anoiteça, de Reinaldo Arenas, foi lançada no Brasil em 1995 pela ed. Record. (N.E.)
- 7 Vicente Pereira, autor teatral das comédias de sucesso Solidão, a comédia e Cinco vezes comédia. (N.E.)
- 8 O escritor Fernando Morais era às vezes chamado dessa forma entre os colegas jornalistas. (N.E.)
- 9 Em 2005, o cineasta Guilherme de Almeida Prado iniciou as filmagens de Onde andarás Dulce Vêiga? na cidade de Ribeirão Preto, para lançamento em 2006. (N.E.)
- 10 Caio faz uma ponta nesse filme de Guilherme de Almeida Prado. (N.E.)
- 11 Zuleika Walthers, cantora e mulher de Guilherme de Almeida Prado. Caio a chamava de Zu Val, “para abrigar o seu nome”. (N.E.)
- 12 Na cena de abertura dessa novela da TV Globo, exibida em 1992 e escrita em coautoria por Sílvio de Abreu e Maria Adelaide Amaral um lamaçal negro ia invadindo uma requintada festa, até cobrir o mapa do Brasil. (N.E.)
- 13 Trata-se do romance de Maria Adelaide Amaral Aos meus amigos. (N.E.)
- 14 A letra de “Esquadros”, de Adriana, diz: “Eu ando pelo mundo, prestando atenção em cores / que não sei o nome, cores de Almodóvar / cores de Frida Kahlo...” (N.E.)
- 15 Essa história saiu no Brasil com o título “Bem longe de Marienbad”, no livro Estranhos estrangeiros. (N.E.)
- 16 “Dar uma Elza” = roubar (gíria originada do gueto gay, hoje “universalizada”). (N.E.)
- 17 “Se todos fossem como eu, eu não precisaria detestar os outros.” (N.E.)
- 18 O ator Carlinhos Moreno, famoso pelos anúncios de Bombril na TV, acabou não montando O homem e a mancha, que explora metaforicamente o tema da aids. A peça foi montada em Porto Alegre em 1996, com direção de Luiz Arthur Nunes e atuação de Marcos Breda. (N.E.)
- 19 Ledo engano! (Rodapé de Caio F.)
- 20 Será genético? (Rodapé de Caio F.)
- 21 O escritor Sérgio Sant’Anna. (N.E.)
- 22 Suplemento Literário de Minas Gerais. (N.E.)